



PROFHISTÓRIA

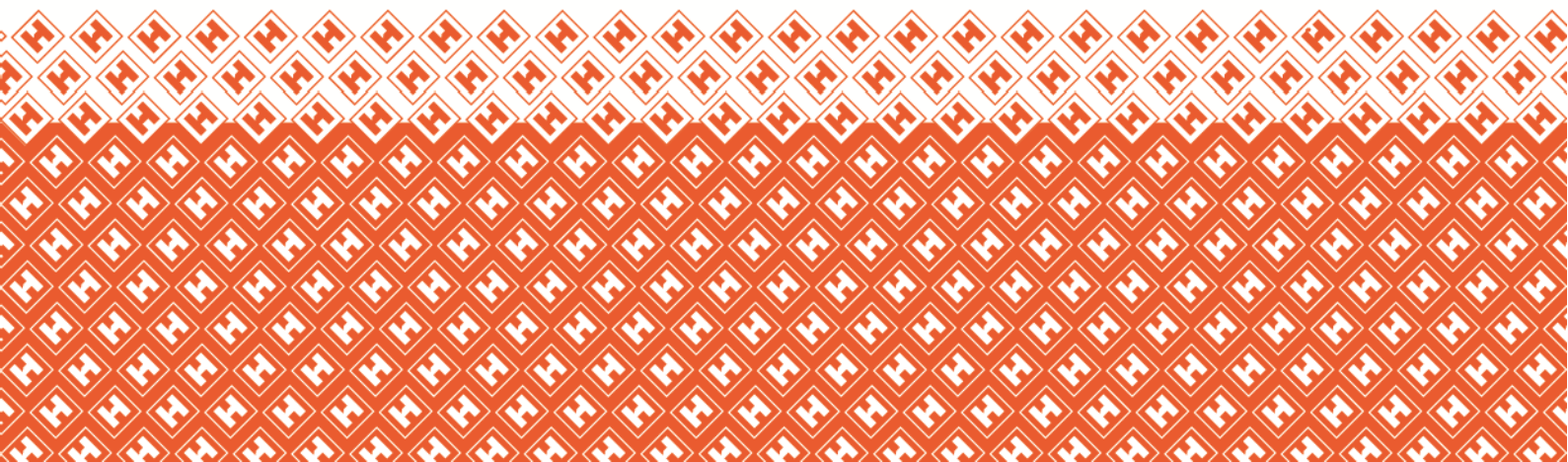
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ADINAGRUBER DA CONCEIÇÃO LIMA

**Conectando o Ensino de História ao contexto
local: a primeira Olimpíada Estadual em
História de Sergipe (OEHSSE)
Como recurso pedagógico para o Ensino de
História em Sergipe**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Fevereiro / 2025





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



ADINAGRUBER DA CONCEIÇÃO LIMA

**CONECTANDO O ENSINO DE HISTÓRIA AO CONTEXTO LOCAL:
A PRIMEIRA OLIMPIÁDA ESTADUAL EM HISTÓRIA DE SERGIPE (OEHS)
COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA EM SERGIPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andreza Santos Cruz Maynard.

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2025

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

L732c Lima, Adinagruber da Conceição
Conectando o ensino de história ao contexto local: a primeira
olimpíada estadual em História de Sergipe (OEHSE) como recurso
pedagógico para o ensino de História em Sergipe / Adinagruber da
Conceição Lima; orientador Andreza Santos Cruz Maynard. – São
Cristóvão, SE, 2025.
235 f. : il

Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de
Sergipe, 2025.

1. História - Sergipe. 2. História - Estudo e ensino. 3.
Olimpíadas. 4. História local. 5. História pública. I. Maynard,
Andreza Santos Cruz, orient. II. Título.

CDU 94(813.7):793.7

ADINAGRUBER DA CONCEIÇÃO LIMA

**CONECTANDO O ENSINO DE HISTÓRIA AO CONTEXTO LOCAL:
A PRIMEIRA OLIMPIÁDA ESTADUAL EM HISTÓRIA DE SERGIPE (OEHS)
COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA EM SERGIPE**

Aprovada em: 18/02/2025.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal de Sergipe, à seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Andreza Santos Cruz Maynard (Presidente)
Colégio de Aplicação (CODAP)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Fábio Alves dos Santos (Examinador Interno)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof^a. Dr^a. Clotildes Farias de Sousa (Examinadora Externa)
Coordenadoria de Educação a Distância, Formação e Tecnologias Educacionais da Secretaria de Estado da Educação (CEFOR/SEDUC)

Prof. Dr. Diego Santana (Examinador Interno)
(PROFHISTÓRIA/UFS)

AGRADECIMENTOS

A jornada para a realização desta pesquisa não teria sido possível sem o apoio e a colaboração de muitas pessoas e instituições, principalmente dos professores e estudantes da rede básica sergipana que participaram ativamente das atividades da Olimpíada Estadual de História de Sergipe (OEHS), tornando este projeto uma experiência viva e significativa. Sem eles, nada teria sido possível. A todos, expresso minha profunda gratidão.

Agradeço ao Programa de Mestrado em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) por proporcionar um espaço de formação acadêmica no qual pude refletir sobre minha trajetória como educadora e pesquisadora.

Aos meus colegas professores, pelo constante diálogo, pela troca de experiências e pelo incentivo ao longo desse percurso, em especial aos colegas da turma do PROFHISTÓRIA de 2023.

Minha gratidão à minha orientadora, Doutora Andreza Santos Cruz Maynard, e aos membros da banca, cujas contribuições foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

Aos professores colaboradores da OEHS: Eliana Dias Ferreira Oliveira, Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana, Regina Tavares Santos, André Valença, Laércio Souza Santana Filho, Adriano Moraes Araújo, Gleise Campos Pinto Santana, Tatiana Melo Menezes Lima, Denio Santos Azevedo, Edna Maria Matos Antônio, José Wellington Carvalho Vilar, Cleiton Melo Jones, Elisa de Moura Ribeiro e Sayonara Viana.

De modo especial, agradeço à Professora Eliana Dias Ferreira Oliveira, cujo incentivo foi essencial para que eu pudesse empreender esta pesquisa com dedicação e entusiasmo, aceitando a tarefa de ler, validar e corrigir junto comigo as questões e atividades propostas pela Olimpíada.

Agradeço também às instituições parceiras, que apoiaram e possibilitaram a concretização desta iniciativa: à Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC), que financiou, por meio de edital de apoio, a realização de olimpíadas científicas, tornando possível a realização da primeira olimpíada sergipana na área das Ciências Humanas; à Secretaria de Estado da Educação (SEED), por meio da Assessoria de Comunicação (ASCOM/SEED), que divulgou o evento, possibilitando a participação de diversas escolas das redes estadual, municipais e federais, tanto públicas quanto particulares de Sergipe; ao Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) e ao Memorial de Sergipe, pela divulgação, incentivo e cessão de documentos e espaço para a OEHS; ao Centro de

Excelência Deputado Jonas Amaral (CEDJA), escola onde desenvolvi o trabalho, com apoio principalmente dos parceiros de trabalho e professores de História Luciano Santana e Horário Lima, que gentilmente inscreveram e orientaram as equipes participantes da escola; à professora Cristiane Cardoso Barbosa Alves e aos queridos estudantes que compõem o Projeto EnCena de Teatro, que abrilhantaram a cerimônia da OEHSE; e à gestora do CEDJA, Patrícia Pereira, e sua equipe, sempre disposta a colaborar nos trâmites legais para o encaminhamento de projetos e a realização do evento.

O suporte e a colaboração dessas entidades foram fundamentais para o desenvolvimento e a realização deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta pesquisa, meu muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo, desenvolvido entre 2023 e 2025, analisa a criação e a implementação da primeira Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHSE) como recurso pedagógico para o ensino de História no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, articulando conhecimentos históricos locais. A investigação parte da adaptação da metodologia da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) à realidade da educação básica sergipana, com o objetivo de compreender como competições acadêmicas podem fortalecer a aprendizagem histórica e o protagonismo estudantil. Os objetivos específicos foram: analisar a participação das escolas sergipanas na ONHB entre 2013 e 2023, identificando práticas exitosas passíveis de adaptação à realidade local; investigar os padrões de participação das equipes sergipanas, considerando variáveis como tipo de escola, série e município; e examinar as estratégias institucionais utilizadas pela ONHB para estimular a participação, avaliando sua aplicabilidade na estruturação da OEHSE. A metodologia combinou abordagens quantitativa e qualitativa. O referencial teórico articulou autores que fundamentam o ensino de História, a aprendizagem significativa, a autonomia discente (Freire, 1996), a operacionalização da consciência histórica (Rüsen, 2001) e a Didática Reconstitutiva da História (Schmidt, 2020), bem como metodologias ativas, História Local (Barros, 2022; Melo, 2020), Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs (Maynard, 2021) e História Pública Digital (Costa, 2021). Além disso, autores como Meneguello (2010, 2011, 2015), Simas (2018), Rodrigues (2020), Leal (2022), Lima (2022), Pedro (2023), Silva (2023), Paniago (2023), Araújo (2023) e Veiga (2024) subsidiam a articulação entre ensino e Olimpíadas de História. Os resultados indicam que a OEHSE promoveu a aproximação dos estudantes com a História de Sergipe, articulando ensino e pesquisa em diálogo com a realidade local, além de desenvolver competências acadêmicas, reflexivas e cidadãs. Como desdobramento, a Olimpíada demonstrou potencial de replicabilidade, oferecendo diretrizes e recursos didático-pedagógicos, como um caderno de questões com sugestões de atividades e mapas de possibilidades para a criação de olimpíadas locais, consolidando-se como uma estratégia inovadora no ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História; ONHB; OEHSE; Aprendizagem Histórica; História Local; História Pública Digital.

ABSTRACT

This study, conducted between 2023 and 2025, analyzes the creation and implementation of the first Sergipe State History Olympiad (OEHSE) as a pedagogical resource for teaching history in elementary and high school, integrating local historical knowledge. The research begins by adapting the methodology of the National History Olympiad (ONHB) to the context of Sergipe's basic education system, aiming to understand how academic competitions can strengthen historical learning and student empowerment. The specific objectives included: analyzing the participation of Sergipe schools in the ONHB between 2013 and 2023, identifying successful practices that could be adapted to local circumstances; investigating the participation patterns of Sergipe teams, considering variables such as school type, grade level, and municipality; and examining the institutional strategies used by the ONHB to encourage participation, assessing their applicability in structuring the OEHSE. The methodology combined quantitative and qualitative approaches. The theoretical framework articulated authors who support the teaching of History and meaningful learning, student autonomy (Freire, 1996), the operationalization of historical consciousness (Rüsen, 2001) and the Reconstructive Didactics of History (Schmidt, 2020), as well as active methodologies, Local History (Barros, 2022; Melo 2020), Digital Information and Communication Technologies – TDICs (Maynard, 2021) and Digital Public History (Costa, 2021). Furthermore, authors such as Meneguello (2010, 2011, 2015), Simas (2018), Rodrigues (2020), Leal (2022), Lima (2022), Pedro (2023), Silva (2023), Paniago (2023), Araújo (2023), and Veiga (2024) support the connection between teaching and History Olympiads. The results indicate that the OEHSE fostered students' connection with the history of Sergipe, connecting teaching and research in dialogue with the local reality, in addition to developing academic, reflective, and civic skills. As a result, the Olympiad demonstrated replicable potential, offering guidelines and didactic-pedagogical resources, including a question booklet with suggested activities and maps of possibilities for creating local Olympiads, consolidating its position as an innovative strategy in history teaching.

Keywords: History Teaching; ONHB; OEHSE; Historical Learning; Local History; Digital Public History.

RESUMEN

Este estudio, realizado entre 2023 y 2025, analiza la creación e implementación de la primera Olimpiada Estatal de Historia de Sergipe (OEHSE) como recurso pedagógico para la enseñanza de la historia en la educación primaria y secundaria, integrando el conocimiento histórico local. La investigación comienza adaptando la metodología de la Olimpiada Nacional de Historia (ONHB) al contexto del sistema de educación básica de Sergipe, con el objetivo de comprender cómo las competencias académicas pueden fortalecer el aprendizaje histórico y el empoderamiento estudiantil. Los objetivos específicos incluyeron: analizar la participación de las escuelas de Sergipe en la ONHB entre 2013 y 2023, identificando prácticas exitosas que pudieran adaptarse a las circunstancias locales; investigar los patrones de participación de los equipos de Sergipe, considerando variables como el tipo de escuela, el grado escolar y el municipio; y examinar las estrategias institucionales utilizadas por la ONHB para fomentar la participación, evaluando su aplicabilidad en la estructuración de la OEHSE. La metodología combinó enfoques cuantitativos y cualitativos. El marco teórico articuló autores que apoyan la enseñanza de la Historia y el aprendizaje significativo, la autonomía del estudiante (Freire, 1996), la operacionalización de la conciencia histórica (Rüsen, 2001) y la Didáctica Reconstructiva de la Historia (Schmidt, 2020), así como metodologías activas, la Historia Local (Barros, 2022; Melo 2020), las Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación – TDICs (Maynard, 2021) y la Historia Pública Digital (Costa, 2021). Además, autores como Meneguello (2010, 2011, 2015), Simas (2018), Rodrigues (2020), Leal (2022), Lima (2022), Pedro (2023), Silva (2023), Paniago (2023), Araújo (2023) y Veiga (2024) apoyan la conexión entre la enseñanza y las Olimpíadas de Historia. Los resultados indican que la Olimpiada de Historia y Educación (OEHSE) fomentó la conexión de los estudiantes con la historia de Sergipe, conectando la docencia y la investigación en diálogo con la realidad local, además de desarrollar habilidades académicas, reflexivas y cívicas. Como resultado, la Olimpiada demostró potencial replicable, ofreciendo directrices y recursos didáctico-pedagógicos, incluyendo un cuadernillo de preguntas con actividades sugeridas y mapas de posibilidades para la creación de Olimpíadas locales, consolidándose como una estrategia innovadora en la enseñanza de la historia.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia; ONHB; OEHSE; Aprendizaje Histórico; Historia Local; Historia Pública Digital.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Carta Embaixadora ONHB 15ª e 16ª edições.....	49
Figura 2. Aracaju/SE: Oficina Diálogos entre o Ensino de História e a ONHB.....	49
Figura 3. Oficina Olimpíadas Científicas como Ferramenta Pedagógica.....	50
Figura 4. Equipe <i>Little Historians</i> do CEDJA.....	51
Figura 5. Equipe da EE Prof. José Franklin.....	51
Figura 6. Equipes dos estados brasileiros inscritas na ONHB 2023 e 2024.....	52
Figura 7. Logo da 1ª Edição da OEHSE.....	75
Figura 8. Instagram OEHSE.....	76
Figura 9. Cartaz de divulgação OEHSE.....	77
Figura 10. Cartaz de paralizações do magistério sergipano.....	80
Figura 11. Contestação da questão 1, da fase 3, da OEHSE.....	91
Figura 12. Nuvem de palavras.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Principais competições acadêmicas do tipo OC no Brasil e no exterior.....	20
Quadro 2. Produções acadêmicas (dissertações, teses) que abordam a ONHB.....	26
Quadro 3. Conteúdos do Currículo de Sergipe (2011).....	67
Quadro 4. Cronograma OEHSE: Inicial.....	78
Quadro 5. Cronograma OEHSE: Retificação 1.....	78
Quadro 6. Cronograma OEHSE: Retificação 2.....	79
Quadro 7. Cronograma OEHSE: Retificação 3 (Final).....	80
Quadro 8. Participantes efetivos da OEHSE, por fase.....	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Escolas sergipanas participantes da ONHB, por tipo de escola e edição.....	38
Gráfico 2. Equipes escolares finalistas por tipo de escola na ONHB.....	39
Gráfico 3. Participação de equipes escolares sergipanas na ONHB por série.....	41
Gráfico 4. Participação de equipes sergipanas na ONHB.....	43
Gráfico 5. Participação sergipana total por tipo de escola na ONHB.....	44
Gráfico 6. Participação sergipana na ONHB das escolas privadas por série.....	45
Gráfico 7. Participação sergipana na ONHB por série das escolas públicas.....	45
Gráfico 8. Participação de Sergipe na ONHB por cidade.....	47
Gráfico 9. Sobre participar de uma Olimpíada de História focada em Sergipe.....	62
Gráfico 10. Nível de escolaridade dos alunos.....	63
Gráfico 11. Contato com temas relacionados a Sergipe na ONHB.....	64
Gráfico 12. Sentimento de representatividade nas questões da ONHB.....	64
Gráfico 13. Participaria de uma olimpíada estadual.....	65
Gráfico 14. Escolas participantes da OEHSE, por tipo.....	87
Gráfico 15. Instituições participantes da OEHSE, por categoria escolar.....	88
Gráfico 16. Escolas participantes da OEHSE, por município do estado.....	89
Gráfico 17. Incentivo ao desenvolvimento de habilidades na OEHSE.....	93
Gráfico 18. Adequação e estruturadas fases da OEHSE.....	93
Gráfico 19. Impactos na prática pedagógica a partir da OEHSE.....	94
Gráfico 20. A experiência em participar da OEHSE.....	97
Gráfico 21. A relevância de estudar a História de Sergipe.....	97
Gráfico 22. Formato e organização da OEHSE.....	98
Gráfico 23. Continuidade da OEHSE.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Escolas sergipanas participantes da ONHB por tipo.....	37
Tabela 2. Participação de equipes escolares sergipanas na ONHB por série.....	40
Tabela 3. Participação de equipes escolares sergipanas na ONHB por série.....	40
Tabela 4. Participação de equipes estudantis na ONHB por ano/série.....	42
Tabela 5. Número de cidades participantes na ONHB em Sergipe.....	46

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APES	Arquivo Público do Estado de Sergipe
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IFRN	Intituto Federal do Rio Grande do Norte
IOAA	International Olympiad on Astronomy and astrophysucs
IPO	International Philosophy Olympiad
OBM	Olimpíada Brasileira de Matemática
OBMEP	Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
OBQ	Olimpíada Brasileira de Química
OCHARME	Olimpíada de História, Artes e Metodologias Educacionais do Cariri
OCHE-CE	Olimpíada de Ciências Humanas do Ceará
OEHSE	Olimpíada Estadual em História de Sergipe
ONHB	Olimpíada Nacional em História do Brasil
PROFHISTÓRIA	Programa Nacional de Formação em História
TDICs	Tecnolguas Digitais de Informação e Comunicação
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	Universidade Federal de Sergipe
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 COMPETIÇÕES CIENTÍFICAS: OLIMPIADAS COMO RECURSO PARA O ENSINO E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	19
1.1 OLIMPIADAS CIENTÍFICAS NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEVÂNCIA EDUCACIONAL.....	19
1.2 A OLIMPIADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL: PROPOSTA, FUNCIONAMENTO E ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	23
1.2.1 A ONHB como inspiração para a pesquisa acadêmica.....	24
1.2.2 ONHB, tecnologias digitais e história pública: impactos e possibilidades.....	28
1.2.3 A ONHB: potencial formativo, competitividade e desafios de acesso.....	30
2 HISTÓRIA LOCAL, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DO PENSAMENTO HISTÓRICO.....	31
2.1 HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: O PEQUENO ESPAÇO COMO OBJETO LEGÍTIMO DE PESQUISA.....	31
2.2 DIDÁTICA DA HISTÓRIA E PENSAMENTO HISTÓRICO.....	32
2.3 APRENDIZAGEM HISTÓRICA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.....	33
2.4 FORMAÇÃO DO PENSAMENTO HISTÓRICO E DIDÁTICA RECONSTRUTIVISTA.....	34
2.5 METODOLOGIAS ATIVAS E A “AULA HISTÓRICA”.....	34
3 A PARTICIPAÇÃO DE SERGIPE NA OLIMPIADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB): ANÁLISE E REFLEXÕES.....	36
3.1 A OLIMPIADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL E SUA INSERÇÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO.....	36
3.2 A TRAJETÓRIA DAS EQUIPES SERGIPANAS NA ONHB.....	36
3.3 AÇÕES DE PARTILHA E DIVULGAÇÃO DA EXPERIÊNCIA NA ONHB.....	48
4 A REALIZAÇÃO DA PRIMEIRA OLIMPIADA ESTADUAL EM HISTÓRIA DE SERGIPE (OEHS).....	54
4.1 OS PRIMEIROS PASSOS PARA A CONSTRUÇÃO DA OEHS.....	54
4.2 A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SERGIPANOS SOBRE A VIABILIDADE DE UMA OLIMPIADA DE HISTÓRIA ESTADUAL.....	59
4.3 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SERGIPANOS SOBRE A VIABILIDADE DE UMA OLIMPIADA DE HISTÓRIA LOCAL.....	63

4.4 O ENSINO DA HISTÓRIA DE SERGIPE NO CURRÍCULO ESTADUAL.....	66
4.5 MUDANÇAS NO PERFIL CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO.....	71
4.6 LIMITAÇÕES NA IMPLEMENTAÇÃO DA OEHSE.....	72
5 A OEHSE COMO RECURSO PEDAGÓGICO: POTENCIALIDADES E POSSIBILIDADES.....	73
5.1 O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA OEHSE.....	73
5.2 ENTRE O PROJETO E A REALIDADE: OS OBSTÁCULOS DO PERCURSO.....	78
5.3 A REALIZAÇÃO EFETIVA DA OLIMPÍADA.....	80
5.4 DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	86
5.5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	87
5.6 A AVALIAÇÃO DA OEHSE POR PROFESSORES E ESTUDANTES.....	92
5.6.1 As percepções docentes sobre a OEHSE.....	93
5.6.2 As percepções discentes sobre a OEHSE.....	96
5.7 A PREMIAÇÃO DA OEHSE.....	99
5.8 PARA ALÉM DA COMPETIÇÃO: A OEHSE COMO ARTICULAÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA E DEMOCRÁTICA.....	100
5.8.1 Uma abordagem da ditadura civil-militar na OEHSE.....	110
5.9 O MAPA DE POSSIBILIDADES PARA A CRIAÇÃO DE UMA OLIMPÍADA CIENTÍFICA.....	111
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICE A – Questionário de sondagem aplicado com os professores orientadores da ONHB, durante a 16 edição, através de grupos de <i>WhatsApp</i>	121
APÊNDICE B – Questionário de sondagem aplicado com os estudantes participantes da ONHB, durante a 16 edição, através de grupos de <i>WhatsApp</i>	122
APÊNDICE C – Questionário de Avaliação da OEHSE para Professores aplicado via link disponibilizado junto a tarefa final.....	123
APÊNDICE D – Questionário de Avaliação da OEHSE para Estudantes aplicado via link disponibilizado junto a tarefa final.....	124
APÊNDICE E – Proposta de Olimpíada Científica encaminhada à FAPITEC.....	125
APÊNDICE F – Regulamento da 1ª Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHSE).....	136
APÊNDICE G – Proposta de Formulário de inscrição na OEHSE.....	146

ANEXO A – Mapa de Possibilidades: Criando uma Olimpíada Científica para o Ensino de História Local.....	147
ANEXO B – Caderno de Atividades OEHSE.....	150

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto de reflexões construídas ao longo da minha trajetória como professora de História da Rede Básica de Ensino de Sergipe, iniciada em 2004. Nesse percurso, transitei entre a sala de aula e a gestão escolar, mas foi no contato cotidiano com os estudantes que percebi, de forma mais concreta, o impacto do ensino de História na construção da aprendizagem histórica.

Em 2017, ao retornar à sala de aula, fui apresentada pelo professor Cleiton Melo Jones à Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), competição acadêmica voltada a estudantes e professores do Ensino Fundamental e Médio, criada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 2009. A proposta da ONHB me encantou pela metodologia acessível e instigante, que dialoga com a prática investigativa no ensino básico e utiliza diversas fontes para estimular o estudo crítico da História.

Desde minha primeira participação, na 11ª edição, passei a acompanhar ativamente a competição, inclusive nas versões abertas realizadas durante a pandemia de COVID-19. Essa experiência impactou minha prática pedagógica, incentivando-me a repensar estratégias capazes de despertar maior interesse dos alunos. Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996, p. 33) destaca a importância de cultivar a curiosidade epistemológica dos estudantes, pois “[...] não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. Essa perspectiva freireana reafirma o papel do educador como alguém que provoca perguntas, instiga o pensamento e convida à transformação – fundamentos que se alinham ao espírito da ONHB e à proposta que desejamos construir.

Foi também a ONHB que evidenciou a pouca presença da História de Sergipe nas práticas escolares. Entre 2020 e 2023, a competição apresentou algumas questões relacionadas ao estado, como a Ponte do Imperador, o Casamento do Matuto (Lagarto) e o Caranguejo da Orla de Aracaju, mas sempre de forma pontual. Esses exemplos demonstraram o potencial de abordar identidades, patrimônio e memória local no ensino de História, mas também revelaram a escassez de espaços sistemáticos para tal abordagem. Encontrar, em uma competição nacional, questões que tratavam da História de Sergipe despertou meu interesse em ampliar a reflexão sobre a riqueza histórica, cultural e patrimonial do estado.

Constata-se que, nas escolas, sobretudo da rede pública, o ensino ainda se pauta majoritariamente por conteúdos de abrangência nacional, muitas vezes desconectados das vivências cotidianas dos estudantes. Essa lacuna está associada à falta de materiais didáticos

específicos sobre a História de Sergipe, o que limita a construção de uma aprendizagem histórica situada e significativa.

A ONHB, ao incentivar uma postura investigativa e interpretativa diante da História, despertou em mim o desejo de criar uma proposta capaz de ampliar o olhar para o território sergipano, valorizando o conhecimento histórico local. Embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) recomende a articulação de diferentes escalas de análise (do local ao global), a aplicação dessa diretriz ainda enfrenta desafios no cotidiano escolar. Em contextos atravessados por desigualdades estruturais, como o da rede pública sergipana, essa ausência compromete o direito dos estudantes ao conhecimento de sua própria história e cultura.

Assim, nasceu a proposta de criação da primeira Olimpíada Estadual de História de Sergipe (OEHS), inspirada nos princípios metodológicos da ONHB, mas voltada para a realidade local. Pretendeu-se, com isso, construir uma estratégia pedagógica que fortalecesse o ensino de História, fomentasse a análise crítica da realidade sergipana e contribuísse para a formação de sujeitos capazes de interpretar e intervir no mundo a partir de suas referências culturais e históricas.

Diante desse cenário, esta pesquisa buscou responder à seguinte questão: de que maneira uma olimpíada científica, inspirada nos princípios da ONHB, pode ser utilizada como estratégia pedagógica para o ensino da História Local no contexto da rede básica de ensino de Sergipe?

O objetivo geral foi propor a criação de uma olimpíada científica voltada à História de Sergipe. Os objetivos específicos foram:

- a) analisar a participação das escolas sergipanas na ONHB entre 2013 e 2023, identificando práticas exitosas que possam ser adaptadas à realidade local;
- b) investigar os padrões de participação das equipes sergipanas, considerando variáveis como tipo de escola, série e município, a fim de compreender os fatores que influenciam a adesão;
- c) examinar as estratégias institucionais utilizadas pela ONHB para estimular a participação, avaliando sua aplicabilidade na estruturação da OEHS.

Para alcançar esses objetivos, adotou-se uma abordagem metodológica que combinou estudo de caso e pesquisa-ação. O estudo de caso, conforme Thiollent (1998), permitiu compreender as práticas pedagógicas, os desafios e as estratégias das equipes sergipanas participantes da ONHB. Já a pesquisa-ação envolveu a atuação direta da autora, como professora orientadora e embaixadora da ONHB em Sergipe, possibilitando o desenvolvimento colaborativo da proposta da OEHS.

A pesquisa utilizou amostragem não probabilística por acessibilidade, envolvendo professores e estudantes do Ensino Fundamental (anos finais) e do Ensino Médio com experiência na ONHB. Trata-se de uma investigação qualitativa, de caráter propositivo e interventivo, que combinou análise documental, aplicação de questionários e observação participante, conforme orienta Gil (2008), para compreender o fenômeno estudado e propor uma intervenção alinhada à realidade educacional local.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos: o primeiro discute as bases teóricas relacionadas ao ensino de História e às competições acadêmicas; o segundo aborda a História Local, a consciência histórica e sua presença nos currículos; o terceiro apresenta a experiência da OEHSE; o quarto analisa seus impactos, limites e possibilidades; e o quinto propõe a sistematização de um recurso pedagógico inspirado na experiência da olimpíada.

1 COMPETIÇÕES CIENTÍFICAS: OLIMPIADAS COMO RECURSO PARA O ENSINO E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Este capítulo apresenta uma reflexão sobre a relação entre competições científicas e o ensino de História, com enfoque na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) como experiência pedagógica inovadora e interdisciplinar. A discussão organiza-se em três seções complementares: a primeira contextualiza as olimpíadas científicas no Brasil e sua relevância educacional; a segunda analisa a ONHB, abordando sua proposta, funcionamento e abordagem metodológica; e a terceira investiga a apropriação escolar dessas práticas a partir da produção acadêmica existente sobre a ONHB, com o objetivo de compreender como essas experiências contribuíram para práticas educativas no ensino de História.

1.1 OLIMPIADAS CIENTÍFICAS NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEVÂNCIA EDUCACIONAL

As olimpíadas do conhecimento escolar configuram-se como espaços pedagógicos nos quais se articulam desafios intelectuais e experiências formativas, capazes de integrar saberes escolares e habilidades gerais para fortalecer competências demandadas no século XXI. Essas competências envolvem a articulação entre dimensões cognitivas e socioemocionais, o desenvolvimento de projetos integradores e interdisciplinares, a valorização do pensamento crítico, da empatia e da escuta ativa (Brasil, 2018).

Tais práticas exigem que o ensino supere a lógica transmissiva e bancária, amplamente criticada por Paulo Freire (1996), investindo em metodologias que promovam a autonomia intelectual, o diálogo e a problematização do mundo vivido.

O crescimento expressivo do número de competições escolares, organizadas em diferentes níveis (municipal, estadual, nacional, internacional), evidencia o potencial dessas ações para promover a participação de estudantes, que buscam reconhecimento e oportunidades acadêmicas, inclusive por meio das chamadas vagas olímpicas, o acesso a vagas em cursos universitários sem vestibular/ENEM (Simas, 2018).

Além de incentivar os alunos, tais competições têm se mostrado propulsoras de mudanças no ensino, permitindo que professores e escolas experimentem metodologias com práticas mais dialógicas e centradas no estudante. Esse fenômeno, em ascensão no Brasil, representa um movimento em direção a um ensino mais significativo, inclusivo e desafiador.

O ensino de História encontrou nessas competições oportunidades estratégicas de renovação didática e curricular, aproximando conteúdos escolares das múltiplas dimensões do tempo histórico, dos debates sociais contemporâneos e da participação ativa dos sujeitos na produção da história.

No panorama nacional, as olimpíadas variaram desde competições de alcance internacional, como a International Mathematical Olympiad (IMO) e a International Biology Olympiad (IBO), até iniciativas regionais, como a Olimpíada Sergipana de Matemática (OSM). Algumas, como a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), tiveram foco específico na descoberta de talentos na educação básica.

O Quadro 1 apresenta um panorama de algumas das principais olimpíadas científicas no Brasil e no exterior, organizadas por ano de criação, abrangência, nível de ensino e instituições promotoras, evidenciando a diversidade e relevância dessas iniciativas para a formação de estudantes críticos, criativos e protagonistas de seu processo formativo.

Quadro 1. Principais competições acadêmicas do tipo OC no Brasil e no exterior

Competição	Nível de Ensino	Nível de Abrangência	Instituição Promotora	Ano de Criação	País
Olimpíada Internacional de Matemática (IMO)	Educação Básica	Internacional	International Mathematical Olympiad	1959	Global
Olimpíada Internacional de Química (IChO)	Educação Básica	Internacional	International Chemistry Olympiad	1968	Global
Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM)	Educação Básica e Superior	Nacional e Internacional	Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA)	1979	Brasil
Olimpíada Brasileira de Química (OBQ)	Educação Básica	Nacional e Internacional	Associação Brasileira de Química (ABQ)	1986	Brasil
Olimpíada Internacional de Informática (IOI)	Educação Básica	Internacional	International Olympiad in Informatics	1989	Global
Olimpíada Internacional de Física (IPhO)	Educação Básica	Internacional	International Physics Olympiad	1990	Global
Olimpíada Internacional de Filosofia (IPO)	Educação Básica	Internacional	Departamento de Filosofia da <u>Universidade de Sófia</u>	1993	Bulgária
Olimpíada Internacional de Biologia (IBO)	Educação Básica	Internacional	International Biology Olympiad	1996	Global
Olimpíada Internacional de Geografia (IGeo)	Educação Básica	Internacional	International Geographical Union	1996	Global

Olimpíada Brasileira de Astronomia (OBA)	Educação Básica	Nacional e Internacional	Sociedade Astronômica Brasileira (SAB)	1998	Brasil
Olimpíada Internacional de Robótica (IRO)	Educação Básica	Internacional	International Robot Olympiad Committee	1999	Global
Olimpíada Brasileira de Biologia (OBB)	Educação Básica	Nacional	Instituto Butantan	2001	Brasil
Olimpíada Internacional de Linguística (IOL)	Educação Básica	Internacional	International Linguistics Olympiad	2003	Global
Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR)	Educação Básica	Nacional e Internacional	Sociedade Brasileira de Computação (SBC)	2005	Brasil
Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)	Educação Básica	Nacional e Internacional	Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA)	2005	Brasil
Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica (IOAA)	Educação Básica	Internacional	International Olympiad on Astronomy and Astrophysics	2007	Global
Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro	Educação Básica	Nacional	Ministério da Educação e Itaú Social	2008	Brasil
Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB)	Educação Básica	Nacional	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	2009	Brasil
Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL)	Educação Básica	Nacional	Universidade de Brasília (UnB)	2011	Brasil
Olimpíada Brasileira de Geografia (OBG)	Educação Básica	Nacional e Internacional	Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)	2016	Brasil
Olimpíada Brasileira de Ciências Humanas (OBCH)	Educação Básica	Nacional	Instituto Federal de São Paulo	2022	Brasil
Olimpíada de Português (OP)	Educação Básica	Nacional	Grupo de professores e estudiosos apoiados pela UFF e outras instituições	2203	Brasil
Olimpíada de Língua Inglesa (OBLI)	Educação Básica	Nacional	Seleção Educação	2024	Brasil
Olimpíada de Literatura (OL)	Aberta	Nacional	Academia Paranaense de Letras e outras instituições	2024	Brasil
Olimpíada Nacional de Filosofia	Educação Básica	Nacional	UFMS em parceria com outras instituições de todo o Brasil	2024	Brasil
Olimpíada Brasileira Online de Ciências Humanas	Educação Básica	Nacional	NOIC De estudantes para estudantes	2024	Brasil

Olimpíada Nacional de Inteligência Artificial (ONIA)	Educação Básica e Aberta a todos	Nacional	EduSpace, H2IA (ufpel.edu.br) e IIA Instituto IA (Incc.br).	2024	Brasil
Olimpíada Brasileira de Relações Étnico-Raciais, Afrobrasileiras, africanas e Indígenas (OBERERI)	Educação Básica	Nacional	Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)	2024	Brasil

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A trajetória histórica dessas competições mostra que as primeiras olimpíadas internacionais surgiram na década de 1950, com a IMO (1959) e a International Chemistry Olympiad (IChO, 1968), refletindo o prestígio e o investimento nessas áreas para o desenvolvimento científico e educacional. Nas décadas seguintes, o Brasil institucionalizou suas próprias competições em Matemática e Química, como a OBM (1979) e a OBQ (1986) consolidando o modelo competitivo como ferramenta pedagógica. Olimpíadas de Informática, Física, Astronomia e Robótica ampliaram o escopo, acompanhando as demandas tecnológicas contemporâneas.

A partir da década de 1990, observou-se o surgimento de competições internacionais e nacionais voltadas às Ciências Humanas, embora em número reduzido e com criação mais recente. A International Philosophy Olympiad (IPO, 1993) exemplifica esse movimento, evidenciando o interesse em áreas que demandam competências interpretativas e argumentativas. No Brasil, as olimpíadas de Linguagens e Ciências Humanas despontaram tardiamente, como a ONHB (2009) e a Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL, 2011), seguidas por iniciativas como a Olimpíada Brasileira de Geografia (OBG, 2016), a Olimpíada Brasileira de Ciências Humanas (OBCH, 2022) e competições de Língua Portuguesa, Literatura, Filosofia, Inteligência Artificial e Relações Étnico-Raciais, muitas criadas em 2024.

Embora as áreas de Exatas e Ciências da Natureza tenham se consolidado primeiro, o crescimento de diversas olimpíadas voltadas para as Linguagens e as Ciências Humanas demonstra o reconhecimento da importância das humanidades para o desenvolvimento integral dos estudantes.

1.2 A OLIMPIÁDA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL: PROPOSTA, FUNCIONAMENTO E ABORDAGEM METODOLÓGICA

Criada em 2009 pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), por meio do Museu Exploratório de Ciências, a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) é uma competição acadêmica voltada ao estudo da História. Diferentemente de outras olimpíadas, adota uma metodologia colaborativa, processual e digital, aproximando a aprendizagem histórica da investigação e do trabalho em equipe. Seu trabalho vai além da avaliação de conteúdos: busca fomentar o pensamento crítico por meio da análise de fontes e da compreensão da História como ferramenta de leitura e transformação da realidade. Pedro esclarece:

A ONHB é uma olimpíada científica que disponibiliza recursos didáticos para a construção do conhecimento histórico em sala de aula, priorizando a pesquisa, a discussão e o trabalho em grupo, sempre por meio da análise de documentos. Ao longo da prova, além de questões de múltipla escolha, são propostas seis tarefas que formam um conjunto metodológico e didático, permitindo o desenvolvimento de várias habilidades e competências previstas para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental [8º e 9º anos] e para o Ensino Médio (2023, p. 19).

A competição, destinada a estudantes a partir do 8º ano do Ensino Fundamental, organiza-se em equipes de quatro integrantes – três estudantes e um professor-orientador. Atualmente, apresenta duas versões, a ONHB tradicional: seis fases on-line e uma final presencial na Unicamp, realizada desde 2009, e a ONHB-A, versão aberta, com quatro etapas virtuais no segundo semestre, lançada em 2020 como Pré-ONHB durante a pandemia de COVID-19, ampliando o acesso a participantes de diferentes regiões sem a exigência de vínculo escolar. Conforme o regulamento da primeira edição,

Pode ser participante da Pré-Olimpíada Nacional em História do Brasil – 2020 qualquer pessoa interessada, a partir de 12 anos, independente da formação ou qualquer outro condicionante. Não é obrigatório estar vinculado a instituições de ensino como aluno(a) ou professor(a). Trata-se de uma proposta de prova aberta a toda a população interessada (Regulamento Pré-ONHB, 1. ed., 1.1, 2020).

Em ambas as modalidades, cada fase combina questões de múltipla escolha e tarefas qualitativas, baseadas em documentos históricos como fotografias, mapas, charges, textos literários, registros jornalísticos e dados estatísticos. Essa abordagem privilegia a construção

de narrativas fundamentadas, a análise crítica e a valorização de múltiplas perspectivas, em detrimento da simples memorização de datas e fatos. As equipes dispõem de seis dias para pesquisar, responder às questões e cumprir as tarefas. Para Meneguello (2011), a possibilidade de consulta e trabalho em equipe rompe com a lógica competitiva tradicional, favorecendo a reflexão e o aprofundamento.

A ONHB articula teoria e prática, ensino e pesquisa, saber escolar e saber acadêmico. A seleção dos temas permite abordar conteúdos pouco explorados nos livros didáticos, como trajetórias de mulheres, indígenas, africanos e afrodescendentes, lutas sociais, movimentos populares e processos de construção das identidades regionais e nacionais. Esse olhar dialoga com os pressupostos da educação histórica crítica, que compreende o ensino de História como espaço de formação cidadã e de compreensão do mundo contemporâneo a partir da análise do passado.

Quanto ao ensino do componente curricular, a ONHB estimula a curiosidade e o interesse pela História, incentivando a exploração de diferentes perspectivas e a compreensão da complexidade dos processos históricos. Como afirma Veiga,

O papel do ensino de História é a formação de valores, é a produção da subjetividade, é a construção de sujeitos capazes de conviver com a diversidade e a diferença, capazes de questionar o que não é familiar, rompendo com os lugares sociais estabelecidos e abrindo novas possibilidades de crescimento, tanto para docentes quanto para discentes (2024, p. 31).

Ao longo de dezesseis edições até 2024, a ONHB consolidou-se como uma das maiores olimpíadas científicas do Brasil na área de Ciências Humanas. Em sua 16ª edição, contou com a participação de 51,2 mil equipes, mais de 200 mil participantes, sendo mais de 150 mil estudantes (ONHB, 2024). Além do impacto direto sobre os alunos, influencia práticas pedagógicas nas escolas, propondo novas formas de ensinar e aprender História, baseadas na investigação, colaboração e uso de tecnologias digitais.

Dessa forma, a ONHB transformou-se em um dispositivo formativo e espaço de experimentação didática para professores, inclusive para a autora deste trabalho, e inspirando pesquisas acadêmicas. Sua proposta metodológica desafia a lógica tradicional da aula expositiva e da avaliação conteudista, estimulando uma aprendizagem histórica viva, situada e conectada às demandas da sociedade contemporânea. Ao fazê-lo, reafirma o valor do ensino de História como instrumento de leitura crítica do mundo e como prática transformadora para a Educação Básica.

1.2.1 A ONHB como inspiração para a pesquisa acadêmica

A pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES relacionados ao termo “olimpíadas científicas” resultou um total de 38 trabalhos acadêmicos. Dentre esses, observou-se um predomínio significativo de produções nas áreas de Matemática, Física, Química, Saúde e Meio Ambiente. A presença de pesquisas em Ciências Sociais, Geografia, Linguística e História é pontual, destacando-se quatro trabalhos na área de História, sendo uma tese de doutorado e três dissertações de mestrado, defendidas entre 2018 e 2023.

Essas produções concentram-se principalmente na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e em iniciativas correlatas, como a Olimpíada de Ciências Humanas do Ceará (OCHE). A maioria desses estudos é oriunda de mestrados profissionais voltados para o ensino, especialmente em Ensino de História, com menor incidência no nível de doutorado.

Os temas abordados nesses trabalhos incluem o uso das olimpíadas como recursos de ensino-aprendizagem, incentivo à alfabetização científica, políticas educacionais, inclusão social e formação docente. No contexto das olimpíadas de História, o foco recai sobre práticas pedagógicas, aprendizagem histórica e a articulação entre conteúdos curriculares e métodos inovadores. Embora o interesse pela área histórica seja crescente, observa-se que o campo é amplamente dominado por produções nas ciências exatas e naturais, evidenciando que as olimpíadas científicas no Brasil ainda se consolidam majoritariamente nesses campos, enquanto as humanidades apresentam um volume menor, mas com potencial crescente de pesquisa.

Ao alterar a busca para o termo “ONHB”, identificou-se um conjunto mais expressivo e específico de pesquisas dedicadas exclusivamente à Olimpíada Nacional, com produções acadêmicas datadas de 2017 a 2024. No banco de dissertações do Programa Nacional de Formação em História (PROFHISTÓRIA), foram encontrados três trabalhos relacionados à ONHB, ampliando assim o panorama geral. Essas pesquisas, em sua maioria dissertações de mestrado na área de ensino e mestrados profissionais em Ensino de História, demonstram um interesse crescente na área.

A ONHB figurou como objeto de investigação acadêmica no nível mestrado em 2017, com o pioneiro trabalho de José Gerardo Bastos da Costa Júnior. Desde então, mantém produção relativamente constante, atingindo em 2024 seu maior volume, com quatro dissertações concluídas no ano. Esse crescimento demonstra a relevância do evento como

recurso pedagógico, e também sua consolidação como campo legítimo de estudo sobre o ensino de História, conforme indicado a seguir no Quadro 2.

Quadro 2. Produções acadêmicas (dissertações, teses) que abordam a ONHB

Nº	Autor(a)	Ano	Título	Programa de Pós-graduação	Instituição	Tipo
1.	VEIGA, Glayds Richeles Araujo	2024	Práticas educativas e escrevivências : um diálogo entre a experiência do ensino de História e a ONHB no IFPB-CG (2010–2021)	Mestrado em História	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Dissertação
2.	MACEDO, Claudia Karina Soares de	2024	O uso de fotografias na Olimpíada Nacional em História do Brasil (2009-2023)	Mestrado em Ensino	Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)	Dissertação
3.	BRANDAO, Gleicy Kelly de Souza	2024	Ensino de História e Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB): experiências e perspectivas em Angical do Piauí	Mestrado Profissional em Ensino de História	Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	Dissertação
4.	NASCIMENTO, Márcio dos Santos do	2024	A ONHB: o ensino de História para além da sala de aula	Mestrado Profissional em Ensino de História	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Dissertação
5.	PANIAGO, Mayra	2023	A 'Olimpíada Nacional em História do Brasil' (ONHB): contribuições para a aprendizagem histórica de jovens estudantes da educação básica brasileira	Doutorado em História	Universidade Federal de Goiás (UFG)	Tese
6.	SILVA, Eduardo Sisti	2023	Olimpíada Nacional em História do Brasil: uma análise das práticas de ensino e aprendizagem	Mestrado em Educação	Universidade de São Paulo (USP)	Dissertação
7.	ARAUJO, Marismanda Mota	2023	"Tenho muito para contar, dizer que aprendi": o ensino de História através da ONHB e da OCHE – práticas docentes e aprendizagem histórica (2018 a 2022)	Mestrado Profissional em Ensino de História	Universidade Federal do Ceará (UFC)	Dissertação
8.	LEAL, Leandro Sapienza Galvão	2023	História para quê? Humanidades digitais e a ONHB – 2009-2022	Mestrado Profissional em Ensino de História	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	Dissertação
9.	LIMA, Leonardo Gallo Araujo	2022	Olimpíada Nacional em História do Brasil, ensaio metodológico em ensino de História: uma proposta de abordagem pedagógica junto aos alunos do 1.º ano do C.E. Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis, Maranhão	Mestrado Profissional em Ensino de História	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Dissertação
10.	RODRIGUES, Cristiano Antonio Brugger	2020	A ONHB e a pesquisa como norteadora na prática pedagógica	Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica	Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)	Dissertação
11.	MAGALHAES, André Vinicius Bezerra	2020	Hoje não vai ter aula: educação histórica e aprendizagem colaborativa a partir da experiência com a ONHB	Mestrado Profissional em Ensino de História	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Dissertação
12.	NEGOCIO, Poliany Agne de Freitas.	2020	Letramentos digitais e ensino: Uma análise a partir da Olimpíada Nacional em História do Brasil	Mestrado em Ensino	UERN, UFRSA, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)	Dissertação
13.	DAMASCENO, Paulo Ailton Pinto	2018	Silêncio na sala: combates narrativos contra o silenciamento de grupos periféricos através da ONHB e de olimpíadas escolares internas (OIH)	Mestrado Profissional em Ensino de História	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Dissertação
14.	JUNIOR, José Gerardo Bastos da Costa	2017	A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e o Ensino Médio Integrado no IFRN	Mestrado em Ensino	Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)	Dissertação

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

O PROFHISTÓRIA responde por 7 das 14 produções entre 2017 e 2024, mais da metade do total. Essa predominância reflete sua relevância no campo das práticas pedagógicas do ensino de História. O perfil dos autores é formado principalmente por docentes da educação básica, atuando como professores-orientadores na própria ONHB. Suas pesquisas abordam principalmente, aprendizagem histórica e práticas colaborativas humanidades digitais, experiências regionais.

Esses estudos demonstram diversidade metodológica, com temáticas ligadas a recursos didáticos e linguagens como uso de fotografias (Macedo, 2024) e letramentos digitais (Negócio, 2020). Perspectivas regionais como estudos em Angical do Piauí (Brandão, 2024), dimensões críticas e sociais como o silenciamento de grupos periféricos (Damasceno, 2018) e escrevivências (Veiga, 2024).

No que diz respeito as instituições e abrangência regional, há forte presença do Nordeste e Norte, com destaque para produções no Rio Grande do Norte, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), bem

como na Universidade Federal do Pará (UFPA) com dois trabalhos voltados à aplicação prática da ONHB.

No Sudeste, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sede da ONHB, e a Universidade de São Paulo (USP) aparecem com pesquisas de escopo mais amplo, incluindo humanidades digitais (Leal, 2023; Silva, 2023).

A produção, considerando o nível acadêmico, envolve 13 dissertações e 1 tese (Paniago, 2023). O predomínio de dissertações indica concentração no mestrado profissional, mas já com inserção no doutorado. Esse fato ressalta a importância da ONHB como objeto de reflexão e produção acadêmica na formação continuada de educadores. Isso indica que o interesse pela ONHB tem se ampliado e a participação do PROFHISTÓRIA nesse campo é significativa, o que sinaliza espaço para expansão das pesquisas nessa temática.

Para Araújo (2023), que analisou também a Olimpíada de Ciências Humanas do Ceará (OCHE-CE), essas experiências estimulam “[...] a pensar historicamente e a engendrar problemáticas a partir de suas realidades, de maneira individual e/ou coletiva” (Araújo, 2023, p. 140). Magalhães (2020, p. 177) acrescenta que a ONHB atua como referencial de prática exitosa de aprendizagem histórica “que possibilite o saudável confronto de ideias, o protagonismo discente e a utilização do conhecimento histórico na defesa dos direitos humanos e na promoção de uma cidadania ativa e consciente”. Para Paniago (2023), a olimpíada também cria competição saudável, motivando maior dedicação aos estudos de História.

A ONHB também demonstra ter um efeito multiplicador, na medida em que vem inspirando diversas iniciativas estaduais e regionais como a OCHE-CE (2019), a Olimpíada de História de Alagoas (2019), a Olimpíada de História, Artes e Metodologias Educacionais do Cariri (OCHARME, 2023), o Desafio de História da Paraíba (2023) e a Olimpíada de História do Maranhão (2023). Há indícios de novas propostas em desenvolvimento em Roraima e no Piauí.

Um ponto em comum entre essas olimpíadas, é o fato de elas adaptarem conteúdos e desafios à realidade local, com o objetivo de valorizar a história regional por meio do incentivo a pesquisa de fontes. A Olimpíada Estadual de História de Sergipe (OEHS), proposta aqui criada com base no modelo da ONHB, também pretende estimular a investigação histórica local e valorizar o patrimônio cultural sergipano, envolvendo estudantes de diferentes redes de ensino.

Nos estudos analisados encontram-se diversos produtos educacionais derivados da ONHB que buscaram articular saberes escolares e saberes acadêmicos. Simas (2018) propôs

sequência didática sobre povos indígenas; Araújo (2023), sobre violência de gênero; Damasceno (2019) criou a Olimpíada Interna de Humanidades (OIH); Brandão (2024) elaborou guia para a Olimpíada de História Local; Leal (2023) desenvolveu o site “História para quê?”; Macêdo (2024) analisou fotografias como documentos históricos; Rodrigues (2020) produziu cartilha digital de divulgação; e Negócio (2020) elaborou matriz de referência para professores.

Esses trabalhos, de formas diversas, demonstram como iniciativas pedagógicas podem aproximar estudantes e professores do conhecimento histórico, tornando o aprendizado mais significativo e conectado à prática.

1.2.2 ONHB, tecnologias digitais e história pública: impactos e possibilidades

Apesar das inovações trazidas pelo ambiente digital, as bases metodológicas clássicas permanecem essenciais para o historiador. Maynard (2021, p. 45) destaca que o rigor crítico e a análise contextual das fontes continuam a guiar o trabalho do historiador, atuando de forma complementar, e não excludente, aos novos aportes digitais, e mantendo as perguntas fundamentais que movimentam as investigações históricas. Entretanto, esse reconhecimento da tradição não dispensa o enfrentamento do “tempo presente” digital, caracterizado por um mundo acelerado e imerso em tecnologias como celulares, computadores e redes sociais, que influenciam tanto a produção quanto a circulação do conhecimento histórico (Maynard, 2021, p. 46).

Nesse contexto, o historiador deve adaptar suas metodologias e aproveitar as oportunidades que o ambiente digital oferece para democratizar o acesso, diversificar fontes e ampliar a interação com o passado, explorando a flexibilidade e a interatividade das mídias digitais.

Complementarmente, Costa (2021) enfatiza as transformações metodológicas e conceituais impulsionadas pela cibercultura. Para a autora, as narrativas históricas contemporâneas são ampliadas, modificadas e desafiadas pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), e o desafio central está em apresentar essas informações de maneiras novas e atraentes, pensadas para leitores digitais. Ela reconhece que a história ainda é tradicionalmente centrada no documento de texto, mas defende que a articulação entre história pública e história digital é vital para democratizar o conhecimento histórico, mesmo diante dos riscos e da velocidade da informação circulante na web (Costa, 2021, p. 158-159).

Um ponto-chave em sua reflexão é a relação entre tecnologia e temporalidade. Ela questiona se a lógica linear do ensino tradicional pode ser rompida pela experiência digital, criando múltiplos “espaços de experiência” e “horizontes de expectativa” e propõe que o uso crítico de acervos digitais, visitas virtuais e linhas do tempo interativas permite ao aluno perceber que “nem sempre foi assim”, estimulando percepções históricas que vão além da memorização (Costa, 2021, p. 160-161).

Destarte, a ONHB se apresenta como um espaço privilegiado de síntese entre tradição e inovação. Mantém o rigor investigativo das perguntas fundamentais e da análise crítica de fontes, conforme Maynard, e, ao mesmo tempo, mobiliza recursos digitais e metodologias interativas que dialogam com a concepção de Costa, rompendo com a linearidade e explorando múltiplas temporalidades. Nesse formato, a ONHB se consolidou como um laboratório pedagógico de história pública digital, no qual a tecnologia amplia o ofício do historiador, diversifica fontes e enriquece a experiência histórica para milhares de jovens em todo o Brasil.

Ao integrar as TDICs no ensino de História, a ONHB contribui para a formação de alunos mais autônomos e críticos, capazes de buscar, selecionar e compartilhar informações de forma independente, além de colaborar em projetos de aprendizagem coletiva. García (2022) ressalta que os professores devem ir além do consumo de conteúdo digital, criando materiais que ampliem as possibilidades de investigação histórica e promovam compreensão contextualizada dos eventos.

Nesse sentido, a História Pública aproxima a produção acadêmica da sociedade, tornando o conhecimento acessível e incentivando a participação ativa de diferentes públicos (Ferreira, 2018). Carvalho (2018) reforça que a difusão de informações na internet desafia a autoridade do historiador tradicional, abrindo espaço a novos agentes na construção de narrativas. A ONHB atua como mediadora qualificada desse conhecimento, permitindo que os participantes trabalhem com fontes primárias e metodologias rigorosas, assegurando análise crítica e reflexão histórica.

Além disso, a olimpíada contribui para a formação cidadã, estimulando os estudantes a questionarem narrativas estabelecidas e a desenvolverem uma história mais democrática e socialmente relevante. Ao apoiar-se em fontes históricas para construir suas próprias narrativas, os participantes aprendem a contextualizar o passado de forma crítica, alinhando-se às diretrizes da BNCC para o ensino de História. Em um mundo digitalizado, concebe-se que a ONHB se coloca como alternativa formativa que fortalece a cultura de análise crítica e

consolida a História Pública Digital como campo de atuação para historiadores, professores e alunos.

1.2.3 A ONHB: potencial formativo, competitividade e desafios de acesso

No que se refere às contribuições da ONHB para o ensino de História, Veiga (2024) identifica o potencial da competição para a construção de uma consciência histórica crítica, capaz de romper com visões positivistas e lineares, estimulando os estudantes a se perceberem como agentes do processo histórico (Veiga, 2024, p. 56; 68; 104; 158). Para os docentes, a olimpíada representa uma oportunidade de ressignificação da prática pedagógica, funcionando como campo de experimentação metodológica e ampliação do repertório de estratégias de ensino. A interação entre professores de diferentes regiões fortalece redes colaborativas e promove a circulação de saberes docentes.

Contudo, desafios estruturais ainda limitam o impacto formativo da olimpíada. Veiga (2024) e Costa Júnior (2017) apontam que a ênfase excessiva na dimensão competitiva pode deslocar o foco da aprendizagem para a busca de premiações, gerando pressões sobre estudantes e professores. Limitações de infraestrutura, como acesso restrito a computadores, laboratórios e internet de qualidade, além de dificuldades financeiras, podem dificultar a participação plena e reduzir a eficácia pedagógica (Leal, 2023; Lima, 2022).

Costa Júnior (2017) alerta para a necessidade de apoio institucional consistente, garantindo que a experiência se consolide como prática educativa integradora, minimizando desigualdades e assegurando participação efetiva nas etapas finais. Veiga (2024), por sua vez, reconhece a tensão competitiva, mas enfatiza que, com orientação pedagógica adequada e suporte institucional, ela pode atuar como estímulo positivo e motor de engajamento acadêmico.

A análise conjunta dessas pesquisas demonstra que o potencial formativo da ONHB depende da qualidade das propostas, da diversidade de fontes e do contexto de suporte das instituições educacionais.

As reflexões apresentadas sobre a ONHB fundamentaram a concepção da OEHSE, indicando caminhos para implementação de uma olimpíada de história inclusiva, crítica e formativa, capaz de valorizar a história local, estimular investigação de fontes e fortalecer práticas pedagógicas inovadoras na Educação Básica sergipana.

2 HISTÓRIA LOCAL, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DO PENSAMENTO HISTÓRICO

O objetivo neste capítulo, é apresentar e discutir os referenciais conceituais que sustentam a Primeira Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHS) como proposta pedagógica. Para isso, abordam-se as contribuições da História Local e Regional como campos legítimos de pesquisa, destacando sua relevância no ensino de História e sua capacidade de conectar o saber escolar à experiência vivida pelos estudantes, ancorada em (Barros, 2022). Em seguida, são examinados os aportes da Didática da História, especialmente a perspectiva reconstrutivista proposta por (Schmidt, 2020), que valoriza a construção ativa do conhecimento e o desenvolvimento da consciência histórica. Por fim, são exploradas as bases para a formação do pensamento histórico, articulando as competências necessárias à compreensão e interpretação crítica do passado e sua aplicação na prática social para demonstrar como esses aportes se materializam na OEHS, demonstrando seu potencial para promover aprendizagens de forma participativa.

2.1 HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: O PEQUENO ESPAÇO COMO OBJETO LEGÍTIMO DE PESQUISA

A concepção da Primeira Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHS) como recurso pedagógico fundamenta-se em uma compreensão do papel da História Local no campo historiográfico. Barros (2022) sustenta que a investigação de pequenos espaços não deve ser vista como secundária ou periférica, mas como parte integrante da produção de conhecimento histórico. Tal abordagem permite observar, em microescala, processos que ajudam a compreender fenômenos mais amplos, possibilitando o diálogo entre diferentes níveis de análise.

Para o autor, a História Local e a História Regional, ao focalizarem territórios delimitados, não se restringem à descrição de eventos isolados, mas buscam articular singularidades e inter-relações com dinâmicas de alcance nacional ou global. Nesse sentido, a noção de “lugar” transcende a dimensão meramente geográfica e assume um caráter social, simbólico e identitário, compreendendo um espaço que incorpora memórias coletivas, práticas culturais e vínculos afetivos (Barros, 2022, p. 7-8).

Esse entendimento rompe com uma visão hierárquica na historiografia, na qual os estudos locais eram considerados de menor relevância. Ao contrário, a análise do pequeno

espaço abre um campo fértil para o desenvolvimento de metodologias próprias e para a valorização das vozes e narrativas das comunidades que nele vivem. Essa perspectiva é essencial para que iniciativas educacionais, como a OEHSE, possam promover um ensino de História que se conecte de forma significativa com a realidade dos estudantes.

A centralidade da história de Sergipe na OEHSE é, uma escolha metodológica e política. Não se trata apenas de selecionar um recorte territorial por conveniência, mas de reconhecer o estado como um lugar historicamente construído, cujos significados moldam as experiências e representações de seus habitantes. Essa concepção aproxima-se da defesa de Barros (2022, p. 110) sobre a necessidade de a História Local responder às demandas internas das comunidades, suprimindo lacunas historiográficas e permitindo que as próprias populações construam e validem suas narrativas históricas.

Na prática, a OEHSE pretende que estudantes e professores se debrucem sobre temas, fontes e problemáticas diretamente ligadas ao território sergipano. Essa escolha rompe com uma tendência ainda presente no ensino de História, que privilegia conteúdos nacionais ou internacionais sem a devida contextualização no espaço vivido. Ao trabalhar identidades, culturas, desigualdades, memórias, patrimônios e desafios contemporâneos, a Olimpíada amplia o repertório escolar e propicia debates que dialogam com o passado e com as urgências do presente.

Além disso, a compreensão de que o estudo do local pode ilustrar totalidades mais amplas reforça a pertinência de iniciativas como a OEHSE. Pesquisas sobre municípios, comunidades ou manifestações culturais específicas podem revelar estruturas socioeconômicas, relações de poder e dinâmicas culturais que atravessam diferentes escalas. No contexto brasileiro, onde a diversidade cultural e a dimensão territorial dificultam generalizações, a articulação entre História Local e História Regional, entendida aqui como construção historiográfica e não como mera divisão administrativa, confere à OEHSE um caráter singular e inovador.

2.2 DIDÁTICA DA HISTÓRIA E PENSAMENTO HISTÓRICO

Schmidt (2020) propõe que o ensino de História seja entendido como uma experiência interpretativa e ativa, na qual o conhecimento não é apenas transmitido, mas reconstruído em interação com a realidade dos estudantes. Esse paradigma desloca o foco da memorização de informações para a formação de competências críticas, interpretativas e reflexivas. O aprendizado histórico, nessa perspectiva, deve contribuir para a formação humana integral,

preservando a cultura, fomentando a tolerância e desenvolvendo a consciência histórica (Schmidt, 2020, p. 7-9).

O papel do professor, segundo essa abordagem, é atuar como mediador e orientador, auxiliando os estudantes a transformarem informações históricas em conhecimento significativo. Isso implica realizar a transposição didática, um processo de adaptação do saber acadêmico para o contexto escolar, de forma que o conteúdo seja compreensível e relevante para a vida cotidiana (Schmidt, 2020, p. 19-26). Ao valorizar o “saber fazer”, o ensino de História incentiva a aplicação prática do conhecimento, reforçando a capacidade dos estudantes de interpretar o mundo que os cerca.

A OEHSE, ao inserir problemáticas locais como ponto de partida para a investigação histórica, opera como exemplo concreto dessa “didática reconstrutivista”. Os estudantes assimilam conteúdos e desenvolvem habilidades de análise, interpretação de fontes e construção de narrativas próprias. Essa abordagem contribui para uma aprendizagem que ultrapassa a sala de aula e se projeta no cotidiano e na atuação cidadã.

2.3 APRENDIZAGEM HISTÓRICA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

A teoria da aprendizagem histórica de Rüsen (2012) aprofunda a compreensão da consciência histórica ao colocá-la como núcleo do processo de ensino e aprendizagem. Para o autor, a consciência histórica é a forma como indivíduos e coletividades interpretam o passado, orientam-se no presente e projetam o futuro, atribuindo sentido à experiência temporal. Essa dimensão é fundamental para que o ensino de História cumpra sua função social de formar cidadãos capazes de agir criticamente no mundo (Rüsen, 2012 apud Schmidt, 2020, p. 25).

Schmidt (2020) reforça que o conhecimento histórico precisa dialogar com a vida e a identidade dos estudantes, de modo que estes possam compreender-se como sujeitos históricos. A cultura histórica, nesse sentido, é o conjunto de representações, práticas e usos do passado que permitem uma relação crítica com a história. A OEHSE, ao propor tarefas interpretativas e investigativas, atua como mobilizadora dessa consciência, estimulando a reflexão sobre identidades, memórias e desafios contemporâneos à luz da história local.

Essa articulação entre teoria e prática favorece o desenvolvimento de uma aprendizagem histórica situada, na qual os estudantes percebem o passado como elemento vivo e mobilizador de ações no presente. Ao tratar do patrimônio cultural sergipano, de

conflitos sociais e de processos econômicos regionais, a Olimpíada cria condições para que a consciência histórica se forme de maneira ativa e crítica.

2.4 FORMAÇÃO DO PENSAMENTO HISTÓRICO E DIDÁTICA RECONSTRUTIVISTA

A formação do pensamento histórico é apontada por Schmidt (2020, p. 93-102) como finalidade última da didática reconstrutivista. Inspirando-se em Rüsen (2001) e Seixas (2006), a autora destaca que essa capacidade envolve compreender, interpretar e explicar criticamente os processos históricos. A matriz proposta por Rüsen, que articula métodos, formas, funções, interesses e atribuição de sentido por meio da narrativa, constitui um referencial para investigar como essas competências podem ser desenvolvidas em sala de aula.

Schmidt (2020) sistematiza, a partir de Rüsen e Seixas, a Matriz de Competências do Pensamento Histórico, que engloba dimensões como experiência, significância, evidência, mudança, empatia, interpretação, explicação, motivação e orientação. A OEHSE, ao envolver os participantes na análise de fontes, na interpretação de eventos e na construção de narrativas históricas, estimula de forma integrada essas dimensões.

Essa proposta de ensino favorece essa relação mais consciente, mais crítica com o passado, contribuindo para que os estudantes construam explicações fundamentadas e posicionamentos informados. Ao mesmo tempo, cria as oportunidades para que a história ensinada dialogue diretamente com a realidade vivida, assim, fortalecendo o vínculo entre conhecimento escolar e prática social.

2.5 METODOLOGIAS ATIVAS E A “AULA HISTÓRICA”

Entre as metodologias alinhadas a essa perspectiva, Schmidt (2020, p. 125-132) destaca a “Aula Histórica” como estratégia para operacionalizar os princípios da didática reconstrutivista. Essa metodologia organiza o ensino de História a partir da problematização, da pesquisa, da análise de fontes e da elaboração de respostas, sempre com foco na construção de sentido para a vida prática dos estudantes.

Embora a OEHSE não se configure como uma aula formal, suas etapas reproduzem processos semelhantes: os estudantes partem de problemas históricos concretos, investigam documentos, interpretam dados e constroem narrativas próprias. Esse percurso investigativo contribui para o protagonismo discente e para a construção de competências críticas associadas à história local.

Assim, a Olimpíada funciona como espaço de aprendizagem ativa, no qual a pesquisa histórica deixa de ser apenas conteúdo para se tornar prática vivida. Ao estimular a autoria, a colaboração e o pensamento crítico, a OEHSE reafirma o potencial das metodologias ativas para transformar o ensino de História em um processo significativo e socialmente relevante.

3 A PARTICIPAÇÃO DE SERGIPE NA OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB): ANÁLISE E REFLEXÕES

Neste capítulo, analisa-se a participação das escolas do estado de Sergipe na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), com o objetivo de identificar tendências ao longo das edições e padrões de envolvimento por tipo de escola, série e município. A análise apoia-se em dados fornecidos pela coordenação da ONHB, solicitados por e-mail por meio da Coordenação do Curso de Mestrado em História da UFS, abrangendo da 5ª até a 15ª edição da Olimpíada, com um olhar prospectivo sobre a 16ª edição, realizada em 2024.

3.1 A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL E SUA INSERÇÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO

A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) é uma iniciativa de grande relevância para o ensino de História no país, promovendo a articulação entre o rigor acadêmico e a prática pedagógica. Ao longo de suas edições, a Olimpíada tem ampliado a inclusão de diferentes perfis de estudantes e escolas, especialmente da rede pública, incentivando a participação de professores e alunos em experiências que extrapolam a sala de aula e estimulam o pensamento histórico crítico.

No contexto sergipano, a participação das escolas na ONHB inicia-se a partir da 5ª edição, em 2013. Dados fornecidos pela Coordenação da ONHB, referentes à 5ª até a 15ª edição, revelam tendências e padrões de participação que permitem compreender o envolvimento do estado na competição, oferecendo subsídios para a análise do impacto pedagógico e social da Olimpíada.

3.2 A TRAJETÓRIA DAS EQUIPES SERGIPANAS NA ONHB

Nas tabelas que se seguem, são apresentados dados detalhados sobre a participação de escolas das redes privada e pública de Sergipe na ONHB ao longo da 5ª até a 15ª edição, diferenciando entre equipes inscritas e equipes finalistas convocadas.

Tabela 1. Escolas sergipanas participantes da ONHB por tipo

EDICAO_ONHB		5 ONHB	6 ONHB	7 ONHB	8 ONHB	9 ONHB	10 ONHB	11 ONHB	12 ONHB	13 ONHB	14 ONHB	15 ONHB	Total
Tipo	Finalista												
Privada	Total	107	121	101	92	74	130	148	209	154	279	370	1.773
	Não Convocada	106	121	101	92	73	129	147	205	148	271	368	1.750
	Finalista	1				1	1	1	4	6	8	2	24
Pública	Total	63	46	50	39	31	25	72	105	40	75	247	791
	Não Convocada	62	44	50	39	31	25	72	102	36	72	245	776
	Finalista	1	2						3	4	3	2	15
Total		170	167	151	131	105	155	220	314	194	354	617	2.549

Fonte: Coordenação da ONHB (2024).

Ao longo das dez edições analisadas, as escolas privadas registraram um total de 1.773 participações, enquanto as públicas somaram 791. Observa-se que, a partir da 10^a edição, o número de participantes aumentou de forma significativa, atingindo pico na 15^a edição. Esse crescimento pode estar relacionado à maior divulgação da Olimpíada e à implementação da iniciativa “Embaixadores da ONHB”, criada na 12^a edição com o objetivo de engajar professores na promoção da competição em suas comunidades escolares e municípios. Por meio dessa ação, os docentes recebiam uma carta de apresentação e materiais da ONHB, como cartazes e fitas, para divulgação local da Olimpíada.

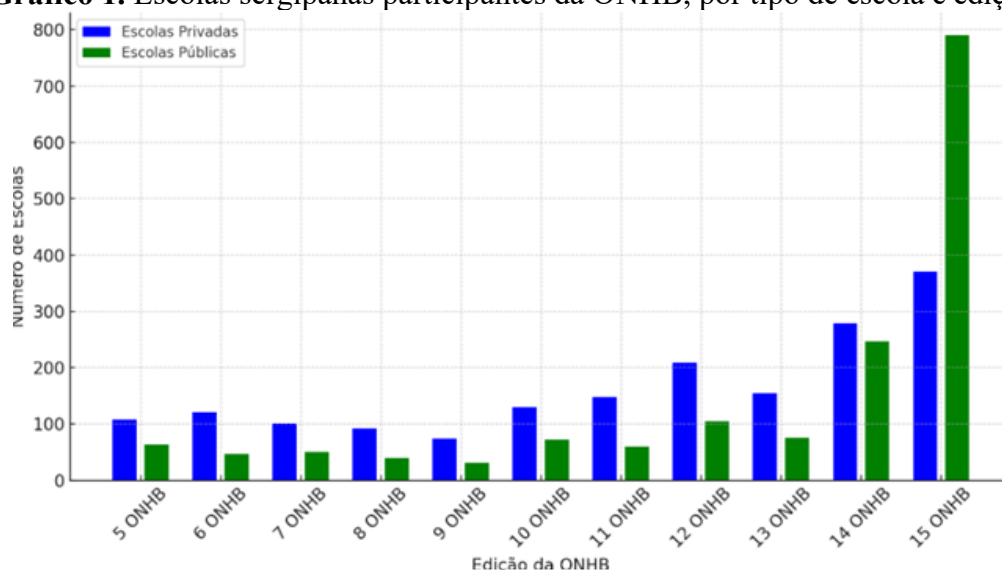
Entre as equipes finalistas, as escolas privadas tiveram 24 equipes convocadas, enquanto as públicas contaram com 15, totalizando 39 equipes na final em Campinas. Embora o número absoluto das escolas privadas seja maior, a análise proporcional revela equilíbrio: aproximadamente 1,4% das escolas privadas e 1,9% das públicas chegaram à final, indicando uma representatividade equânime. Esse equilíbrio tornou-se mais evidente a partir da 12^a edição, refletindo a inclusão do critério de representatividade no regulamento da 11^a edição, que garante que cada estado da Federação tenha, no mínimo, duas equipes de escolas públicas na competição.

Vale destacar que, na 11^a edição, nenhuma equipe de escola pública chegou à final, possivelmente devido à desistência de equipes ou à não submissão da tarefa final. Já na 15^a edição, tanto escolas públicas quanto privadas apresentaram o mesmo número de finalistas, evidenciando o efeito das medidas de representatividade e critérios que buscam assegurar equidade entre os participantes, considerando diversidade regional e desempenho acadêmico.

A análise temporal das edições também revela tendências claras: a participação das equipes sergipanas aumentou de forma consistente a partir da 10^a edição, com influência direta da maior divulgação e da atuação dos “Embaixadores da ONHB”, mesmo após o impacto do período pandêmico iniciado em 2020, que temporariamente reduziu a participação. Entre 2022 e 2023, a adesão voltou a crescer, especialmente entre escolas públicas, chegando a 247 equipes na 15^a edição.

O Gráfico 1 apresenta a participação total das equipes das instituições sergipanas na ONHB, diferenciadas por tipo de escola (privada ou pública) em cada edição. Observa-se que, de maneira consistente, as escolas privadas registram maior número de participantes em todas as edições analisadas. A diferença entre os tipos de escola torna-se mais acentuada a partir da 12ª edição, o que pode estar relacionado à implementação da iniciativa “Embaixadores da ONHB”, destinada a engajar professores na divulgação da competição em suas comunidades escolares, especialmente nas escolas públicas.

Gráfico 1. Escolas sergipanas participantes da ONHB, por tipo de escola e edição



Fonte: Adaptação da autora/ONHB (2024).

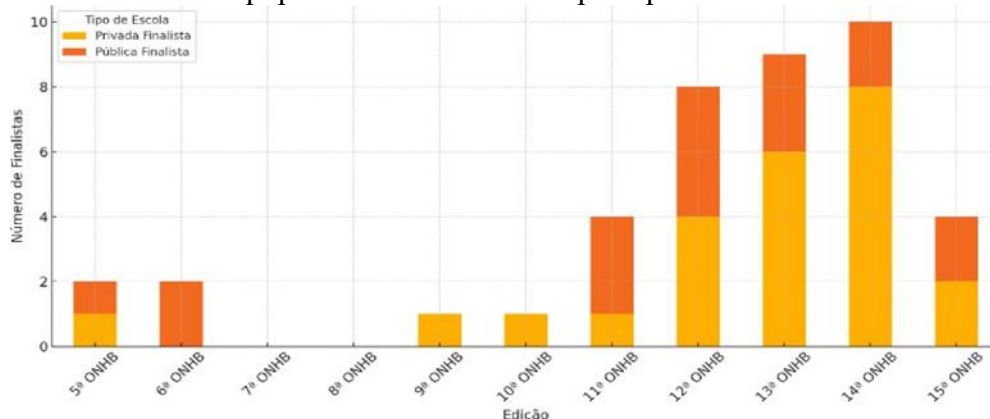
Um destaque relevante ocorre na 13ª edição, quando se verifica uma queda acentuada na participação de equipes de ambos os tipos de escola. Essa redução corresponde ao ano de 2021 e reflete diretamente os efeitos da pandemia de COVID-19, que impôs restrições e desafios à adesão das instituições à competição, afetando tanto o número de inscrições quanto a continuidade de participação das equipes.

De forma geral, o Gráfico 1 mostra que, embora as escolas privadas mantenham maior presença na competição, há uma tendência de aumento gradual da participação das escolas públicas a partir da 12ª edição, indicando que medidas de incentivo, como a atuação dos embaixadores, têm contribuído para reduzir desigualdades estruturais na participação de estudantes sergipanos na ONHB.

O Gráfico 2 apresenta a distribuição das equipes escolares finalistas por tipo de escola na ONHB, distinguindo entre instituições privadas e públicas. A partir da análise dos dados, observa-se que a competição busca promover um equilíbrio na participação das diferentes

unidades federativas e instituições de ensino, considerando as desigualdades estruturais que podem afetar o desempenho dos estudantes.

Gráfico 2. Equipes escolares finalistas por tipo de escola na ONHB



Fonte: Adaptação da autora/ONHB (2024).

A ONHB, ao longo de suas edições, tem ampliado de forma significativa a inclusão de escolas públicas, adotando critérios que garantem a representatividade dessas instituições na etapa final. Esses critérios não se limitam ao desempenho acadêmico nas fases classificatórias, mas contemplam a distribuição equitativa de vagas entre escolas públicas e privadas, assegurando oportunidades concretas para estudantes que, historicamente, podem estar em desvantagem em relação aos colegas das instituições particulares.

Dessa maneira, a Olimpíada atua como um instrumento pedagógico e social, incentivando a participação ativa de professores e estudantes da rede pública, fortalecendo o protagonismo desses alunos na produção e interpretação do conhecimento histórico. Ao promover essa inclusão, a competição reforça seu compromisso com a democratização do acesso ao ensino de História, reconhecendo e valorizando a capacidade analítica de jovens de diferentes contextos socioeconômicos, e consolidando-se como um espaço de formação crítica e de estímulo ao pensamento histórico.

A seguir Tabela 2 apresenta dados sobre a participação de equipes de diferentes séries de ensino na ONHB ao longo de suas edições, da 5ª à 15ª. Observou-se que as séries do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos) apresentam uma participação significativamente maior em comparação com as outras categorias. O Ensino Fundamental (8º e 9º anos) também participa, mas em menor escala, com destaque para o 9º ano do Ensino Fundamental, que possui um total de 1.188 participações.

Tabela 2. Participação de equipes escolares sergipanas na ONHB por série

EDICAO_ONHB	5 ONHB	6 ONHB	7 ONHB	8 ONHB	9 ONHB	10 ONHB	11 ONHB	12 ONHB	13 ONHB	14 ONHB	15 ONHB	Total
Serie												
Sem Informação								192	105	171	3	471
1º ano do Ensino Médio	114	78	63	108	93	102	147	171	120	231	393	1620
2º ano do Ensino Médio	162	141	189	132	105	132	207	240	123	246	450	2127
3º ano do Ensino Médio	171	144	108	72	48	75	126	108	90	162	405	1509
4º ano do Ensino Médio	12	21	9						3			45
8º ano do Ensino Fundamental	15	39	45	39	21	48	75	72	39	102	255	750
9º ano do Ensino Fundamental	36	78	39	42	48	108	102	156	96	150	333	1188
Educação de Jovens e Adultos (EJA)							3	3	6		12	24
Total	510	501	453	393	315	465	660	942	582	1062	1851	7734

Fonte: Coordenação da ONHB (2024).

A seguir, a Tabela 3 apresenta dados sobre a participação de equipes de diferentes séries de ensino na ONHB ao longo de suas edições, da 5ª à 15ª. Observou-se que as séries do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos) apresentam uma participação significativamente maior em comparação com as outras categorias. O Ensino Fundamental (8º e 9º anos) também participa, mas em menor escala, com destaque para o 9º ano do Ensino Fundamental, que possui um total de 1.188 participações.

Tabela 3. Participação de equipes escolares sergipanas na ONHB por série

EDICAO_ONHB	5 ONHB	6 ONHB	7 ONHB	8 ONHB	9 ONHB	10 ONHB	11 ONHB	12 ONHB	13 ONHB	14 ONHB	15 ONHB	Total
Serie												
Sem Informação								192	105	171	3	471
1º ano do Ensino Médio	114	78	63	108	93	102	147	171	120	231	393	1620
2º ano do Ensino Médio	162	141	189	132	105	132	207	240	123	246	450	2127
3º ano do Ensino Médio	171	144	108	72	48	75	126	108	90	162	405	1509
4º ano do Ensino Médio	12	21	9						3			45
8º ano do Ensino Fundamental	15	39	45	39	21	48	75	72	39	102	255	750
9º ano do Ensino Fundamental	36	78	39	42	48	108	102	156	96	150	333	1188
Educação de Jovens e Adultos (EJA)							3	3	6		12	24
Total	510	501	453	393	315	465	660	942	582	1062	1851	7734

Fonte: Coordenação da ONHB (2024).

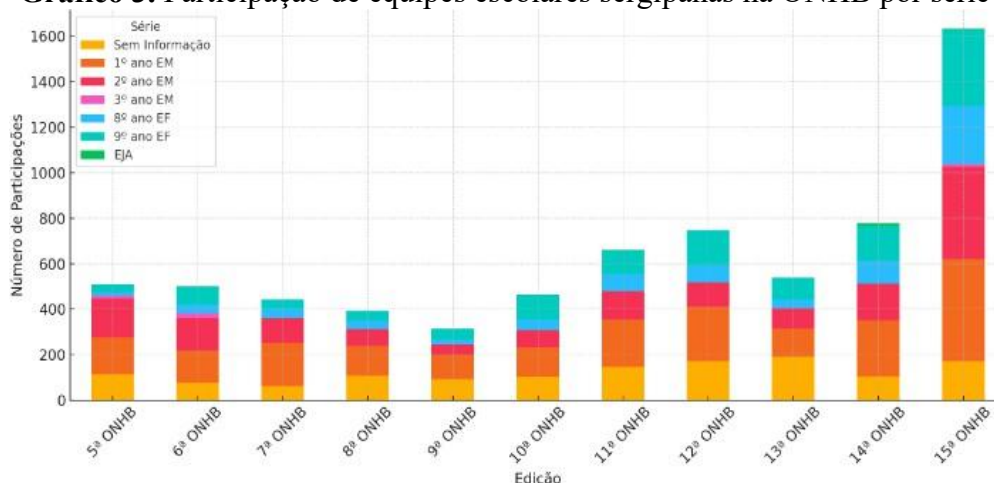
A análise da Tabela 3 mostra como a ONHB amplia os espaços para modalidades educacionais antes não contempladas como as equipes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que estiveram presentes em apenas quatro edições, totalizando 12 equipes. Esses dados refletem como essa modalidade de ensino ainda enfrenta desafios no acesso a oportunidades educacionais diferenciadas, como a ONHB, destacando a necessidade de maior inclusão e incentivo à participação desses estudantes.

Esses dados apontam para uma possível exclusão sofrida pelos alunos da EJA, demonstrando a necessidade de maior inserção desses estudantes em iniciativas que incentivem a participação ativa em competições educacionais. Dessa forma, será possível

também estimular o aprendizado da história nesse nível escolar, promovendo um ambiente educacional mais equitativo e ampliando as possibilidades de desenvolvimento desses alunos.

A observação da participação das equipes por série revela nuances importantes sobre o engajamento dos estudantes sergipanos na ONHB. O Gráfico 3 mostra que o 2º ano do Ensino Médio se destaca com a maior presença ao longo das edições, totalizando 2.127 participações, enquanto as demais séries do Ensino Fundamental e Médio apresentam uma distribuição mais diversificada, indicando padrões distintos de envolvimento.

Gráfico 3. Participação de equipes escolares sergipanas na ONHB por série



Fonte: Adaptação da autora/ONHB (2024).

Ao relacionar esses dados com a experiência prática da pesquisadora na orientação das equipes, verifica-se que os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental demonstram maior domínio dos conteúdos, favorecendo o desenvolvimento das atividades pelos professores. Por outro lado, os estudantes da 1ª série do Ensino Médio encontram-se em fase de transição entre etapas escolares, o que pode refletir menor familiaridade com a dinâmica da competição, sobretudo entre aqueles que não participaram de edições anteriores. Já os alunos da 2ª série do Ensino Médio apresentam níveis mais altos de engajamento, muitas vezes motivados por colegas com experiência prévia na Olimpíada, o que contribui para a formação de novas equipes e a continuidade do projeto pedagógico.

A participação dos alunos do 3º ano do Ensino Médio é mais limitada, possivelmente em função da priorização dos estudos voltados para o ENEM, resultando em menor adesão às olimpíadas. Quanto à Educação de Jovens e Adultos (EJA), a presença permanece restrita, com apenas 24 participações registradas ao longo das edições. Além disso, existem 471 registros sem informação sobre a série, apontando lacunas nos dados coletados e sugerindo a necessidade de aprimoramento na sistematização das informações.

A Tabela 4 apresenta a participação das equipes das escolas públicas e privadas de Sergipe na ONHB, discriminada por série e tipo de escola, ao longo das edições que contemplam equipes do estado, ou seja, da 5ª à 15ª.

Tabela 4. Participação de equipes estudantis na ONHB por ano/série

EDICAO_ONHB	5 ONHB	6 ONHB	7 ONHB	8 ONHB	9 ONHB	10 ONHB	11 ONHB	12 ONHB	13 ONHB	14 ONHB	15 ONHB	
Tipo_Esco_Serie	5 ONHB	6 ONHB	7 ONHB	8 ONHB	9 ONHB	10 ONHB	11 ONHB	12 ONHB	13 ONHB	14 ONHB	15 ONHB	
Privada	Total	321	363	303	276	222	390	444	627	462	837	1110
	1º ano do Ensino Médio	81	66	36	84	72	90	81	117	96	162	195
	2º ano do Ensino Médio	123	111	129	87	69	123	141	138	87	165	225
	3º ano do Ensino Médio	72	84	54	33	27	66	78	66	54	93	180
	4º ano do Ensino Médio									3		
	8º ano do Ensino Fundamental	12	36	45	39	18	30	60	63	36	102	222
	9º ano do Ensino Fundamental	33	66	39	33	36	81	81	126	87	147	285
	Educação de Jovens e Adultos (EJA)							3				
Pública	Total	189	138	150	117	93	75	216	315	120	225	741
	1º ano do Ensino Médio	33	12	27	24	21	12	66	54	24	69	198
	2º ano do Ensino Médio	39	30	60	45	36	9	66	102	36	81	225
	3º ano do Ensino Médio	99	60	54	39	21	9	48	42	36	69	225
	4º ano do Ensino Médio	12	21	9								
	8º ano do Ensino Fundamental	3	3			3	18	15	9	3		33
	9º ano do Ensino Fundamental	3	12		9	12	27	21	30	9	3	48
	Educação de Jovens e Adultos (EJA)							3	6			12
Total		510	501	453	393	315	465	660	942	582	1062	1851

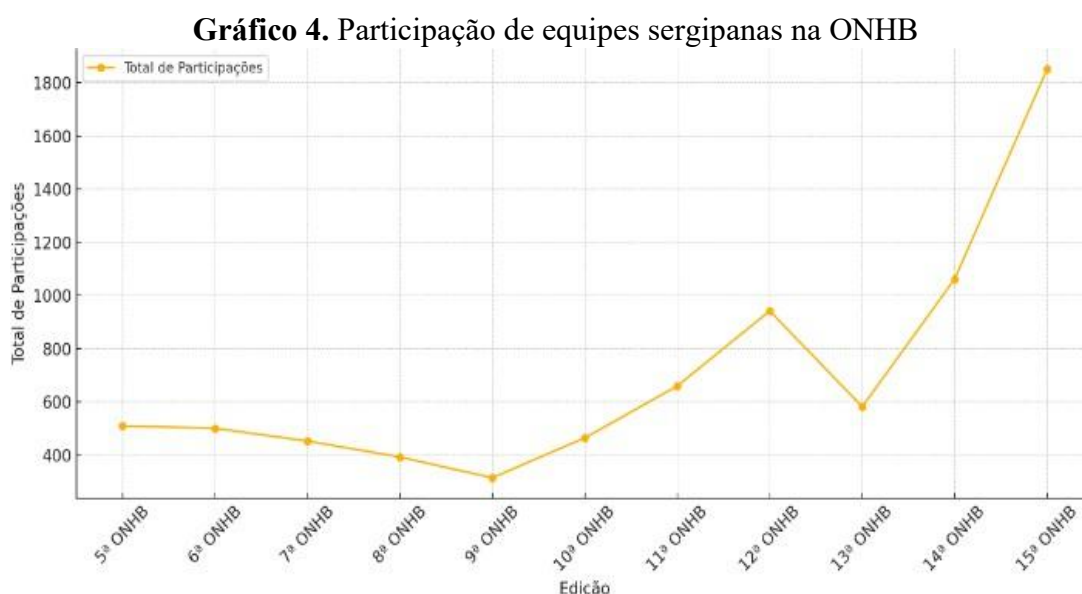
Fonte: Coordenação da ONHB (2024).

Em termos gerais, observa-se que as escolas privadas mantêm predominância na participação em quase todas as edições, destacando-se especialmente na 10ª edição, com um total de 1.110 alunos inscritos, enquanto as escolas públicas somaram 741 participantes no mesmo período. A participação de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) permanece baixa em ambas as categorias, apresentando pequenas variações ao longo das edições.

Analisando as séries, nas escolas privadas, os alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio apresentam participação consistente e expressiva, totalizando 318 e 292 inscritos, respectivamente. A presença do 3º ano do Ensino Médio é significativa nas edições iniciais, mas apresenta queda nas edições posteriores. Nas escolas públicas, os 1º e 2º anos do Ensino Médio também se destacam, com 219 e 259 participações, respectivamente.

Além disso, o 9º ano do Ensino Fundamental mostra participação relevante nas edições mais recentes. A partir da 10ª edição, observa-se um crescimento significativo no número total de participantes, atingindo um pico na 15ª edição, com 1.851 inscrições, seguido pela 14ª edição, com 1.062 participantes. Entre a 7ª e a 9ª edições, nota-se uma queda na participação, que é revertida a partir da 12ª edição, mostrando um aumento constante tanto nas escolas públicas quanto nas privadas até a 15ª edição. Essa tendência indica, possivelmente, maior divulgação da competição e ampliação do interesse de alunos e professores ao longo dos anos.

O Gráfico 4 apresenta a participação total de equipes sergipanas em cada edição da ONHB. Assim como observado nos dados anteriores, verifica-se um aumento significativo no número de participantes ao longo das edições, com destaque para o período a partir da 10ª edição, atingindo o pico na 15ª edição. Esse crescimento pode ser influenciado por diversos fatores, incluindo alterações nas regras da competição, aprimoramentos na organização e maior engajamento de escolas e alunos.



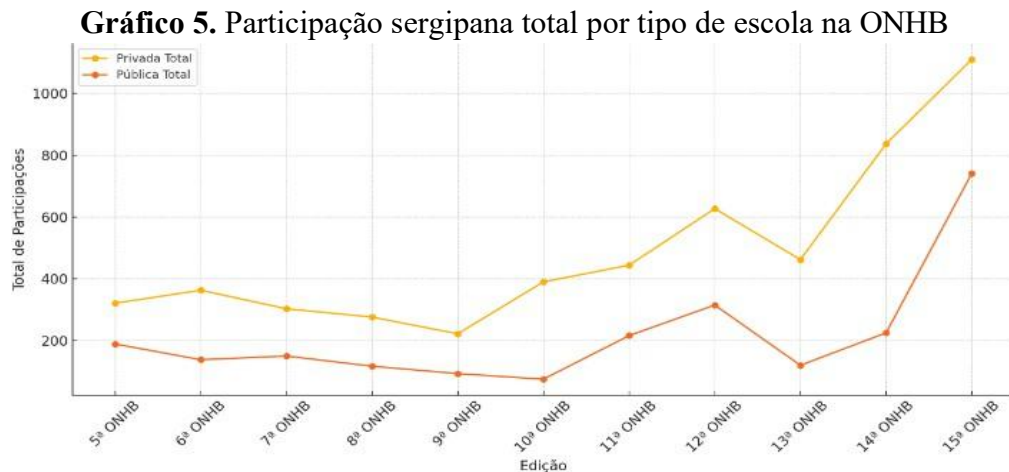
Fonte: Adaptação da autora/ONHB (2024).

A análise dos dados indica que a ONHB atrai predominantemente alunos do Ensino Médio, com ênfase no 2º ano, que se destaca por sua participação mais expressiva em relação às demais séries. Por outro lado, observa-se a baixa participação da Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como a existência de registros sem informação sobre a série dos participantes, aspectos que merecem investigação complementar.

De forma geral, nota-se uma tendência de crescimento contínuo no número de participantes ao longo das edições, principalmente nas séries do Ensino Médio. Embora as escolas privadas mantenham maior presença na competição, as escolas públicas vêm registrando aumento consistente, sobretudo nas edições mais recentes. Nesse contexto, as séries do Ensino Médio constituem o principal contingente de participantes em ambas as categorias, refletindo a relevância dessa etapa escolar para o engajamento na Olimpíada.

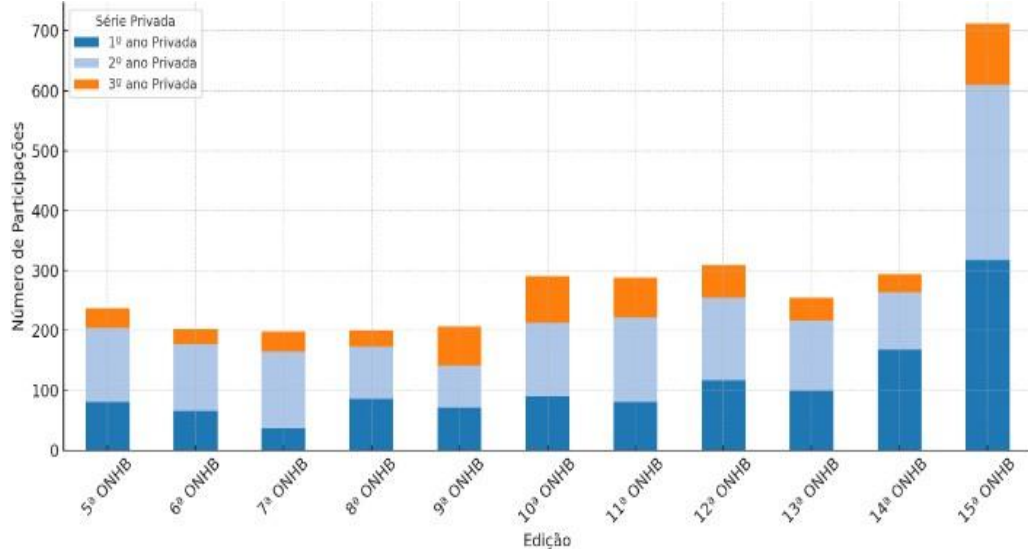
O Gráfico 5 mostra a evolução do número total de participações das escolas privadas e públicas de Sergipe ao longo das edições da ONHB. Observa-se que as **escolas privadas** apresentam um crescimento consistente na participação, enquanto as **escolas públicas**

mostram uma trajetória mais irregular, com variações significativas entre edições. o Gráfico 5, é possível observar a evolução do total de participações nas escolas privadas e públicas ao longo das edições da ONHB. Observa-se que, as escolas privadas tiveram um aumento consistente, enquanto as escolas públicas tiveram uma participação mais irregular.



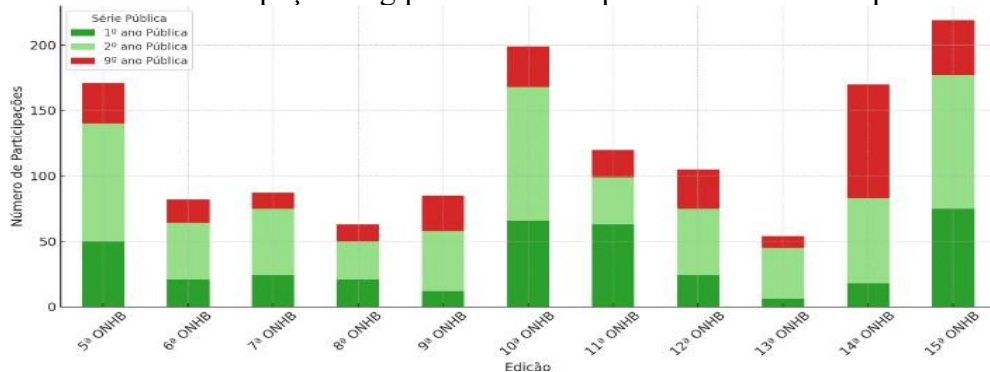
O aumento contínuo das escolas privadas pode estar associado a condições de trabalho específicas para os professores envolvidos na Olimpíada, bem como à maior procura dos estudantes por vagas na competição. Em contrapartida, a participação das escolas da **rede pública** reflete desafios estruturais que precisam ser superados. Entre eles, destacam-se a falta de horários específicos na carga horária para orientação de equipes, dificuldades de acesso a recursos tecnológicos adequados e conexão à internet de qualidade. Tais obstáculos influenciam diretamente a desistência de professores e alunos, impactando a regularidade da participação dessas instituições.

A análise dos Gráficos 6 e 7 evidencia que a orientação das equipes e o domínio dos conteúdos pedagógicos são fatores determinantes para o engajamento dos estudantes. Assim como ocorre nas escolas privadas, a participação do 3º ano do Ensino Médio é limitada, reforçando a influência do ENEM sobre o comprometimento com a Olimpíada.

Gráfico 6. Participação sergipanana ONHB das escolas privadas por série

Fonte: Adaptação da autora/ONHB (2024).

A comparação entre os gráficos mostra que, embora as escolas privadas mantenham uma presença constante ao longo das edições, a rede pública apresenta crescimento significativo em algumas séries, especialmente a partir da 12ª edição, possivelmente impulsionado pela ação dos Embaixadores da ONHB e por iniciativas de divulgação e incentivo à participação estudantil. Ainda assim, a participação das escolas públicas permanece sensível a desafios estruturais, como a disponibilidade de tempo para orientação, recursos tecnológicos e conectividade, fatores que impactam diretamente a formação e o desempenho das equipes.

Gráfico 7. Participação sergipanana ONHB por série das escolas públicas

Fonte: Adaptação da autora/ONHB (2024).

A Tabela 5 apresenta a distribuição da participação das equipes sergipanas na ONHB, organizada por cidade do estado ao longo das edições analisadas.

Observa-se que Aracaju se destaca como a cidade com maior número de participações em quase todas as edições, alcançando 231 participações na 15ª ONHB, o que evidencia um

interesse crescente e consolidado pela competição. Em seguida, Lagarto apresenta participação significativa, especialmente a partir da 9ª edição, atingindo um pico de 202 participações na 15ª edição, demonstrando crescimento constante ao longo do tempo.

Tabela 5. Número de cidades participantes na ONHB em Sergipe

EDICAO_ONHB Cidade	5 ONHB	6 ONHB	7 ONHB	8 ONHB	9 ONHB	10 ONHB	11 ONHB	12 ONHB	13 ONHB	14 ONHB	15 ONHB
Aracaju	94	102	93	88	66	113	90	122	88	172	231
Areia Branca							1				
Barra dos Coqueiros							2	1			10
Boquim					1		3	10	8	6	10
Brejo Grande						2	2				
Campo do Brito										1	
Capela				2				1			2
Carira											3
Cedro de São João										1	
Estância	1	2	1	2		1		3	1	2	3
Frei Paulo											1
General Maynard										1	
Gracho Cardoso							5				
Ilha das Flores					4						
Itabaiana	18	9		3	4	3	11	24	14	11	57
Itabaianinha	1									31	19
Itaporanga d'Ajuda		7	8						1		1
Japoatã					3						2
Lagarto	43	30	39	22	8	18	66	115	69	83	202
Laranjeiras		2									
Malhador		2									
Maruim									1	2	2
Moita Bonita											4
Monte Alegre de Sergipe		1									
Muribeca		1	3	4			1				2
Nossa Senhora da Glória			2	5	8		4	6	1		
Nossa Senhora das Dores										1	
Nossa Senhora do Socorro			4		5	6	14	10	1	7	23
Pacatuba							1				
Pedrinhas						1					1
Poço Redondo				2							

Fonte: Coordenação da ONHB (2024).

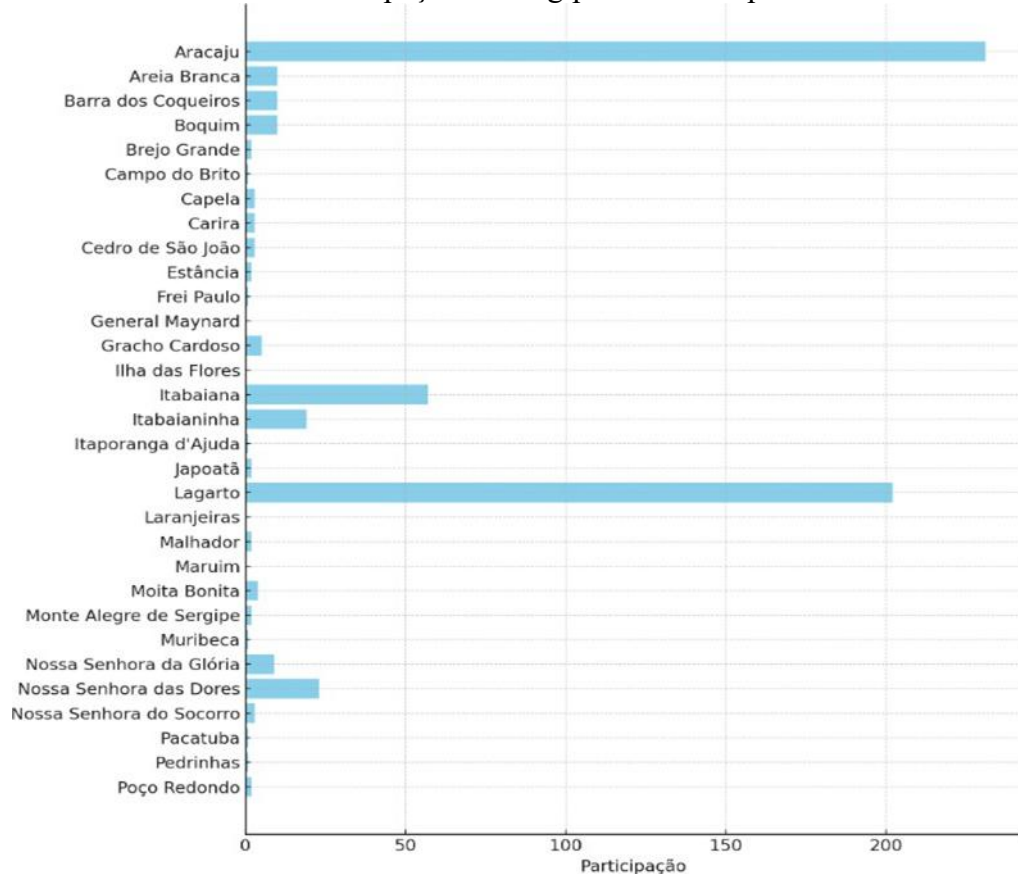
Outras cidades como Itabaiana também apresentam aumento progressivo de participação, com 57 equipes na 15ª edição. Já Estância, Nossa Senhora do Socorro e Nossa Senhora das Dores tiveram participações mais variáveis, com anos de maior envolvimento. Municípios como Barra dos Coqueiros, Boquim e Cedro de São João apresentaram participação esporádica, sugerindo menor consistência na adesão à competição nesses locais.

De modo geral, observa-se um aumento na participação total das escolas públicas e privadas de Sergipe nas edições mais recentes, como evidenciado pelo Gráfico 8, indicando que a ONHB tem se tornado mais popular no estado. Nota-se, ainda, que a capital e os municípios maiores ou mais centrais tendem a ter participação mais expressiva, possivelmente refletindo melhores condições de infraestrutura escolar e maior promoção do evento localmente.

O Gráfico 8 mostra a participação das equipes sergipanas na ONHB por cidade, permitindo analisar como a competição influencia o interesse pela história em diferentes regiões e o papel das políticas educacionais locais no incentivo à participação. Entre os fatores

que contribuem para o aumento do número de participantes, tanto no Brasil quanto em Sergipe, destaca-se a iniciativa “Embaixador(a) da ONHB”, criada em 2012.

Gráfico 8. Participação de Sergipe na ONHB por cidade



Fonte: Adaptação da autora/ONHB (2024).

Essa estratégia visou engajar professores orientadores, que se inscrevem, recebem uma carta de apresentação autorizando a divulgação da Olimpíada em suas comunidades e municípios e materiais oficiais para distribuição em escolas e Secretarias de Educação. O programa ampliou a presença local e o engajamento presencial, impactando positivamente os períodos de inscrição e a adesão das equipes.

O movimento sofreu uma interrupção em 2020 e 2021 devido à pandemia de COVID-19, provocando queda significativa na participação das instituições na 13ª edição da ONHB. Em 2022, na 14ª edição, a iniciativa foi retomada, registrando 18 mil equipes participantes, número que aumentou consideravelmente na 15ª edição (30.524 equipes), coincidente com a comemoração dos 15 anos da competição. A 16ª edição apresentou crescimento extraordinário, com 51.200 equipes, impulsionado também pela gratuidade da inscrição para escolas públicas, eliminando um entrave significativo à participação em diversas regiões do país, inclusive em Sergipe.

Durante a pandemia, a ONHB adaptou-se às condições adversas com a criação da ONHB-Aberta, modalidade lançada para permitir a participação de estudantes e professores em formato remoto, acessível e flexível. Essa versão da competição possibilitou a continuidade do estudo da história em tempos desafiadores e, mesmo após o período crítico da pandemia, permaneceu em funcionamento, já em sua quinta edição. Além de democratizar o acesso, por dispensar a etapa presencial, a ONHB-A tornou-se um ambiente de treino e adaptação para novas equipes.

Ademais, a partir da segunda edição da ONHB-A, os estudantes medalhistas passaram a receber bolsas de estudo de Iniciação Científica Júnior (ICJr), concedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Essa medida incentivou a participação, ampliou oportunidades acadêmicas e potencializou o impacto da Olimpíada nas trajetórias educacionais dos estudantes.

3.3 AÇÕES DE PARTILHA E DIVULGAÇÃO DA EXPERIÊNCIA NA ONHB

Nos anos de 2023 e 2024, após a fase final realizada na Unicamp e a interação com professores de diferentes regiões do Brasil, docentes sergipanos passaram a integrar o grupo de orientadores e Embaixadores da ONHB (Figura 1). Durante esse período, foram promovidos encontros e oficinas com professores da rede pública estadual de Sergipe, com o objetivo de compartilhar experiências das equipes finalistas e estimular a participação de escolas locais na competição nacional. Esses momentos de troca mostraram-se fundamentais para ampliar a presença de instituições sergipanas na ONHB.

Figura 1. Carta Embaixadora ONHB 15ª e 16ª edições



Fonte: Página da ONHB em login da autora (2023/2024).

O primeiro momento dessa partilha ocorreu em setembro de 2023, no auditório do Centro de Excelência José Figueiredo Barreto, durante a oficina “Diálogos entre o Ensino de História e a Olimpíada Nacional em História do Brasil” (Figura 2), quando, junto aos estudantes das equipes finalistas, discutiu-se sobre a competição, as provas e a experiência de participar da fase final em Campinas-SP, envolvendo vinte professores da rede pública estadual de Sergipe, provenientes da capital e de municípios do interior.

Figura 2. Aracaju/SE: Oficina Diálogos entre o Ensino de História e a ONHB



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

O segundo momento ocorreu durante a Jornada Pedagógica 2024, promovida pela Diretoria Regional-8 (DRE-8) vinculada à Secretaria de Estado da Educação (SEED), no município de Nossa Senhora do Socorro, em fevereiro de 2024. Nessa ocasião, realizou-se a oficina “Olimpíadas Científicas como Ferramenta Pedagógica” (Figura 3), com a participação de 43 professores da regional. Esses eventos mostraram-se relevantes para ampliar a participação de Sergipe na ONHB e em outras olimpíadas científicas.

Figura 3. Oficina Olimpíadas Científicas como Ferramenta Pedagógica



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Outro fator que contribuiu para o aumento da participação de equipes foi a premiação oferecida pela SEED aos membros das equipes medalhistas em competições científicas, incluindo estímulos financeiros (medalha de ouro, R\$ 5.000,00; medalha de prata, R\$ 3.000,00; medalha de bronze, R\$ 2.000,00), destinados a professores e estudantes.

Em 2023, equipes sergipanas premiadas com incentivo financeiro incluíram a equipe LittleHistorians, do Centro de Excelência Deputado Jonas Amaral, medalhista de prata na 3ª edição da ONHB-A (Figura 4).

Figura 4. Equipe *Little Historians* do CEDJA



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Ainda em 2023, a SEED homenageou professores por meio do Prêmio Professores que Inspiram, em reconhecimento às ações de divulgação da ONHB em Sergipe, incluindo a oficina pedagógica “Diálogos entre o Ensino de História e a Olimpíada Nacional em História do Brasil”. Durante esses eventos, foram apresentados casos de destaque, como as três equipes medalhistas do Centro de Excelência Dr. Alcides Pereira (CEDAP), de Maruim/SE, participantes da 2ª edição da ONHB-A em 2022, que receberam bolsas de ICJr do CNPq e premiações financeiras no ano seguinte. A oficina também abordou a participação da equipe finalista do Colégio Estadual Professor José Franklin (EEPJF), de Barra dos Coqueiros/SE, na fase final da 15ª ONHB, e a equipe *Little Historians*, medalhista de prata na 3ª ONHB-A (Figura 5).

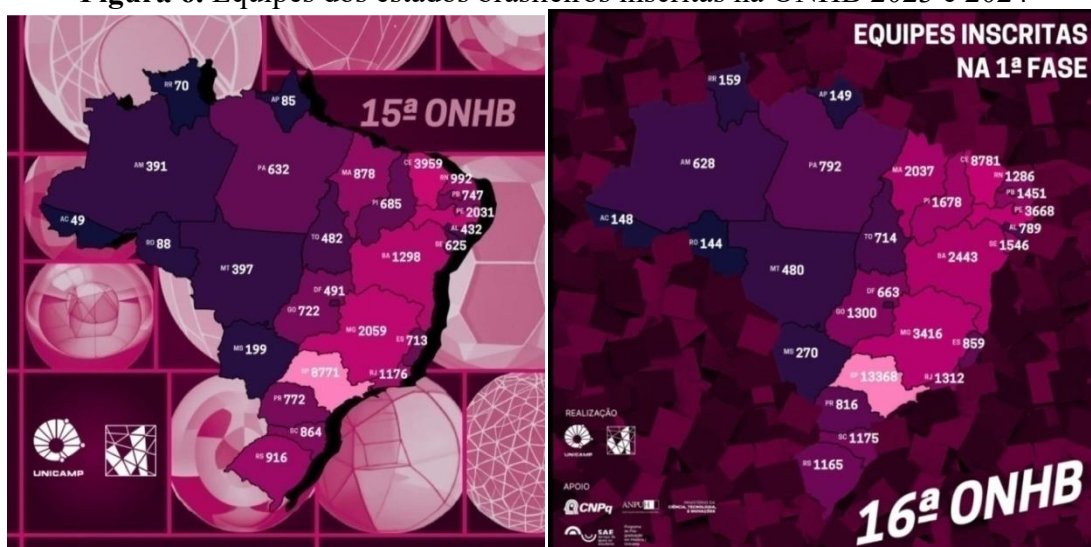
Figura 5. Equipe da EE Prof. José Franklin



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

A análise da participação das escolas sergipanas na ONHB evidencia um aumento do interesse pela competição, com destaque para o Ensino Médio, e uma crescente representação de escolas públicas entre os finalistas. Em relação à 16ª edição, ocorrida em 2024, os dados disponíveis nas redes sociais oficiais da ONHB indicam um crescimento expressivo da participação de equipes sergipanas em comparação à 15ª edição.

Figura 6. Equipes dos estados brasileiros inscritas na ONHB 2023 e 2024



Fonte: [Instagram@olimpiada.historia](https://www.instagram.com/olimpiada.historia) (2023/2024).

Os dados de 2024 indicam que o número de equipes inscritas mais que dobrou em relação a 2023. Pela primeira vez, o número de escolas públicas finalistas superou o das escolas privadas: das sete equipes classificadas para a fase final, cinco pertenciam à rede pública, sendo quatro da rede estadual e uma da rede federal. Quanto ao nível de ensino, duas equipes eram do Ensino Fundamental e três do Ensino Médio, com três instituições localizadas na capital, Aracaju, e duas no interior, no município de Lagarto.

Não foi possível obter dados mais detalhados sobre a participação das escolas privadas em 2024, devido à dificuldade de acesso às informações por parte das instituições. Também não se teve acesso aos dados referentes às edições da ONHB-A, embora publicações oficiais indiquem que a participação de Sergipe tem se ampliado ao longo do tempo, tanto em número de equipes quanto em equipes medalhistas.

No contexto sergipano, a participação das escolas na ONHB revela desafios e conquistas que evidenciam a importância da competição no estado. Entre os principais obstáculos, destacam-se a limitação de recursos tecnológicos, como a disponibilidade de computadores nos laboratórios e a qualidade da conexão à internet, além da ausência de horas

específicas na carga horária dos professores para orientar equipes. Apesar dessas dificuldades, escolas, professores e estudantes têm buscado estratégias colaborativas, como reuniões online e uso de recursos pessoais, que têm contribuído para uma participação mais qualificada das equipes sergipanas, refletida no aumento de equipes classificadas para as fases finais.

A ONHB representa uma inovação no ensino de História. A análise da participação de Sergipe demonstra que a competição tem promovido discussões contemporâneas sobre formação cidadã, ampliando os horizontes dos estudantes. Temáticas como antirracismo, direitos humanos e direitos de minorias são contempladas de forma transversal nas provas e desafios da Olimpíada, estimulando o pensamento crítico e o compromisso ético com a justiça social. Ao valorizar a diversidade de perspectivas históricas, a ONHB fortalece o papel do ensino de História como instrumento de transformação social e construção de uma sociedade mais inclusiva.

4 A REALIZAÇÃO DA PRIMEIRA OLIMPIÁDA ESTADUAL EM HISTÓRIA DE SERGIPE (OEHSE)

A realização da primeira OEHSE surgiu como uma estratégia inovadora de ensino-aprendizagem, fundamentada em princípios teóricos e práticos que visam a promoção de uma educação histórica crítica e significativa. Este capítulo delinea as bases teóricas que sustentam a criação da OEHSE, destacando as metodologias de ensino de História, a importância do estudo da história local e a valorização da identidade cultural sergipana.

4.1 OS PRIMEIROS PASSOS PARA A CONSTRUÇÃO DA OEHSE

A história local destaca-se como um campo de estudo essencial para a valorização e preservação da identidade cultural de uma comunidade. Conforme Melo,

[...] os trabalhos apoiados em fontes e realidades primárias locais, no micro – é nesta esfera que se promove uma política das identidades e também das diferenças, produzem análises de cunho regional e local. Apresenta-se a possibilidade de interação como cenário nacional e internacional mais amplo, sem o qual, muitas vezes, se comete um erro equivalente ao da história nacional homogeneizante / homogeneizadora / absoluta, qual seja, o particularismo / localismo/ singularidade (2020, p. 31).

Melo (2020) ainda orienta que a construção de uma história local não se restringe à análise isolada de eventos e narrativas particulares, elas se relacionam diretamente como sistema maior do qual foi recortada, oferecendo uma nova perspectiva que revisa as grandes sínteses históricas que tradicionalmente não incluíam os estudos de temas locais. Essa perspectiva se torna ainda mais relevante quando aplicada em contextos educativos, como a proposta da criação da OEHSE, onde o fortalecimento da identidade regional e cultural dos estudantes pode ser incentivado por meio de uma maior conexão como patrimônio histórico local.

A OEHSE objetivou estimular os estudantes no estudo das particularidades históricas de Sergipe e fomentar uma compreensão integrada dos processos históricos locais em conexão com contextos regionais, nacionais e até internacionais. Outro aspecto fundamental que a OEHSE pretendeu integrar foi a interdisciplinaridade, um princípio essencial na história local. Ao unir conhecimentos de diferentes áreas, como história, geografia e sociologia, as questões propostas pela Olimpíada teve como intenção promover uma educação mais crítica

sobre a história sergipana. Melo (2020) destaca que, ao integrar conhecimentos de diferentes áreas, a história local se torna um campo fértil para o desenvolvimento de uma educação mais crítica e contextualizada.

Além disso, buscou-se, através de divulgação, a participação da comunidade sergipana, envolvendo os atores sociais locais como professores das instituições universitárias, gestores de instituições responsáveis pela conservação da história, cultura e memória sergipanas, gestores e coordenadores escolares, bem como professores e estudantes das escolas básicas de Sergipe, como parte ativa do processo educativo. Ao envolver a comunidade escolar sergipana no processo de elaboração e execução da Olimpíada, pretendeu-se criar um ambiente propício onde o estudo sobre a história local fosse experimentado de maneira direta e de forma relevante.

A inclusão do estudo da história local no currículo da educação básica é uma perspectiva que está em consonância com as diretrizes educacionais brasileiras, como a Lei Lei 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o documento de Contextualização dos Temas Contemporâneos e Contextualização Regional e Local.

A LDB enfatiza a importância de uma educação que considere as especificidades regionais, promovendo uma formação que valorize a diversidade cultural e a pluralidade de ideias. Em seu Art.26, a LDB (Brasil,1996) demonstra a importância de adaptar o currículo escolar para que reflita as realidades e necessidades das diferentes regiões do Brasil, promovendo uma educação que esteja em sintonia com o contexto sociocultural dos estudantes, afirmando:

[...] os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (Brasil, 1996, p. 2).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental e médio reforçam essa abordagem ao destacar a relevância do estudo da história local como um meio de propiciar ao aluno o entendimento do seu papel na sociedade, oferecendo-lhe instrumentos para a compreensão da realidade local e global e para a atuação crítica e transformadora (Brasil, 1998). O documento sugere que o ensino de História deve articular as escalas local, regional e nacional, permitindo que os estudantes compreendam a importância da sua própria

história dentro de um contexto mais amplo, contribuindo assim para a construção da cidadania.

A Base Nacional Comum Curricular(BNCC) define em suas normativas o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas da educação básica, reforçando a necessidade de contextualizar o ensino às realidades locais e regionais. Entre as competências específicas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas que reforçam a questão local, está a competência 1, que propõe

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles (Brasil, 2018, p. 134).

Isso reflete uma proposta de educação que seja informativa e formativa, capacitando os estudantes a reconhecerem e valorizarem suas próprias raízes culturais. Especificamente no campo da história, podemos associar à competência 1, as habilidades a seguir:

(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.(EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço (Brasil, 2018, p. 136).

Além desses, o documento complementar “Temas Contemporâneos e Transversais (TCTs)” na BNCC, produzido pelo Ministério da Educação em 2019, explicita a necessidade da “Ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como de fazer sua conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades para a construção de uma educação significativa e relevante” (Brasil, 2019, p. 5).

Essa orientação é fundamental para a criação de um currículo que valorize a história e a cultura local, conectando o aprendizado escolar com a vida cotidiana dos alunos.

Dessa forma, os documentos norteadores da educação brasileira demonstram que o estudo da história local é uma prática pedagógica que soma ao currículo escolar na medida que promove uma educação contextualizada, capaz de fortalecer a formação da identidade cultural dos estudantes e colaborar para a compreensão crítica do passado e do presente. Ao integrar as realidades locais e regionais ao ensino de História, é possível proporcionar aos

alunos uma aprendizagem mais significativa, que valoriza suas experiências e contribui para a construção de uma cidadania ativa e participativa.

Inspirada pelos princípios e metodologias bem-sucedidas da ONHB, a proposta da OEHSE buscou estimular o estudo crítico da história a partir de fontes conectadas a temáticas de Sergipe. A partir dessas fontes, tornou-se possível discutir tanto eventos e processos do passado quanto questões contemporâneas, como as lutas por direitos sociais, o enfrentamento ao racismo estrutural, a resistência das populações tradicionais e o reconhecimento da diversidade cultural sergipana.

Dessa forma, a OEHSE se propôs a aproximar os estudantes de sua própria realidade histórica e social, para promover uma formação cidadã ancorada no conhecimento crítico e no diálogo entre passado e presente. As lições aprendidas com a ONHB são possivelmente aplicáveis à OEHSE. Assim como a ONHB, a OEHSE foi estruturada em fases, com atividades que incentivaram a pesquisa, a análise crítica e o trabalho colaborativo. No entanto, a OEHSE teve um foco particular na história de Sergipe, explorando temas e eventos que são fundamentais para a compreensão da identidade e do patrimônio cultural do estado.

Essa abordagem, no formato de uma olimpíada científica, permitiu que estudantes tivessem entendimento mais contextualizado da história sergipana, incentivando-os a conhecer, valorizar e preservar o patrimônio de seu estado.

O ensino de História tem sido discutido ao longo das décadas, passando de uma abordagem tradicional, centrada na memorização de fatos e datas, para metodologias que incentivam a análise crítica e a compreensão contextualizada dos eventos históricos. De acordo com Schmidt e Cainelli (2004), o ensino de História deve ser um processo ativo, onde os estudantes se envolvem na investigação e interpretação dos acontecimentos, desenvolvendo habilidades analíticas e reflexivas.

A OEHSE adotou metodologias baseadas na aprendizagem ativa, onde os estudantes, orientados por seus professores, são incentivados a realizar pesquisas históricas, analisar fontes primárias e secundárias, e desenvolver narrativas que reflitam uma compreensão dos contextos históricos. Essa abordagem é corroborada por Fonseca (2003), que defende a importância de metodologias que promovam o engajamento dos alunos na construção do conhecimento histórico.

A valorização da história local é um dos pilares da OEHSE. Segundo Barros (2005), o estudo da história local permite que os estudantes estabeleçam conexões mais significativas com o passado, uma vez que se relacionam diretamente com a sua própria realidade e

identidade. Além disso, o estudo da história local contribui para o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento e valorização da cultura local.

A OEHSE não abordou o local pelo local, existiu uma reflexão nesse uso. Cada questão foi construída como possibilidade para problematizar silenciamentos históricos, visibilizar sujeitos marginalizados, historicamente escanteados e possibilitar que nomes, trajetórias e etnias se fizessem presentes de forma significativa e potente no decorrer das etapas. Nesse viés, foram elaboradas questões sobre o artista sergipano Arthur Bispo do Rosário, a escritora e historiadora sergipana Maria Beatriz Nascimento, a cultura popular, as primeiras etnias indígenas que habitaram o território sergipano e sobre o povo Fulkaxó, entre outras questões que buscaram diálogos com narrativas não hegemônicas. Como relatou Quijano em relação à hegemonia dos colonizadores:

Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenótipos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial. Essa codificação foi inicialmente estabelecida, provavelmente, na área britânicoamericana. Os negros eram ali não apenas os explorados mais importantes, já que a parte principal da economia dependia de seu trabalho. Eram, sobretudo, a raça colonizada mais importante, já que os índios não formavam parte dessa sociedade colonial. Em consequência, os dominantes chamaram a si mesmos de brancos (2005, p. 107).

Essa escolha dialoga com a quebra da lógica hegemônica/eurocêntrica, que, segundo Walsh (2009, p. 14), “estabeleceu e consolidou uma hierarquia racializada: brancos (europeus), mestiços e, apagando suas diferenças históricas, culturais e linguísticas, ‘índios’ e ‘negros’ como identidades comuns e negativas”. Na OEHSE buscou-se narrativas para abrir espaço para outras formas de conhecimento e memória. Para Mignolo (2003, p. 51), “O eurocentrismo torna-se, portanto, uma metáfora para descrever a colonialidade do poder, na perspectiva da subalternidade”. Assim, a elaboração das questões buscou trabalhar nas brechas do eurocentrismo, mas também, abrindo as fendas onde não haviam brecha, e valorizando saberes locais em ressonância com a ancestralidade do povo sergipano. Assim, a OEHSE buscou ser um espaço de resistência epistêmica e de valorização das memórias plurais que compõem a identidade sergipana.

A OEHSE, ao focar na história de Sergipe, buscou fomentar o interesse dos estudantes pela história de sua própria região, proporcionando-lhes um senso de identidade e pertencimento. A identidade cultural é um conceito central na proposta da OEHSE. Hall (2006) define a identidade cultural como um processo contínuo de construção, influenciado

por fatores históricos, sociais e culturais. Nesse sentido, a OEHSE tem como objetivo valorizar e preservar a identidade cultural sergipana, incentivando os estudantes a explorar e compreender a riqueza da história local.

A competição, ao envolver os alunos em atividades que exigem a pesquisa e interpretação da história de Sergipe, contribui para a formação de uma identidade cultural sólida e consciente. Essa abordagem está alinhada com os princípios de Paulo Freire (1996), que defende uma educação que valorize as experiências e culturas dos estudantes, promovendo a emancipação e a autonomia.

A proposta da OEHSE é influenciada pelos princípios da aprendizagem histórica ao promover atividades que estimulam a pesquisa, análise e interpretação da história, busca contribuir para a formação de uma consciência histórica crítica e reflexiva. A realização da OEHSE representou uma nova estratégia para o ensino de História local em Sergipe. Ao valorizar a aprendizagem ativa, o estudo da história local e a identidade cultural sergipana, a OEHSE busca proporcionar uma experiência educacional significativa.

Para balizar a OEHSE, perguntamos a professores e estudantes sergipanos que participaram de alguma edição da ONHB, se participariam de uma olimpíada estadual. A seguir, apresentamos as respostas recebidas.

4.2 A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SERGIPANOS SOBRE A VIABILIDADE DE UMA OLIMPÍADA DE HISTÓRIA ESTADUAL

Para investigar o interesse de professores e estudantes sergipanos em participar de uma olimpíada de história estadual, elaborou-se um questionário inicial (Apêndice A), utilizando o *Google Forms*, o qual foi enviado pelo aplicativo *WhatsApp*, após a finalização da sexta fase da 16ª edição ONHB, ocorrida em julho do ano de 2024. Utilizamos do grupo de 17 professores orientadores, reunidos por iniciativa nossa para mobilizar a participação das equipes sergipanas.

O questionário contou com nove perguntas direcionadas a esses educadores, com o objetivo de investigar a importância da inserção de questões relacionadas a Sergipe na competição nacional. Além de explorar a viabilidade da criação de uma Olimpíada de História focada na história local, a proposta buscou compreender como os professores percebem a presença de conteúdos sobre o patrimônio cultural sergipano na ONHB e qual o impacto dessas temáticas no processo de ensino-aprendizagem. As respostas permitiram analisar como a valorização da história regional pode despertar maior interesse dos alunos, fortalecer

vínculos com sua identidade cultural e estimular uma compreensão mais ampla e crítica das dinâmicas históricas locais inseridas no contexto nacional.

A análise dos dados revelou uma participação bastante diversificada dos professores nas edições da ONHB. Um deles esteve presente nas edições 1, 2, 3, 9, 10 e 11; dois participaram da edição 4; três marcaram presença nas edições 12 e 13; quatro estiveram na 13ª edição; cinco na 15ª; e onze participaram da 16ª. Além disso, um professor participou da 2ª ONHB-A, e três estiveram na 3ª ONHB-A. Esses números mostram um envolvimento constante por parte dos docentes, refletindo o compromisso com a formação crítica e cidadã dos seus alunos por meio do ensino de história, através do recurso olimpíada.

Em relação à presença de temas ligados ao patrimônio cultural sergipano nas provas da ONHB, os professores foram questionados sobre quantas vezes orientaram equipes em que esse conteúdo foi abordado. As respostas indicaram que 30,8% já se depararam com esse tipo de questão duas vezes ou mais; 38,5% disseram que isso ocorreu apenas uma vez; e 30,8% afirmaram nunca ter visto o tema nas provas. Apesar de não ser um conteúdo recorrente, esses dados indicam que o patrimônio cultural local já foi contemplado em pelo menos duas ocasiões na competição nacional.

Quanto à importância de incluir questões sobre o patrimônio sergipano na ONHB, houve unanimidade: todos os professores consideraram essa abordagem “muito relevante”. Essa resposta mostra o quanto os educadores valorizam o ensino da história local como uma ferramenta poderosa para o reconhecimento e a valorização do patrimônio cultural de Sergipe. Para eles, trazer essas temáticas para o contexto da Olimpíada fortalece o vínculo dos estudantes com sua identidade e território.

Sobre o impacto dessas questões na formação dos alunos, 91,7% dos professores avaliaram como “muito positivo”, enquanto 8,3% consideraram “positivo”. Essa percepção reforça a ideia de que o contato com temas ligados à cultura e à história da própria região contribui significativamente para o aprendizado. Além de ampliar o interesse dos estudantes, essas questões ajudam a desenvolver uma consciência mais crítica e sensível à importância de preservar e valorizar a história local.

Os professores destacaram várias maneiras pelas quais as questões sobre o patrimônio cultural local podem contribuir para o aprendizado em História. Entre os principais pontos mencionados estão:

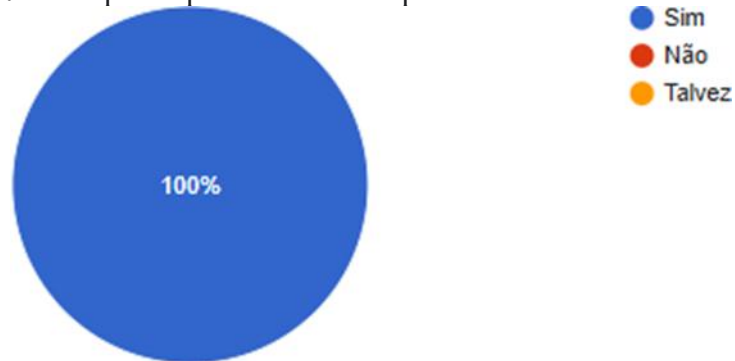
- **Valorização da Identidade Local:** Os professores enfatizam que a inclusão de questões sobre o patrimônio cultural local ajuda na valorização da identidade e do sentimento de pertencimento dos alunos à sua comunidade e ao estado

de Sergipe. Eles acreditam que os alunos se apropriam das principais produções culturais, materiais e imateriais, ao conhecê-las e valorizá-las.

- **Compreensão do Contexto Socio cultural:** A abordagem do patrimônio cultural local permite aos alunos fazerem a leitura do mundo ao seu redor, compreendendo o universo sociocultural e a trajetória histórica em que estão inseridos. Isso contribui para uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.
- **Identificação e Preservação do Patrimônio:** Os alunos aprendem a identificar e distinguir patrimônio cultural material e imaterial, fazendo associações com a cultura do seu próprio estado. Essa aprendizagem incentiva a reflexão sobre a importância da preservação do patrimônio cultural para a comunidade local.
- **Incentivo à Pesquisa e Estudo Significativo:** As questões sobre o patrimônio cultural local estimulam os alunos a pesquisarem e estudarem sobre sua própria cultura. Isso proporciona um estudo mais significativo, partindo do que é próximo ao aluno e inserindo-o em uma reflexão mais ampla sobre o tema.
- **Debates e Reflexões Críticas:** Os professores destacam que as questões sobre o patrimônio cultural local promovem debates e discussões profundas em sala de aula, levando os alunos a buscarem um entendimento mais abrangente e crítico sobre sua história e cultura.
- **Aproximação e Contextualização da História Local:** A inclusão de questões sobre a história local torna a aprendizagem mais cativante e contextualizada. Os alunos percebem a importância de sua localidade no contexto nacional e global, conectando a história local com a história mais ampla.

Acerca da viabilidade de uma olimpíada de história estadual, todos os professores (100%) concordaram que é importante ter uma olimpíada de história focada em Sergipe. Eles acreditam que tal iniciativa pode valorizar a cultura e as tradições locais e ao mesmo tempo, contribuir para sua preservação. Além disso, todos frsaram que incentivariam seus alunos a participarem de uma competição como essa, caso houvesse essa oportunidade (Gráfico 9).

Gráfico 9. Sobre participar de uma Olimpíada de História focada em Sergipe



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Em seus comentários adicionais, os professores ressaltaram a importância e o potencial impacto positivo de uma olimpíada estadual de história. Alguns comentários incluem:

- A iniciativa é importante.
- A criação de uma olimpíada de história estadual traria à tona as riquezas do estado de Sergipe, muitas vezes negligenciadas nos livros didáticos.
- A inclusão de uma olimpíada local proporcionaria debates e valoração dos recursos patrimoniais do estado, promovendo um maior interesse dos alunos com sua própria cultura e história.

A análise das respostas dos professores revelou importante apoio à criação da OEHSE, destacando os possíveis benefícios educacionais e culturais dessa abordagem. A unanimidade em torno da relevância de uma iniciativa como essa nos impulsionou a avançar com mais confiança no desenvolvimento do projeto, reafirmando a importância de uma proposta que valorizasse a história local, estimulasse o pensamento crítico e fortalecesse a identidade cultural dos estudantes sergipanos. Esse apoio demonstrou que há uma demanda real por iniciativas que aproximem o ensino de história da realidade dos alunos, tornando-o mais significativo e transformador.

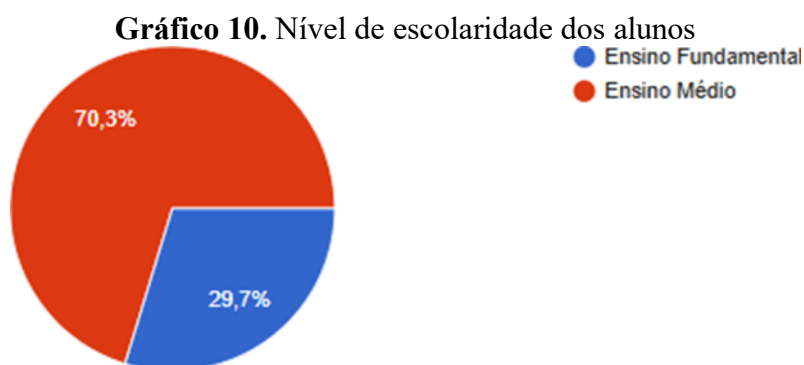
Embora os dados coletados demonstrem um forte apoio à criação da OEHSE, é importante considerar algumas limitações da pesquisa com professores. A amostra foi relativamente pequena e restrita aos docentes que já participaram da ONHB, o que pode não representar a diversidade de experiências e perspectivas de todos os professores de História do estado. Além disso, existe a possibilidade de vieses nas respostas, como o desejo de expressar apoio à ideia de uma olimpíada estadual, e a ausência de participação de professores de determinadas escolas pode limitar a generalização dos resultados.

4.3 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SERGIPANOS SOBRE A VIABILIDADE DE UMA OLIMPIÁDA DE HISTÓRIA LOCAL

Para entender como os estudantes sergipanos que participaram da ONHB percebem a proposta de uma olimpíada de história voltada para a realidade local, foi elaborado um questionário inicial (Apêndice B), criado no Google Forms. Ele foi enviado pelos professores orientadores, via *WhatsApp*, logo após a conclusão da sexta fase da 16ª edição da ONHB, em julho de 2024. Ao todo, 103 estudantes que participaram de diferentes edições da competição responderam ao formulário.

O questionário continha doze perguntas que abordaram desde a edição em que os alunos participaram e seu nível de escolaridade, até suas impressões sobre a presença de questões relacionadas ao patrimônio cultural de Sergipe e suas opiniões a respeito da criação de uma olimpíada estadual de história. Os dados mostraram que a maioria dos respondentes participou das edições mais recentes, especialmente da 15ª (com 25 alunos) e da 16ª (com 100 alunos), o que evidencia o aumento do interesse dos estudantes pela competição ao longo do tempo.

Conforme mostra o gráfico abaixo, a maioria dos participantes está atualmente no Ensino Médio, representando 70,3% das respostas, enquanto 29,7% estão no Ensino Fundamental. Essa distribuição ajuda a traçar o perfil dos estudantes envolvidos e oferece um panorama mais claro sobre como diferentes faixas escolares percebem tanto a ONHB quanto a proposta de valorização da história local.

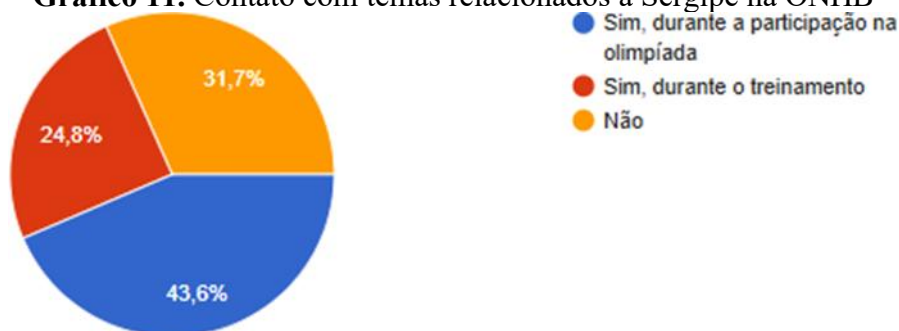


Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Sobre a questão do contato com temas relacionados a Sergipe na ONHB, 43,6% dos alunos indicaram que tiveram contato durante a participação na Olimpíada, 24,8% durante o treinamento, e 31,7% afirmaram não ter tido contato (Gráfico 11). Quando perguntados sobre as questões abordadas pela competição acerca do patrimônio cultural sergipano, as respostas

foram divididas: 13,6% consideraram excelente, 23,7% boa, 37,3% regular, e 25,4% ruim. Esses dados demonstram que, embora haja um reconhecimento da importância do tema, a maior parte dos estudantes não participou de edições onde o patrimônio sergipano foi abordado.

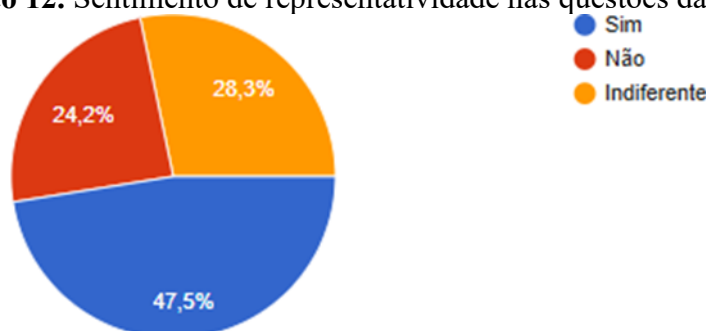
Gráfico 11. Contato com temas relacionados a Sergipe na ONHB



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A percepção de representatividade ao ver questões sobre o patrimônio sergipano também foi mista: 28,8% se sentiram representados, 23,7% não se sentiram representados, e 47,5% foram indiferentes (Gráfico 12). Já sobre o impacto dessas questões na conscientização e valorização do patrimônio cultural, 15% consideraram muito positivo, 40% positivo, 43,3% neutro, e 1% negativo. Esses resultados indicam que, embora a inclusão de temas locais tenha um impacto positivo, há uma necessidade de melhorar a forma como são abordados.

Gráfico 12. Sentimento de representatividade nas questões da ONHB



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A maioria dos estudantes destacou que as questões abordadas nessas competições contribuem para o conhecimento da própria cultura, estimulam a pesquisa e promovem a conscientização sobre a importância de preservar o patrimônio cultural. A ONHB, nesse sentido, foi percebida como uma ferramenta valiosa para ampliar o entendimento histórico e cultural dos participantes, incentivando o reconhecimento e a valorização das heranças locais.

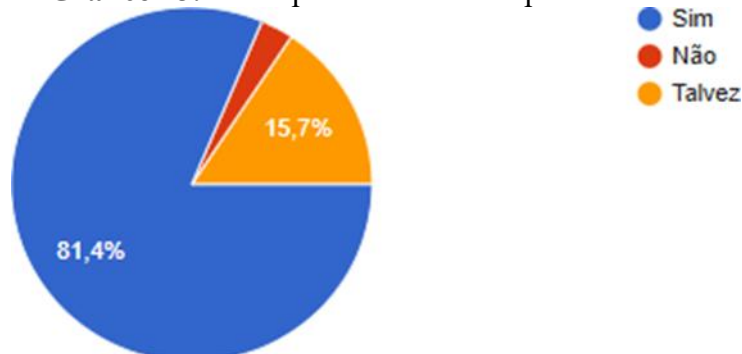
Em relação à proposta de criação de uma olimpíada estadual voltada para a história de Sergipe, 90,3% dos alunos consideraram a ideia interessante, enquanto 9,7% demonstraram dúvidas quanto à sua relevância. Esses dados revelam um forte interesse pela iniciativa, evidenciando a demanda por mais ações que estimulem o estudo e a valorização da história regional. Para os estudantes, uma olimpíada com esse foco poderia enriquecer o aprendizado de diferentes formas, fortalecendo os laços com a própria identidade e com o território em que vivem.

Entre os benefícios mais assinalados estão:

- Facilita a pesquisa e compreensão de eventos históricos locais (66,1%).
- Fortalece o sentimento de identidade e pertencimento à comunidade (69,4%).
- Proporciona interação direta com fontes históricas locais, como documentos e monumentos (64,5%).
- Incentiva debates e reflexões sobre a história da região (64,5%).
- Valoriza a cultura e as tradições locais, contribuindo para sua preservação (85,5%).
- Motiva a inclusão de mais conteúdos sobre a história local no currículo escolar (43,5%).

Cerca de 82% dos estudantes afirmaram que participariam de uma olimpíada de história estadual, caso tivessem essa oportunidade. Outros 13,1% responderam que talvez participassem, e apenas 4,9% disseram que não teriam interesse (Gráfico 13). Esses números reforçam a viabilidade da proposta e apontam para o potencial de participação que uma competição voltada à história de Sergipe pode alcançar entre os alunos.

Gráfico 13. Participaria de uma olimpíada estadual



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os comentários adicionais dos estudantes reforçaram tanto a importância da ONHB quanto o entusiasmo pela criação de uma olimpíada estadual. Muitos destacaram como essas

iniciativas ampliam o conhecimento, valorizam a cultura local e tornam o ensino de história mais dinâmico. As respostas mostram um claro apoio à inclusão de temas relacionados ao patrimônio cultural sergipano na ONHB, bem como à proposta de uma competição voltada exclusivamente para a história de Sergipe. Para os alunos, essas ações contribuem tanto para a aprendizagem como para a preservação da memória e identidade do estado.

A criação da OEHSE surgiu, portanto, como uma resposta concreta a esse interesse, com potencial para fortalecer o sentimento de pertencimento dos estudantes à sua comunidade. Ao promover o estudo da história local, uma olimpíada poderá estimular a aprendizagem histórica e ainda reforçar os laços entre os jovens e seu território.

A experiência de alunos e professores sergipanos na ONHB mostrou como a competição nacional já tem um papel importante nesse processo. Os estudantes relataram uma compreensão melhor dos conteúdos históricos e um novo interesse pela disciplina. Já os professores observaram melhoria nas práticas de ensino, inspirados nas metodologias interativas da ONHB.

Apesar do entusiasmo demonstrado pelos estudantes, a pesquisa apresenta limitações que precisam ser consideradas. A amostra concentrou-se majoritariamente em alunos das edições mais recentes da ONHB, o que pode influenciar a percepção positiva sobre a participação em competições históricas. A escolha de participar foi mediada pelos professores orientadores, o que pode ter direcionado a amostra. Além disso, não se incluiu estudantes de escolas que não participaram da ONHB, o que restringe a representatividade dos dados e limita a compreensão das opiniões de todo o universo estudantil sergipano.

4.4 O ENSINO DA HISTÓRIA DE SERGIPE NO CURRÍCULO ESTADUAL

O ensino de História no estado de Sergipe tem ao longo dos anos, buscado adaptar-se às necessidades locais e ao contexto nacional. Podemos perceber, através da análise de documentos como o Currículo Estadual de 2011 (Quadro 3) destaca-se por uma proposta que integra a história social, cultural, econômica e política, com uma interação entre a macro e micro história, além de uma relação complementar entre a história nacional e local.

Quadro 3. Conteúdos do Currículo de Sergipe (2011)

Ano de Estudo	Conteúdos
3ºano do EM	A cultura no século XIX: o primeiro jornal, a primeira biblioteca, as primeiras manifestações literárias
	O período republicano: “Olimpistas”x “Faustistas”: a revolta de Fausto Cardoso (1906)
	O movimento tenentista em Sergipe e a revolta de 13 de julho (1924)
	A repressão aos movimentos tenentistas. Revolta de Augusto Maynard
	Sergipe sob o domínio dos interventores 1930-1945
	O cangaço em Sergipe
2ºano do EM	O golpe de 1964: deposição de Seixas Dórea
	A emancipação política: criação da comarca de Sergipe. A integração de Sergipe ao estado nacional
	Organização política. Formação dos primeiros partidos: Liberal e Corcunda.
	Situação política durante o período regencial: Revolta de Santo Amaro
	A mudança da capital (1855)
1ºano do EM	O processo de conquista e ocupação da Capitania de Sergipe DelRei
	Formação étnica da sociedade sergipana: índio, branco e negro
	Patrimônio histórico e cultural. As manifestações folclóricas em Sergipe
	Os holandeses em Sergipe
9ºano do EF	A cultura escravista e o movimento abolicionista em Sergipe
	O pacto federativo e a política dos governadores: Fausto Cardoso e os impasses do federalismo
	Uma guerra global: Aracaju e os torpedeamentos de agosto de 1942
	Seixas Dória: o governador deposto
8ºano do EF	Uma Província em construção
	Sergipe no contexto do segundo reinado
	Economia e regionalismo na Província de Sergipe: o vale do Cotinguiba, a vida sertanista e a cultura de subsistência
	Negros e índios na formação étnica sergipana
	A mudança da Capital e as relações de poder na província
	As festas populares: ritos religiosos e cultura profana no cotidiano sergipano
7ºano do EF	1590: tem início a construção de Sergipe
6ºano do EF	Xingó e a pré-história sergipana

Fonte: Currículo de Sergipe/SEED-SE (2011). Adaptação da autora.

Essa abordagem se alinha à proposta da ONHB, pois valoriza o aprofundamento e a consolidação dos conteúdos ligados à história do Brasil (Sergipe, 2011), enfatizando a importância da história regional para a formação de uma identidade sergipana. Esse currículo dá ênfase aos eventos locais.

Em 2022, outra proposta curricular foi publicada nela, os conteúdos de história local foram deslocados para os Itinerários Formativos, na trilha da área de ciências humanas denominada “Estudos Sergipanos” (Sergipe, 2022).

A nova proposta, apesar de enfatizar a história como uma disciplina que dialoga com o presente, sublinhando seu papel pedagógico e político no desenvolvimento de uma consciência crítica entre os estudantes, e de reforçar a importância das diferenças regionais e particularidades da sociedade sergipana na educação histórica (Sergipe, 2022), limitou o

estudo a essa trilha específica específica, onde os alunos poderiam ter u não acesso, dependendo de sua escolha.

Embora nos “Estudos Sergipanos”, os estudantes pudessem explorar os diversos aspectos da história e da cultura local, com foco na análise da produção do espaço e das características geoambientais locais (Sergipe, 2022), essa flexibilidade e possibilidade de escolha, levanta questões sobre a continuidade e a profundidade do ensino da história sergipana.

Enquanto no currículo de 2011, a história de Sergipe estava integrada diretamente na matéria, nas séries do ensino fundamental e médio, garantindo que todos os alunos tivessem contato com esses conteúdos, no currículo de 2022, a história local é tratada apenas nos Itinerários Formativos (ITF). Isso resulta em uma abordagem menos uniforme e na dependência do interesse dos alunos em escolher o ITF da área de Ciências Humanas e dentro dele, a trilha sobre estudos sergipanos, se for ofertado pela escola.

Essa mudança comprometeu o estudo da história de Sergipe na escola básica. Essa ausência de conteúdos sobre a história de Sergipe no currículo base pode levar a lacunas no conhecimento histórico dos alunos, dificultando a compreensão do papel de Sergipe no contexto nacional e global. Portanto, é fundamental considerar como essas mudanças podem impactar a formação histórica dos estudantes e buscar estratégias para garantir que todos os alunos tenham acesso a um ensino de história local, independente das escolhas individuais nos Itinerários Formativos.

No Ensino Fundamental, o currículo que insere a História está estruturado para ser implementado do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, abrangendo conteúdos que permitem a abordagem da história local em diversos momentos (Anexo 1). A seguir, apresentamos uma análise geral de como a temática da história de Sergipe pode ser incorporada ao longo dos anos escolares:

- 1º ao 3º Ano (Anos Iniciais) — Identidade e Cultura Local: Introdução aos símbolos, tradições e aspectos culturais de Sergipe, promovendo o reconhecimento e valorização da identidade local.
- 4º ao 5º Ano — História do Município e do Estado: Estudo das origens e desenvolvimento do município onde a escola está inserida, bem como uma introdução à história de Sergipe, incluindo aspectos geográficos, econômicos e sociais.
- 6º ao 7º Ano — Colonização e Formação Histórica: Análise do processo de colonização no território sergipano, interações entre indígenas,

africanos e europeus, e o impacto dessas relações na formação da sociedade local.

- 8º Ano — Economia e Sociedade no Século XIX: Exploração das atividades econômicas predominantes em Sergipe durante o século XIX, como a agricultura e a pecuária, e seus reflexos na estrutura social da época.
- 9º Ano — Sergipe Contemporâneo: Discussão sobre o desenvolvimento político, econômico e cultural de Sergipe no século XX até os dias atuais, incluindo movimentos sociais, urbanização e transformações culturais.

É importante que os educadores utilizem o Currículo de Sergipe como referência para planejar suas aulas, adaptando os conteúdos às especificidades locais para estimular uma melhor compreensão da história do estado. Para um detalhamento mais específico dos conteúdos e habilidades previstas para cada ano, é possível consultar o documento completo disponível no site da SEED.

Já o Currículo de Sergipe para o Ensino Médio é estruturado em duas partes principais: a Formação Geral Básica (FGB) e os Itinerários Formativos (IFs) (Anexo 2). A FGB abrange as competências e habilidades definidas na BNCC para as quatro áreas do conhecimento, incluindo Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, onde se insere a disciplina de História.

Nos IFs, que complementam a FGB, os estudantes podem aprofundar seus estudos em áreas de interesse específico. No contexto das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, os IFs podem ser organizados de diversas formas ao longo do Ensino Médio, inclusive por meio de conjuntos de unidades curriculares distintas entre as séries ou períodos letivos, sempre considerando a formação integral do estudante.

Embora o currículo sergipano não detalhe explicitamente os conteúdos específicos dos IFs, a flexibilidade na organização curricular permite que as instituições educacionais desenvolvam unidades curriculares que abordem a História de Sergipe. Isso pode ser feito por meio de disciplinas eletivas, projetos integradores ou aprofundamentos temáticos que enfoquem aspectos históricos, culturais, sociais e econômicos do estado.

Além disso, o Ensino em Tempo Integral, implementado em Sergipe desde 2017, inclui formação geral básica e itinerários formativos, compreendendo disciplinas eletivas e projetos de vida. Nesse modelo, há espaço para a inclusão de conteúdos que abordem a História de Sergipe, ampliando a formação dos estudantes e permitindo uma maior conexão com a realidade local.

Os três módulos do itinerário abordam a História de Sergipe sob diferentes perspectivas, apresentando algumas possibilidades de trabalho a partir dos conteúdos relacionados à história local:

- Aspectos Históricos, Geográficos e Sociológicos dos Territórios Sergipanos;
- Dinâmicas socio espaciais e relações entre natureza, cultura e sociedade;
- Povos originários da América e diásporas africanas, o que permite explorar a presença dos Fulkaxó e outros povos indígenas, além da escravidão e resistência negra;
- Fluxos migratórios e diferentes modos de vida (rural e urbano), fundamentais para compreender as transformações econômicas e sociais do estado;
- Patrimônio cultural material e imaterial, incluindo festas, eventos, arte e literatura sergipana;
- Possibilidades para a História de Sergipe: o estudo do processo de ocupação do território sergipano, resistência indígena e quilombola, desenvolvimento das cidades e das festas populares (como o São João e a Festa do Lambe-Sujo e Caboclinho);
- Estruturas de Poder, Dinâmicas Econômicas e Movimentos Sociais em Sergipe;
- Organização política e papel das elites regionais, possibilitando reflexões sobre o coronelismo e o papel de Sergipe na política nacional;
- Autoritarismo e democracia no estado, abrindo espaço para estudar momentos históricos como a ditadura militar e seus desdobramentos em Sergipe;
- Conflitos de terra, trabalho e desigualdades sociais, o que permite abordar a luta pela reforma agrária e os movimentos camponeses no estado;
- Movimentos sociais e ambientais, direitos humanos e cidadania, fundamentais para compreender a participação popular em diferentes períodos históricos;
- Possibilidades para a História de Sergipe: abordagem da economia açucareira e sua decadência, conflitos agrários e trabalhadores rurais,

além de movimentos sociais urbanos, como o sindicalismo operário sergipano;

- Cultura, Produção Intelectual e Expressões Artísticas de Sergipe;
- Culturas juvenis e arranjos produtivos locais, permitindo estudar como os jovens sergipanos interagem com as tradições e modernidades culturais;
- Pensamento social sergipano e intelectuais do estado, o que possibilita explorar a contribuição de figuras como Tobias Barreto e Sílvia Romero;
- Música, teatro, dança, literatura e economia criativa sergipana, fundamentais para entender a identidade cultural do estado;
- Mídias culturais e turismo geopoético, facilitando estudos sobre a memória e a valorização do patrimônio sergipano;
- Imigrações e fluxos culturais, o que permite analisar a influência de diferentes grupos étnicos na formação da sociedade sergipana;
- Possibilidades para a História de Sergipe: reflexão sobre a identidade sergipana por meio de sua literatura, música e produções culturais, bem como a relação entre memória e patrimônio.

O Itinerário Formativo “Estudos Sergipanos”, do Currículo de Sergipe para o Ensino Médio, apresenta uma abordagem interdisciplinar, permitindo conectar a história, cultura, geografia, sociologia e filosofia. Sua estrutura temática possibilita o desenvolvimento de múltiplos conteúdos relacionados à História de Sergipe.

4.5 MUDANÇAS NO PERFIL CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO

Após nova reestruturação do Novo Ensino Médio, ocorrida em finais de 2024, o Conselho Estadual de Educação (CEE) propôs mudanças no perfil curricular do Ensino Médio. Foram inseridas matérias na área diversificada em substituição aos IFs. Entraram no perfil, na área de Ciências Humanas, as diversificadas: Cultura AfroBrasileira e Indígena e Cidadania (2 horas aula no 1º ano) e Direitos Humanos no Brasil (1 hora aula no 3º ano EM).

No perfil do Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI), foram inseridas as diversificadas: Direitos Humanos e Cultura Afro Brasileira e Indígena e Cidadania (2 horas aula no 1º ano); Educação e Cultura Digital (1 hora aula no 2º ano); História, Cultura e Identidade Sergipana (1 hora aula no 2º ano).

Nesse contexto, a implementação da OEHSE se mostra alternativa para incentivar o estudo da história local. A OEHSE pode contribuir com o ensino da história sergipana, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades acadêmicas e investigativas entre os estudantes para promover uma compreensão contextualizada do passado e do presente de Sergipe.

A proposta da OEHSE busca, enquanto iniciativa pedagógica, ensinar aos estudantes a adquirir ferramentas de trabalho histórico, promover a valorização da diversidade de perspectivas e estimular a problematização de temas em aula. Ensinar

[...] o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática (Bitencourt, 2012, p. 57).

A proposta da OEHSE busca adaptar os princípios da ONHB ao contexto específico de Sergipe. Ao fazê-lo, espera-se que a OEHSE auxilie o ensino de história no estado e contribua para a formação de cidadãos mais críticos, informados e participativos na preservação do patrimônio cultural de Sergipe.

4.6 LIMITAÇÕES NA IMPLEMENTAÇÃO DA OEHSE

Ao analisar a implementação da OEHSE, é fundamental reconhecer desafios práticos que podem impactar sua efetividade. A variação de infraestrutura entre escolas, diferenças regionais e desigualdades de acesso podem influenciar a participação dos alunos e a qualidade das atividades propostas. Além disso, a dependência de participação voluntária de professores e a integração com o currículo vigente podem gerar disparidades na aplicação da olimpíada, exigindo estratégias de suporte e acompanhamento contínuo para garantir que todos os estudantes tenham oportunidades equitativas de participação e aprendizado.

5 A OEHSE COMO RECURSO PEDAGÓGICO: POTENCIALIDADES E POSSIBILIDADES

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHSE) como recurso pedagógico inovador, capaz de articular o ensino de História à valorização da história e cultura locais. Ao longo deste capítulo, serão descritas a metodologia da competição, suas fases e tipos de questões, além das possibilidades pedagógicas que emergem de sua aplicação em sala de aula. A OEHSE se apresenta como um instrumento que conecta estudantes e professores à história de Sergipe, incentivando a investigação, a análise crítica e a interpretação de fontes históricas, aproximando o conhecimento escolar da realidade social e cultural dos participantes.

5.1 O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA OEHSE

A primeira edição do evento ocorreu entre 16 de setembro e 2 de novembro de 2024, com a participação de 1.105 equipes, 3.488 estudantes e 128 professores, com 93 escolas envolvidas efetivamente. Esta iniciativa objetivou criar mais um espaço de aprendizado e estímulo ao conhecimento histórico. Para sua realização, algumas instituições foram envolvidas no processo como co-promotoras ou participantes do evento. No Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História da UFS, o projeto foi gestado pela autora.

A primeira edição da OEHSE ocorreu entre 16 de setembro e 2 de novembro de 2024, envolvendo 1.105 equipes, 3.488 estudantes e 128 professores, distribuídos em 93 escolas. Essa iniciativa visou criar um espaço adicional de aprendizado, estimulando o conhecimento histórico e a valorização da história, cultura e identidade local. O projeto foi concebido no âmbito do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob a coordenação da autora.

O financiamento da OEHSE foi viabilizado com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC), por meio da aprovação do projeto no Edital FAPITEC/SE/FUNTEC nº 05/2024 – Programa de Apoio à Realização de Olimpíadas de Ciências (Apêndice C). A Secretaria de Estado da Educação (SEED) contribuiu com a divulgação por meio da Assessoria de Comunicação (ASCOM). Além disso, o Arquivo Público Estadual (APES) e o Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa participaram fornecendo recursos bibliográficos e promovendo sessões de estudo on-line.

A justificativa para a criação da OEHSE fundamentou-se na necessidade de estimular o aprendizado e a pesquisa em História, desenvolvendo competências como investigação, análise crítica e resolução de problemas, em consonância com as diretrizes da BNCC. Paralelamente, a olimpíada buscou promover o interesse pela história local, articulando ambientes virtuais e recursos tecnológicos digitais.

Com recursos provenientes do Fundo Estadual para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNTEC), sob gestão da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e da Ciência e Tecnologia (SEDETEC) e repassados à FAPITEC/SE, foi possível implementar até dez projetos de olimpíadas de ciências, com auxílio financeiro de até R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) por projeto. Em maio de 2024, a proposta de realização da OEHSE foi submetida ao referido edital e aprovada em 31 de julho de 2024 (Apêndice C).

O processo organizacional iniciou-se com reuniões envolvendo professores da rede estadual, com experiência prévia em olimpíadas como a ONHB e a OBG, nas quais a proposta da OEHSE foi apresentada e discutida. Nesses encontros, os professores participantes colaboraram na constituição de uma comissão organizadora, assumindo responsabilidades específicas de acordo com sua área de atuação: Eliana Dias Ferreira Oliveira (História), Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana (História), Regina Tavares Santos (Geografia), André Valença (Artes), Laércio Souza Santana Filho (Geografia), Adriano Moraes Araújo (Geografia) e Gleise Campos Pinto Santana (Geografia).

Posteriormente, procedeu-se à elaboração da identidade visual da olimpíada. A responsabilidade pelo desenvolvimento da logo foi atribuída ao Professor André Valença, do Centro de Excelência Governador Djenal Tavares Queiroz. A proposta buscou representar visualmente os valores e a história da OEHSE, articulando elementos inspirados nos cobogós arquitetônicos, nas bacias hidrográficas sergipanas e nas cores do folclore local, conforme ilustrado na Figura 7. A identidade visual objetivou transmitir acessibilidade, conexão e receptividade, refletindo o caráter inclusivo e educativo do evento.

Figura 7. Logo da 1ª Edição da OEHSE
I Olimpíada Estadual em História de Sergipe



Fonte: oehse.com.br.

Para desenvolver a concepção da identidade visual da OEHSE, considerou-se a riqueza da cultura popular sergipana, caracterizada por cores, formas e símbolos presentes em manifestações como o folclore, o artesanato local e outras expressões culturais, conferindo autenticidade e identidade à marca. A diversidade identitária de Sergipe foi representada através da inclusão de elementos que remetem às influências culturais indígenas, africanas e europeias, transmitindo uma mensagem de diversidade, autenticidade e conexão com as raízes regionais. A identidade visual associou o formato geométrico dos cobogós à fluidez das bacias hidrográficas do estado e às cores das fitas do folclore local (Figura 7), resultando em um símbolo que sintetiza a cultura e a geografia sergipanas.

A plataforma digital da OEHSE constituiu-se como um recurso estratégico para a gestão e operacionalização da competição. O desenvolvimento do ambiente web ficou a cargo da técnica em informática Maria Ylhna Melo Santos, que aplicou tecnologias capazes de garantir segurança, acessibilidade e facilidade de uso. A implementação tecnológica envolveu frameworks como o React¹, que permite a criação de interfaces dinâmicas e responsivas, compatíveis com diversas bibliotecas de gerenciamento de estado, e o sistema de banco de dados PostgreSQL², reconhecido por sua robustez e capacidade de organizar grandes volumes de dados com segurança.

O site oficial da OEHSE, hospedado em <https://oehse.com.br>, apresenta uma estrutura hierárquica organizada em seções, tais como “Colaboradores”, “Regulamento”, “Calendário”,

¹ React é um framework open-source utilizado para criar interfaces de usuário dinâmicas em aplicações web, sendo compatível também com aplicativos móveis e desktop por meio do React Native. O framework permite criar componentes reutilizáveis e facilita a manutenção e atualização das aplicações.

² PostgreSQL é um sistema de gerenciamento de banco de dados objeto-relacional de código aberto, que utiliza a linguagem SQL e oferece recursos avançados de segurança, integridade e escalabilidade para armazenamento de dados complexos.

“Downloads”, “Equipes”, “Questões” e “Resultados”. A navegação estruturada e o design responsivo favorecem a usabilidade em diferentes dispositivos, incluindo computadores, tablets e celulares, promovendo acessibilidade digital e experiência satisfatória aos usuários. O sistema de controle de usuários e equipes, aliado ao protocolo HTTPS, mecanismos de autenticação e autorização, assegura que apenas participantes cadastrados acessem áreas restritas, como o ambiente de realização das provas.

O design da interface priorizou princípios de experiência do usuário (UX) e acessibilidade digital, considerando tipografia legível, contraste adequado e organização intuitiva dos elementos visuais. A integração dessas soluções tecnológicas possibilitou a execução eficiente da competição, oferecendo um ambiente seguro, funcional e confiável para estudantes e professores.

A comunicação institucional e o suporte aos participantes foram realizados por meio de e-mail (oehsergipe@gmail.com) e da conta oficial no Instagram (@oehsergipe) (Figura 8), permitindo esclarecimento de dúvidas e interação constante com os usuários.



Fonte: Elaboração da autora (2024).

Paralelamente ao processo de estruturação da plataforma digital, foi elaborado o regulamento da OEHSE (Apêndice D), tomando como referência os regulamentos da Olimpíada Nacional em História do Brasil e da Olimpíada de Ciências Humanas do Ceará (OCHE-CE). Além disso, foram desenvolvidas a ficha de inscrição (Apêndice E) e o calendário da competição, tarefas que ficaram sob a responsabilidade da autora.

O processo de elaboração das questões foi coordenado pela autora, contando com a colaboração de professores e professoras da rede estadual, destacando-se a professora Eliana Dias Ferreira Oliveira, e demais colegas: Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana, Regina Tavares Santos, André Valença, Laércio Souza Santana Filho, Adriano Moraes Araújo e Gleise Campos Pinto Santana. Contribuíram também professores da Universidade Federal de Sergipe, Denio Santos Azevedo e Edna Maria Matos Antônio, bem como do Instituto Federal de Sergipe (IFS), José Wellington Carvalho Vilar. A correção ortográfica das questões foi realizada pela professora Tatiana Melo Menezes Lima, do Centro de Excelência Deputado Jonas Amaral.

Outro aspecto fundamental foi a divulgação da Olimpíada nas escolas. Em consonância com a identidade visual do evento, elaborou-se um cartaz (Figura 9), que foi distribuído pessoalmente em diversas unidades escolares das diretorias regionais de educação, alcançando professores, coordenadores pedagógicos e gestores. De forma virtual, a divulgação ocorreu por meio de grupos de WhatsApp, das redes sociais e do site da SEED, do PROFHISTÓRIA/UFS, assim como através do perfil oficial da OEHSE no Instagram (@oehsergipe), informando sobre o processo de inscrição e detalhes da competição.

Figura 9. Cartaz de divulgação OEHSE



Fonte: Elaboração da autora (2024).

A programação da OEHSE contemplou um período de inscrições e quatro etapas online. As três primeiras etapas foram compostas por cinco questões e uma tarefa cada, enquanto a última consistiu em uma tarefa única. A correção das tarefas das fases 2, 3 e 4 ficou sob a responsabilidade da autora e da professora Eliana Dias Ferreira Oliveira. Ao término das fases olímpicas, os professores que orientaram equipes foram convidados a comentar as questões, que foram disponibilizadas em PDF no site oficial da competição, contribuindo para a reflexão e avaliação pedagógica do processo.

5.2 ENTRE O PROJETO E A REALIDADE: OS OBSTÁCULOS DO PERCURSO

A primeira edição da OEHSE foi planejada de acordo com o cronograma previsto na proposta aprovada pela FAPITEC. Entretanto, a liberação tardia dos recursos, ocorrida apenas em setembro de 2024, exigiu alterações no planejamento inicial. Posteriormente, novas modificações foram necessárias devido às paralisações do magistério, que impediram alguns professores de realizar as inscrições junto com seus alunos dentro do prazo estipulado (Quadros 4 e 5).

Quadro 4. Cronograma OEHSE: Inicial

Inscrições	19 a 31/08/2024
Realização das fases	9/09 a 5/10/2024
Fase 1	09 a 14/09/2024
Fase 2	16 a 21/09/2024
Fase 3	23 a 28/09/2024
Fase 4	30/09 a 05/10/2024
Divulgação dos resultados	15/10/2024
Premiação	01/11/2024

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Quadro 5. Cronograma OEHSE: Retificação 1

Inscrições	16 a 28/09/2024
Realização das fases	07 a 02/11/2024
Fase 1	07 a 12/10/2024
Fase 2	14 a 19/10/2024
Fase 3	21 a 26/10/2024

Fase 4	28/10a 02/11/2024
Divulgação dos resultados	08/11/2024
Premiação	14/11/2024

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Houve ainda outras modificações no cronograma, desta vez, provocadas pelas paralisações ocorridas durante o período – fruto da luta justa do magistério por reconhecimento – resultaram em diversas solicitações de professores que não puderam realizar as inscrições junto com seus alunos dentro do prazo estipulado. Assim, o cronograma precisou ser ajustado mais uma vez (Quadro 6).

Quadro 6. Cronograma OEHSE: Retificação 2

Cronograma Projeto OEHSE	
Inscrições	16/09a 05/10/2024
Realização das fases	30/09a 02/11/2024
Fase 1	07 a 12/10/2024
Fase 2	14 a 19/10/2024
Fase 3	21 a 26/10/2024
Fase 4	28/10a 02/11/2024
Divulgação dos resultados	30/11/2024
Premiação	16/12/2024

Fonte: Elaboração da autora (2024).

O Sindicato do Magistério buscou diálogo com o Governo do Estado para tratar das reivindicações da categoria, mas as tratativas não avançaram, prolongando o movimento por vários meses desde o início do ano letivo de 2024. Duas dessas paralisações coincidiram com o período inicialmente planejado para a realização da OEHSE (Figura 10), dificultando a inscrição das equipes e exigindo um terceiro ajuste no cronograma (Quadro 7).

Figura 10. Cartaz de paralizações do magistério sergipano



Fonte: <https://sintese.org.br/> (2024).

Além disso, a divulgação dos resultados e a cerimônia de premiação sofreram adiamentos. A correção de um número maior de trabalhos do que o inicialmente previsto demandou mais tempo, e o calendário apertado do final do ano letivo, incluindo provas e recuperações, inviabilizou a realização da premiação em novembro, sendo transferida para o início de 2025.

Quadro 7. Cronograma OEHSE: Retificação 3 (Final)

Inscrições	16/09a 05/10/2024
Realização das fases	30/09a 02/11/2024
Fase 1	07 a 12/10/2024
Fase 2	14 a 19/10/2024
Fase 3	21 a 26/10/2024
Fase 4	28/10a 02/11/2024
Divulgação dos resultados	23/12/2024
Prazo para recursos	24 a 28/12/2024
Resultado Final	30/12/2024
Cerimônia de Premiação	03/06/2025

Fonte: Elaboração da autora (2024).

5.3 A REALIZAÇÃO EFETIVA DA OLIMPÍADA

Entre os dias 30 de setembro e 2 de novembro de 2024, as equipes inscritas participaram das fases da OEHSE, respondendo às questões e realizando as tarefas propostas.

A primeira fase foi composta por cinco questões de múltipla escolha, cada uma com quatro alternativas, das quais uma era incorreta e três corretas. Entre as questões corretas, uma era descritiva, outra contextual e uma interpretativa, com valores de 1, 3 e 5 pontos, respectivamente. Além disso, os alunos preencheram um questionário sociocultural, permitindo conhecer melhor o perfil das equipes participantes.

Os principais temas abordados na Fase 1 incluíram:

- Colonização e povos originários: a presença indígena em Sergipe antes da chegada dos portugueses e os impactos da colonização;
- Escravidão e resistência: a formação de comunidades quilombolas e a luta dos escravizados por liberdade;
- Movimentos sociais e políticos: revoltas e eventos que contribuíram para moldar a identidade sergipana;
- Cultura e tradições populares: manifestações musicais, festas, literatura, oralidade e religiosidade;
- Comunidades tradicionais ribeirinhas: modos de vida, desafios e preservação cultural.

Em termos de conexões com a atualidade, foi proposto que os estudantes refletissem sobre a influência das heranças históricas na identidade cultural sergipana, sobre a luta dos povos indígenas e quilombolas por reconhecimento e direitos, e sobre a preservação do patrimônio cultural e ambiental em Sergipe.

No que tange às possibilidades pedagógicas, sugeriu-se o uso de fontes históricas e orais para engajar os alunos; o desenvolvimento de projetos interdisciplinares envolvendo História, Geografia e Arte; visitas a comunidades ou museus locais; e a produção de materiais audiovisuais ou podcasts sobre a cultura sergipana.

Na fase 2, a proposta seguiu o mesmo modelo, sendo modificada apenas a tarefa que as equipes deveriam cumprir, a saber: escolher uma obra de um artista plástico sergipano que representasse aspectos da história e/ou cultura de Sergipe (dando preferência a um artista do seu município), com vistas a desenvolver:

1. Relato Biográfico do Artista (máximo de 1200 caracteres): Escreva um breve relato sobre a vida e carreira do artista escolhido, destacando sua trajetória profissional e sua relevância para a cultura de Sergipe.
2. Relato Sobre a Obra (máximo de 1500 caracteres): apresentar uma análise da obra selecionada, relacionando-a com o contexto histórico ou cultural de

Sergipe. Destacar como a obra contribui para a compreensão da identidade cultural ou da história do estado.

Os critérios adotados para avaliação da tarefa proposta foram os seguintes:

1. Relato Biográfico do Artista (10 pontos)
 - 10-8 pontos: Apresenta um relato completo e bem estruturado, destacando a trajetória do artista, sua relevância para a cultura sergipana e seguindo o limite de caracteres.
 - 7-5 pontos: Apresenta informações relevantes, mas de forma incompleta ou com pouca clareza.
 - 4-2 pontos: Relato superficial, com poucas informações sobre a trajetória e importância do artista.
 - 1-0 pontos: Não apresenta o relato ou está fora do tema.
2. Relato Sobre a Obra e Relação com a História/Cultura de Sergipe (15 pontos)
 - 15-12 pontos: Descreve e analisa a obra de forma clara e objetiva, relacionando-a bem com o contexto histórico/cultural do estado.
 - 11-8 pontos: Apresenta uma boa análise da obra, mas a relação com a história/cultura de Sergipe poderia ser mais desenvolvida.
 - 7-4 pontos: Análise pouco aprofundada, com conexões superficiais com a cultura/história do estado.
 - 3-0 pontos: Não apresenta análise ou a relação com a cultura/história sergipana.
3. Qualidade das Imagens da Obra e do Artista (10 pontos)
 - 10-8 pontos: Imagens bem digitalizadas/fotografadas, nítidas e com boa resolução.
 - 7-5 pontos: Imagens apresentadas, mas com qualidade mediana (pouco nítidas ou pixeladas).
 - 4-2 pontos: Imagens de baixa qualidade, dificultando a visualização dos detalhes.
 - 1-0 pontos: Não inclui as imagens solicitadas.
4. Adequação às Orientações e Organização do Trabalho (10 pontos)
 - 10-8 pontos: Trabalho bem estruturado, seguindo as normas (limite de caracteres, indicação correta da obra/artista, inclusão dos dados da equipe, etc.).

- 7-5 pontos: Apresenta pequenos desvios em relação às orientações, mas mantém boa organização.
- 4-2 pontos: Trabalho desorganizado, com diversos erros no cumprimento das orientações.
- 1-0 pontos: Não segue as orientações básicas da tarefa.

5. Qualidade da Escrita e Clareza do Texto (5 pontos)

- 5 pontos: Texto bem escrito, com coesão, coerência e sem erros gramaticais significativos.
- 4-3 pontos: Texto claro e bem estruturado, mas com pequenos erros de gramática/ortografia.
- 2-1 pontos: Texto com falhas na coesão e coerência, dificultando a compreensão.
- 0 pontos: Texto confuso e com muitos erros que comprometem a leitura.

Na fase 3, a proposta das cinco questões permaneceu e mais uma tarefa foi disponibilizada. Dessa vez, os participantes deveriam ler, decifrar e compreender uma fonte histórica. As equipes deveriam realizar a transcrição de um documento manuscrito, agindo como um historiador no contato com um documento do passado, considerando as características e marcas do tempo em que ele foi produzido. Os critérios de avaliação utilizados para correção da tarefa foram:

1. Fidelidade à Transcrição (25 pontos)

- 25-20 pontos: Transcrição precisa e fiel ao documento original, respeitando a estrutura do texto e mantendo coerência nas escolhas de grafia e abreviações.
- 19-15 pontos: Pequenos erros, mas o conteúdo ainda reflete bem o original.
- 14-8 pontos: Muitos erros que prejudicam a compreensão geral do texto.
- 7-0 pontos: Transcrição pouco fiel ou incompleta.

2. Correção da Escrita e Pontuação (15 pontos)

- 15-12 pontos: Respeita as regras gramaticais e mantém a pontuação original ou adequadamente adaptada.
- 11-8 pontos: Algumas falhas na pontuação ou grafia, mas sem comprometer a leitura.
- 7-4 pontos: Erros frequentes na pontuação e ortografia.
- 3-0 pontos: Texto com graves problemas de compreensão.

3. Numeração das Linhas (5 pontos)

- 5 pontos: Todas as linhas numeradas corretamente.
- 4-3 pontos: Pequenos erros na numeração.
- 2-1 pontos: Numeração incompleta ou incorreta.
- 0 pontos: Não há numeração.

4. Manutenção da Estrutura do Documento (5 pontos)

- 5 pontos: Mantém a divisão e estruturado texto original.
- 4-3 pontos: Pequenos desvios na estrutura.
- 2-1 pontos: Estrutura alterada de forma significativa.
- 0 pontos: Não segue a estrutura do documento.

5. Formato e Entrega (5 pontos)

- 5 pontos: Documento salvo corretamente em PDF e entregue conforme solicitado.
- 4-3 pontos: Pequenos erros no formato, mas o arquivo é legível e organizado.
- 2-1 pontos: Erros significativos no formato ou entrega.
- 0 pontos: Arquivo não entregue ou ilegível.

6. Coerência na Adaptação da Grafia (10 pontos)

- 10-8 pontos: Escolha consistente entre grafia original e atualizada.
- 7-5 pontos: Pequenas inconsistências na grafia.
- 4-2 pontos: Incoerências frequentes entre grafias.
- 0 pontos: Falta de padronização prejudica a leitura.

Na fase 4, as equipes precisaram produzir os “Retratos da Sergipanidade”, destacando um bem material e um bem imaterial que simbolizassem a identidade sergipana, que poderia incluir saberes, sabores, técnicas artesanais, tradições orais, festas populares, danças e outros elementos do patrimônio cultural de Sergipe. Os critérios de avaliação utilizados para correção da tarefa foram:

1. Adequação e Originalidade dos Bens Selecionados (25 pontos)

- Relevância dos bens escolhidos: os bens materiais e imateriais devem ser representativos da cultura sergipana;
- Originalidade: a seleção dos bens deve demonstrar uma escolha inovadora, evitando repetir exemplos comuns;

- Justificativa da conexão com a Sergipanidade: é necessário que os bens escolhidos estejam claramente conectados à identidade de Sergipe, com explicações consistentes sobre a importância cultural de cada um.

2. Clareza, Coesão e Correção Textual (25 pontos)

- Organização e Coerência: as ideias devem estar bem estruturadas, com introdução, desenvolvimento e conclusão coesos.
- Uso adequado da língua portuguesa: avaliar ortografia, gramática e sintaxe.
- Adequação ao objetivo da tarefa: os textos devem respeitar as instruções, fornecendo uma descrição detalhada e bem fundamentada de cada bem.
- Originalidade textual: verificar se o conteúdo é autêntico e bem interpretado, utilizando no máximo até 3 referências e evitando o uso excessivo de citação direta.

3. Qualidade Visual das Imagens (20 pontos)

- Relevância das Imagens: as fotografias devem ser apropriadas e corresponder diretamente aos bens descritos.
- Qualidade e Resolução das Imagens: as imagens devem ter boa definição e atender às especificações de tamanho e formato (JPG, até 2000x2000 pixels).
- Estética e Apelo Visual: as imagens devem ser visualmente atraentes e contribuir para a compreensão da identidade cultural abordada.

4. Conformidade com as Especificações de Formato (15 pontos)

- Estrutura e Limite de Páginas: a tarefa deve ser apresentada em duas páginas no formato A4 e em PDF.
- Inserção dos Dados da Equipe: informações da escola, professor(a) orientador(a) e estudantes devem estar completas.
- Nome do Arquivo: o arquivo deve ser nomeado corretamente como “Retratos da Sergipanidade”.

5. Adesão às Diretrizes Éticas e de Plágio (15 pontos)

- Originalidade do Conteúdo: o texto deve ser de autoria própria, respeitando os direitos autorais e evitando o plágio.

- Uso da IA como Auxiliar: caso a IA seja utilizada apenas para correção ortográfica ou gramatical, a equipe deve indicar essa utilização, conforme recomendado.
- Citações e Referências: Qualquer citação direta deve ser claramente referenciada e limitada a 3 fontes, caso seja utilizada.

5.4 DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A realização da OEHSE reuniu um conjunto de desafios que refletem tanto questões estruturais do ensino público quanto especificidades do campo da História como componente curricular escolar. Entre os principais obstáculos, destacaram-se a limitação de recursos materiais e humanos, a dificuldade de acesso a plataformas digitais por parte de algumas escolas e a necessidade de mobilização dos professores diante de rotinas já sobrecarregadas. Esses aspectos se articulam com o cenário mais amplo da educação brasileira, no qual a escassez de investimentos e a desigualdade de condições entre unidades escolares impactam diretamente as possibilidades de inovação pedagógica.

No plano metodológico, a construção das questões demandou um esforço coletivo para equilibrar rigor acadêmico, acessibilidade linguística e pertinência curricular. Esse processo mostrou a importância de elaborar instrumentos avaliativos que dialogassem com a BNCC (Brasil, 2018) e com o Currículo de Sergipe (Sergipe, 2022), sem perder de vista a valorização da História Local. Outro desafio foi garantir a interdisciplinaridade e a diversidade temática, de modo a contemplar problemáticas contemporâneas, como meio ambiente, gênero, identidade e antirracismo, articuladas ao ensino de História.

Apesar das dificuldades, a OEHSE também abriu importantes possibilidades. A participação de estudantes e professores demonstrou potencial de engajamento e despertou interesse pelo conhecimento histórico para além da sala de aula. Ademais, a Olimpíada mostrou-se como espaço de formação docente, incentivando práticas inovadoras e colaborativas, bem como fortalecendo o vínculo entre universidade, escolas e instituições de memória.

Nesse sentido, a OEHSE pode ser compreendida como uma prática de História Pública em ambiente educacional, na medida em que mobiliza diferentes atores sociais e valoriza o patrimônio histórico-cultural de Sergipe. Ao estimular a produção de sentidos sobre o passado e o presente a partir de fontes locais, a iniciativa contribui para o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes, ampliando seu repertório crítico e interpretativo.

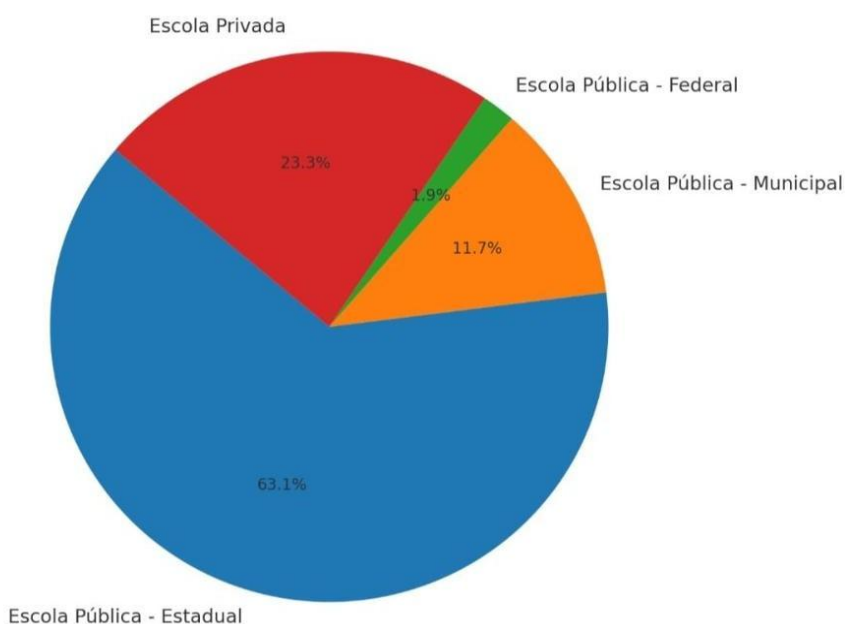
Em síntese, os desafios enfrentados, longe de inviabilizarem a proposta, reafirmam a necessidade de políticas de fomento que assegurem condições materiais e pedagógicas adequadas para a consolidação de iniciativas como a OEHSE. Por outro lado, as possibilidades identificadas apontam para a continuidade e o aperfeiçoamento da experiência, com vistas a fortalecer a formação histórica dos jovens sergipanos e a democratizar o acesso ao conhecimento científico e cultural.

Considerando os desafios identificados e as possibilidades que se abrem para a consolidação da OEHSE, torna-se necessário analisar como tais aspectos se expressaram na prática da pesquisa. A seguir, são apresentados os dados empíricos produzidos ao longo do processo investigativo, os quais permitem compreender de que maneira a proposta foi recebida, apropriada e ressignificada pelos sujeitos envolvidos. Essa análise possibilita verificar a viabilidade do projeto, bem como evidenciar suas contribuições para o ensino de História no contexto da rede pública sergipana.

5.5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

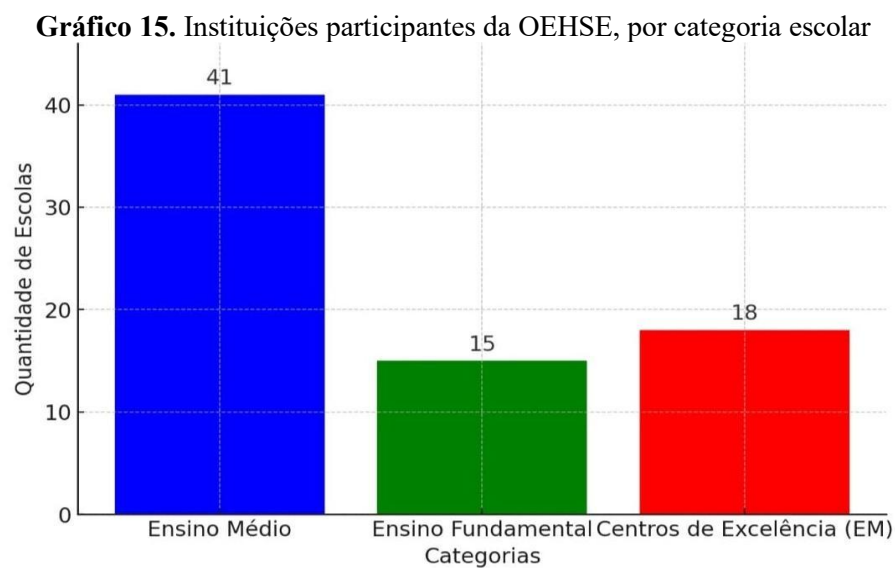
O processo de inscrição resultou em 1.105 equipes, totalizando 3.488 estudantes, 128 professores e 93 escolas participantes, provenientes de 45 municípios sergipanos. No conjunto das instituições inscritas, 79 pertenciam à rede pública (12 municipais, 65 estaduais e 2 federais) e 24 eram instituições privadas. Essa distribuição pode ser observada no Gráfico 14.

Gráfico 14. Escolas participantes da OEHSE, por tipo



Fonte: Elaboração da autora (2024).

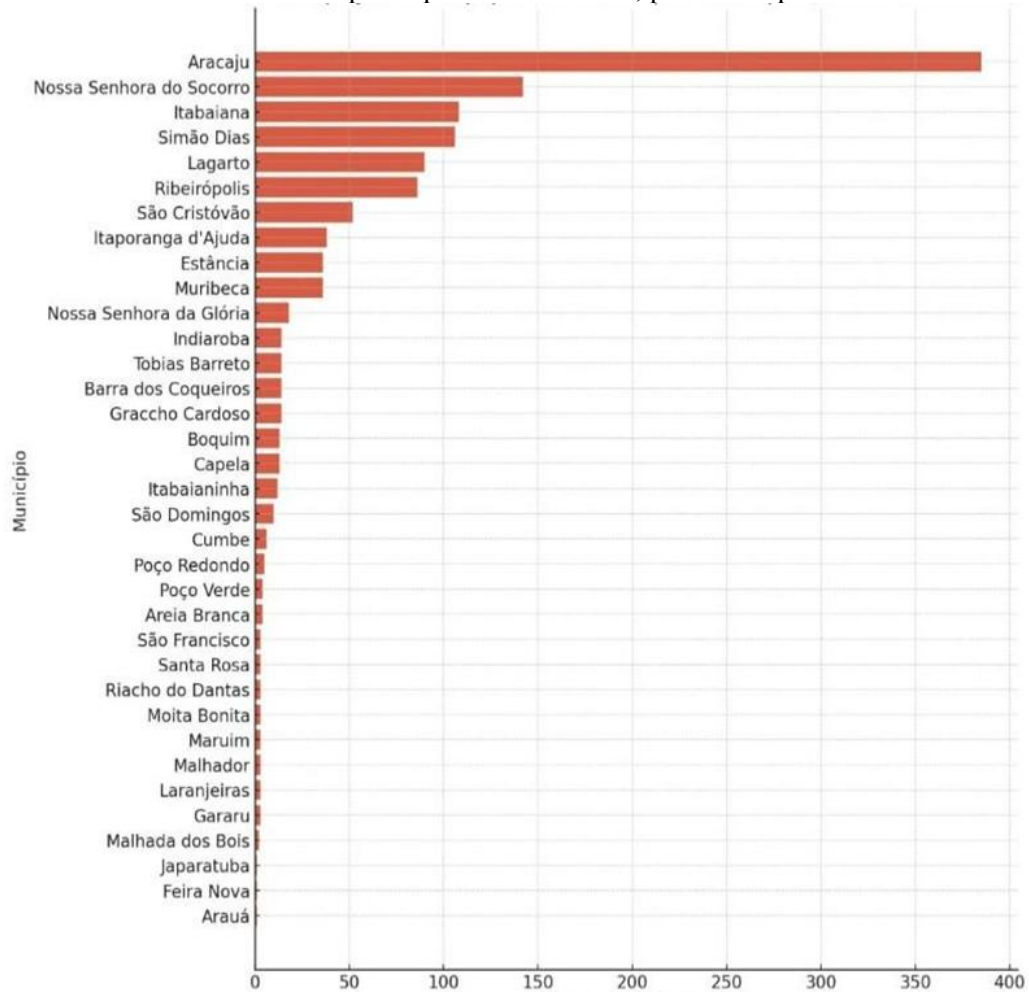
Entre as escolas participantes, houve predominância do ensino médio, com destaque para os Centros de Excelência da rede estadual (Gráfico 15). A participação efetiva por fase está sintetizada no Quadro 7, que evidencia a redução progressiva do número de equipes ao longo das etapas da Olimpíada: 1.105 na Fase 1; 902 na Fase 2; 714 na Fase 3; e 661 na Fase 4.



Fonte: Elaboração da autora (2024).

Quanto à distribuição geográfica, verificou-se maior concentração de equipes na capital do estado. Entretanto, é relevante destacar que 45 dos 75 municípios sergipanos estiveram representados na OEHSE, demonstrando a abrangência territorial e o interesse regional pela iniciativa (Gráfico 16).

Gráfico 16. Escolas participantes da OEHSE, por município do estado



Fonte: Elaboração da autora (2024).

No que se refere à condução da Olimpíada, alguns desafios se evidenciaram durante o processo. Um deles ocorreu na etapa inicial, com a exclusão inadvertida de inscrições em razão de falha técnica na hospedagem do site. A solução demandou a reabertura do período de inscrição e ampla divulgação junto às escolas, de modo a não comprometer a participação.

Outro ponto recorrente foram as dificuldades de acesso à plataforma, em função de senhas esquecidas ou do uso de diferentes e-mails pelas equipes, o que dificultou a identificação dos participantes. A criação de um suporte específico e a adoção de orientações padronizadas mitigaram o problema, ainda que ele tenha persistido em alguns casos.

Houve também sobreposição de envios de tarefas e múltiplas submissões de respostas em questões objetivas. Para uniformizar a avaliação, adotou-se como critério a consideração do último envio para as tarefas e, no caso das questões de múltipla escolha, a média das respostas registradas.

Além disso, o volume de dúvidas recebidas ao longo da competição sobrecarregou a equipe responsável pelo suporte. Como medida de enfrentamento, foram implementadas respostas automáticas para perguntas frequentes e intensificada a divulgação de informações em canais oficiais. Entre as sugestões dos participantes, destacam-se as relacionadas à melhoria do ambiente de prova e ao fortalecimento da central de ajuda.

Apesar das dificuldades, a experiência mostrou-se exitosa, tanto pelo alcance regional quanto pelo engajamento de professores e estudantes. A análise dos resultados aponta, contudo, para a necessidade de investimentos em infraestrutura tecnológica mais estável, bem como no aprimoramento dos processos de inscrição, comunicação e suporte. Tais aspectos constituem recomendações fundamentais para futuras edições da OEHSE.

A análise da participação efetiva das equipes ao longo das fases da OEHSE permite identificar tendências relevantes no processo de engajamento. Conforme demonstra o Quadro 7, a competição iniciou-se com 1.105 equipes na primeira fase, número que foi gradualmente reduzido para 902 na segunda fase, 714 na terceira e 661 na quarta fase.

Quadro 8. Participantes efetivos da OEHSE, por fase

Fase 1	1.105
Fase 2	902
Fase 3	714
Fase 4	661

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Esses dados revelam um padrão de diminuição progressiva, característico de olimpíadas acadêmicas em geral, em que a complexificação dos desafios propostos e o acirramento da concorrência geram um filtro natural de permanência. Entretanto, nota-se que a taxa de evasão entre as fases foi relativamente moderada: de 1.105 equipes iniciais, mais de 59% permaneceram até a última etapa, número expressivo para uma edição inaugural.

A permanência significativa dos participantes pode ser interpretada como um indicativo de motivação e interesse pelo formato proposto, além da relevância do conteúdo trabalhado. Esse resultado sugere que a OEHSE conseguiu não apenas mobilizar um contingente considerável de estudantes e professores na fase inicial, mas também garantir sua continuidade até os momentos finais da competição.

Após a divulgação do gabarito, foi registrada uma única contestação (Figura 1) na questão 1 da fase 3, identificada como resultado de erro de digitação. O ajuste realizado demonstrou atenção às demandas dos participantes e a importância do acompanhamento

rigoroso do processo avaliativo. Além disso, foram recebidos recursos referentes às notas atribuídas às tarefas, os quais foram cuidadosamente avaliados e tratados de forma criteriosa, garantindo a transparência e a justiça na correção.

Figura 11. Contestação da questão 1, da fase 3, da OEHSE

Com relação à Questão 1 da Fase 3, discordamos que o item mais valioso seja a alternativa "A". Esta alternativa é claramente descritiva, sem maiores problematizações e, no nosso entendimento, ela valeria 1 (um) ponto.

A alternativa "B" é a alternativa INCORRETA, ou seja, de valor 0 (zero). Acreditamos que o item de maior valor seja a letra "C", pois ela aponta para as várias camadas de complexidade que a obra de Arthur Bispo do Rosário evoca.

No próprio comentário da questão, lançado pela organização ao final da olimpíada, podemos ver elementos que apontam para o item "C" como o mais adequado. Vejamos o que dizem os itens "A" e "C", para efeito de comparação:

a) A produção do artística de Arthur Bispo do Rosário é tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o mundo se rendeu a arte de Bispo. A sua arte traz o cotidiano, uma colher ou um caneco de alumínio, são elementos do cotidiano, ele ainda faz um manto com o qual se apresentaria a Deus. O manto traz bordado nomes de pessoas pelas quais ele queria interceder junto a Deus. Segundo Arthur a arte por ele produzida era uma imposição das vozes que ele ouvia. É um dos maiores artistas do século XX.

c) **Arthur Bispo do Rosário, que carregava todos os estigmas de marginalização social** ainda vigentes em nossa sociedade – **negro, pobre, louco, asilado em um manicômio** – consegue, na sua genialidade, **subverter a lógica excludente** propondo, a partir da sua obra, a **ressignificação do universo**, para ser reunido e apresentado no dia do juízo final.

O item "A" traz apenas uma descrição dos materiais utilizados pelo artista, a informação que sua arte é tombada e uma consideração sobre sua importância.

Já o item "C" traz toda uma argumentação que aponta para a exclusão de vastas camadas da sociedade (negro, pobre, louco), a forma como a arte de Arthur Bispo do Rosário consegue subverter essa lógica e questionar o status quo da arte.

Como dissemos, o comentário da questão sugere que esse item "C" seja mais adequado que o item "A", conforme os trechos abaixo do referido comentário da questão:

"A vida e a obra de Arthur Bispo do Rosário **refletem resistência, criatividade e uma crítica às estruturas de exclusão social e racial no Brasil**. Como **um homem negro, nordestino e em situação de vulnerabilidade**, Bispo enfrentou o racismo estrutural e a marginalização, vivendo grande parte de sua vida em um hospital psiquiátrico".

"Utilizando materiais simples e reciclados, Bispo transformou o descartado em arte, reinterpretando símbolos religiosos e culturais de forma única. **Suas criações abordam temas de identidade, memória e espiritualidade afro-brasileira, desafiando os padrões elitistas da arte e destacando a força cultural das comunidades negras.**"

"Reconhecida apenas após sua morte, **sua obra questiona as convenções do que é considerado arte e quem tem o direito de produzi-la**. Bispo promove uma descolonização do olhar artístico ao evidenciar que a criatividade e a contribuição cultural transcendem as normas eurocêtricas. Sua trajetória levanta debates sobre o racismo na psiquiatria e na sociedade, além de **inspirar reflexões sobre como histórias de exclusão podem ser ressignificadas pela arte e pela memória.**"

Pedimos que reconsiderem esta questão à luz do próprio comentário elaborado pela organização da Olimpíada.

Fonte: oehsgeripe@gmail.com (2024).

No plano organizativo, destacam-se problemas técnicos relacionados à hospedagem do site, que resultaram na perda temporária de inscrições individuais previamente realizadas. Essa situação exigiu a reabertura do período de inscrições e a divulgação ampla das novas orientações, assegurando que todos os participantes pudessem refazer seu cadastro sem

prejuízos. Adicionalmente, observou-se que dificuldades de acesso à plataforma, seja por esquecimento de senhas ou utilização de diferentes endereços de e-mail, geraram confusões na identificação das equipes e no recebimento das tarefas. Para mitigar esses problemas, foi estabelecido um suporte específico, aliado à orientação sobre a necessidade de manter e-mails consistentes ao longo da competição.

Outro ponto relevante foi o volume de tarefas enviadas em duplicidade ou em versões alternativas pelas equipes, o que demandou critérios claros de correção. Estabeleceu-se, portanto, a consideração apenas do último envio, enquanto as respostas das questões de múltipla escolha foram tratadas com base na média das respostas enviadas, garantindo equidade na avaliação.

O aumento progressivo das dúvidas enviadas pelos participantes, relacionadas a regras, prazos e funcionamento da plataforma, evidenciou a necessidade de estratégias de comunicação efetivas. Para atender a essa demanda, foram implementadas respostas automáticas para as perguntas mais frequentes e reforçada a divulgação de informações nos canais oficiais da OEHSE. Sugestões recebidas de professores, tais como melhorias no ambiente de prova e na central de ajuda, indicam percepção crítica sobre a experiência digital e apontam caminhos para aprimoramento nas próximas edições.

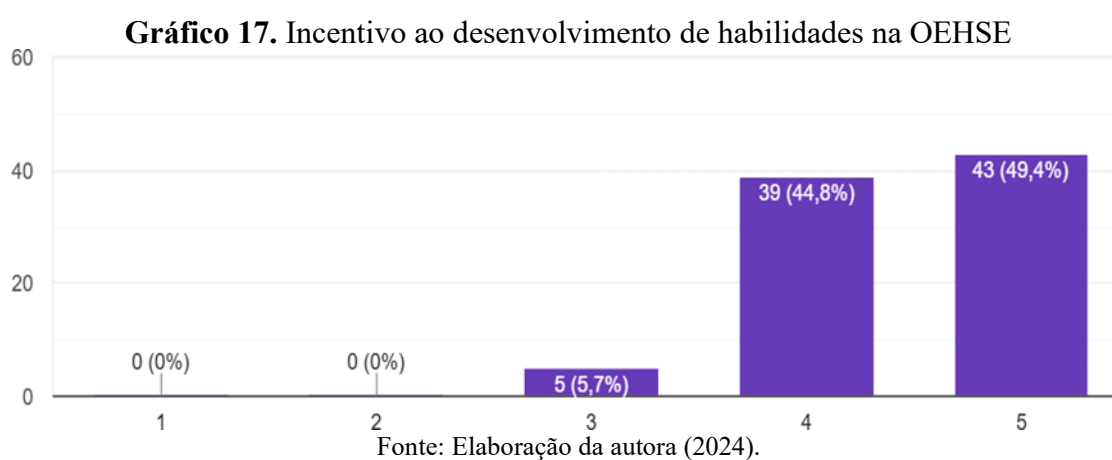
Em síntese, a condução da OEHSE demonstrou capacidade de adaptação frente a imprevistos, evidenciando que o planejamento estratégico, aliado a ações rápidas e fundamentadas, é essencial para garantir a integridade do processo avaliativo e a satisfação dos participantes. Esse acompanhamento qualitativo do percurso organizativo oferece subsídios importantes para aprimorar futuras edições, sobretudo no que se refere à estabilidade da plataforma, à eficiência do suporte e à clareza nos procedimentos de inscrição e avaliação.

5.6 A AVALIAÇÃO DA OEHSE POR PROFESSORES E ESTUDANTES

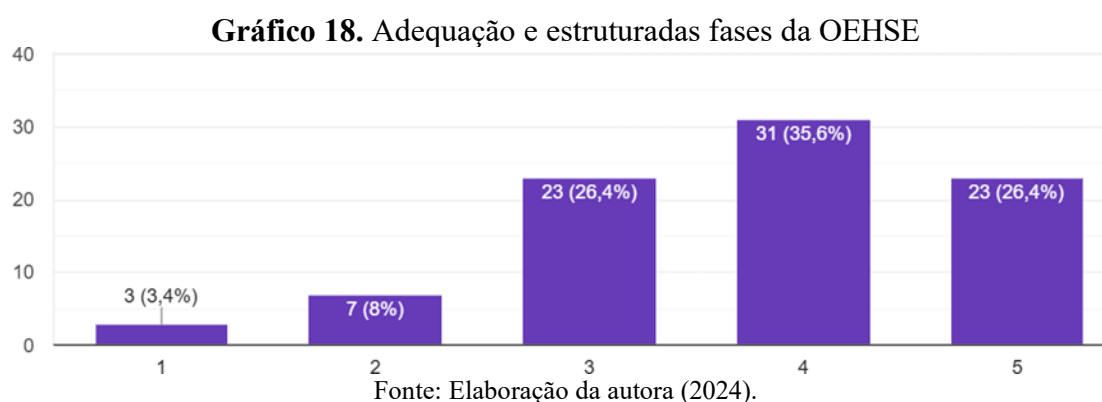
Ao final da última fase da OEHSE, foi aplicado aos participantes um questionário composto por perguntas abertas e fechadas, com o objetivo de avaliar a experiência da Olimpíada. Obtivemos retorno de 87 professores e 1.406 estudantes, número considerado representativo frente à quantidade total de participantes, possibilitando a análise de percepções e a identificação de pontos de melhoria para futuras edições.

5.6.1 As percepções docentes sobre a OEHSE

Os docentes participantes avaliaram positivamente a OEHSE, destacando seu impacto tanto no desenvolvimento das habilidades dos alunos quanto na prática pedagógica. Em relação ao estímulo ao desenvolvimento de competências históricas, os dados indicam que a abordagem interdisciplinar e os desafios propostos ao longo das fases favoreceram a autonomia investigativa, a análise crítica e o debate histórico, conforme demonstrado no Gráfico 17.



Quanto à clareza e adequação da estrutura e das fases da competição, a percepção docente foi majoritariamente favorável. Observou-se que a progressão das etapas respeitou a complexidade do conteúdo, proporcionando uma experiência de aprendizado simultaneamente acessível e desafiadora (Gráfico 18).



Alguns professores, entretanto, destacaram a necessidade de ajustes em função da diversidade de níveis de ensino participantes, que abrangeram do 6º ano do Ensino

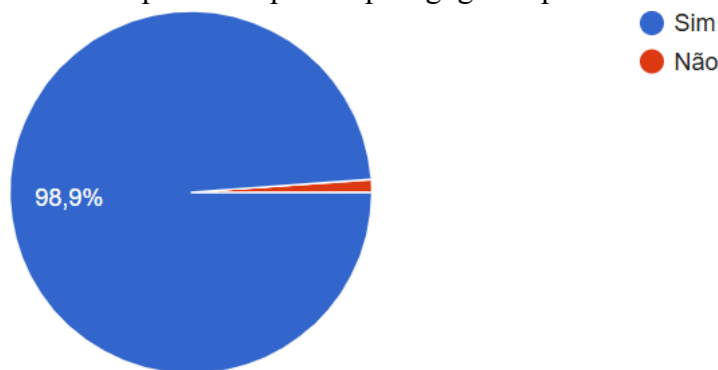
Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. As sugestões indicaram a importância de diferenciar tarefas e questões conforme a faixa etária e habilidades dos alunos, de modo a garantir equidade e desafios adequados.

Tenham um olhar mais sensível com os alunos do Ensino Fundamental. Eles tiveram que ‘competir’ com alunos do ensino médio e o nível da prova parece não ter sido muito pensado para eles (Professor 1, 2024).

As tarefas e atividades não podem ser as mesmas de alunos do sexto ano ao terceiro do médio. No sexto ano deveria ser mais lúdico. A OEHSE permitiu inscrição de alunos do 6º ano, mas o nível de habilidades exigidas ao longo das fases não foi possível ser cumprido por eles. Uma equipe do 6º ano respondeu às mesmas questões de uma equipe do ensino médio. É preciso pensar níveis e questões distintas (Professor 2, 2024).

Em relação à prática pedagógica, a maioria dos docentes apontou benefícios significativos advindos da participação na OEHSE, tais como incentivo a metodologias ativas, protagonismo estudantil e reflexão sobre a abordagem da História local e regional (Gráfico 19).

Gráfico 19. Impactos na prática pedagógica a partir da OEHSE



Fonte: Elaboração da autora (2024).

As análises qualitativas, por meio das respostas abertas, revelaram que os professores perceberam a OEHSE como promotora de:

- Discussão crítica sobre História de Sergipe e suas manifestações culturais;
- Valorização de aspectos historicamente marginalizados nos currículos oficiais;
- Ampliação do repertório cultural e histórico dos alunos;
- Estímulo à pesquisa investigativa e interdisciplinar.

Além disso, docentes destacaram a relevância da continuidade da OEHSE, apontando que a institucionalização do projeto fortalece o interesse dos alunos pela história local e

Em síntese, a continuidade do projeto é considerada estratégica para a consolidação de práticas inovadoras no ensino de história regional, fortalecendo a integração entre estudantes, professores e instituições de ensino sergipanas.

Dessa forma, acreditamos que a OEHSE pode vir a ter um papel relevante na educação histórica em Sergipe, como apoio no desenvolvimento de competências e habilidades importantes tanto para alunos quanto para professores. Sobre a importância da sua continuidade, os professores também fizeram importantes colocações:

Foi uma experiência singular participar da OEHSE, ao meu ver um projeto muito caro para fortalecer o ensino sobre história de Sergipe/regional, que está meio deslocado no formato de currículo presente no sistema educacional (Professor 19, 2024).

A continuidade se faz importante para que nossos alunos sintam-se parte do processo e protagonistas no processo de iniciação científica. Minhas sugestões são: divulgação dos resultados por etapa, bem como o gabarito, um chat para os professores orientadores e a divisão em grau de conhecimento dos alunos - Ensino Fundamental, Médio e EJA (Professor 30, 2024).

Sobre as dificuldades apontadas foram em relação à plataforma e ao período de realização da Olimpíada. Alguns professores apontaram a necessidade de melhorias:

Acredito que a plataforma deixou a desejar. Houve equipes que não realizaram uma fase e, mesmo assim, passaram de fase; dificuldade de login por parte de alunos; o professor não tinha acesso para verificar se todos os alunos preencheram o questionário. Sugiro melhorar o site, pois, mesmo seguindo o procedimento correto para entrar no ambiente da prova, nem sempre tínhamos sucesso (Professor 49, 2024).

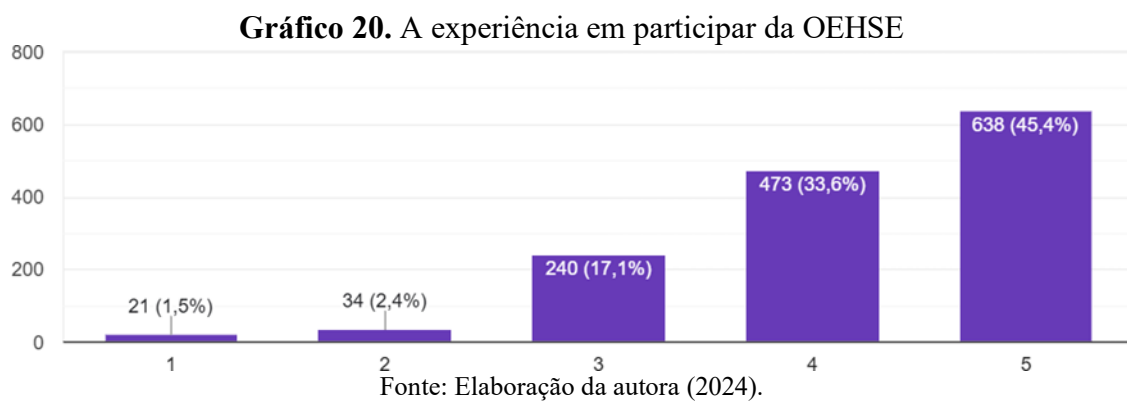
A principal dificuldade foi ser realizada no segundo semestre, momento de finalização das atividades letivas e preparação para o ENEM. Melhorar a plataforma e adequar o calendário da OEHSE com o calendário das escolas envolvidas (Professor 63, 2024).

5.6.2 As percepções discentes sobre a OEHSE

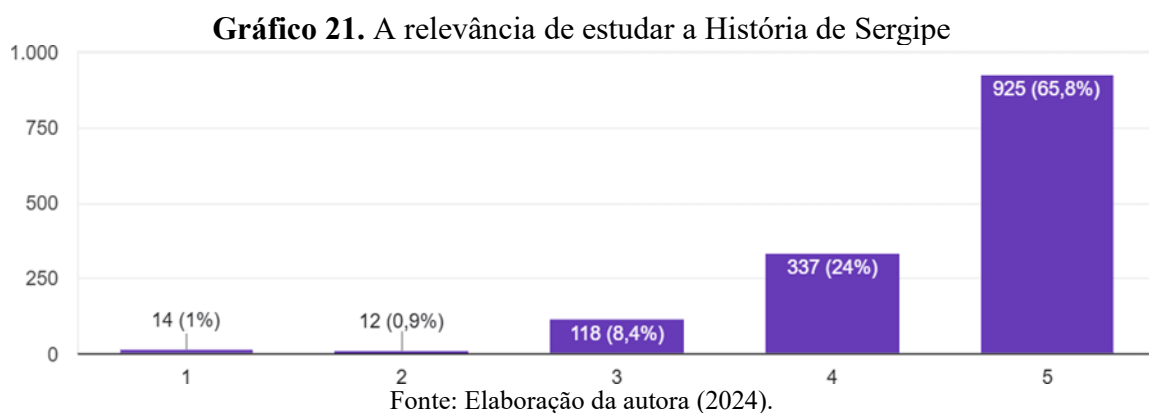
A participação dos estudantes OEHSE revelou diferentes dimensões de percepção acerca da experiência, do formato da competição e de seu impacto na formação acadêmica e cidadã. De modo geral, os alunos relataram que a Olimpíada se configurou como uma experiência desafiadora, porém motivadora, estimulando o engajamento nas atividades propostas e proporcionando contato direto com fontes históricas e debates sobre a história

sergipana. O trabalho em equipe foi destacado como elemento central, favorecendo a colaboração, o intercâmbio de ideias e o desenvolvimento de competências sociais e acadêmicas.

Os dados da pesquisa indicam que a experiência de participação foi positiva, com a maioria dos estudantes atribuindo notas elevadas à motivação proporcionada pelo evento (Gráfico 20).



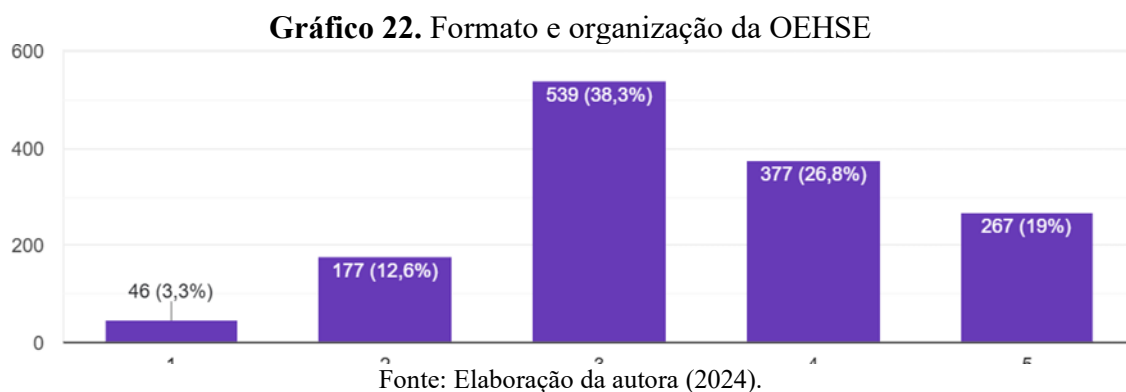
Os participantes reconheceram a relevância do estudo da história de Sergipe, considerando que a Olimpíada promoveu maior valorização do patrimônio local e possibilitou o contato com fatos, personagens e saberes pouco abordados no currículo tradicional (Gráfico 21). Entre os conhecimentos destacados pelos estudantes, salientam-se: o papel do estado em eventos históricos nacionais, a diversidade cultural e patrimonial, incluindo manifestações populares e patrimônio material e imaterial, e a influência de diferentes grupos étnicos na formação da identidade sergipana.



Além do conteúdo histórico, a OEHSE proporcionou o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e interpessoais, incluindo:

- leitura e interpretação crítica de textos históricos;
- argumentação e construção de respostas fundamentadas;
- trabalho em equipe e gestão do tempo;
- estímulo ao interesse pela pesquisa histórica.

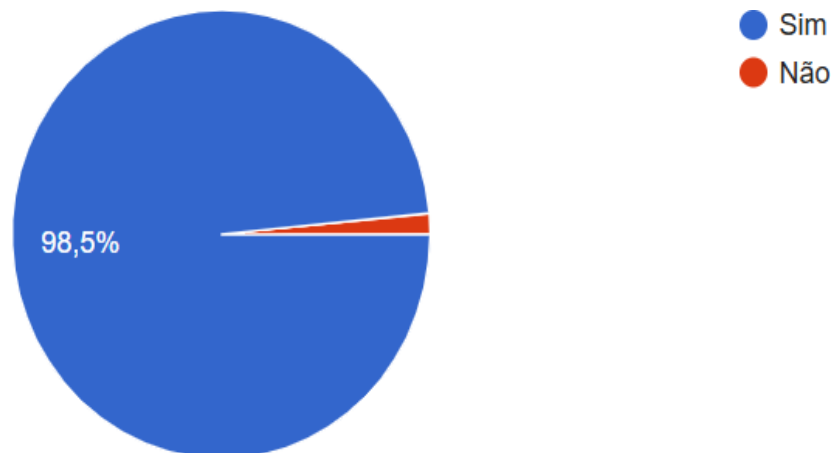
No que se refere à organização e ao formato da Olimpíada, a maioria dos estudantes considerou a estrutura clara e bem planejada, embora alguns relataram dificuldades na compreensão de instruções e transições entre as fases (Gráfico 22).



Entre os desafios apontados, destacam-se o acesso limitado a algumas fontes e materiais de pesquisa, o tempo reduzido para a resolução de questões complexas e a dificuldade inicial em interpretar documentos históricos. Tais limitações demonstram, em parte, a escassez de materiais didáticos sobre a história local disponíveis nas escolas, bem como a necessidade de adaptação às metodologias de trabalho propostas pela competição.

Os relatos dos alunos evidenciam, contudo, impactos positivos sobre a percepção da história local. Muitos afirmaram que a OEHSE os levou a valorizar e reconhecer a importância da preservação da memória histórica de Sergipe, ampliando o interesse pelo conhecimento do passado regional.

Quanto à continuidade do evento, a grande maioria dos alunos demonstrou interesse em sua manutenção e expansão (Gráfico 23).

Gráfico 23. Continuidade da OEHSE

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Entre as sugestões apresentadas para futuras edições, destacam-se: maior divulgação do evento para ampliar o número de inscritos, inserção de atividades práticas, como visitas a museus e locais históricos, e a implementação de uma etapa presencial para interação entre os participantes. Embora algumas dessas propostas ultrapassem a estrutura da edição analisada, elas indicam o desejo dos estudantes por experiências mais imersivas e diversificadas no âmbito da aprendizagem histórica.

Em síntese, a OEHSE mostrou-se uma iniciativa relevante para o estímulo ao interesse dos jovens pela história local. Os resultados apontam para a potencialidade do evento em consolidar-se como prática anual e institucionalizada, possibilitando, em futuras edições, maior integração entre escolas, comunidades e instituições de ensino superior, bem como articulação com outras competições estaduais e nacionais, ampliando o intercâmbio de conhecimento e experiências entre os participantes.

5.7 A PREMIAÇÃO DA OEHSE

A premiação da OEHSE ocorreu em 03 de junho de 2024, nas dependências da Universidade Federal de Sergipe, contando com a presença de professores e estudantes participantes. O evento teve como objetivo reconhecer os destaques da Olimpíada, conferindo certificados, medalhas e troféus aos participantes com desempenho destacado.

No que se refere à participação, 43 das 45 equipes contempladas com medalhas confirmaram presença para o recebimento das premiações. Esta representatividade confirmou o engajamento dos participantes e o reconhecimento da importância da Olimpíada como

espaço de incentivo ao estudo da História de Sergipe e de valorização do trabalho acadêmico desenvolvido ao longo das fases.

A OEHSE, como evento inovador na área de Ciências Humanas, se diferencia por ser a primeira olimpíada estadual de História de Sergipe aprovada em edital de fomento científico na região, o que demonstra sua relevância para a promoção do ensino histórico e para o estímulo à pesquisa e à aprendizagem significativa. O reconhecimento dos participantes e a visibilidade do evento indicam o potencial de institucionalização e consolidação da Olimpíada como prática educativa, contribuindo para a valorização da História local e regional.

A premiação cumpre ainda a função de promover o protagonismo dos estudantes e o fortalecimento da prática docente, reconhecendo o trabalho de professores e alunos na construção do conhecimento histórico. A cerimônia mostrou o impacto da OEHSE no desenvolvimento de competências acadêmicas e no engajamento cultural dos participantes, reforçando a importância de iniciativas que aproximem os saberes escolares dos saberes acadêmicos.

5.8 PARA ALÉM DA COMPETIÇÃO: A OEHSE COMO ARTICULAÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA E DEMOCRÁTICA

A consolidação de uma educação antirracista no Brasil constitui, além de uma exigência legal, um compromisso ético e político da escola com a superação das desigualdades históricas que marcaram a formação social brasileira. As Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER), orientam o trabalho pedagógico para uma educação que reconheça, valorize e problematize as contribuições de povos africanos, afrodescendentes e indígenas na construção do país, combatendo estereótipos e narrativas que sustentam o racismo estrutural.

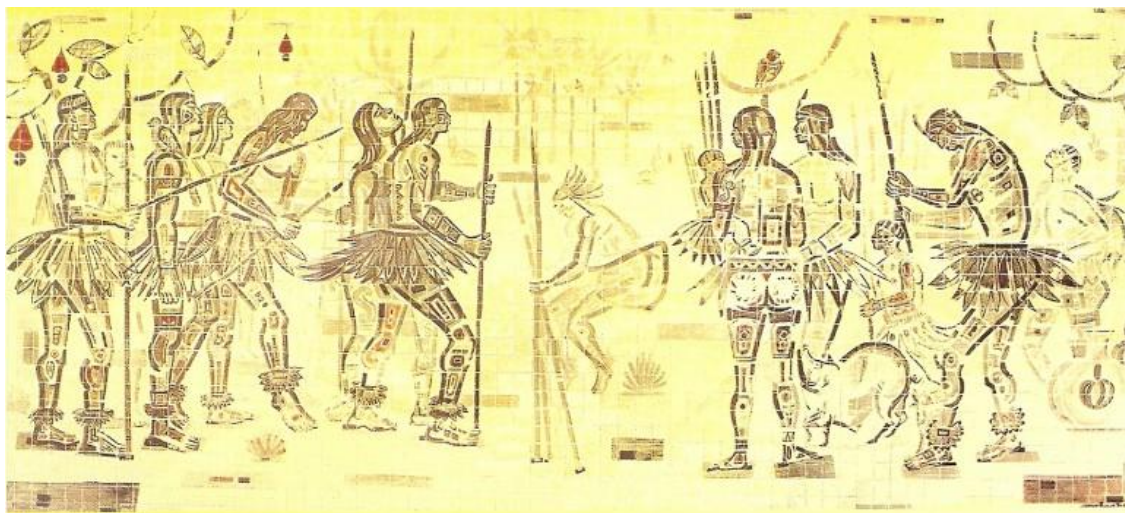
Nesse contexto, a OEHSE pode ser vista como um espaço importante de articulação entre teoria e prática pedagógica. Por meio da seleção de questões que dialogaram com a pluralidade étnico-racial brasileira, a olimpíada mobilizou documentos históricos, fontes iconográficas, recursos audiovisuais e legislações recentes, possibilitando aos participantes exercitar competências analíticas e reflexivas. Essa proposta teve a intensão de ampliar a compreensão histórica, aproximando os conteúdos escolares de debates sociais contemporâneos e contribuir para a construção de uma consciência crítica, orientada pelo respeito à diversidade e pelo enfrentamento das práticas discriminatórias.

No espaço proposto pela competição, a prática pedagógica articulou o ensino de História aos princípios da educação antirracista, preconizados pelas marcos legais através da proposição de questões que envolveram o estudo de povos originários e comunidades afro-brasileiras. Dessa forma, a OEHSE pôde contribuir para a desconstrução de narrativas eurocêntricas e para a valorização de histórias e culturas historicamente marginalizadas.

As quatro questões selecionadas demonstram a intencionalidade pedagógica de integrar conteúdos curriculares à problematização social contemporânea, possibilitando aos estudantes compreenderem a historicidade das desigualdades raciais e as estratégias de resistência dos grupos subalternizados. Na primeira fase, a questão sobre o mural “Os Primeiros Habitantes de Sergipe” e o vídeo Povos Originários proporcionou um exercício de leitura crítica de fontes visuais e audiovisuais, enfatizando a diversidade étnica indígena e suas expressões culturais. Ao trazer à tona a perda de territórios, o etnocídio e o apagamento histórico, essa questão atendeu ao que preconiza a Lei nº 11.645/2008, estimulando a reflexão sobre direitos humanos, pluralidade cultural e memória histórica.

Questão 3

Documento 1 – Mural



Título: “Os Primeiros Habitantes de Sergipe”

Autor: Jenner Augusto, 1961.

Tipo de Documento: Mural

Palavras-chave: Mural. Povos Originários. Sergipe.

Créditos: Energisa, Rua Ministro Apolônio, 81, Inácio Barbosa, Aracaju-SE.

Documento 2 – Vídeo https://drive.google.com/file/d/1rTelbn_PY0XILEYgEiJjxp-IJKC40v8i/view?usp=gmail

Título: Povos Originários

Produção: Lamparina

Origem: Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa, 2023, Colorido. 3min.

Imagens: “Os Primeiros Habitantes de Sergipe”, Jenner Augusto, 1961

Música: Comunidade Xocó

Créditos: Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa

Sobre os documentos:

A) O painel de Jenner Augusto apresenta as comunidades indígenas através de suas vestimentas e pinturas corporais, destacando a diversidade das etnias que habitaram Sergipe, como os Boimés e os Tupinambás. Esses elementos visuais reforçam a importância da preservação da memória dessas comunidades na cultura sergipana.

B) O vídeo “Povos Originários” foi produzido a partir do painel de Jenner Augusto (1961), que se encontra na Energisa, em Aracaju, e conta também com a música da Comunidade Xocó. Nele, estão presentes as comunidades indígenas que habitaram o território sergipano. O vídeo foi produzido a partir da animação das figuras representadas pelo artista. No painel, é possível distingui-las a partir do vestuário e da pintura corporal.

C) A documentação histórica e o apoio de organizações como a FUNAI e o CIMI foram essenciais para que os Xocó e outras etnias, como os Kiriri, reivindicassem seus direitos territoriais, muitas vezes contestados por fazendeiros locais. Essa luta é parte fundamental da trajetória dos povos indígenas em Sergipe.

D) A obra de Jenner Augusto e os estudos de Beatriz Góis Dantas destacam a presença histórica dos povos indígenas em Sergipe e a importância de suas tradições culturais, como a cerâmica e os rituais religiosos. Os Xocó, por exemplo, preservam práticas culturais ligadas ao Rio São Francisco, essenciais para sua identidade, apesar das ameaças contínuas à sua existência.

Na segunda questão, a criação da Reserva Indígena Fulkaxó é tratada como estudo de caso sobre direitos territoriais, resistência indígena e políticas públicas voltadas à preservação cultural. Ao mobilizar uma fotografia e uma notícia institucional, a questão aproximou os estudantes de um caso concreto de conquista de direitos, evidenciando que a luta indígena ultrapassa o aspecto físico da terra para englobar modos de vida, saberes e identidade. A abordagem contemplou o protagonismo das lideranças e a articulação política necessária para

assegurar a posse permanente da terra, o que dialoga diretamente com o eixo das DCNERER que recomenda a valorização das lutas históricas de povos indígenas e afrodescendentes como parte integrante da formação cidadã. Ao inserir essa temática na Olimpíada, a OEHSE possibilitou o trabalho com documentos oficiais, reportagens e dados legislativos para estimular habilidades de análise crítica e compreensão da legislação vigente.

Fase 2 – Questão 1

Documento 1 – Fotografia



Título: Assinatura do contrato de compra e venda com força de Escritura Pública da Reserva Indígena Fulkaxó

Tipo: Fotografia

Origem: Foto: Divulgação/Funai. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-adquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo>. Acesso em: 30 set 224

Palavras-chave: Povos indígenas. Fulkaxó. Reserva Indígena.

Documento 2 – Notícia

O novo território indígena sergipano foi viabilizado por meio de uma parceria entre o Governo de Sergipe e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Os indígenas da tribo Fulkaxó foram recebidos essa semana na Secretaria de Estado da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e da Pesca (SEAGRI), para a assinatura do contrato de compra da

fazenda. A propriedade foi adquirida a partir de recursos da FUNAI para abrigar cerca de 90 famílias de Fulkaxó.

O benefício representa um pleito antigo da comunidade indígena, transformado em Projeto de Lei e aprovado por unanimidade pela Assembleia Legislativa de Sergipe (ALESE). A Lei 9.345, de 26 de dezembro de 2023, autorizou o Poder Executivo estadual a transferir duas áreas rurais de sua propriedade para arealocação de famílias indígenas e de agricultores familiares. A iniciativa teve como finalidade preservar a identidade, o modo de vida e a cultura indígena no estado, viabilizando ações que concretizam a demarcação de suas terras, protegendo esses povos de possíveis invasões e ocupações por terceiros.

Título: Funai adquire imóvel em Sergipe para a constituição de reserva indígena do povo Fulkaxó

Tipo: Notícia

Data de publicação: 11 de julho de 2024

Origem: Funai. **Disponível em:** <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-adquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo>**Acesso em:** 30 de setembro de 2024.

Palavras-chave: Povos indígenas. Fulkaxó. Reserva Indígena.

Entre Neópolis e Pacatuba, a etnia Fulkaxó conseguiu se fixar:

A) O Estado de Sergipe passa a ter oficialmente duas comunidades indígenas. Até então, a única terra indígena sergipana era Caiçara, na Ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha. O estado passou a ter oficialmente a antiga fazenda Soloncy Moura, em Pacatuba, na região do baixo São Francisco sergipano, como a segunda área destinada à posse permanente do grupo indígena Fulkaxó. A área é considerada a primeira reserva indígena sergipana por ter sido adquirida pela Funai para alocação daquela comunidade.

B) As principais causas do conflito envolvendo os povos Fulkaxó seriam a insuficiência de terras no Brasil disponíveis para esse fim e a discriminação sofrida pelos Fulkaxó na distribuição de benefícios na comunidade, além de outras desavenças relacionadas a decisões políticas e à ausência total de costumes e tradições que se perderam no decorrer do tempo.

C) Assim como no restante do Brasil, existiu uma luta de anos para que os povos originários Fulkaxó conseguissem o direito definitivo aos 45 hectares de terra adquiridos pela união e destinados à posse permanente desse povo indígena. O Ministério Público Federal de

Sergipe processou a união e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) requerendo a compra de tais terras. A FUNAI comprou a Fazenda Soloncy Moura junto ao Governo de Sergipe e a propriedade foi transferida para comunidade no formato de Reserva Indígena. Toda vez que é regulamentada uma reserva indígena, nasce uma reserva ambiental.

D) As Reservas Indígenas são terras doadas por terceiros ou adquiridas e desapropriadas pela União que se destinam à posse permanente dos indígenas. Já as Terras Indígenas tradicionalmente ocupadas, são bens da União, no qual os indígenas têm a posse permanente reconhecida pelo artigo 231 da Constituição Federal.

A terceira questão, centrada na trajetória da historiadora e ativista sergipana Beatriz Nascimento, evidenciou o papel de intelectuais negras na produção de conhecimento e na luta contra o racismo estrutural. A escolha dessa personalidade objetivou contribuir para a reparação histórica de mulheres negras na historiografia brasileira, em consonância com a Lei nº 10.639/2003 e com a perspectiva interseccional recomendada pelas DCNERER. O enfoque em sua militância política e em seu pensamento sobre identidade, diáspora e quilombos teve a intenção de fazer com que os estudantes compreendessem a complexidade da experiência negra no Brasil e suas articulações transnacionais.

Fase 2 – Questão 5

Documento 1 – Artigo online

Negra, migrante, nordestina e mulher, a historiadora Beatriz Nascimento (1942-1995) foi uma das principais intelectuais do país, com contribuições fundamentais para entender a identidade negra como instrumento de auto afirmação racial, intelectual e existencial. Ela desenvolveu pesquisas sobre o que denominou de “sistemas sociais alternativos organizados por pessoas negras”, investigando dos quilombos às favelas. A partir desta quinta-feira (20), Beatriz dá nome ao “Atlânticas – Programa Beatriz Nascimento de Mulheres na Ciência“, primeiro programa do governo federal direcionado exclusivamente a mulheres cientistas negras, indígenas, quilombolas e ciganas.

Segundo a Enciclopédia de Antropologia da Universidade de São Paulo, Maria Beatriz Nascimento nasceu em Aracaju. É a oitava filha de Rubina Pereira do Nascimento e Francisco Xavier do Nascimento, que migraram para a cidade do Rio de Janeiro no final de 1949. Ela ingressou no curso de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no ano de 1968, concluindo a graduação em 1971, aos 29 anos de idade. Sob orientação do historiador José Honório Rodrigues, ela realizou estágio de pesquisa no Arquivo Nacional e trabalhou como professora de história da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro.

A historiadora se especializou em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense (UFF) quando, em 1974, participou da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças e, em 1975, do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN). Com o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira (1923-1980), a filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez (1935-1994) e o jornalista Hamilton Cardoso (1953-1999), ela partilhou pesquisas e militâncias.

Durante a Quinzena do Negro, evento ocorrido na Universidade de São Paulo (USP) em 1977, Beatriz apresentou a conferência *Historiografia do quilombo*, delineando os contornos do que ela desenvolveria, posteriormente, como espaços de resistência cultural negra: dos bailes blacks aos territórios de favelas, esses espaços constituiriam uma identidade negra como instrumento de autoafirmação racial, intelectual e existencial, além de território simbólico ancorado no próprio corpo negro.

Em 1979, em viagem ao continente africano, a autora conheceu territórios de antigos quilombos angolanos e reafirmou a vinculação entre as culturas negras brasileira e africana. No documentário *Ôrí*, lançado em 1989, dirigido pela cineasta e socióloga Raquel Gerber, Beatriz narra parte da trajetória dos movimentos negros no Brasil entre 1977 e 1988, ancorando-se no conceito do quilombo como ideia fundamental, que atravessa sua própria narrativa biográfica, para retratar continuidades históricas entre o quilombo e suas redefinições nos dias atuais.

Beatriz escreveu uma série de textos, poemas, roteiros, ensaios e estudos teóricos, entre os quais se destacam *Por uma história do homem negro* (1974); *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso* (1982) e *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (1985).

Em 1995, a historiadora é vítima de feminicídio, aos 52 anos de idade. Pelas suas importantes contribuições à pesquisa acadêmica, em outubro de 2021 é outorgado a ela o título póstumo de Doutora Honoris Causa in Memoriam pela UFRJ. Ao lado de Lélia Gonzalez (1935-1994), Sueli Carneiro (1950-) e Luiza Bairros (1953-2016), Beatriz figura como uma das mais importantes intelectuais negras brasileiras.

“Beatriz Nascimento é uma das intelectuais mais brilhantes que esse país já teve e que, infelizmente, teve a vida interrompida de maneira muito precoce em razão do feminicídio”, ressalta a professora de História e mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto, Luana Tolentino. De acordo com esta, a historiadora é uma grande inspiração para as pesquisadoras negras. “Beatriz Nascimento abriu portas para que a minha geração pudesse entrar. Sou da década de 1980, então sou dessa geração que tem tido a oportunidade de exercer o direito de estar na universidade também em função da política de cotas. A luta contra

o racismo da Beatriz Nascimento foi fundamental para construção dessas políticas públicas de promoção da igualdade racial e também como um incentivo, um farol para nós pesquisadoras negras, mulheres negras”, diz.

As pesquisadoras negras precisam enfrentar diversos desafios, afirma Tolentino. “O primeiro desafio é justamente o racismo que orienta a sociedade brasileira, que dificulta de todas as maneiras o acesso das mulheres negras à universidade. Temos a política de cotas, que é um marco na história do país e que, sem sombra de dúvidas, tem sido fundamental para dar novos contornos, novas cores à universidade, mas ao mesmo tempo, há uma série de barreiras que dificultam o acesso das mulheres negras ao ensino básico. Entre os grupos sociais que não tiveram oportunidade de frequentar a escola, as mulheres negras são maioria”, explica Luana Tolentino.

O outro ponto destacado pela professora é que, ao chegar na universidade, as pesquisadoras precisam enfrentar o olhar de desconfiança, também motivado pelo racismo, com o qual são vistas.

“Vivemos em um país em que ainda há uma expectativa de que, nós mulheres negras, estamos nesse mundo apenas para servir e limpar a sujeira dos outros. Estamos em um país que ainda tem dificuldade de pensar nas mulheres negras como pesquisadoras, como intelectuais, como produtoras de conhecimento. Mas, a despeito de tudo isso, nós estamos em um número muito significativo na universidade, acho que como Beatriz Nascimento sonhou. Nós que já estamos [na universidade] precisamos assumir o compromisso de abrir tantas outras portas para que outras mulheres negras possam entrar e garantir o direito humano à educação e ao ensino superior”.

Título: Conheça Beatriz Nascimento, intelectual negra que inspira cientistas

Tipo: Artigo online

Origem: Geledés Instituto da Mulher Negra. Conheça Beatriz Nascimento, intelectual negra que inspira cientistas. 13 ago. 2020. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/conheca-beatriz-nascimento-intelectual-negra-que-inspira-cientistas/>. Acesso em: 10 out. 2024.

Palavras-chave: Beatriz Nascimento, intelectual negra, cientistas, movimento negro, história afro-brasileira.

Crédito: Ludmilla Souza

Sobre Beatriz Nascimento:

A) O legado de Beatriz Nascimento inspira as novas gerações a reconhecer a importância da história na construção da identidade negra e na luta por direitos. A abordagem

de Beatriz em relação à auto afirmação racial e à resistência cultural não tem relevância, pois encoraja as mulheres negras a se posicionarem como intelectuais e produtoras de conhecimento, desafiando estereótipos e abrindo portas para outras mulheres.

B) Beatriz Nascimento abordou as intersecções entre raça, gênero e classe em sua luta por direitos, reconhecendo que as mulheres negras enfrentam desafios específicos que envolvem a combinação dessas opressões. Sua trajetória e suas contribuições acadêmicas servem como um modelo de resistência e auto afirmação, essencial para a luta por igualdade.

C) Fatores históricos e sociais, como a luta incessante de intelectuais negras, incluindo Beatriz Nascimento, foram fundamentais para a formação das políticas de cotas e a inserção de mulheres negras na academia brasileira.

D) Por meio de suas pesquisas, Nascimento destacou a importância de espaços de resistência, como quilombos e favelas, e como esses locais contribuíram para a formação de uma identidade negra afirmativa.

Por fim, a quarta questão contemplou a trajetória de Arthur Bispo do Rosário, artista negro sergipano cuja produção artística estabelece diálogos com temáticas de memória, espiritualidade, loucura e marginalidade social. Ao incorporá-lo como objeto de análise, a OEHSE ampliou as possibilidades sobre a discussão sobre racismo ao incluir as interseções entre arte, exclusão social e identidade racial. O estudo de sua obra e de sua biografia permite problematizar a histórica marginalização de corpos negros no contexto das instituições psiquiátricas, evidenciando, simultaneamente, a potência criativa enquanto forma de resistência e a densidade cultural presente em suas produções.

Fase 3 – Questão 1

Documento 1 – Fotografia



Título: Arthur Bispo do Rosário

Tipo: Fotografia

Origem: Praça do município de Japaratuba-SE. Acervo da OEHSE.

Crédito: Acervo OEHSE

Documento 2 – Texto literário

Trechos do conto “Manto da Apresentação” de Itamar Vieira Júnior:

“... e tuas mãos te guiarão através do mundo, tuas mãos de fogo e sangue bordarão esse mundo, como eu, a voz, bordei o mundo que te trouxe até a colônia, o mundo que te fez retirar do mundo, te trouxe até aqui, onde refundarás (...) não debes vestir o roto uniforme da colônia, nem as roupas vãs que guardam a nudez sobre a terra, deverás te apresentar com um manto divino, bordado com toda delicadeza das tuas mãos, com toda a sensibilidade da tua arte, porque o poderoso bordou o mundo com a delicadeza da arte, assim o fez e debes te cobrir com o manto, que consumirá muitos dias e noites de trabalho (...) cada coisa que vier à tua lembrança, para que sejas vigoroso no teu deve ser bordado, o manto será uma arca que te vestirá, onde as coisas do mundo embarcarão para que o dia do juízo não seja esquecido” (Vieira Júnior, 2021, p. 145-146).

Título: Trecho de “Manto da Apresentação”

Tipo: Texto literário

Origem: Vieira Júnior, Itamar. *Doramar ou a Odisseia*. São Paulo: Todavia, 2021. p. 145-146.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Itamar Vieira Junior, Artur Bispo do Rosário.

Créditos: Itamar Vieira Júnior

Sobre o artista sergipano Arthur Bispo do Rosário

A) A produção do artística de Arthur Bispo do Rosário é tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o mundo se rendeu a arte de Bispo. A sua arte traz o cotidiano, uma colher ou um caneco de alumínio, são elementos do cotidiano, ele ainda faz um manto com o qual se apresentaria a Deus. O manto traz bordado nomes de pessoas pelas quais ele queria interceder junto a Deus. Segundo Arthur a arte por ele produzida era uma imposição das vozes que ele ouvia. É um dos maiores artistas do século XX.

B) Sua arte foi despertada e desenvolvida na colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro durante as sessões de terapia artística com a Dr^a Nise da Silveira. Sua arte foi

construída com todo tipo de material que ele encontrava de caneca, madeira, tecido, entre outros.

C) Arthur Bispo do Rosário, que carregava todos os estigmas de marginalização social ainda vigentes em nossa sociedade – negro, pobre, louco, asilado em um manicômio – consegue, na sua genialidade, subverter a lógica excludente propondo, a partir da sua obra, a resignificação do universo, para ser reunido e apresentado no dia do juízo final.

D) Ao longo dos 50 anos mantido em um manicômio no Rio de Janeiro, Bispo do Rosário acreditava ter visto descendo do céu sete anjos, antes disso foi boxeador e passou pela escola de aprendizes de marinho em Aracaju, no ano de 1925, é oriundo de uma família de Japaratuba município de Sergipe.

Essas abordagens contribuíram para estimular reflexões críticas sobre estigmas e preconceitos, em consonância com a construção de uma consciência histórica comprometida com a diversidade e a justiça social. Assim, ao integrar essas quatro questões em seu repertório avaliativo, a OEHSE transformou, intencionalmente, a teoria das políticas educacionais antirracistas em prática efetiva, para estimular experiências de ensino-aprendizagem que valorizassem a diversidade cultural.

5.8.1 Uma abordagem da ditadura civil-militar na OEHSE

Em tempos de intensificação do negacionismo histórico, a OEHSE dedicou-se a explorar a temática da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), proporcionando aos estudantes análise crítica e reflexiva sobre este período e seus impactos em Sergipe. A inclusão desse conteúdo visou fomentar a compreensão da repressão política, da censura e da resistência, elementos essenciais para o apreço e a valorização da democracia.

A questão 03 da Olimpíada foi estruturada a partir de três fontes documentais:

Documento 1 – Jornal *O Dia Alagoas*, intitulado Brasil, democracia e violência política, abordando a violência política e seus efeitos no contexto local.

Documento 2 – *Jornal da Cidade* (21 mar 1979), com reportagem sobre indenização solicitada por ex-presos políticos, refletindo os impactos da Operação Cajueiro e da repressão em Sergipe.

Documento 3 – Videoreportagem do G1 Sergipe, que documenta o velório de Milton Coelho, ex-combatente da Ditadura Militar em Aracaju, oferecendo elementos visuais e narrativos sobre a memória da violência política.

A questão solicitou aos estudantes relacionar os documentos ao contexto histórico de Sergipe, considerando:

- a atuação de Milton Coelho no cenário cultural e esportivo, sem envolvimento direto em ações de repressão;
- as manifestações da violência política em Sergipe, incluindo censura à imprensa, prisões arbitrárias e perseguição de opositores;
- o impacto do regime militar sobre a trajetória de figuras públicas locais e sua atuação sob censura e controle militar;
- a interação complexa entre resistência e repressão, evidenciando o esforço por manter vozes dissidentes e a memória da luta pela democracia.

A análise das fontes possibilitou aos alunos refletir sobre a repressão, a censura e as estratégias de resistência durante a Ditadura Civil-Militar, evidenciando o papel ativo de Sergipe na luta pelo retorno da democracia. Tal abordagem contribuiu para a formação cidadã, ao fortalecer a consciência histórica local e promover uma compreensão crítica do período.

Nesse sentido, a OEHS se configurou como um instrumento educativo capaz de articular História Nacional e História Local, favorecendo o desenvolvimento de competências analíticas, interpretativas e reflexivas nos estudantes, ao mesmo tempo em que reforça valores democráticos e o reconhecimento do protagonismo histórico da sociedade sergipana.

A articulação intencional entre conteúdos, fontes e atividades pedagógicas evidencia o potencial da Olimpíada como recurso mediador entre o conhecimento acadêmico e as práticas de sala de aula, sensível às múltiplas dimensões da diversidade étnico-racial e às lutas por igualdade social. Dessa forma, contribui para a construção de narrativas inclusivas que recuperam protagonismos historicamente silenciados e ampliam a compreensão do passado em suas diferentes perspectivas.

5.9 O MAPA DE POSSIBILIDADES PARA A CRIAÇÃO DE UMA OLIMPÍADA CIENTÍFICA

Organizar uma olimpíada, seja em nível escolar, municipal ou estadual nas áreas de História e Ciências Humanas é uma maneira de incentivar a pesquisa e o pensamento entre os estudantes. Pensando nisso, criamos um Mapa de Possibilidades (anexo 1) para

interessados no processo, apresentando um passo a passo para auxiliar professores e educadores na criação e implementação de uma olimpíada.

5.10 A CRIAÇÃO DE UM RECURSO DIDÁTICO A PARTIR DO PRÓPRIO RECURSO DIDÁTICO

A ideia de elaborar um Caderno de Atividades (anexo 2) baseado nas questões da primeira OEHSSE surgiu como uma forma de demonstrar uma parcela do potencial de ensino-aprendizagem ativo que reside em cada questão da Olimpíada, ampliando assim, as maneiras que o professor pode utilizá-las. Como uso das questões, o caderno proporciona uma possibilidade de estudo contextualizada e alinhada com as diretrizes de ensino, estimulando o interesse dos estudantes pelo componente curricular História e pelas peculiaridades da sua região. Além disso, facilita a compreensão de temas relevantes e atuais abordados na Olimpíada.

O caderno é um instrumento didático. As atividades propostas permitem que os estudantes consolidem o conhecimento adquirido ao longo do ano letivo, favorecendo habilidades como a análise crítica, a leitura de imagens, a leitura de documentos históricos e a interpretação de textos. O fato de serem questões de um evento local, voltado para a história e cultura sergipana, incentiva os alunos ao estudo da história local e fortalece o sentimento de pertença.

A criação desse Caderno de Atividades tem o propósito de levar ao professor um material em formato didático para ser complementado pelas necessidades de sua realidade. Ele tem o objetivo de contribuir para a formação de uma consciência histórica. Como o desenvolvimento do conteúdo sobre a história local fica basicamente a critério dos professores, ter um material acessível para desenvolver o trabalho é importante.

No perfil curricular do Ensino Médio em Tempo Integral, para o ano letivo 2025, foi inserida uma nova matéria para o segundo ano, denominada História, Cultura e Identidade Sergipana. O caderno, juntamente com o Currículo de Sergipe, pode servir de suporte para o desenvolvimento das atividades dessa matéria, auxiliando seu desenvolvimento. Embora nos perfis do Ensino Fundamental e do Ensino Médio ela não conste, o professor interessado em desenvolver o conteúdo sobre a história local também poderá utilizá-lo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da primeira OEHSE buscou adaptar a metodologia utilizada pela ONHB à realidade sergipana, conectando os participantes à história de sua própria região e configurando-se como uma iniciativa voltada ao aprimoramento das habilidades investigativas dos estudantes, à valorização da história, da cultura e da identidade local.

Os resultados obtidos ao longo da competição indicam um impacto positivo, demonstrado pela participação de estudantes e professores da rede básica de ensino. A OEHSE mostrou que o ensino de História pode ir além do que consta nos livros didáticos, da simples memorização de datas, personagens e fatos, ou da comemoração de eventos, ao incentivar uma abordagem mais reflexiva, pautada no desenvolvimento da análise crítica e na interpretação de fontes históricas, partindo da realidade local para alcançar uma compreensão mais ampla e contextualizada do todo.

O número expressivo de escolas participantes na primeira edição reforça a necessidade de ampliar e consolidar esse tipo de estratégia pedagógica na educação básica. Professores relataram que a olimpíada estimulou os estudantes a se aprofundarem na história de Sergipe, despertando maior interesse pelo tema e promovendo debates em sala de aula. Esse impacto positivo reafirma a importância do uso de metodologias que aproximem os alunos da construção do conhecimento histórico por meio da investigação, tornando-os protagonistas nesse processo.

A estrutura da competição, embora tenha recebido algumas críticas, cumpriu seu papel ao permitir que os estudantes desenvolvessem habilidades como pesquisa, interpretação de documentos históricos e argumentação, estimulando a autonomia no processo de aprendizagem.

Além disso, a Olimpíada se revelou um recurso pedagógico importante para suprir lacunas do ensino tradicional, como a dificuldade de acesso a materiais didático-pedagógicos sobre a história local. Trouxe à tona aspectos da história sergipana frequentemente marginalizados nos currículos escolares, como a valorização de personagens populares, movimentos sociais e comunidades locais. Esse aspecto contribui para a formação de uma consciência histórica mais crítica, alinhada à ideia da aprendizagem histórica como meio de construção de identidade e compreensão do presente.

Todas as questões foram elaboradas a partir de personagens históricos muitas vezes esquecidos, como as mulheres catadoras de mangaba, os povos ribeirinhos e agentes da cultura popular imaterial, numa perspectiva de educação histórica não hegemônica. Em

tempos de acentuado negacionismo histórico, a OEHSE não poderia deixar de abordar a temática da ditadura civil-militar, explorando aspectos fundamentais como a defesa dos direitos humanos, a memória dos desaparecidos políticos e a importância da participação social, fomentando nos estudantes o apreço pela democracia e a reflexão crítica sobre períodos de autoritarismo.

A experiência da OEHSE também permitiu a identificação de desafios e possibilidades para edições futuras. Entre os pontos destacados, ressaltam-se a importância de ampliar o acesso à competição para todos os municípios, garantindo a participação de escolas de regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, bem como a criação de uma equipe de trabalho capaz de melhorar o sistema, atender aos participantes e fortalecer o contato entre a organização da OEHSE e os professores. Formações específicas sobre o uso das metodologias empregadas também se apresentam como recomendação para potencializar os impactos da Olimpíada.

A continuidade do projeto nos próximos anos pode contribuir para a construção de uma nova cultura de ensino-aprendizagem acerca da História Local, na qual o conhecimento histórico seja compreendido como instrumento essencial para a formação cidadã. Como produto desta pesquisa, apresenta-se em anexo um caderno de possibilidades didático-pedagógicas para cada questão das 1ª, 2ª e 3ª fases da OEHSE, com o objetivo de fornecer aos professores um material de apoio que possibilite a utilização das questões em sala de aula.

Por fim, a análise realizada ao longo desta dissertação confirma que estratégias como a ONHB e a OEHSE são fundamentais para fortalecer o ensino de História e estimular o protagonismo dos estudantes. O trabalho apresenta sugestões de como o professor pode organizar olimpíadas do conhecimento em âmbito local – estadual, municipal ou escolar – e demonstra como a OEHSE caminha nessa perspectiva, ao ampliar o interesse pela história sergipana e reforçar a importância de iniciativas que aproximem o que é produzido na academia do que se ensina na sala de aula, tornando o conhecimento histórico mais acessível e relevante para os participantes.

Assim, a primeira edição da OEHSE consolidou-se como uma iniciativa de valorização da história e da cultura sergipana, constituindo-se em espaço de promoção da cidadania, do pensamento crítico e da construção de narrativas históricas inclusivas, contribuindo para a formação de estudantes conscientes de seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. M. **“Tenho muito para contar, dizer que aprendi”**: o ensino de história através da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCH) - práticas docentes e aprendizagem histórica (2018 a 2022). 2023. 130 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/73630/3/2023_dis_mmaraujo.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.
- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.
- BARROS, L. da C.; XAVIER, M. E. L.; PEREZ, S. Letramento científico e olimpíadas científicas na educação básica. **Revista do Professor de Física**, Brasília, v. 6, n. Especial, p. 223-232, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rpf/article/view/45954/35119>. Acesso em: 22 maio 2025.
- BITTENCOURT, C. **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BOAVENTURA, E. M. *Exercícios de metodologia da pesquisa*. Salvador: Quarteto, 2017.
- BRANDÃO, G. K. de S. **Ensino de História e a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB)**: experiências e perspectivas em Angical do Piauí. 2024. 167 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2024. Disponível em: <https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/1874>. Acesso em: 22 maio 2025.
- BRASIL. Lei nº 14.038, de 17 de agosto de 2020. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Historiador e dá outras providências. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.038-de-17-de-agosto-de-2020-272747785>. Acesso em: 10 maio 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)**: ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.
- CARVALHO, B. L. P. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital. In: CARVALHO, B. L. P. (Org.). **Que história pública queremos?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. p. 169-174.
- CASTRO, L. dos S.; SANTOS, R. da S.; CRUZ, A. H. da S. Educação e teorias da aprendizagem: um foco na teoria de Vygotsky. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 11, n. 1, p. 551-559, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/944/pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Olimpíadas Científicas**. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/popularizacao-da-ciencia/olimpiadas-cientificas>. Acesso em: 25 jun. 2023.

COSTA, M. A. F. Como utilizar as novas tecnologias educacionais para promover uma aprendizagem significativa? **E-docente**, 06 maio 2021. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog/2021/05/06/tecnologias-educacionais-como-usa-las-e-docente/>. Acesso em: 1º ago. 2024.

COSTA, M. A. F. da. Tecnologia, temporalidade e história digital: interpelações ao historiador e ao professor de história. **Revista Mosaico - Revista de História**, v. 8, n. 2, p. 155-163, 2015. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/4428/2550>. Acesso em: 1º ago. 2024.

COSTA JÚNIOR, J. F. et al. As metodologias ativas no processo de ensino/aprendizagem e a autonomia docente: um breve estudo sob a ótica de John Dewey. In: SILVEIRA, R. P. (Org.). **Traços e reflexões: educação e ensino**. v. 5. Formiga: Editora Uniesmero, 2022. p. 43-63. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7490522>. Acesso em: 18 jan. 2023.

COSTA JÚNIOR, J. G. B. **A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e o Ensino Médio Integrado no IFRN**. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2017. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1532/DISSERTA%20c3%87%20c3%83O%20-%20JOS%20c3%89%20GERARDO%20BASTOS%20DA%20COSTA%20J%20c3%9aNIOR%20COM%20ASSINATURAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jan. 2023.

COSTA NETO, P. L. O. **Estatística**. São Paulo: Blucher, 2002.

DAMASCENO, P. A. P. **Silêncio na sala!:** combates narrativos contra o silenciamento de grupos periféricos através dos modelos não formais de ensino da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e de Olimpíadas Escolares Internas (OIH). 2019. 382 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/ba1be419-23fb-4d01-aa32-034cf56bae67/content>. Acesso em: 1º ago. 2024.

FAPITEC/SE. **Edital FAPITEC/SE/FUNTEC nº 05/2024** – Programa de Apoio à Realização de Olimpíadas de Ciências. 2024. Disponível em: <https://fapitec.se.gov.br/editais-em-andamento/edital-fapitec-se-funtec-no-05-2024-programa-de-apoio-a-realizacao-de-olimpiadas-de-ciencias/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

FERREIRA, R. A. Qual a relação entre a história pública e o ensino de História. In: CARVALHO, B. L. P. (Org.). **Que história pública queremos?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. p. 29-48.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA, B. M. Tecnologias digitais e ensino de História: possibilidades e desafios no contexto da formação docente. **História Hoje**, v. 11, n. 28, p. 1–21, 2022. Disponível em: <https://rhbj.anpuh.org/RHHJ/article/view/363/285>. Acesso em: 10 ago. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEAL, L. S. G. **História para quê?** Humanidades digitais e a Olimpíada Nacional em História do Brasil: 2009–2022. 2023. 172 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1397181>. Acesso em: 10 ago. 2024.

LEE, P. Entendendo a História. In: BARCA, I. (Org.). **Educação histórica: teoria e pesquisa**. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2005. p. 29-54.

LIMA, L. G. A. **Olimpíada Nacional em História do Brasil, ensaio metodológico em ensino de história: uma proposta de abordagem pedagógica junto aos alunos de 1.º ano do C. E. Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis, município de Boa Vista do Gurupi, Maranhão**. 2022. 138 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/737225/2/LeonardoGaloAraujoLima_Disserta%C3%A7%C3%A3oFinal.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

MACEDO, C. K. S. de. **O uso de fotografias na Olimpíada Nacional em História do Brasil (2009-2023)**. 2024. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

MAGALHÃES, A. V. B. **Hoje não vai ter aula: educação histórica e aprendizagem colaborativa a partir da experiência com a ONHB**. 2020. 256 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstreams/5e6c3c92-9fb4-4165-878a-b3cbe2814e45/download>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MAYNARD, D. C. S. **Passado eletrônico: notas sobre história digital**. 2016.

MENDONÇA, A. V. **Superdotados ou esforçados?** Caracterização de estudantes que ingressam na universidade por medalhas de olimpíadas científicas. 2023. 254 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/342e0d45-3de2-4b39-a4f6-d5197d60c42f>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MENEGUELLO, C. Entre o ensino e a divulgação científica: a Olimpíada Nacional em História do Brasil. **Bate-Papo sobre Ensino de História**, UFVJM, 25 ago. 2020. 71 min.

Live. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kcleS7nSCAI&t=57s>. Acesso em: 1º ago. 2023.

MENEGUELLO, C. Olimpíada Nacional em História do Brasil: uma aventura intelectual. **História Hoje**, São Paulo, v. 5, n. 14, p. 1-14, 2011. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/revista-historia-hoje/rhh-volumes-anteriores/item/2575-volume-5-n-14>. Acesso em: 1º ago. 2023.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 40, p. 11-25, 2018. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>. Acesso em: 1º ago. 2023.

MIRANDA, A. R. A. **Projeto ONHB na EEM Tenente Mário Lima do Ensino de História**: a educação histórica. 2020. 20 f. Artigo (Especialização em Metodologia do Ensino de História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/334644219>. Acesso em: 20 maio 2022.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

NASCIMENTO, M. dos S. do. **A ONHB**: o ensino de História para além da sala de aula. 2024. 134 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/16778>. Acesso em: 1º fev. 2025.

NEGÓCIO, P. A. F. **Letramentos digitais e ensino**: uma análise a partir da Olimpíada Nacional em História do Brasil. 2020. 203 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/6567357f-06ed-48ca-985a-f5d67349acfb/content>. Acesso em: 1º ago. 2023.

OLIMPIÁDA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB). **Regulamento da Pré-Olimpíada Nacional em História do Brasil**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2020. Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/paginas/pre-onhb2020/regulamento>. Acesso em: 20 maio 2023.

ONHB. **Equipes inscritas na 1ª fase**. [Publicação do Instagram], 13 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/onhb.olimpiadahistoria>. Acesso em: 13 maio 2024.

PANIAGO, M. **A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB)**: contribuições para a aprendizagem histórica de jovens estudantes da educação básica brasileira. 2023. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/3f715563-b3f0-4fb9-b3e8-124c4eced070/content>. Acesso em: 13 maio 2024.

PEDRO, Alexandra. Tarefas da Olimpíada Nacional em História do Brasil: a avaliação como

espaço para a construção de conhecimento histórico em sala de aula. Disponível em: https://reunioes.sbpcnet.org.br/75RA/inscritos/resumos/1653_122c73907e4ebf410572d1abc176103eb.pdf. Acesso em: 13 maio 2024.

PENA, A. F. R.; CAVALCANTE, B.; MIONI, C. C. A teoria de Kolb: análise dos estilos de aprendizagem no curso de Administração da FECAP. **Revista Linceu On-Line**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 64-84, 2015. Disponível em: https://liceu.fecap.br/LICEU_ON-LINE/article/view/1719/974. Acesso em: 13 maio 2024.

RODRIGUES, C. A. B. **A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e a pesquisa como norteadora na prática pedagógica**. 2020. 167 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://mestrados.uemg.br/ppgeduc-anais-7-seminario/category/132-eixo-iii-formacao-de-professores-e-curriculo-integrado?download=609:a-olimpiada-nacional-em-historia-do-brasil-onhb-e-a-pesquisa-como-norteadora-da-pratica-pedagogica>. Acesso em: 13 maio 2024.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005. p. 107-30. RÜSEN, J. **Razão histórica: teoria da História** – os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora UnB, 2001.

SEIXAS, P.; MORTON, T. **The big six historical thinking concepts**. Toronto: Nelson, 2013.

SERGIPE. **Currículo de Sergipe: integrar e construir** – Ensino Médio. Aracaju: Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura, 2022. Disponível em: <https://seduc.se.gov.br/download/curriculo-de-sergipe-ensino-medio/>. Acesso em: 13 maio 2024.

SCHMIDT, M. S. Didática reconstrutivista da história e a formação da consciência histórica dialógica. **Territórios e Fronteiras**, v. 14, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/1149/pdf>. Acesso em: 13 maio 2024.

SCHMIDT, M. A. M. dos S.; GARCIA, T. M. F. B. A formação da consciência histórica dos alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/bnBSVjTpFS7wbs9W659NMGC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 maio 2024.

SIEMENS, G. **Conectivismo: uma teoria da aprendizagem para a era digital**. 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/66317606/Conectivismo-uma-Teoria-Para-a-Era-Digital>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SIEMENS, G. **Connectivism: learning theory or pastime of the self-amused?** 2006. Disponível em: <https://altamirano.biz/conectivismo.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SILVA, E. S. **Olimpíada Nacional em História do Brasil: uma análise das práticas de ensino e aprendizagem**. 2023. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de

São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em:
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48140/tde-04052023-111718/publico/EDUARDO_SISTI_SILVA.pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.

SIMAS, J. **Pensamento histórico de estudantes da Educação Básica sobre a temática indígena**: um estudo de caso a partir de documentos e propostas da Olimpíada Nacional em História do Brasil. 2018. 273 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Blumenau, 2018. Disponível em:
<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431554>. Acesso em: 12 jul. 2024.

TORRES, P. L.; IRALA, E. A. F. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. *In*: TORRES, P. L.; IRALA, E. A. F. **Complexidade**: redes e conexões na produção do conhecimento. Curitiba: Senar, 2014. p. 61-93.

SOARES, F. da S.; PLESSIM, V. K. Por uma história da história da educação no Brasil: Diana Vidal entre os 20 anos da SBHE e os 22 anos do NIEPHE. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, e090, 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbhe/a/FJyyGzsbDHgqhz4Bgp6QcTb/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2024.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1998.

VEIGA, G. R. A. **Práticas educativas e escrevivências**: um diálogo entre a experiência de ensino de História e a ONHB no IFPB-CG. 2024. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2024. Disponível em:
<https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/42290>. Acesso em: 12 jul. 2024.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In*: CANDAU, V. M. (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

APÊNDICE A – Questionário de sondagem aplicado com os professores orientadores da ONHB, durante a 16 edição, através de grupos de *WhatsApp*

1. Você foi professor orientador em quais edições da ONHB?
2. Quantas vezes você orientou equipes em que as questões da ONHB abordaram o patrimônio cultural sergipano?
3. Como você avalia a relevância da inclusão de questões sobre o patrimônio cultural sergipano na ONHB?
4. Como você percebe o impacto dessas questões na conscientização e valorização do patrimônio cultural local entre seus alunos?
5. Na sua opinião, como as questões sobre o patrimônio cultural local podem contribuir para o aprendizado em História dos seus alunos?
6. Você acha que seria interessante ter uma Olimpíada de História focada em Sergipe?
7. Como você acredita que uma Olimpíada de História estadual poderia contribuir para o aprendizado sobre a história local?
8. Você incentivaria seus alunos a participarem de uma Olimpíada de História estadual, se houvesse essa oportunidade?
9. Você tem algum comentário adicional que gostaria de fazer?

APÊNDICE B – Questionário de sondagem aplicado com os estudantes participantes da ONHB, durante a 16 edição, através de grupos de *WhatsApp*

1. Você já participou da ONHB?
2. De quais edições da ONHB você já participou? (você pode marcar mais de uma opção)
3. Qual é o seu nível de escolaridade?
4. Você teve contato com questões que abordaram Sergipe na ONHB?
5. Como você avalia a abordagem do patrimônio cultural sergipano nas questões da ONHB?
6. Você se sentiu representado ao ver questões sobre o patrimônio sergipano na ONHB?
7. Como você percebe o impacto dessas questões na conscientização e valorização do patrimônio cultural?
8. Você acredita que competições como a ONHB ajudam na valorização e preservação do patrimônio cultural? Por quê?
9. Você acha que seria interessante ter uma Olimpíada Estadual em História de Sergipe?
10. Como você acredita que uma Olimpíada de História estadual poderia contribuir para o aprendizado sobre a história local? (você pode marcar mais de uma opção)
11. Você participaria de uma Olimpíada de História estadual, se houvesse essa oportunidade?
12. Você tem algum comentário adicional que gostaria de fazer?

APÊNDICE C – Questionário de Avaliação da OEHSE para Professores aplicado via link disponibilizado junto a tarefa final

1. Como você avalia o processo de preparação de sua equipe para a OEHSE?

Resposta aberta: Descreva os principais desafios, pontos positivos e negativos encontrados.

2. Na sua opinião, a temática da História de Sergipe foi bem abordada ao longo das atividades?

Resposta aberta: Explique como o tema contribuiu para o aprendizado e a valorização da história e cultura local dos alunos.

3. Em que medida a OEHSE incentivou o desenvolvimento de habilidades históricas entre os alunos?

Escala de 1 a 5: Nada / Pouco / Moderadamente / Bastante / Totalmente

4. Dê exemplos de habilidades desenvolvidas, como análise crítica, interpretação de fontes, contextualização, etc.

5. A estrutura e as fases da OEHSE foram claras e adequadas para o nível de conhecimento dos alunos?

Escala de 1 a 5: Nada clara / Pouco clara / Moderadamente clara / Bastante clara / Totalmente clara

6. Sugira melhorias, se necessário.

7. Você considera que a participação na OEHSE trouxe benefícios para sua prática docente?

() Sim

() Não

8. Explique os benefícios ou, se aplicável, o que mudaria.

9. Você considera importante a continuidade da OEHSE nos próximos anos?

() Sim

() Não

10. Explique sua resposta e, se desejar, sugira melhorias ou mudanças para as próximas edições.

APÊNDICE D – Questionário de Avaliação da OEHSE para Estudantes aplicado via link disponibilizado junto a tarefa final

1. Como foi a experiência de participar da OEHSE?

Escala de 1 a 5: Nada motivadora / Pouco motivadora / Moderadamente motivadora / Bastante motivadora / Totalmente motivadora

2. Comente sobre seu envolvimento com as atividades.

3. Você considerou o tema "História de Sergipe" interessante e relevante?

Escala de 1 a 5: Nada relevante / Pouco relevante / Moderadamente relevante / Bastante relevante / Totalmente relevante

4. Comente o que você aprendeu sobre a história e cultura de Sergipe.

5. Quais habilidades ou conhecimentos você acredita ter desenvolvido ao participar da OEHSE? Exemplifique, se possível.

6. O formato e a organização das fases da OEHSE foram fáceis de entender e de seguir?

Escala de 1 a 5: Nada fácil / Pouco fácil / Moderadamente fácil / Bastante fácil / Totalmente fácil

7. Descreva alguma dificuldade específica que você teve, se houve.

8. Participar da OEHSE mudou sua visão sobre a história do estado e a importância da preservação da cultura de Sergipe?

() Sim

() Não

9. Em quais aspectos sua visão foi modificada? Exemplifique, se possível.

10. Você acha importante que a OEHSE continue nos próximos anos?

() Sim

() Não

11. Explique sua resposta e compartilhe sugestões para futuras edições, se desejar.

APÊNDICE E – Proposta de Olimpíada Científica encaminhada à FAPITEC

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE

Nome do proponente: ADINAGRUBER DA CONCEIÇÃO LIMA				
CPF:	Nº Identidade:	Órgão emissor:	UF:	Data da emissão
Data Nascimento:		Sexo: () Feminino () Masculino () Outro		
Endereço residencial (Rua/Av./Nº): Povoado Gravatá				
Bairro:		Cidade:	CEP:	
E-mail:				
Telefone:		WhatsApp:		
Link do currículo Lattes:				
Instituição de vínculo:		Endereço:		CNPJ:

2. IDENTIFICAÇÃO DO EVENTO

TÍTULO DA OLIMPÍADA: I Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHSE)
INFORME A ABRANGÊNCIA TERRITORIAL DA COMPETIÇÃO NO ESTADO: A OEHSE será direcionada às escolas de ensino médio integral, atingindo, assim, pelo menos, 50 municípios sergipanos.
LOCAL DO EVENTO: O evento ocorrerá no formato on-line, sendo a premiação final realizada de forma presencial, no Auditório da Didática VII, na Universidade Federal de Sergipe (UFS)
DATA DA REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DO EVENTO: Início – 19 de agosto com abertura de inscrições Final – 1º de novembro com a premiação.
NÚMERO DE CONCORRENTES: Espera-se um número de pelo menos 1.000 equipes, o que envolverá em torno de 3.000 estudantes e cerca de 80 professores.
REGULARIDADE DO EVENTO: Com mais de 10 anos de regularidade: () Entre 5 a 10 anos de regularidade: () Com menos de 5 anos de regularidade: () Novo (primeira edição): (x)

3. INSTITUIÇÕES COPROMOTRAS/PARTÍCIPES (relacione informando a forma de participação das instituições)

1. Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA/UFS)

- Organização da competição (Mestranda)
- Divulgação de informações em suas redes sociais, site e boletins informativos;
- Oferta de Curso para Professores Orientadores de equipes
- Certificação das equipes participantes e professores

2. Secretaria de Estado da Educação (SEED)

- Divulgação de informações em suas redes sociais, site e boletins informativos;
- Certificação das equipes participantes e professores
- Apoio no processo de premiação

3. Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC)

- Apoio financeiro
- Divulgação de informações em suas redes sociais, site e boletins informativos
- Divulgação dos resultados do projeto nas páginas e em redes sociais
- Apoio no processo de premiação

4. Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES)

- Divulgação de informações em suas redes sociais, site e boletins informativos.
- Disponibilizar acesso a recursos bibliográficos como documentos históricos, publicações e materiais didáticos que abordem temas relevantes para a preparação dos participantes na olimpíada.
- Realizar sessões de estudo e discussão online sobre temas específicos abordados na Olimpíada.

5. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS)

- Divulgação de informações em suas redes sociais, site e boletins informativos.
- Acesso a materiais didáticos que abordem temas relevantes para a olimpíada.
- Webinars e Palestras com historiadores e especialistas em história de Sergipe.

6. Museu da Gente Sergipana Governador Marcelo Déda

- Divulgação de informação sem suas redes sociais, site e boletins informativos.
- Disponibilizar acesso a recursos bibliográficos como documentos históricos, publicações e materiais didáticos que abordem temas relevantes para a preparação dos participantes na olimpíada.
- Visitas guiadas (sessões interativas) para os participantes do evento, apresentando a história e cultura sergipana por meio de artefatos e exposições de seu acervo.
- Realizar sessões de estudo e discussão online sobre temas específicos abordados na Olimpíada.

7. Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa

- Divulgação de informações em suas redes sociais, site e boletins informativos.
- Disponibilizar acesso a recursos bibliográficos como documentos históricos, publicações e materiais didáticos que abordem temas relevantes para a preparação dos participantes na olimpíada.
- Visitas guiadas (sessões interativas) para os participantes do evento, apresentando a história e cultura sergipana por meio de artefatos e exposições de seu acervo.
- Realizar sessões de estudo e discussão online sobre temas específicos abordados na Olimpíada.

4. JUSTIFICATIVA (citar: os objetivos, dados relevantes do histórico do evento em Sergipe – inclusive a regularidade – e a possibilidade de inserção dos vencedores em outras etapas, assim como; em competições regionais, nacionais e internacionais).

As Olimpíadas do Conhecimento são uma realidade no cenário educacional. Elas vêm se consolidando e se destacando como uma ferramenta capaz de promover e estimular o aprendizado na Educação Básica. Essas competições, que abrangem diversas disciplinas e áreas do saber, têm proporcionado uma série de benefícios aos estudantes, professores e instituições de ensino. Elas também se comunicam de forma significativa com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

Ao desafiar os alunos em diversas áreas do conhecimento, as competições fomentam o desenvolvimento de habilidades como a capacidade de investigação, a análise crítica e a resolução de problemas, elementos fundamentais para o aprendizado ao longo da vida. No Ensino Médio, a BNCC enfatiza a necessidade de aprofundamento e contextualização dos conteúdos, preparando os estudantes para a vida adulta e o mundo do trabalho.

Dessa forma, as Olimpíadas do Conhecimento se alinham a esse objetivo ao estimular os alunos a explorarem tópicos avançados e a relacionarem o conhecimento teórico com a prática. O que permite enriquecer a formação acadêmica, e também amplia a preparação para desafios mais complexos, como a entrada em cursos superiores e o mercado de trabalho.

Portanto, ao participar dessas olimpíadas, os estudantes, adquirem conhecimentos e aprimoram as competências previstas na base curricular nacional. É fundamental compreendê-las para além de meras competições, pois são uma oportunidade também de fomentar o gosto pelo estudo e pela pesquisa.

Desafiados em aprofundar seus conhecimentos em áreas específicas, essas olimpíadas instigam a curiosidade intelectual e incentivam os estudantes na busca constante pelo conhecimento. Esta proposta de competição tem o objetivo de estimular a pesquisa com finalidade educacional e cultural, organizada em parceria com Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTORIA/UFS) e a SEED-SE.

A 1ª Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHS) tem como objetivo principal colaborar com a formação integral dos jovens sergipanos, convidando estudantes e professores da rede estadual de ensino a refletirem sobre Sergipe e suas relações com os cenários nacional e internacional, ampliando o olhar sobre o conhecimento teórico acerca da cultura, paisagens, economia, literatura, história, sociedade, geografia e meio ambiente do Estado.

Entre os seus objetivos específicos, pretende-se estimular a pesquisa e o conhecimento, valorizar o patrimônio histórico e cultural local, aspectos sociais e econômicos, personagens, riquezas das paisagens sergipanas; fomentar o uso de ambientes virtuais e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) para integrar elementos do passado e do presente de Sergipe; promover uma cultura de integração, trabalho em equipe, apoio, solidariedade e valorização da identidade sergipana.

Entendemos assim que, valorizar a história local é essencial para fortalecer o senso de pertencimento e identidade dos estudantes. A 1ª Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHS) representa uma oportunidade de fortalecer o ensino da disciplina, valorizando a história local e incentivando o engajamento dos estudantes.

Por isso, pretendemos sensibilizar e dar ampla divulgação ao evento para garantir que as escolas da rede sergipana (pública ou particular), estejam cientes, participem, e entendam a importância do evento. Para tanto, serão elaborados cartazes informativos e outros materiais de divulgação, apresentações em eventos escolares, contatos por e-mails e reuniões com gestores de diretorias regionais de educação, com o objetivo de engajar gestores escolares para que incentivem a participação de professores e estudantes.

Atuar em conjunto com instituições locais como universidades, museus, bibliotecas para enriquecer o conteúdo da olimpíada e proporcionar experiências de aprendizagem mais amplas para os alunos.

O acesso à informação para inscrição e participação será de uso fácil, por isso, será criado um site dedicado ao evento onde alunos e professores possam encontrar informações detalhadas, materiais de estudo, recursos educacionais e ferramentas de interação com a olimpíada.

Como forma de incentivo, propomos que a OEHS seja inserida no rol das olimpíadas científicas premiadas pelo governo do estado (Escolas Nota 10), quando poderão ser reconhecidos alunos e professores com certificados, medalhas e outros incentivos que motivem a participação no evento.

No mais, pretendemos manter uma comunicação regular com escolas, professores e estudantes para oferecer suporte técnico, esclarecer dúvidas e fornecer quaisquer orientações adicionais quando for necessário.

Por fim, coletaremos feedback após o evento para identificar pontos forte e áreas de melhoria para futuras edições.

5. PROGRAMAÇÃO (informar a programação prevista da Olimpíada)

A 1ª Olimpíada Estadual em História de Sergipe será aberta a participação de estudantes das escolas públicas e particulares da rede estadual sergipana e ocorrerá no formato on-line, em quatro etapas. O cronograma foi elaborado com o intuito de proporcionar uma experiência organizada e eficiente aos participantes da 1ª OEHS,

garantindo o sucesso do evento e o reconhecimento dos talentos dos estudantes do nosso estado.

Seguirá o seguinte cronograma:

Inscrições:

Período: 19 a 31 de agosto

As escolas interessadas em participar deverão realizar as inscrições de suas equipes no site do evento dentro deste período, seguindo as orientações que serão disponibilizadas pela equipe organizadora e Secretaria Estadual de Educação de Sergipe.

Realização da Olimpíada:

Período: 9 de setembro a 5 de outubro

Durante esse período, as equipes inscritas terão acesso às questões e tarefas da olimpíada (10 questões e 1 tarefa por fase) e poderão participar das etapas online, seguindo as instruções fornecidas pela organização do evento.

Divulgação dos Resultados:

Data: 15 de outubro

Os resultados das etapas da olimpíada serão compilados e divulgados pela organização, permitindo que as escolas e os estudantes conheçam seu desempenho na competição.

Premiação:

Data: 1º de novembro

O evento de premiação será realizado no Auditório da Didática VII na Universidade Federal de Sergipe, onde os destaques da olimpíada serão reconhecidos e premiados em uma cerimônia especial, que contará com a presença de autoridades, professores, alunos e demais convidados.

6. RESULTADOS ESPERADOS (quantificar os resultados relacionados e fornecer a perspectiva de outros que julgue relevante)

- a) Quantidade de participantes: 3.000
- b) Quantidade de professores: 80

- c) Quantidade de atividades: 40 questões e 4 tarefas on-line
- d) Quantidade de Instituições/escolas públicas: Pelo menos 100
- e) Quantidade de Instituições/escolas particulares: Mínimo de 10
- f) Outros resultados:

7. EQUIPE EXECUTORA (Informe a equipe executora do projeto e sua experiência na organização de competições)

Nome	Instituição	Forma de atuação Coordenador/equipe/ aluno medalhista/etc.
Adinagruber da Conceição Lima (Professora da rede estadual há 20 anos; Embaixadora, orientadora e medalhista da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB); Orientadora de projetos escolares pela FAPITEC nas áreas de pesquisa sobre mulheres, imprensa como fonte histórica e antirracismo); Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Mestre em Turismo pelo Instituto Federal de Sergipe (IFS); Mestranda do PROFHISTÓRIA/UFS; Membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Identidade e Religiosidade GPCIR/UFS; Membro do grupo de estudos acadêmicos IFS).	Centro de Excelência Dep. Jonas Amaral, S/N, Sra. do Socorro-SE	Coordenadora
Eliana Dias Ferreira Oliveira Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Mestra em Ensino de História pelo PROFHISTÓRIA/UFS; Prêmio de melhor dissertação de mestrado em 2020 – 3º lugar); Orientadora e medalhista da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB).	Centro de Excelência Dr. Alcides Pereira, Marum/SE	Elaboradora de questões e avaliadora
André Valença Graduado em Artes Visuais Licenciatura (UFS), Biblioteconomia (Claretiano), Letras (Claretiano), pós-graduado em Arte e Educação (Faculdade São Luís de França), pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado (Faculdade Jardins), formação técnica em Guia de Turismo (IFS) e mestre Interdisciplinar em Culturas Populares (UFS). Atua como professor efetivo de arte na rede estadual sergipana desde 2012.	Centro de Excelência Gov. Djenal Tavares Queiroz	Elaborador de questões e avaliador

Desenvolve os projetos relatos experienciais: pequena enciclopédia negra do CEGDTQ, mostra pedagógica do CEGDTQ, residência pedagógica: jogos didáticos, giroaju, oficinas de criações artísticas alternativas: cianotipia e antotipia e intervenções artísticas escolares. As temáticas abordadas nas práticas e ações pedagógicas estão ligadas a educação antirracista, as experiências e vivências, os modos de vida, a interculturalidade, a decolonialidade e identidades sergipanas.		
Regina Tavares Santos Graduada em Geografia Licenciatura pela UFS. Especialista em Recursos Hídricos e Meio Ambiente pela UFS; Especialista em Ensino de Ciências para Anos Finais pelo IFBA/CAPES/UAB; Professora efetiva do estado desde 2017. Projetos desenvolvidos: o Lapbook no Ensino de Geografia; Geoliteratura: estratégias de aproximação com o Universo Literário.	Colégio Estadual Almirante Barroso, Muribeca/SE	Elaboradora de questões e avaliadora
Laércio Souza Santana Filho Licenciado, Bacharel e Mestre Professor efetivo da rede estadual sergipana. Medalhista na Olimpíada Brasileira de Geografia. Principal frente de trabalho na escola: orientação de monitoria de desempenho com ênfase na participação nas olimpíadas do conhecimento.	Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa	Elaborador de questões e avaliador
Adriano Morais Araújo Licenciado em Geografia, Especialista em Educação Ambiental, MBA em Sistema Integrado de Gestão e Mestre em Recursos Hídricos. Professor efetivo da rede estadual do estado de Sergipe. Orientador de equipes na Olimpíada Brasileira de Geografia e na Olimpíada de Geopolítica.	Centro de Excelência Dep. Jonas Amaral	Elaborador de questões e avaliador
Gleise Campos Pinto Santana Geógrafa, licenciada e doutora em Geografia. Desenvolve suas atividades como analista ambiental na Adema; já trabalhou com educação a distância na tutoria e coordenação.	Analista da Adema	Elaboradora de questões e avaliadora
Maria Ylnah de Melo Santos Mestre em Turismo pelo Instituto Federal de Sergipe. Graduada em	IFS	Design Gráfico, Desenvolvedora de ambiente olímpico digital

Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Sergipe e em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná. Especialista em Educação Ambiental, com ênfase em espaços educadores sustentáveis pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisas Academicus/IFS. Atualmente Atua como freelancer de Design Gráfico.		
--	--	--

8. INFORMAÇÕES ADICIONAIS (Inclua informações que achar necessárias para a avaliação)

A História é uma disciplina fundamental para compreendermos o mundo ao nosso redor e a nossa própria identidade. No entanto, muitas vezes, seu ensino pode ser visto como distante e desinteressante pelos estudantes. Acreditamos que promover uma olimpíada de História, focada no contexto local, pode tornar o aprendizado mais dinâmico e significativo. Ao conhecer a história de sua região, os alunos se conectam mais profundamente com seu entorno, compreendendo melhor os desafios e conquistas que moldaram o lugar onde vivem.

A OEHSE é uma iniciativa pioneira, sendo realizada pela primeira vez em 2024. A ausência de um histórico anterior não diminui a sua relevância, ao contrário, destaca a sua inovação e a importância de sua implementação no contexto educacional sergipano. A proposta visa preencher uma lacuna existente no que diz respeito ao ensino/aprendizagem da história local entre os estudantes em Sergipe. Ao lançar uma olimpíada voltada à história do estado e suas relações com a história nacional e internacional, oportunizamos aos nossos estudantes o aprofundamento de conhecimentos sobre temas relevantes de sua história.

Listamos abaixo alguns benefícios possíveis.

Benefícios e ganhos educacionais	
Desenvolvimento de habilidades essenciais	Além de compreender a história de Sergipe, a participação na olimpíada irá desenvolver habilidades fundamentais nos estudantes, como pensamento crítico, habilidades de pesquisa, análise de fontes históricas, trabalho em equipe e comunicação eficaz.
Estímulo ao interesse pela História e pelo aprendizado	Proporcionará aos estudantes uma experiência educacional envolvente e significativa, despertando um maior interesse pela disciplina de História e pelo aprendizado em geral. Isso pode resultar em uma maior motivação para frequentar as aulas, participar ativamente das atividades escolares e buscar o conhecimento de forma autônoma.

Fortalecimento da identidade cultural e regional	Ao explorar a história local, os alunos terão a oportunidade de se conectar mais profundamente com sua identidade cultural e regional. Isso promoverá um maior senso de pertencimento à comunidade e uma valorização do patrimônio histórico e cultural do estado.
Incentivo à pesquisa e à inovação educacional	Representa uma inovação no ensino de História em Sergipe, utilizando metodologias ativas e tecnologias digitais para tornar o aprendizado mais dinâmico e interativo. A adição de um formato online para a competição e o uso de ferramentas digitais contribuirão para modernizar o ensino da História, tornando-o mais acessível. Isso pode abrir caminho para novas abordagens de ensino e aprendizagem, bem como para a criação de recursos educacionais diversificados e adaptados às necessidades dos estudantes.
Reconhecimento e celebração do talento acadêmico	Oferecerá uma plataforma para reconhecer e celebrar o talento acadêmico dos estudantes e professores envolvidos. Isso incentivará o desempenho acadêmico e elevará a imagem da Rede Estadual de Educação de Sergipe..
Promoção da integração e colaboração escolar	Incentivará a colaboração e o trabalho em equipe entre as escolas da Rede Estadual de Educação, promovendo um maior senso de comunidade entre as instituições de ensino e estimulando a troca de conhecimentos e experiências entre os educadores.
Preparação para o futuro acadêmico e profissional	O envolvimento na olimpíada equipará os estudantes com habilidades e conhecimentos que serão úteis em suas futuras carreiras acadêmicas e profissionais. Isso pode aumentar suas chances de sucesso em exames de admissão, competições acadêmicas e no mercado de trabalho.

Estamos entusiasmados em apresentar a primeira edição da Olimpíada Estadual em História de Sergipe. Esta é uma iniciativa que servirá como um evento-teste para avaliar seu impacto e preparar o terreno para futuras edições ampliadas. Nosso objetivo com esta primeira olimpíada é testar o formato, avaliar a participação e identificar áreas de melhoria. Com base nos resultados e no feedback recebido, planejamos expandir o evento nos próximos anos, envolvendo mais escolas, turmas e comunidades.

Enxergamos esta olimpíada como o ponto de partida para algo maior. Nossa visão é transformá-la em um evento anual no calendário escolar sergipano, que promova o interesse pela história local, envolva toda a comunidade escolar e contribua significativamente para a educação em Sergipe.

Estamos abertos a sugestões, ideias e parcerias que possam melhorar esta experiência inicial e nos ajudar a moldar o futuro da Olimpíada. Nos comprometemos a aprender com esta primeira edição, adaptar nossas estratégias conforme necessário e trabalhar diligentemente para tornar a olimpíada um evento de referência em Sergipe. Este será apenas o começo de uma jornada promissora.

O apoio da FAPITEC-SEDUC é fundamental para o êxito desta 1ª Olimpíada Estadual em História de Sergipe. Com a colaboração e parceria dessas instituições,

poderemos realizar um evento de alto nível, valorizando o conhecimento histórico e o talento dos estudantes do nosso estado.

9. EXISTE A POSSIBILIDADE DE INSERÇÃO DOS VENCEDORES EM COMPETIÇÕES REGIONAIS, NACIONAIS E INTERNACIONAIS?

SIM (x)

NÃO ()

Se sim, quais?

Essa possibilidade precisará ser articulada com a equipe de Coordenação da Olimpíada Nacional em História do Brasil. Experiências com olimpíadas estaduais na matéria só recentemente estão sendo realizadas. Alguns estados possuem olimpíadas estaduais em Ciências Humanas. Nossa proposta é pioneira na área específica da História nesse sentido, e acreditamos que será inspiradora para outros colegas dos demais estados brasileiros.

APÊNDICE F – Regulamento da 1ª Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHSE)

A 1ª Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHSE) é uma Olimpíada do Conhecimento voltada para o incentivo à pesquisa e à reflexão crítica sobre a história e a cultura de Sergipe. Gestada no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTORIA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em parceria com a Secretaria Estadual de Educação de Sergipe (SEDUC-SE) e com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC), a OEHSE será desenvolvida exclusivamente de forma online, através da plataforma designada pela sua organização.

A OEHSE concentra-se em estimular o desenvolvimento educacional e sociocultural dos estudantes sergipanos, incentivando a pesquisa histórica no estado. Através de questões de múltipla escolha e tarefas, a Olimpíada abordará, elementos históricos, geográficos, sociais, culturais, econômicos e ambientais de Sergipe, para estimular a compreensão crítica da realidade sergipana e suas interações com o cenário nacional e internacional.

1. Participantes

1.1 Poderão participar da OEHSE estudantes e professores(as) vinculados(as) a estabelecimentos de ensino públicos e privados localizados exclusivamente no território do Estado de Sergipe.

1.2 As equipes participantes devem ser compostas por 3 (três) estudantes regularmente matriculados no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) ou no Ensino Médio. As equipes podem incluir estudantes do Ensino Regular, Educação Profissional e Tecnológica ou Educação de Jovens e Adultos, e devem ser orientadas por um(a) professor(a) da unidade escolar.

1.3 O(A) professor(a) orientador(a) deve atuar nas turmas dos participantes para garantir o acompanhamento contínuo durante a execução das tarefas. Os professores(as) orientadores(as) devem ser formados em história e estar atuando na sala de aula.

1.3.1 O(A) professor(a) orientador(a), que ministre aula em outro componente curricular, desde que formado em História, também pode atuar como orientador de equipes.

1.3.2 Um(a) professor(a) pode orientar mais de uma equipe, mas um(a) estudante não pode participar de mais de uma equipe. Caso algum estudante participe de mais de uma equipe, todas as equipes envolvidas serão desclassificadas.

2. Procedimentos de Inscrição

2.1 As inscrições são gratuitas e deverão ser realizadas exclusivamente online no site oficial da competição (www.oehse.com.br).

2.1.1 O(A) professor(a) responsável pela equipe deverá baixar o arquivo “Registro de Equipes” na aba “Downloads” do menu principal do site oficial da competição (www.oehse.com.br) e preencher as informações solicitadas.

2.2 Após o preenchimento do arquivo, o(a) professor(a) deverá realizar o registro da equipe através do link disponível no site, anexando o arquivo “Registro de Equipes” e preenchendo os dados complementares exigidos.

2.3 Em seguida, o(a) professor(a) deverá proceder à inscrição oficial da equipe utilizando o link disponível no site. Para isso, será necessário informar um e-mail válido e criar uma senha, que permitirão o acesso à plataforma da competição posteriormente.

2.4 O preenchimento correto de todos os dados é de responsabilidade do(a) professor(a) orientador(a). Erros ou omissões no processo de inscrição podem resultar na desclassificação da equipe.

2.5 As inscrições serão confirmadas por e-mail, e as equipes deverão acessar a área do usuário para acompanhar o andamento do processo e realizar as atividades da competição. A Comissão Organizadora não se responsabiliza por problemas relacionados ao recebimento dos e-mails, como filtros AntiSpam. É responsabilidade do participante verificar se o e-mail fornecido é válido e acessível.

2.6 De acordo com o Decreto Federal nº 8.727, de 28 de abril de 2016, participantes que utilizam nome social poderão ser registrados e tratados por esse nome ao longo da olimpíada.

2.7 As equipes devem criar um nome que as acompanhará durante toda a OEHSE e será utilizado em todas as etapas da prova. Nomes e imagens ofensivas, pornográficas ou que remetam a qualquer forma de violência ou preconceito serão vetados e modificados pela Comissão Organizadora, se necessário.

2.8 As inscrições estarão abertas de 01 a 28 de setembro de 2024 e devem ser feitas exclusivamente online através do site oficial da OEHSE (www.oehse.com.br). Não serão aceitas inscrições por e-mail, correspondência ou qualquer outro meio de comunicação.

2.9 Para iniciar o processo de inscrição, é obrigatório realizar um cadastro simples no site, fornecendo nome completo, e-mail válido e uma senha. Após o cadastro, o sistema enviará um e-mail com um link para validação. Somente após a confirmação do cadastro, o responsável poderá completar a inscrição.

2.10 O simples cadastro no site não configura uma inscrição completa. A inscrição só será considerada completa após o preenchimento da ficha de inscrição, montagem da equipe e confirmação da participação dos membros. Após o cadastro, o responsável deve fazer login no sistema e completar todo o processo de inscrição, preenchendo todos os campos exigidos para cada modalidade de participação.

2.11 Os dados registrados na ficha de inscrição serão utilizados para a confecção do certificado para todos os participantes. É de inteira responsabilidade dos usuários garantir a precisão dos dados fornecidos. A equipe não estará inscrita na OEHSE se perder o prazo de montagem.

2.12 O site da Olimpíada garantirá o envio dos e-mails referentes ao processo de inscrição. É importante que os participantes verifiquem seu e-mail e não compartilhem seus dados de login e senha. Em caso de perda ou esquecimento da senha, uma nova poderá ser solicitada através do site. O e-mail enviado com o link para reconfiguração da senha invalidará qualquer solicitação anterior, portanto, recomenda-se aguardar a chegada do e-mail antes de solicitar uma nova senha.

2.13 A equipe de apoio da OEHSE não possui acesso à senha e às áreas de usuários, e não pode recuperar dados perdidos ou esquecidos. A Comissão Organizadora não pode interferir na realização das provas ou alterar respostas já enviadas.

3. Da Correção e Substituição

3.1 Após o início das atividades, não será permitido incluir novos membros nas equipes, exceto em casos específicos, desde que justificada e documentada, e aprovada pela Comissão Organizadora da OEHSE.

3.1.1 São critérios de substituição de membros de uma equipe:

- Licença médica por período igual ou superior ao tempo restante para a conclusão de todas as fases da OEHSE;
- Doença infectocontagiosa que comprometa o contato com os outros membros da equipe ou com os participantes em geral;
- Desligamento da escola;
- Morte ou invalidez;
- Outros casos omissos a este Regulamento, que serão avaliados pela Comissão Organizadora da OEHSE.

3.1.2 Poderão ocorrer até duas substituições na equipe durante a realização da OEHSE, desde que estejam de acordo com o disposto no item 3.1.1.

3.1.3 A Comissão Organizadora da OEHSE poderá exigir a qualquer momento quaisquer documentos dos participantes, incluindo comprovantes de matrícula e docência, bem como documentos que comprovem o impedimento de participação dos professores(as) ou estudantes na Olimpíada.

3.1.4 Casos diversos dos mencionados neste Regulamento serão analisados pela Comissão Organizadora da OEHSE, que poderá exigir, a seu critério, documentos comprobatórios e negar a realização de alterações solicitadas pelos membros das equipes.

3.1.5 Somente o(a) professor(a) orientador(a) da equipe pode solicitar a substituição de membros das equipes, conforme critérios estabelecidos nos itens 3.1.1, 3.1.3 e 3.1.4, sendo o único responsável pelo envio da documentação exigida pela Comissão Organizadora da OEHSE.

3.1.6 Em caso de desligamento do(a) professor(a) orientador(a) do quadro docente da instituição de ensino, deverá ser enviado pedido formal por parte do estabelecimento, em documento oficial, comunicando o desligamento, acompanhado da documentação comprobatória e/ou outros documentos exigidos pela Comissão Organizadora da OEHSE, para que um novo(a) professor(a) assuma a orientação da(s) equipes.

3.1.7 O prazo de substituição e indicação de novos membros, incluindo a apresentação de documentos solicitados, é de até 5 (cinco) dias corridos, a contar do envio da solicitação. A solicitação de substituição a que tratam os itens 3.1.1 até 3.1.7 deve ser realizada exclusivamente através do correio eletrônico oehsorgipe@gmail.com, em tempo hábil e obedecendo aos prazos estabelecidos no Calendário Oficial da Olimpíada.

3.1.8 As equipes que não atenderem ou deixarem de obedecer, parcial ou integralmente, a qualquer um dos critérios acima estabelecidos estarão passíveis de desclassificação.

3.1.9 Caso comprovada a intenção de dolo, má-fé ou falsidade ideológica nas informações prestadas, o(a) professor(a) e/ou os estudantes e/ou a instituição de ensino podem ter vetada a sua participação presente e futura nas edições da OEHSSE, a critério da Comissão Organizadora.

4. Cronograma (Retificado em 30/09/2024)

Etapas	Período
Publicação do Regulamento	16/09/2024
Inscrições	01 a 03/10/2024
1ª Fase	7/10 a 12/10/2024
2ª Fase	14 a 19/10/2024
3ª Fase	21 a 26/10/2024
4ª Fase	28/10/2024 a 02/11/2024
Divulgação do Resultado	08/11 2024
Interposição do Recurso	09 a 10/11/2024
Cerimônia de Premiação	14/11/2024

5. Da realização

5.1 A OEHSSE ocorrerá de 07 de outubro a 02 de novembro de 2024. Durante esse período, as equipes terão acesso às questões e tarefas online e deverão seguir as instruções fornecidas pela organização. Cada um dos três alunos da equipe deve responder à prova de forma individual, mas em consenso, marcando as mesmas respostas. O professor também responderá à prova individualmente, independentemente das respostas de seus alunos. O ambiente será semelhante ao de um curso online, promovendo um espaço colaborativo e interativo.

5.2 A OEHSSE será constituída por 4 (quatro) fases de provas online. As fases online serão acessadas, realizadas e enviadas exclusivamente na página da Olimpíada Estadual de História de Sergipe [www.oehse.com.br], mediante fornecimento pelo(a) participante com inscrição totalmente completa de seu login e senha.

5.2.1 Sob nenhuma hipótese serão aceitas respostas ou tarefas enviadas por e-mail, correio ou outros meios de comunicação. As respostas e tarefas enviadas não podem ser alteradas

posteriormente, nem este envio ser cancelado e/ou substituído por novo envio. É de inteira responsabilidade da equipe o envio de questões e tarefas.

5.3 A primeira fase online será composta por cinco questões objetivas, compostas por quatro itens cada, cuja pontuação atribuída a cada item pode ser 0 (zero), 1 (um), 4 (quatro) ou 5 (cinco) pontos; mais uma tarefa: 1 (um) questionário socioeconômico que deve ser respondido integralmente e de forma adequada por todos(as) membros(as) da equipe. Avançarão para a próxima fase as equipes participantes que tenham respondido todas as questões e cumprido a tarefa.

5.4 A segunda fase online será composta por cinco questões objetivas, compostas por quatro itens cada, cuja pontuação atribuída a cada item pode ser 0 (zero), 1 (um), 4 (quatro) ou 5 (cinco) pontos; mais uma tarefa, que deve ser elaborada integralmente e de forma adequada por todos(as) membros(as) da equipe. Avançarão para a próxima fase as equipes participantes que tenham respondido todas as questões e cumprido a tarefa.

5.5 A terceira fase online será composta por cinco questões objetivas, compostas por quatro itens cada, cuja pontuação atribuída a cada item pode ser 0 (zero), 1 (um), 4 (quatro) ou 5 (cinco) pontos; mais uma tarefa, que deve ser elaborada integralmente e de forma adequada por todos(as) membros(as) da equipe. Avançarão para a próxima fase as equipes participantes que tenham respondido todas as questões e cumprido a tarefa.

5.6 Cada questão proposta nas três primeiras fases online poderá apresentar referências e conteúdos relacionados para auxiliar na pesquisa das equipes e na escolha da resposta para a questão, sem prejuízo das demais.

5.7 Na quarta e última fase online da OEHSE, as equipes deverão realizar uma tarefa subjetiva e enviá-la, obedecendo o prazo estabelecido no Cronograma deste Regulamento. A pontuação para a tarefa desta fase varia de 0 (zero) a 100 (cem) pontos. As orientações para a resolução da tarefa e os critérios de avaliação serão disponibilizados no site da olimpíada para as equipes classificadas para esta fase, no dia do seu início, conforme estabelecido no Cronograma deste Edital.

5.8 Em caso de observância de plágio nas tarefas subjetivas, será atribuída nota ZERO à(s) equipe(s) envolvida(s). Caso seja observado plágio interno, caracterizado pela cópia parcial ou integral de textos de outras equipes, a(s) equipe(s) poderá(ão) ser punida(s) com a eliminação do certame. Em caso de plágio de obras ou autores externos ao processo, a(s) equipe(s) será(ão) eliminada(s) do certame.

5.9 A OEHSE não se responsabiliza por opiniões, ideias, termos ou elementos inadequados ou que desrespeitem a lei, os direitos individuais e coletivos, os Direitos Humanos ou as regras

de boa convivência e respeito às individualidades e coletividades, apresentados pelas equipes ou seus(as) membros(as) na tarefa subjetiva ou quaisquer atividades realizadas ao longo do certame. Em caso de conteúdo considerado ofensivo ou ilegal, a equipe é passível de eliminação do certame e estará sujeita às penalidades legais.

5.10 O envio das tarefas e dos desafios preparatórios pelos participantes de todos os níveis implica automaticamente em sua autorização para que a Comissão Organizadora possa divulgá-las e publicá-las, com fins exclusivamente acadêmicos, educativos e pedagógicos.

6. Da Classificação e Resultados

6.1 Cada fase é classificatória e eliminatória, e os pontos obtidos são cumulativos para as fases seguintes. A seleção de equipes medalhistas será baseada no desempenho nas questões e tarefas das três primeiras fases, somados os pontos alcançados na tarefa da quarta fase.

6.2 Os resultados das etapas da olimpíada serão divulgados no dia 08 de novembro no site oficial da OEHSE.

7. Da Premiação

7.1 Serão emitidos certificados de premiação e medalhas para os(as) membros(as) das 45 (quarenta e cinco) equipes finalistas com melhor desempenho nesta edição da OEHSE, conforme classificação final divulgada em data e horários informada apresentado neste Regulamento através do site da olimpíada. Para as demais equipes serão fornecido certificados.

7.2 As medalhas e certificados serão distribuídos levando em consideração o somatório da pontuação obtida nas quatro Fases de acordo com a classificação a seguir:

- a. 1ª a 10ª – Medalha de Ouro.
- b. 11ª a 25ª – Medalha de Prata.
- c. 26ª a 45ª – Medalha de Bronze.

7.3 Em caso de equipes empatadas ao final da fase 4, fica estabelecida a seguinte sequência de critérios de desempate:

1. A maior pontuação obtida pela equipe na Fase 3;
2. A maior pontuação obtida pela equipe na Fase 2.
3. A maior pontuação obtida pela equipe na Fase 1.

7.4 A cerimônia de premiação será realizada no dia 14 de novembro de 2024, em local a definir, com a presença de autoridades das instituições envolvidas na realização do evento, professores, alunos e convidados.

7.5 O certificado de participação na OEHSE para todas as equipes participantes ficará disponível na área do usuário por tempo indeterminado, mas a Comissão Organizadora não se responsabiliza pela disponibilidade de certificados após a data de 31/12/2024.

7.6 Os pontos totais, incluindo o desempenho nas questões e a pontuação das tarefas em todas as fases, serão computados e utilizados para compor a nota, e ficarão disponíveis na área de participante apenas após a finalização da prova.

7.6.1 O cálculo das pontuações será realizado pelo sistema, e será divulgada a pontuação total por participante/equipe apenas em sua área de participante/equipe.

7.7 A cada fase finalizada, a Comissão Organizadora publicará comentários relativos às questões e tarefas. Estes comentários não constituem a resolução da prova, e sim observações gerais que aprofundam o tema abordado pela questão, reforçando o processo de aprendizado. Ou seja, não se constituem em gabarito ou resolução de cada questão pela Equipe Elaboradora, tendo como proposta contemplar as discussões estabelecidas no decorrer da resolução da fase a que pertencem.

7.8 O gabarito oficial será publicado somente após o final da quarta fase da OEHSE. Ao retornar à sua área, após cada fase online, cada participante terá acesso apenas à alternativa que selecionou, e não ao resultado oficial. Antes do final da fase quatro, a Comissão Organizadora da 1ª OEHSE não divulgará gabaritos, sistema de avaliação ou qualquer tipo de resolução de questões e/ou tarefas.

7.9 Cada fase online tem a duração de 6 dias. Para a Olimpíada Estadual de História de Sergipe, as fases serão iniciadas às segundas-feiras e finalizadas aos sábados, permitindo que o(a)s participante(s) tenham ao menos um dia (domingo) entre uma fase e outra.

8. Recursos

8.1 É garantido o direito de interposição de recursos ao resultado das fases da olimpíada, identificando-se e pronunciando-se no período especificado no cronograma informado no item 4 deste Regulamento.

8.2 Não serão apreciados os pedidos intempestivos e sem fundamentação técnica.

8.3 Os pedidos de recurso devidamente fundamentados serão julgados pela Comissão Organizadora da OEHSE.

8.4 Os recursos às fases deverão ser enviados exclusivamente pelo(a) professor(a) orientador(a), dentro do prazo estabelecido no cronograma deste Regulamento, para o endereço eletrônico oehseregipe@gmail.com, com o assunto intitulado RECURSO (nº da fase), contendo o nome da(s) equipe(s), a alegação e a devida fundamentação para possibilidade de deferimento de alteração solicitada.

8.5 As respostas aos recursos serão disponibilizadas em um único arquivo no endereço eletrônico <https://oehse.com.br/downloads/> nas datas previstas pelo Cronograma apresentado no item 4 deste Edital.

8.6 Da decisão não caberá recurso.

9. Disposições Gerais

9.1 A responsabilidade pela inscrição correta e pela participação das equipes é exclusivamente das instituições de ensino e dos professores orientadores.

9.2 A organização reserva-se o direito de alterar o regulamento e o cronograma do evento conforme necessário. Dúvidas e solicitações devem ser encaminhadas para o e-mail oficial da OEHSE: oehseregipe@gmail.com.

9.3 Os dados coletados durante a inscrição serão utilizados exclusivamente para a participação na olimpíada e protegidos conforme a Lei nº 13.709/2018. A Comissão compromete-se a manter a confidencialidade e o sigilo das informações.

9.4 A participação na OEHSE é gratuita, e o comitê gestor não solicitará doações ou pagamentos de taxas extras.

10. Das disposições finais

10.1 O não cumprimento de qualquer um dos prazos previstos no cronograma apresentado neste edital por parte das equipes ou membros(as) implicará na perda do(s) respectivo(s) direito(s), não cabendo qualquer tipo de questionamento.

10.2 A qualquer tempo, este edital poderá ser alterado, revogado ou anulado, no todo ou em parte, por decisão unilateral da Comissão, seja por motivo de interesse público ou exigência legal, em decisão fundamentada, sem que isso implique direito à indenização de qualquer natureza.

10.3 As possíveis situações a que se refere o item 9.2 entrarão em vigor a partir da deliberação da Comissão Organizadora da OEHSE e conforme documento publicado no sítio da

olimpíada e amplamente divulgado nos canais oficiais de comunicação da OEHSE, devidamente registrados em seu nome na rede social: @oehse.

10.4 Dúvidas sobre o Regulamento Oficial da OEHSE 2024 poderão ser enviadas para o correio eletrônico: www.oehse.com.br.

10.5 Os casos omissos a este Regulamento Oficial da OEHSE 2024 serão analisados pela Comissão Organizadora da OEHSE.

São Cristóvão, 16 de setembro de 2024.

Adinagruber da Conceição Lima

Coordenadora da Olimpíada Estadual em História de Sergipe (OEHSE)

APÊNDICE G – Proposta de Formulário de inscrição na OEHSE

Campo	Tipo de Resposta	
N. INEP/Nome da Escola		
Tipo de Instituição	Pública	
	Particular	
Nome Completo do Professor		
E-mail do Professor		
CPF do Professor		
Nível Escolar da equipe	Fundamental	Regular
		EJA
	Médio	Regular
		Integral
		Profissionalizante
		EJA
Nome Completo do Aluno 1		
E-mail do aluno 1		
CPF do aluno 1		
Ano/Série	EF	EM
	6	1
	7	2
	8	3
	9	
Nome Completo do Aluno 2		
E-mail do aluno 2		
CPF do aluno 2		
Ano/Série	EF	EM
	6	1
	7	2
	8	3
	9	
Nome Completo do Aluno 2		
E-mail do aluno 2		
CPF do aluno 2		
Ano/Série	EF	EM
	6	1
	7	2
	8	3
	9	

ANEXO A – Mapa de Possibilidades: Criando uma Olimpíada Científica para o Ensino de História Local

Organizar uma olimpíada escolar, municipal ou estadual nas áreas de História e Ciências Humanas é uma excelente maneira de incentivar a pesquisa, o pensamento crítico e a valorização do patrimônio cultural entre os estudantes. Este roteiro apresenta um passo a passo para auxiliar professores e educadores na criação e implementação de uma olimpíada, inspirado em iniciativas como a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE-CE) a Olimpíada Caririense de História, Artes e Metodologias Educacionais (OCHARME), o Desafio de História da Paraíba e a Olimpíada Estadual em História de Sergipe.

Passo 1: Definição dos Objetivos

Quais objetivos você deseja alcançar?

- ✓ **Estímulo à Pesquisa:** Incentivar o interesse pela investigação histórica e cultural.
- ✓ **Valorização Cultural:** Promover o conhecimento e a preservação do patrimônio histórico e cultural local.
- ✓ **Desenvolvimento de Habilidades:** Fomentar o pensamento crítico, trabalho em equipe e habilidades de comunicação.
- ✓ **Inclusão e Acessibilidade:** Assegurar que estudantes de diferentes contextos sociais possam participar.

Passo 2: Formação da Comissão Organizadora

- ♦ **Composição:** Professores das áreas de Ciências Humanas, gestores escolares e, se possível, representantes de instituições de ensino e órgãos culturais.
- ♦ **Atribuições:** Definir etapas, elaborar regulamentos, criar cronogramas e coordenar as atividades.
- ♦ **Divisão de Tarefas:** Delegar responsabilidades para inscrição, provas, divulgação, premiação...

Passo 3: Elaboração do Regulamento

 **Público-Alvo:** Determinar quais séries/anos escolares podem participar.

 **Formação das Equipes:** Definir o número de participantes e o papel do professor orientador.

 **Inscrições:** Estabelecer processos, prazos e documentação.

 **Premiação:** Definir os tipos de reconhecimento, como medalhas, certificados e troféus.

 **Referência:** Consulte regulamentos de olimpíadas consolidadas, como **ONHB** e **OCHE-CE**.

Passo 4: Desenvolvimento das Provas

 **Conteúdo:** Questões sobre temas históricos, geográficos, culturais e sociais, com ênfase na realidade local.

 **Formato:** Questões objetivas, dissertativas e tarefas práticas para estimular a pesquisa e criatividade.

Passo 5: Plataforma de Participação

 **Ambiente Virtual:** Utilizar plataformas para inscrições, materiais e provas.

 **Acessibilidade:** Garantir uma interface intuitiva e suporte técnico.

 **Dica:** Pesquisar plataformas adequadas ao modelo escolhido pela comissão organizadora.

Passo 6: Divulgação e Engajamento

 **Comunicação:** Divulgação em escolas, redes sociais e meios de comunicação locais.

 **Envolvimento da Comunidade:** Incentivar a participação de pais, professores e gestores.

Passo 7: Execução das Fases

 **Fases Online:** Provas/tarefas remotas com prazos e orientações claras.

 **Fase Presencial (se houver):** Evento final para integração, entrega de medalhas e atividades lúdicas.

Passo 8: Avaliação e Premiação

 **CrITÉrios de Avaliação:** Definir parâmetros para correção e pontuação.

 **Transparência:** Divulgação clara dos resultados e feedback para os participantes.

 **Cerimônia de Premiação:** Evento para celebrar alunos e professores.

Passo 9: Busca de Financiamento e Editais

 **Editais e Chamadas Públicas:** Participação em programas de incentivo à educação e cultura.

 **Parcerias Institucionais:** Convênios com universidades, ONGs e órgãos culturais.

 **Apoio de Empresas:** Buscar patrocínios de instituições privadas.

 **Exemplo:** Muitas olimpíadas são financiadas por **CNPq, Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa e programas municipais de cultura.**

Passo 10: Feedback e Melhoria Contínua

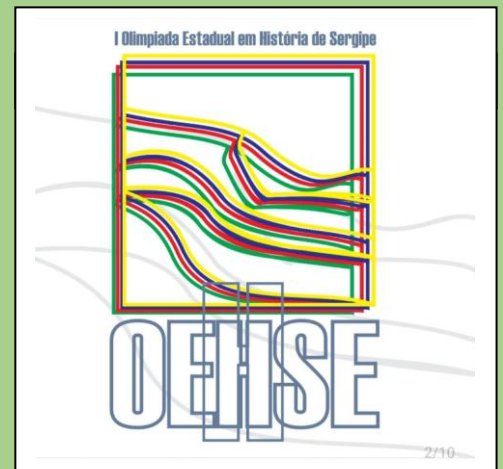
 **Avaliação Pós-Evento:** Coletar opiniões dos participantes.

 **Aperfeiçoamento:** Usar o feedback para aprimorar futuras edições.

Esta proposta pode ser adaptada conforme a realidade local e as necessidades da comunidade escolar.

Profa. Adinagruber da Conceição Lima

ANEXO B – Caderno de Atividades OEHSE



CADERNO DE ATIVIDADES BASEADO NAS QUESTÕES DA OEHSSE

Adinagruber da Conceição Lima

Prezado(a) Professor(a),

É com grande satisfação que apresentamos o Caderno de Atividades da Olimpíada Estadual de História de Sergipe (OEHSE). Ele foi desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), com apoio da Fundação de Apoio a Pesquisa e Inovação Tecnológica de Sergipe (FAPITEC), e visa apoiar o trabalho dos docentes sergipanos no fortalecimento de uma prática de ensino crítica, contextualizada e comprometida com as diretrizes da Educação Básica, a partir da história local.

A proposta do Caderno é demonstrar o potencial de ensino-aprendizagem ativo presente em cada questão da Olimpíada, oferecendo ao professor novas possibilidades de uso pedagógico. Assim, as atividades foram pensadas para favorecer um estudo contextualizado da História, em sintonia com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo de Sergipe.

O conteúdo dele atende às exigências das principais legislações educacionais brasileiras, como a Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e a Lei 11.645/2008, que inclui a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura dos Povos Indígenas no Brasil.

Cada atividade busca dar visibilidade a sujeitos históricos fundamentais, povos originários, populações negras, mulheres, povos e comunidades tradicionais, promovendo uma formação cidadã, ética, plural e inclusiva, conforme preconiza a educação nacional.

O Caderno também se apresenta como um instrumento de revisão e consolidação de conhecimentos, estimulando habilidades essenciais como: a pesquisa e a análise crítica; leitura e interpretação de imagens e documentos históricos; produção de argumentos a partir de diferentes fontes. Além disso, ao abordar a história local, em diálogo com a história nacional, as atividades se propõem a estimular o sentimento de pertença e valorizar a identidade cultural sergipana.

Aproveitamos para registrar nosso agradecimento aos professores e estudantes que participaram da 1ª OEHSE e tornaram essa olimpíada possível, bem como agradecemos de especial modo aos professores que se dispuseram a realizar os comentários das questões, enriquecendo ainda mais este Caderno e colaborando para a construção coletiva do conhecimento histórico em Sergipe.

Por fim, frisamos que este material foi concebido para ser flexível e adaptável à realidade de cada escola e turma, fortalecendo o papel do professor como mediador de uma aprendizagem histórica significativa e contribuindo para a formação de uma consciência histórica comprometida com a democracia, a inclusão e a justiça social.

Desejamos que este Caderno de Atividades seja um recurso dinâmico, inspirador e útil em sua prática pedagógica.

Boa leitura e excelentes aulas!

FASE 1 OEHSE**Questão 1****Documento 1– Música**

Sergipe, cajueiro em flor, esse é o meu lugar
 (...)“Sou sergipano, oxente! O que é que há?
 Desse lugar não quero mais sair
 Caranguejo, água de coco
 Praia, sol e mar

Estância,num barco de fogo eu vou navegar
 A grotta do Angico tem histórias pra contar
 Vou dar um pulo em Pirambu até o Projeto Tamar
 No Brejo Grande o Velho Chico deságua no mar
 Na Serra da Miaba eu vou subir pra me banhar
 Forró Caju, Siri, Capela, Areia Branca é tradição
 Mangue Seco, Abaís, Caueira e Parque dos Falcões
 Sergipe, você nunca sai do meu coração” (...)

Título:Sergipe, o Meu Lugar

Tipo: Música

Origem: Álbum Coletânea de Forró, 2021

Compositor: Luiz Fontenele

Intérprete: Luiz Fontenele

Créditos

Compositor: Luiz Fontenele

Intérprete:Luiz Fontenele

Fonte: <https://www.cifraclub.com.br/luiz-fontineli/sergipe-o-meu-lugar/>

Palavras-chave: Mídias digitais. História da música. Sergipe.

Documento 2 – Música

(...)“Sergipe é bonito e tem riqueza é pequeno e tem
 Beleza para todo mundo ver
 Sergipe tem também os seus valores tem poetas
 escritores seresteiros do amor
 Seu folclore é divino e lendário no ano do seu
 Calendário não tem dia sem calor

Por isso que eu exalto minha terra que também
 lutou na guerra empunhou o seu fuzil

Seus filhos regressaram com a glória seu nome
está na história em defesa do Brasil

Sergipe tem cidades tão lendárias tem o rio São
Francisco tem a praia de Atalaia
E para orgulho do seu povo tão gentil é uma fonte
de petróleo, esperança do Brasil” (...)

Título: Aquarela de Sergipe

Tipo: Música

Origem: Álbum Aliança Devolvida, 1978

Compositor: José Augusto Sergipano

Intérprete: José Augusto Sergipano

Créditos

Compositor: José Augusto Sergipano

Intérprete: José Augusto Sergipano

Palavras-chave: Mídias digitais. História da música. Sergipe.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/jose-augusto-sergipano/album:82943:12/#album:alianca-devolvida-1978>

Documento 3 – Música

(...)“Dizem que Sergipe é o país do forró
Mas se pensar um pouquinho é um lugar muito melhor
Aqui não tem só São João, tem a lavagem de Socorro
O Lambe-Sujo em Laranjeiras e uma feira em São Cristóvão

Agora eu vou provar que tamanho não é documento
Preste atenção no que eu lhe falo pois tem muito fundamento
Tem a Barra dos Coqueiros
Tem Estância e Lagarto, Itabaiana e Boquim
Sem esquecer de Maruim
Sergipe não cabe em si
Sergipe é grande sim
É um estado de espírito
Onde o mar é mais bonito
Onde o céu é infinito

Aqui é um paraíso
É um ninho bem quente
Aqui é o nosso lar
É onde está a gente” (...)

Título: Sergipe não Cabe em Si

Tipo: Música

Origem: Álbum: Uma Odisseia no meu Espaço, 2010

Compositor: Igor Mangueira

Intérprete: Igor Mangueira e Nino Karvan

Créditos: Igor Mangueira

Compositor: Igor Mangueira

Intérprete: Igor Mangueira e Nino Karvan

Palavras-chave: Mídias digitais. História da música.

Sergipe. Fonte: <https://www.letras.mus.br/igor-mangueira/1127788/>

Leia a letra e ouça as canções.

- a) Os autores dessas canções transformaram as cidades sergipanas em destinos turísticos, já que brasileiros e estrangeiros após escutarem essas músicas despertam o desejo em visitar Sergipe.
- b) As músicas reforçam o orgulho sergipano e a ideia de que Sergipe é "grande" em espírito, mesmo sendo o menor estado do Brasil. Esse orgulho está relacionado à diversidade cultural, à preservação das tradições e ao sentimento de pertencimento, ressaltado nas frases "Sergipe é grande sim" e "Aqui é o nosso lar".
- c) As três composições acima destacadas foram elaboradas por compositores diferentes em contextos históricos distintos. Porém, todas ressaltam o sentimento de pertencimento que seus autores têm por Sergipe. As representações das sergipanidades dos três autores estão pautadas na diversidade natural e cultural do estado de Sergipe.
- d) As letras mencionam Sergipe como um lugar acolhedor, tanto para quem é da capital (Aracaju), quanto para quem vem de fora, seja do norte, do sul ou até do exterior. Essa visão de Sergipe como um espaço de acolhimento reflete a hospitalidade do povo sergipano.

Comentário da questão

As canções proporcionaram uma viagem pelos mais variados municípios sergipanos. Foi possível explorar diversas habilidades. Os estudantes desbravaram, ao som das três canções, um Sergipe que muitos desconheciam e se auto identificaram com a exposição das representações sergipanas a cada música apresentada.

A música tem sido e deve ser utilizada na prática pedagógica, inclusive do ensino de História. No caso em questão, as canções podem ser exploradas por professores de outros componentes curriculares, Ensino Religioso, Arte, Geografia, Ciências, Redação, Língua Portuguesa e em qualquer outro componente curricular da Educação Básica, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

É importante destacar que as referidas canções podem fazer parte da prática

pedagógica, tornando-se recursos relevantes para o desenvolvimento de variados projetos no mês da(s) Sergipanidade(s), por exemplo. Através delas é possível estimular a curiosidade dos estudantes, levando-os a explorar cada manifestação cultural, paisagem, nome citado referente a nossa culinária e demais aspectos históricos, sociais, ambientais, econômicos, e muitos outros elementos apresentados pelos compositores ao tratarem dos mais variados municípios sergipanos.

A questão apresentou a possibilidade de se pensar Sergipe com base em três canções. Como pode ser observado nas fontes apresentadas de cada música, elas foram produzidas em contextos históricos diversos, através das quais cada compositor destacou o que, em sua visão, Sergipe apresentava/apresenta de melhor.

Desse modo, mesmo sendo produzidas por pessoas diferentes e em décadas distintas, elas apresentam semelhanças concernentes ao sentimento de pertencimento de cada compositor a utilização das paisagens naturais, bem como dos aspectos culturais, utilizados pelos autores para exaltar Sergipe, o que hoje compreende-se por representações da sergipanidade(s). Assim, compreende-se que através das músicas identificamos as representações das sergipanidades.

Profa.Dra.Tatiane Oliveira da Cunha
Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela
(Aracaju/SE) e Colégio Municipal Josué Passos (Ribeirópolis/SE).

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 01, da primeira fase da OEHSE, é possível elaborar atividades diversificadas alinhadas aos conteúdos e adequadas a cada ano. Nesse contexto, a música é uma fonte histórica capaz de refletir uma sociedade em suas diversas nuances, em um determinado período. Essa fonte pode trazer aspectos históricos, políticos, culturais, ambientais, geográficos de um povo em determinado tempo e espaço.

Ao analisar a composição enquanto fonte histórica, o professor pode ter uma visão multidisciplinar, como pede a educação contemporânea, compreendendo o passado e o tempo presente, refletindo sobre história, identidade e memória.

Com base na questão 01, da fase 01, da 1ª OEHSE e no comentário da professora, vamos elencar algumas possibilidades de atividades:

Atividade A: Música e Identidade Cultural – Trabalhando o História e Pertencimento através da música “*Sergipe, o Meu Lugar*”, de Luíz Fontenelle.

Atividade B: Música, Memória e História – Conduzidos pelos versos da música “*Aquarela de Sergipe*”, de José Augusto Sergipano, vamos conhecer um pouco da história de Sergipe.

Atividade C: No Ritmo Sergipano: A Música, “*Sergipe Não Cabe em Si*”, de Igor Mangueira, Desvendando a História.

Objetivo:

Levar os alunos a refletirem sobre a relação entre as músicas citadas na questão 01, história e a identidade cultural em Sergipe, promovendo o sentimento de pertencimento à sua comunidade por meio da análise de uma produção musical de forma multidisciplinar, com enfoque no ensino de história.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Atividade A: Música e Identidade Cultural – Trabalhando a História e Pertencimento através da música “*Sergipe, o Meu Lugar*”, de Luiz Fontenelle.

Desenvolvimento:

1. Introdução - Roda de Conversa:

✓ Pergunte aos estudantes:

- Se os alunos conhecem alguma música representativa de sua comunidade?
- Quais canções representam a cidade/bairro/comunidade onde vivem?
- Como a composição pode contar a história de um povo ou lugar?
- Vamos conhecer a música “Sergipe, Meu Lugar”, de Luiz Fontenelle?

Apresente a música “*Sergipe, Meu Lugar*” de Luiz Fontenelle, evoque a memória local e discuta suas letras, ritmos e mensagens com os alunos.

2. Análise Musical:

✓ A partir da música “Sergipe, o Meu Lugar”, analise com os educandos:

- O que a letra diz sobre Sergipe?
- Quais sentimentos a música desperta?
- Que elementos culturais estão presentes na melodia, no ritmo e na linguagem?
- Que elementos da culinária sergipana podemos observar na música?
- Explique o que é o Barco de Fogo cantarolado nos versos da música? Você já viu algum? Onde?
- Com qual fato histórico a grota do Angico está ligada?
- A música faz menção a praias e rio, cite-os. Comente se você já foi em um desses locais e quais suas memórias deles.
- Pesquise sobre o Projeto Tamar, faça um pequeno resumo mostrando sua importância para preservação da vida aquática.
- Geograficamente falando onde fica a Serra da Miaba? Você conhece?
- A música traz localidades de forte tradição no forró. Cite-as.
- Pesquise e faça um resumo sobre o Parque dos Falcões.
- A música fala em caranguejo. Você já ouviu falar em **defeso**? Poderia explicar o que é e qual sua importância?

3. Atividade:

- ✓ Os alunos divididos em grupos podem escrever uma paródia da música ou uma poesia, com elementos de suas comunidades, ou fazer uma nova música com elementos que lhes são representativos, ou seja, incluindo informações que expressem a identidade cultural da comunidade.
- ✓ Cada grupo apresenta sua música ou poesia para a turma.
- ✓ Ao final, promova uma reflexão sobre como a atividade reforçou a identidade cultural e o pertencimento ao local.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados a critério do professor, pela participação nas discussões, na criatividade da composição e na reflexão sobre o pertencimento a sua comunidade.

Atividade B: Música, História e Identidade Cultural – Trabalhando História e Pertencimento através da música “Aquarela de Sergipe”, de José Augusto Sergipano.

1. Conduzindo a História nos versos da música:**✓ Investigando a música:**

- A música é de 1978. Qual o contexto político que Sergipe e o Brasil viviam nesse período?
- A canção traz em seus versos “*Sergipe é (...) uma fonte de petróleo, esperança do Brasil*”. Como o petróleo era visto enquanto fonte de energia, em 1978, e como ele visto hoje?
- A partir do verso acima, faça uma reflexão de como as mudanças nas fontes de energia influenciaram a forma como o petróleo, um recurso mineral não renovável, antes pensado como o futuro e prosperidade do mundo, passou a ser visto pela perspectiva da Conferência das Partes (COP), reunião anual de signatários da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima?
- Você conhece algum poeta que tenha nascido ou vivido no seu município? Cite o nome e um poema dele.
- Cite poetas sergipanos.
- A música traz o verso “*Seu folclore é divino e lendário*”. Quais grupos folclóricos sergipanos você conhece? Conte a história de um deles.
- Nos versos: “*Por isso que eu exalto minha terra que também lutou na guerra empunhou o seu fuzil. Seus filhos regressaram com a glória, seu nome está na história em defesa do Brasil*”. A qual guerra o compositor se referiu?
- A canção se refere a cidades lendárias. Cite aqui as cidades sergipanas que você deseja conhecer.

- Quais municípios sergipanos são banhados pelo rio São Francisco?
- O rio São Francisco tem Carrancas. Pesquise a história delas.

2. Personagens Históricos e a Música:

- ✓ Pesquise sobre o compositor da música – José Augusto Sergipano, e crie uma biografia curta desse artista.
- ✓ Promova um debate sobre a importância da música para a formação da identidade de um povo.

3. A Música do sergipano e a História do Brasil:

- ✓ Cite dois momentos da música que podemos relacionar à história do Brasil.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor, de acordo com a participação nas discussões e atividades acima.

Atividade C: No Ritmo Sergipano: A Música, “*Sergipe Não Cabe em Si*” de Igor Mangueira, Desvendando a História.

1. No Compasso da zabumba:

✓ A música desvendando a história:

- A música “*Sergipe não cabe em si*”, traz no seu primeiro verso uma alusão a uma famosa música sergipana. Assim, vamos pesquisar:
 - Que música é essa?
 - Cite 3 versos.
 - Quem é o Cantor?
 - Quem é o Compositor da canção referenciada? Faça uma minibiografia.
- Sobre a música *Sergipe não cabe em si*, reflita:
 - O que São João Significa para você?
 - Como é o São João do seu município?
 - O que representa o folguedo *Lambe-sujo em Laranjeiras*?

- A cidade de São Cristóvão possui um conjunto arquitetônico raro. Fale sobre ele.
- A música fala no município de Barra dos Coqueiros, esse município sofreu um crescimento imenso e muita especulação imobiliária, faça a ligação entre esse crescimento e a luta das mulheres catadoras de mangaba pela manutenção desse extrativismo vegetal.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor, de acordo com o texto (ou fala/apresentação) da pesquisa desenvolvida sobre crescimento imobiliário e luta pelo extrativismo vegetal da mangaba.

Questão 2**Documento1 -Fotografia**

Título: Defesas costeiras dos revoltosos

Tipode documento

Fotografia

Origem

OGlobo.Disponívelem:<https://educacaohistoriaepolitica.blogspot.com/2024/07/a-revolta-de-13-de-julho-os-seus.html?m=1>. Acesso em 07 set. 2024.

Créditos

Blog Educação, História e Política.

Palavras-chave:História política.Tenentismo.Sergipe.

Documento2 – Texto acadêmico

O dia da semana destinava-se ao descanso, já que a maior parte das pessoas não trabalhava. Aproveitavam então para ir à igreja, passear pela cidade ou visitar conhecidos. Mas, esse domingo começou diferente. Começou com tiroteios. A diversão do dia de folga estava comprometida. Amedrontadas, muitas pessoas não saíram para os habituais passeios pelas praças do centro da cidade. Sem nenhuma informação oficial, a população foi perguntando aqui e ali e, aos poucos, ia se informando sobre os disparos da madrugada. Cada um sabia um pedaço da história. Entretanto, todas as versões contadas mencionavam que a confusão teve início no quartel do Exército.

De fato, durante a madrugada, o capitão Eurípedes Esteves de Lima, o 1º tenente Augusto Maynard Gomes, o 1º tenente João Soarino de Mello e o 2º tenente Manoel Messias de Mendonça, oficiais do 28º Batalhão de Caçadores (28º BC)², revoltaram a unidade do Exército presente em Sergipe. Tropas lideradas pelos revoltosos ocuparam quartéis do Exército e da Polícia, o Palácio do Governo, as estações dos Telégrafos e da Companhia Ferroviária. Entre os moradores da cidade muita incerteza, já para os responsáveis pelos poderes legais constituídos, não restava dúvida alguma: os oficiais sergipanos estavam loucos!

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **A caserna em polvorosa: a revolta de 1924 em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p. 13.

Documento 3 – Texto acadêmico

Era noite de 12 de julho. Cerca de 22 horas, a Soarino, oficial do dia, vieram se juntar Eurípedes e Maynard para dar início às operações. Residia no Quartel o segundo-tenente Manoel Messias de Mendonça, intendente do Batalhão e responsável pelo depósito de munições. Ainda sem conhecimento do plano, ao chegar ao Quartel abordaram-no. Surpreendido, ele hesitou, mas diante da insistência dos colegas aderiu ao movimento. Comunicaram aos sargentos, os quais foram acordando paulatinamente os soldados e armando-os. (...)

O povo acordou assustado. Gritos de socorro misturados com os estampidos ecoavam longe. E o tiroteio continuava. Inicialmente pensou-se que seria explosão na Usina Elétrica. Mas, o sibilo das balas foi afastando as dúvidas. Era o Exército contra o governo.

DANTAS, José Ibarê Costa. **O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1924 à Revolução de 1930**. 3.ed. –Aracaju: Editora SEDUC, 2022. p. 101.

Apartir dos documentos é correto afirmar que, naquele período:

- a) A insatisfação de setores intermediários do Exército com o regime oligárquico e a administração pública do governo Graccho Cardoso foi um dos fatores que levou à revolta tenentista em Sergipe.
- b) O movimento tenentista pretendia evitar que o 28º Batalhão de Caçadores embarcasse para combater a revolta tenentista em São Paulo.
- c) O movimento tenentista reivindicava melhores condições de trabalho para as camadas mais subalternas do Exército.
- d) A oposição dos militares às práticas coronelistas e à corrupção das oligarquias regionais foi um dos fatores responsáveis pela eclosão do movimento tenentista no estado.

Comentário da questão

O Tenentismo no Brasil foi um movimento protagonizado por jovens oficiais do Exército Brasileiro, descontentes com a corrupção e a centralização política da Primeira República (1889-1930). O período também é conhecido como República Velha ou do café com leite. Com uma visão nacionalista e crítica às oligarquias regionais, nesse período, militares defenderam reformas políticas e sociais para modernizar o país e tornar o governo mais justo e democrático. As revoltas tenentistas que começaram em 1922, com a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana e apoiaram, em 1924, em São Paulo e outros estados, foram tentativas de manifestar esses ideais e mobilizar a população contra o governo federal.

Em Sergipe, o movimento tenentista ganhou força na Revolta de 1924, envolvendo oficiais do 28º Batalhão de Caçadores. Os relatos dos textos de Andreza Santos Cruz Maynard e José Ibarê Costa Dantas descrevem o clima tenso e inesperado que tomou conta da população, que acordou assustada com o som de tiros e rumores de um levante militar. Liderado pelo capitão Eurípedes Esteves de Lima e tenentes como Augusto Maynard Gomes e João Soarino de Mello, o movimento sergipano refletiu o desejo de contestar o poder político local, vinculado às oligarquias e ao governo federal. Durante uma revolta, as tropas tomaram pontos estratégicos de Aracaju, como os quartéis do Exército e da Polícia, o Palácio do Governo e as estações de telégrafos e ferrovias.

A postura da população – amedrontada e desinformada sobre os acontecimentos,

demonstra como essas ações foram percebidas como uma ameaça à ordem cotidiana. Esse episódio em Sergipe mostra que o Tenentismo, mesmo sendo um movimento minoritário dentro do Exército, conseguiu abalar as oligarquias vigentes e representar um clamor por mudanças. Importante destacar que, embora esses levantes tenham sido controlados, o Tenentismo contribuiu para a formação de um novo cenário político, que culminou na Revolução de 1930 e na ascensão de Getúlio Vargas ao poder, alterando os rumos da política brasileira.

Assunto e pertinência: o tema é o Tenentismo em Sergipe, com foco na Revolta de 1924, quando militares locais se revoltaram contra o poder político central. Esse tema é importante para entender as propostas sociais e políticas do Brasil na Primeira República e a participação de Sergipe nesses movimentos.

Possibilidades de trabalho em sala: debate sobre causas e impactos do Tenentismo e Leitura e interpretação de textos históricos, além do uso de mapas para identificar locais em Sergipe que são nomeados com personagens ativos no movimento tenentista, a exemplo do bairro Eduardo Gomes e Siqueira Campos.

Contribuições para a aprendizagem: compreensão do contexto histórico brasileiro e sergipano, valorização da história local e seu papel no cenário nacional.

Profa. Elaine Santos Andrade
Centro de Educação Profissional Governador Seixas Dória

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 02, nos textos 02 e 03 da fase 01, da 1ª OEHSE e no comentário da professora, vamos elencar algumas possibilidades de atividades.

Os textos acadêmicos em História são frutos da interpretação de fontes históricas, como documentos escritos, imagens e relatos orais. A análise crítica e contextualizada dessas fontes permite aos pesquisadores compreenderem o passado e estabelecerem relações entre os eventos, construindo o conhecimento histórico.

Além disso, eles são essenciais no ensino básico, pois permite aos discentes desenvolverem pensamento crítico e compreensão de mundo. Mediante leitura de textos acadêmicos, os estudantes aprendem a questionar e interpretar informações, habilidades importantes para a vida em sociedade, bem como podem despertar interesse pela história e cultura, formando cidadãos mais conscientes.

Objetivo:

Desenvolver a compreensão crítica dos educandos sobre o tenentismo em Sergipe, contextualizando-o historicamente com o Brasil.

Público-alvo:

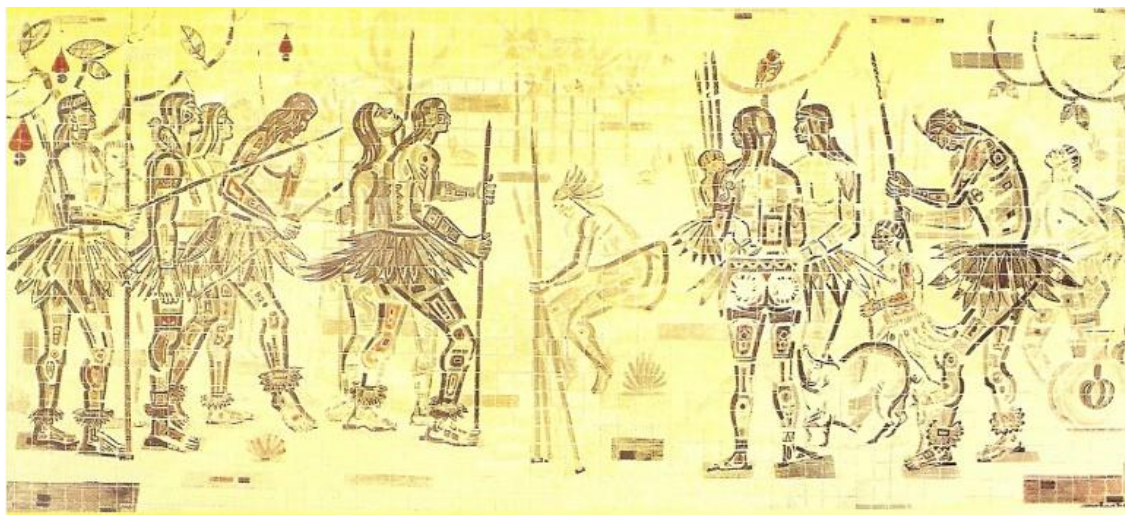
Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1. Ideiais em meio ao tiroteio:**✓ Leia os trechos dos textos para entender uma revolta:**

- Sobre a temática dos trechos dos textos da autora Andreza Maynard e do autor Ibarê Dantas reflita e responda às questões abaixo:
 - A qual fato histórico os textos se referem?
 - De acordo com a leitura dos textos 01 e 02 e de pesquisas sobre o tema, elabore um texto respondendo a esses pontos: Quais os fatores sociais, políticos e econômicos que contribuíram para a eclosão da revolta em Sergipe? Como a situação do Brasil na época (Primeira República) influenciou esse movimento?
 - Qual foi o papel da população de Aracaju durante a revolta? Ela apoiou ou se opôs aos tenentes?
 - Como o governo reagiu à revolta?
 - Qual foi a influência da passagem da Coluna Prestes pelo Nordeste na intensificação dos movimentos tenentistas?
 - Historicamente, uma revolta sempre afeta o cotidiano da sociedade, como essa revolta afetou a vida das pessoas que viviam em Aracaju?

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor. A partir da atividade, ele se imaginará como um soldado fazendo parte dessa revolta e fará uma carta para um familiar e os amigos contando sobre sua experiência.

Questão 3**Documento1– Mural**

Título: “Os Primeiros Habitantes de Sergipe”

Autor: Jenner Augusto, 1961.

TipodeDocumento: Mural

Palavras-chave: Mural. Povos Originários. Sergipe.

Crédito:Energisa, Rua Ministro Apolônio, 81, InácioBarbosa, Aracaju-SE.

Documento 2 – vídeo

https://drive.google.com/file/d/1rTelbn_PY0XILEYgEiJxp-IJKC40v8i/view?usp=gmail

Título: Povos Originários

Produção: Lamparina

Origem:Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa, 2023, Colorido. 3min.

Imagens: “Os Primeiros Habitantes de Sergipe”, Jenner Augusto, 1961

Música: Comunidade Xocó

Créditos: Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa

Sobre os documentos:

E) O painel de Jenner Augusto apresenta as comunidades indígenas através de suas vestimentas e pinturas corporais, destacando a diversidade das etnias que habitaram Sergipe, como os Boimés e os Tupinambás. Esses elementos visuais reforçam a importância da preservação da memória dessas comunidades na cultura sergipana.

F) O vídeo "Povos Originários" foi produzido a partir do painel de Jenner Augusto (1961), que se encontra na Energisa, em Aracaju, e conta também com a música da Comunidade Xocó. Nele, estão presentes as comunidades indígenas que habita(r)am o território sergipano. O vídeo foi produzido a partir da animação das figuras representadas pelo artista. No painel, é possível distinguí-las a partir do vestuário e da pintura corporal.

G) Adocumentação histórica e o apoio de organizações como a FUNAI e o CIMI foram essenciais para que os Xocó e outras etnias, como os Kiriri, reivindicassem seus direitos territoriais, muitas vezes contestados por fazendeiros locais. Essa luta é parte fundamental da trajetória dos povos indígenas em Sergipe.

H) A obra de Jenner Augusto e os estudos de Beatriz Góis Dantas destacam a presença histórica dos povos indígenas em Sergipe e a importância de suas tradições culturais, como a cerâmica e os rituais religiosos. Os Xocó, por exemplo, preservam práticas culturais ligadas ao Rio São Francisco, essenciais para sua identidade, apesar das ameaças contínuas à sua existência.

Comentário da questão

A questão é bastante relevante para o conhecimento e a valorização da diversidade dos referidos povos indígenas. Ela está de acordo com o que preconiza a lei 11.645/08 que traz a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura dos povos originários.

Ademais, com base no vídeo e no mural, é possível fazer uma reflexão sobre perda de território, identidade, etnocídio e apagamento desses povos na história, que é eurocêntrica. É cabível também abordar temas transversais como educação para a diversidade, direitos humanos e respeito às culturas e etnias, que são importantes para a formação de uma consciência crítica acerca das questões indígenas e suas lutas por direitos.

A questão, portanto, pode incentivar os estudantes a refletirem sobre a importância do respeito aos direitos dos povos indígenas e como essas populações contribuem para a riqueza cultural e ambiental do Brasil, além de promover o entendimento das lutas atuais por território, reconhecimento e justiça social.

Profa. Ana Carla de Jesus
Colégio Estadual Prof. Acrísio Cruz / Colégio Salesiano N. Sra. Auxiliadora

Profa. Maria Cleide Leite Andrade Calderaro
Colégio Estadual Prof. Acrísio Cruz

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 03, no documento 01 – mural de Jenner Augusto (título: “*Os Primeiros Habitantes de Sergipe*”) e do vídeo “*Povos Originários*”, produzido a partir do citado painel e que conta com a música da Comunidade Xocó, da fase 01 da 1ª OEHSE, e no comentário da professora, vamos elencar algumas possibilidades de atividades.

O ensino de História se enriquece com a diversidade de fontes, como o mural de Jenner Augusto e o vídeo “*Povos Originários*”. O mural oferece imersão visual na história dos primeiros habitantes de Sergipe, enquanto o vídeo, combinando imagens, a música Xocó e comentários, aprofunda o conhecimento sobre os povos originários e sua importância.

Nesse sentido, o uso de fontes diversas, como o mural e o vídeo, é importante para o aprendizado da História, incentivando a observação, a reflexão crítica e o interesse pela pesquisa nos discentes. Isso porque a combinação de diferentes linguagens proporciona uma compreensão mais completa e contextualizada do passado para os alunos.

Objetivo:

Compreender a história e a cultura dos povos indígenas em Sergipe a partir da análise do mural “*Os Primeiros Habitantes de Sergipe*”, de Jenner Augusto, e do vídeo “*Povos Originários*”, produzido a partir do citado painel e que conta com a música da Comunidade Xocó. Com vistas a contextualizar as questões indígenas do passado e presente e as suas influências e lutas na atualidade brasileira.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1. As formas de resistência dos povos originários:

✓ Pensar Sergipe através da história indígena:

- **Analise o Mural “*Os Primeiros Habitantes de Sergipe*”, de Jenner Augusto, e o vídeo do mesmo mural e pesquise sobre o tema, reflita e responda às questões abaixo:**

- O mural de Jenner Augusto traz Sergipe em suas origens, um Sergipe indígena... Vamos fazer uma roda de conversa para discutir sobre o que os alunos sabem sobre os povos indígenas do Brasil e de Sergipe.
- Fazer juntamente com os alunos uma leitura do mural de Jenner Augusto, deixar que eles falem o que veem na obra de arte.
- Sergipe tem forte representação dos povos originários, elenque o nome de três municípios sergipanos que são nomes de caciques e pesquisem sobre cada um desses caciques fazendo uma mini biografia de cada um.
- Cite o nome de cinco municípios sergipanos que são palavras de origem indígena e explique o significado desses nomes.
- Pesquise sobre o artista Jenner Augusto e faça um pequeno texto sobre ele.
- Entendendo Sergipe como território indígena, quais comunidades indígenas existem e resistem nesse território? Conte a história de resistência dessas comunidades. Na culinária, qual herança eles nos deixaram? Cite alguns hábitos alimentares aqui.
- A história do Brasil foi construída mediante dois pontos: destruição e resistência. O povo indígena resistiu, resiste! O sangue derramado desde a chegada dos primeiros invasores brancos nunca foi chorado como luto, sempre foi transformado em força para luta. Esta continua até hoje, séculos depois. Explique o que é o marco temporal. O que significa? Quem ganha? Quem perde?
- O meio ambiente, a mineração e os povos indígenas na atualidade, fale sobre essa ligação.
- O que a Constituição Federal diz acerca dos povos indígenas?

Atividade extraclasse:

A atividade extraclasse pode ser realizada em parceria com outras disciplinas, como Geografia, História e Arte. Os professores podem convidar representantes de comunidades indígenas para conversar com os alunos ou levá-los para visitar uma comunidade indígena.

Outra possibilidade de atividade seria levar os estudantes para uma visita ao Memorial de Sergipe – instituição que tem o crédito do vídeo Povos Originários, o Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor, a partir do acompanhamento das atividades acima.

Questão 4**Documento 01 – Texto acadêmico**

A pesca Artesanal no São Francisco também foi marcada por outros tipos de canoa. Essa atividade remonta ao processo de ocupação dos sertões de Sergipe e de Alagoas, pois as características naturais do sertão moldaram o processo de ocupação do território, gerando dificuldades para os fluxos migratórios, principalmente de grupos menos favorecidos. “Os primeiros ocupadores do sertão passaram a vida bem apertada; não eramos donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos” (Abreu, 1954. p. 217/218) sendo, portanto, a navegação e a pesca artesanal, elementos vitais para nutrir essas primeiras povoações.

De forma muito simples, os pescadores artesanais existentes no Baixo São Francisco formam um contingente de trabalhadores que são definidos como:

Aquele que na captura e desembarque de toda a classe de espécies aquáticas, trabalha sozinho e/ou utiliza mão-de-obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos limitados através de técnicas de reduzido rendimento relativo e que destina sua produção, total ou parcial, para o mercado (Diegues, 1973, p. 111).

O pescador, o barqueiro e o mestre canoeiro reproduzem no dia a dia as histórias que formam a identificação, o reconhecimento e a identidade, sendo vitais para a noção de pertencimento e fixação na bacia hidrográfica.

O rio São Francisco, fonte de riquezas e potencialidades, é a base para sustentação de diversas comunidades tradicionais. A pesca é uma das mais antigas atividades econômicas da bacia, sendo destacada por Valêncio *et al.* (2003, p. 423) como “uma das atividades mais clássicas de trabalho no rio São Francisco, havendo milhares de famílias ribeirinhas que se dedicam a essa ocupação, por vezes há mais de uma geração”.

A pesca artesanal se realiza exclusivamente pelo trabalho braçal do(a) pescador(a). Nela, a participação do homem é dada em todas as etapas. Importante mencionar que o art.4º da Lei 11.959, de 29 de junho de 2009, define como pesca artesanal “todos os processos de pesca, exploração e exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte,

comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros”.

Com as transformações derivadas do desmatamento, construção de barragens, assoreamento, redução da vazão, entre outros, a quantidade de pescados diminuiu. Essa situação reduz o poder econômico dos pescadores e intensifica a pobreza no sertão, sobretudo, do Estado de Sergipe. Outro elemento de destaque no Baixo São Francisco é o mestre canoeiro, assim denominado pelo seu conhecimento, que desperta respeito e admiração nas comunidades ribeirinhas:

O mestre é praticamente uma instituição, pois armazena em si um patrimônio societário. Ele é responsável pela prévia ideação da arte, o planejamento de todas as etapas, a organização do grupo de trabalho e o nascimento da obra. Elementos que devem ser sempre divididos com os demais trabalhadores de sua oficina (Ramalho, 2009. p. 268).

O principal fruto do trabalho dos mestres canoeiros no Baixo São Francisco recebe o nome de canoa Tolda ou canoa Sergipana, marco da mistura entre as culturas europeia e indígena, elementos que contribuíram para a formação das tradições e representações desse trecho do rio.

Cada indivíduo possui um marco de conexão com o espaço e o coletivo. No que tange a essa relação, Halbwachs (2013) aborda que, a partir do momento em que o grupo social se encontra imerso no espaço, ele passa então a moldá-lo, introduzindo nesse espaço suas concepções, valores e influência. “Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida em sua sociedade” (Halbwachs, 2013, p. 160).

Os povos que vivem nas margens do rio São Francisco, tradicionais ou não, estão entrelaçados com as experiências e conhecimentos construídos ao longo das suas vivências com as dinâmicas naturais. Sobre essas relações:

Esses povos possuem vínculo sólido e profundo com o Rio São Francisco, a vegetação, a lua, o sol e a terra. A natureza, além de essencial à vida, pois é do seu uso que se obtém o sustento, define formas de sociabilidade e lhes confere identidade e diversidade cultural. Essas comunidades abrigam e dão suporte para a vivência das múltiplas tradições e manifestações culturais da região. Assim como as águas se misturam nesse universo hídrico, as identidades se mesclam e se delimitam, sendo possível encontrar, por exemplo, comunidades quilombolas e vazanteiras ao mesmo tempo (Minas Gerais, 2015, p. 35 e 36).

Dentre as inúmeras memórias transmitidas pela oralidade e que possuem forte ligação com a navegação, estão a do Caboclo d’água, a do Bicho d’água, a Mãe d’água, a do violeiro e a do Minhocão ou Surubim-Rei, que segundo Costa:

Em diversas ocasiões, sem que ninguém esperasse, o barco que deslizava mansamente de um canto a outro do rio, recebia uma tremenda pancada e naufragava imediatamente, indo para o fundo das águas; tudo ocasionado pelo furor homicida da tão temida cobra. Era o Minhocão com a força do seu rabo destruindo e naufragando as embarcações que por ele eram perseguidas (Costa, 2006, no prelo).

Outra grande referência popular para os navegantes do rio está na imagem de Bom Jesus dos Navegantes, santo cultuado no catolicismo, especialmente pelos povos das margens dos rios do nordeste. A dependência em relação ao rio constrói as bases das relações existentes entre os ribeirinhos, assim sendo:

As cidades e comunidades que margeiam o São Francisco têm o rio como principal fonte de construção de suas estruturas sociais, econômicas e culturais. O rio exerce influência física e simbólica nas práticas cotidianas de seus habitantes. Suas referências são inúmeras e complexas e podem variar entre diversas formas de expressão, ofícios, práticas cotidianas e paisagens culturais (Minas Gerais, 2015, p. 55).

Os ribeirinhos, vazanteiros, quilombolas e os demais grupos com suas identidades e memórias são identificados como povos tradicionais que, consoante a Política Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (Decreto Nº 6.040, art. 3º, § 1º), podem ser definidos como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007, p. 316).

As comunidades tradicionais alicerçam suas bases de identificação nas memórias coletivas do grupo, do passado ao presente, destacando-se nessa rede de informações a oralidade. As histórias dos naufrágios, competições de pinturas e velocidade entre canoas, festas de Bom Jesus dos Navegantes, viagens da Tupã, Tupi e Tupigy conectam esses ribeirinhos ao rio São Francisco.

Levando em consideração as potencialidades e riquezas da bacia hidrográfica do rio São Francisco, tanto físicas como antropológicas, deve-se destacar a importância de uma gestão de recursos naturais e sociais descentralizada e efetivamente participativa para contemplar os diversos interesses e objetivos.

Tipo de documento: Texto acadêmico

Origem: ARAUJO, Adriano Morais. Baixo São Francisco: navegação, pesca e seus (des)dobramentos. 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/17175> Acesso em 01 de ago. 2024.

Créditos: Adriano Morais Araújo

Palavras-chave: Pesca artesanal. Comunidades tradicionais. Rio São Francisco.

Documento 2– Fotografia

Canoa de Tolda sergipana



Título: Canoa de Tolda sergipana

Tipodocumento: Fotografia

Origem: Acervo fotográfico de Adriano Morais Araújo. Dezembro de 2018.

Créditos: Adriano Morais Araújo

Palavras-chave: Canoa. São Francisco.

Documento 03 – Fotografia

Mestre Cornélio



Título: Mestre Cornélio

Tipododocumento:Fotografia

Origem:Acervo fotográfico deAdriano Morais Araújo. Dezembro de 2018.

Créditos:Adriano MoraisAraújo

Palavras-chave: Canoa. Mestre.

O conhecimento de indivíduos como o Mestre Cornélio:

- a) Reflete um bem material, já que o produto final de seu trabalho, como a Canoa de Tolda, é um objeto tangível que pode ser fotografado e exposto.
- b) Envolve saberes tradicionais transmitidos ao longo de gerações, como o planejamento de todas as etapas da construção da canoa e a organização do trabalho, pois o mestre é responsável por todas as etapas, pela organização do grupo de trabalho e o nascimento da obra.
- c) Representa a continuidade das tradições culturais e da identidade da comunidade do Baixo São Francisco, sendo essencial preservar esse saber-fazer para garantir que práticas culturais vitais não sejam perdidas.
- d) Combina elementos visíveis e invisíveis, já que, além da Canoa de Tolda, há o conhecimento transmitido e valorizado por gerações, que reflete tanto a prática quanto a cultura do ofício.

Comentário da questão

A abordagem apresentada explora a cultura das comunidades ribeirinhas do Rio São Francisco em Sergipe e a valorização do seu patrimônio cultural, destacando o papel dos canoeiros como artistas, guardiões de saberes e protagonistas da história local.

Levanta-se elementos importantes para a discussão sobre as comunidades tradicionais, a princípio, o seu modo de organização e a economia de subsistência, bem como a importância socioeconômica dos saberes e fazeres da pesca artesanal.

A temática nos direciona à compreensão do protagonismo de um grupo pouco ou nunca visto em sala de aula, mas que é indispensável para a construção da consciência acerca da história do estado e da gente sergipana.

Em sala de aula, existe um potencial para o trabalho interdisciplinar, envolvendo geografia, arte, história e sociologia. A prática dos canoeiros, em destaque, pode nos voltar para a discussão sobre patrimônio, cultura material e imaterial.

Profa. Franciele Alves Ferreira
Colégio Estadual José de Carvalho Dêda

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base no texto e nas fotografias da questão 04, da fase 01 da 1ª OEHSE, e no comentário da professora, vamos elencar algumas possibilidades de atividades.

O uso de texto acadêmico e de fotografia no ensino básico promove um aprendizado mais significativo para os educandos. No caso em tela, porque explora a cultura ribeirinha do rio São Francisco no trecho sergipano, permitindo aos estudantes conhecer e valorizar a história local, os saberes e fazeres das comunidades tradicionais, o que fortalece sua identidade cultural regional e o pertencimento.

Com o texto acadêmico é possível desenvolver habilidades de leitura, interpretação, produção textual, bem como ampliar vocabulário e repertório cultural, ao passo que a fotografia é um instrumento didático que desenvolve a observação, a expressão artística e a leitura imagética e isso facilita a compreensão do mundo.

Objetivo:

Estudar a ligação entre os povos ribeirinhos do São Francisco e o rio, suas práticas culturais, econômicas e ambientais, além de discutir estratégias para a valorização e preservação de sua identidade cultural.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1. Nas águas e nos veleiros da história:

✓ Leia o texto e observe as fotografias para pensar as atividades abaixo:

- Elabore um pequeno texto expressando como a pesca artesanal no Baixo São Francisco contribui para a identidade e o pertencimento das comunidades ribeirinhas.
- As transformações ambientais e econômicas foram marcantes na região do Baixo São Francisco. Como a construção de barragens e o

desmatamento, impactaram e impactam a subsistência dos pescadores artesanais e dos mestres canoeiros?

- As comunidades ribeirinhas têm a característica da oralidade. Explique de que maneira as histórias e lendas transmitidas oralmente pelos ribeirinhos fortalecem os laços culturais e sociais dessas comunidades?
- Qual a importância da navegação e da construção de canoas tradicionais para a memória e a identidade dos povos que vivem às margens do rio São Francisco?
- De acordo com os textos acadêmicos citados, como a gestão descentralizada e participativa dos recursos naturais pode contribuir para a preservação das comunidades tradicionais e do ecossistema do rio São Francisco?
- Os povos ribeirinhos têm forte ligação com os ciclos dos rios e com a natureza como um todo, assim, explique como as práticas desses povos demonstram essa relação.
- Traga exemplos de possibilidades de salvaguardar a cultura dos ribeirinhos que muitas vezes corre riscos devido a mudanças ambientais e sociais.
- Você considera a pesca artesanal como patrimônio cultural? Justifique sua resposta.
- Fale sobre o que é um mestre canoeiro.
- Os saberes e fazeres de um mestre canoeiro pode ser considerado Patrimônio Cultural de uma Comunidade? Explique sua resposta.
- Explique a importância histórica da canoa de Tolda.

Atividade extraclasse:

Uma visita a uma comunidade ribeirinha onde os discentes possam conhecer de perto a cultura e os problemas vivenciados por esses povos. Guiada por um membro da comunidade, eles poderão conversar com os moradores e compreender as questões ambientais e sociais vivenciadas ali.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor, mediante formação de grupos, seguido de um debate com a turma sobre um tema polêmico relacionado aos povos ribeirinhos, como a construção de hidrelétricas no rio São Francisco ou a pesca predatória. O debate deve ser mediado pelo professor e seguir regras claras de participação, incentivando o respeito às diferentes opiniões e a argumentação baseada em evidências históricas e em um olhar sobre o meio ambiente.

Questão 5**Documento 01 – Texto acadêmico**

A Praça São Francisco foi tombada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, em 01 de agosto de 2010, e foi condecorada com o selo oficial em 08 de julho de 2011. Para Sergipe, ela é o maior patrimônio cultural do Estado. Já, para São Cristovão, é a possibilidade de ascender economicamente como cidade turística, haja vista ser símbolo de identidade cultural e orgulho, bem como palco das manifestações culturais, religiosas e festivas da cidade.

A Praça São Francisco é, com certeza, o mais belo e homogêneo conjunto arquitetônico colonial do Brasil. Nela, o visitante tem a impressão de estar integrado num longínquo instante da História, convivendo com as primeiras raízes da nacionalidade. Segundo Fonseca (1990, p. 69), seja qual for o lado para onde se olhe, verá nas linhas das edificações e na pátina dos beirais, a coloração especial que os tempos idos e vividos já deixaram.

Com mais de 400 anos a Praça São Francisco, conforme foto 16, se encontra localizada na parte alta de São Cristovão. Trata-se de um sítio de influência portuguesa e espanhola que foi criado logo depois da fundação da referida cidade. Ademais, sua existência se deve à iniciativa dos franciscanos que chegaram à cidade por volta do século XVII.

Depois da Igreja São Francisco, foram sendo construídas as demais edificações culturais que circundam a citada Praça até os dias atuais, como a Capela da Ordem Terceira (atual Museu de Arte Sacra), a antiga Santa Casa com a Igreja da Misericórdia e o Palácio dos Governadores (atual Museu Histórico de Sergipe) e o casario que a completa. Como já foi comentado, conforme Soutelo (2007), todas essas edificações atualmente estão tombadas pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Para Telles (2007), a importância dessa praça se baseia no grande conjunto arquitetônico que ela abriga, pelo seu tamanho e amplitude, sua associação a um Cruzeiro de calcário (comum nos conjuntos franciscanos), ao atual Museu de Arte Sacra (Igreja de São Francisco), ao Convento de Santa Cruz e à Santa Casa de Misericórdia – representação sociocultural da comunidade.

Abadia e Barroco (2012) destacam a importância histórico-cultural da praça por ser o único exemplar no Brasil que se enquadra no Ato IX das Ordenações Filipinas, típica da arquitetura e planejamento urbano colonial realizado pelos espanhóis, aplicáveis também aos territórios portugueses durante a União Ibérica. De acordo com esse modelo, ela se encontra localizada no centro principal da cidade e possui as forças políticas, jurídicas e religiosas, próximas.

Fragata (2007) e Silva Filho (2007) comentam sobre a importância das manifestações culturais religiosas e da religiosidade presente na figura do convento, que outrora abrigou a ordem franciscana, os carmelitas e religiosos das tantas irmandades católicas, que sempre organizaram quermesses, sermões, missas campais e procissões, além da participação da Praça São Francisco no cotidiano da cidade por mais de quatro séculos de experiência histórica.

Ademais, Aragão (2010, p.12) assevera que a Praça São Francisco se tornou referencial para cultura dos sergipanos graças aos “três vértices do triângulo” formado pelo Convento de São Francisco, o Convento do Carmo e a Igreja da Matriz, somados às demais obras civis, religiosas e, por fim, pelo próprio conjunto urbano.

3.3.1 Processo de tombamento da Praça São Francisco.

Título: Praça São Francisco, Monumento da UNESCO

Tipodedocumento: Texto acadêmico

Origem: DANTAS, Jennifer Daiane Marques Melo Dantas. Percepção dos moradores da cidade de São Cristóvão/SE sobre a elevação da Praça São Francisco a patrimônio cultural da humanidade. 2014. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia)- Departamento de Arqueologia, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014. p.49 - 51. <https://ri.ufs.br/handle/riufs/7434> Acesso: 12/01/2024.

Créditos: Jennifer Daiane Melo Dantas

Documento 02 – Fotografia

Título: Praça São Francisco

Tipodedocumento:Fotografia

Origem: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/43>

Créditos:IPHAN

O texto aponta:

- a) A Praça São Francisco foi tombada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1º de agosto de 2010 e foi condecorada com o selo oficial em 8 de julho de 2011.
- b) Trata-se de um sítio de influência portuguesa e espanhola que foi criado logo depois da fundação da cidade de São Cristóvão. Com mais de 400 anos de existência, evidencia a riqueza arquitetônica e histórica presente em seu espaço, contextualizando o processo de formação do estado de Sergipe.
- c) A Praça São Francisco é, com certeza, o mais belo e heterogêneo conjunto arquitetônico colonial do Brasil.
- d) Retrata as edificações prediais construídas durante a colonização do território brasileiro e a riqueza dos prédios públicos ocupados pelos povos europeus durante o processo de colonização da capitania de Sergipe d’El Rei.

Comentário da questão

Guardar, transmitir, preservar, ressignificar a nossa História é muito importante porque nos auxiliaa entendernosso presente e construirnosso futuro, daí a importância de

reconhecer os nossos patrimônios históricos e culturais. A Praça São Francisco é reconhecida como Patrimônio da Humanidade, pois, ao integrar vários aspectos de um Brasil colonial (história, arquitetura, cultura e religião), destaca-se como oportunidade de nos transportar ao período mencionado e nele reconhecer as raízes de nossa identidade social e suas influências sócio-históricas.

Além disso, a preservação material das construções transmite a memória do que nossos antepassados viveram e produzem uma compreensão mais vívida e próxima do que se passou, bem como dos atores que deram vida aos espaços e o sentido histórico que a Praça São Francisco guarda.

Profa. Tânia Regina Barbosa Costa
Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa
Colégio Estadual Tobias Barreto

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base no texto acadêmico e na fotografia, ambos sobre a Praça São Francisco em São Cristóvão, da questão 05 da fase 01 da 1ª OEHSE e no comentário da professora, vamos pensar algumas possibilidades.

Estudar a Praça São Francisco enquanto patrimônio cultural da humanidade, utilizando os textos acadêmicos e análise de fotografias é importante para a compreensão do aluno no ensino básico. Essa prática possibilita o desenvolvimento da identidade e do pertencimento, além de reconhecer a importância da história, da arquitetura, das religiões e da cultura para a formação de uma sociedade.

A fotografia da referida Praça permite que os educandos observem elementos arquitetônicos, cores e detalhes da história do local. Essa análise crítica e reflexiva possibilita que eles compreendam a importância da preservação do patrimônio cultural e se tornem agentes ativos na defesa e valorização da cultura local. O texto acadêmico, por sua vez, proporciona um embasamento teórico bem formulado e estruturado mostrando a importância de um patrimônio da humanidade.

Objetivo:

Sensibilizar os estudantes para a importância do patrimônio cultural, a exemplo da Praça São Francisco em São Cristóvão. Assim, através da análise de textos acadêmicos e da

observação de fotografias, desenvolver o sentimento de pertença deles e a valorização do patrimônio cultural de sua localidade.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1. A arquitetura da tradição na história:

✓ **Leia o texto e observe a fotografia para pensar o patrimônio cultural a partir das atividades propostas:**

- Por qual motivo a Praça São Francisco foi considerada Patrimônio Cultural da Humanidade reconhecida pela Unesco? Quais critérios a Unesco usou para dar esse reconhecimento?
- Em qual período histórico europeu a Praça São Francisco foi construída e quais influências arquitetônicas da sua estrutura?
- Qual o significado cultural da Praça São Francisco para a cidade de São Cristóvão e para o estado de Sergipe?
- Em que ano a Praça São Francisco foi reconhecida pela Unesco como Patrimônio da humanidade? Qual era o cenário político de Sergipe nesse momento?
- O título de Patrimônio Cultural da humanidade trouxe impacto ao turismo da cidade de São Cristóvão? Cite benefícios e desafios.
- Um símbolo gastronômico e patrimônio cultural da cidade de São Cristóvão é a queijadinha, qual é a origem desse doce? Como ela se tornou um doce tradicional e um símbolo cultural da cidade?
- O biscoito bricelet é um símbolo gastronômico de São Cristóvão, fale sobre a origem dele, a história e a questão patrimonial.
- Além da beleza arquitetônica, qual outro aspecto torna a Praça São Francisco um local especial, segundo o texto de Jennifer Dantas?
- Qual a relevância da Praça São Francisco em relação às Ordenações Filipinas e à influência espanhola?

- No seu município quais as construções que, segundo o sentimento coletivo das pessoas e a história do local, pode-se chamar de Patrimônio Cultural?

Atividade extraclasse:

Fazer uma viagem pedagógica para conhecer São Cristóvão.

Avaliação:

Durante a viagem pedagógica os alunos podem fazer registros fotográficos e, a partir deles, proceder a uma exposição na escola sobre a importância cultural da cidade.

FASE 2 OEHSE**Questão 1****Documento 01 – fotografia**

Título: Assinatura do contrato de compra e venda com força de Escritura Pública da Reserva Indígena Fulkaxó

Tipo: Fotografia

Origem: Foto: Divulgação/Funai. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-adquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo> Acesso em: 30 set 224

Palavras-chave: Povos indígenas. Fulkaxó. Reserva Indígena.

Documento 02 - Notícia

O novo território indígena sergipano foi viabilizado por meio de uma parceria entre o Governo de Sergipe e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Os indígenas da tribo Fulkaxó foram recebidos essa semana na Secretaria de Estado da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e da Pesca (SEAGRI), para a assinatura do contrato de compra da fazenda. A propriedade foi adquirida a partir de recursos da FUNAI para abrigar cerca de 90 famílias de Fulkaxó.

O benefício representa um pleito antigo da comunidade indígena, transformado em Projeto de Lei e aprovado por unanimidade pela Assembleia Legislativa de Sergipe (ALESE). A Lei 9.345, de 26 de dezembro de 2023, autorizou o Poder Executivo estadual a transferir duas áreas rurais de sua propriedade para arealocação de famílias indígenas e de agricultores familiares. A iniciativa teve como finalidade preservar a identidade, o modo de vida e a cultura indígena no estado, viabilizando ações que concretizam a demarcação de suas terras, protegendo esses povos de possíveis invasões e ocupações por terceiros.

Título: Funai adquire imóvel em Sergipe para a constituição de reserva indígena do povo Fulkaxó

Tipo: Notícia

Data de publicação: 11 de julho de 2024

Origem: Funai. **Disponível em:** <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-adquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo> **Acesso em:** 30 de setembro de 2024.

Palavras-chave: Povos indígenas. Fulkaxó. Reserva Indígena.

Entre Neópolis e Pacatuba, a etnia Fulkaxó conseguiu se fixar:

- a) O Estado de Sergipe passa a ter oficialmente duas comunidades indígenas. Até então, a única terra indígena sergipana era Caiçara, na Ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha. O estado passou a ter oficialmente a antiga fazenda Soloncy Moura, em Pacatuba, na região do baixo São Francisco sergipano, como a segunda área destinada à posse permanente do grupo indígena Fulkaxó. A área é considerada a primeira reserva indígena sergipana por ter sido adquirida pela Funai para alocação daquela comunidade.
- b) As principais causas do conflito envolvendo os povos Fulkaxó seriam a insuficiência

de terras no Brasil disponíveis para esse fim e a discriminação sofrida pelos Fulkaxó na distribuição de benefícios na comunidade, além de outras desavenças relacionadas a decisões políticas e à ausência total de costumes e tradições que se perderam no decorrer do tempo.

c) Assim como no restante do Brasil, existiu uma luta de anos para que os povos originários Fulkaxó conseguissem o direito definitivo aos 45 hectares de terra adquiridos pela união e destinados à posse permanente desse povo indígena. O Ministério Público Federal de Sergipe processou a união e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) requerendo a compra de tais terras. A FUNAI comprou a Fazenda Soloncy Moura junto ao Governo de Sergipe e a propriedade foi transferida para comunidade no formato de Reserva Indígena. Toda vez que é regulamentada uma reserva indígena, nasce uma reserva ambiental.

d) As Reservas Indígenas são terras doadas por terceiros ou adquiridas e desapropriadas pela União que se destinam à posse permanente dos indígenas. Já as Terras Indígenas tradicionalmente ocupadas, são bens da União, no qual os indígenas têm a posse permanente reconhecida pelo artigo 231 da Constituição Federal.

Comentário da questão

A questão aborda a criação da Reserva Indígena Fulkaxó, direitos territoriais indígenas. A criação dessa reserva também reflete a resistência dos povos originários em manter suas identidades culturais e modos de vida.

A questão permite também promover um amplo debate sobre como as etnias Fulni-ô, de Pernambuco, Kariri, de Alagoas e Xocó, de Sergipe se uniram para sobreviverem ao áspero cenário de apagamento vivido por esses povos desde a chegada dos portugueses.

No ensino de história, esse tema é relevante porque permite explorar a relação entre a formação territorial brasileira e a exclusão histórica dos povos indígenas. A luta do povo Fulkaxó por terra pode ser trabalhada como um estudo de caso para analisar a resistência e os desafios enfrentados pelos povos originários, bem como a forma como a legislação atual busca reparar essas injustiças históricas. Essa abordagem também contribui para desconstruir estereótipos e reforçar o protagonismo indígena no processo de formação do Brasil. Na sala de aula, essa questão pode ser abordada por meio de debates, análises de documentos legais e textos sobre a história indígena conectando-se aos temas da Lei 11.645/2008.

Atividades como a produção de mapas temáticos, pesquisas sobre as comunidades

indígenas locais, análises de notícias atuais e reflexões sobre políticas públicas podem enriquecer o debate. Além disso, promover rodas de conversa ou, se possível, entrevistas com lideranças indígenas pode oferecer aos educandos uma visão mais concreta e humana das questões indígenas no Brasil. Essa abordagem amplia a compreensão histórica e promove uma visão crítica e cidadã, incentivando o respeito à diversidade cultural e à luta pelos direitos dos povos originários.

Profa. Eliana Dias Ferreira Oliveira
Mestra em Ensino de História

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 01, na fotografia 01, no texto 02 e na Lei 9.345/2023 da fase 02 da 1ª OEHSE e no comentário da professora, vamos propor algumas possibilidades de atividades.

A fotografia é um importante recurso pedagógico para o ensino de história, através dela os estudantes podem observar pontos como ambientes, vestimentas e objetos de determinados contextos históricos. As Leis, por seu turno, são fontes históricas que revelam informações da sociedade que a produziu. Desse modo, utilizando esse recurso o aluno percebe que o direito e as decisões políticas podem favorecer ou não o cotidiano das pessoas, bem como a importância do Estado de Direito e da participação cidadã.

Os Sites oficiais de instituições governamentais, museus, arquivos e centros de pesquisa, quando utilizados no ensino de história, permite a pesquisa de diversos objetos em diferentes tempos históricos. Todos os recursos pedagógicos devem ser utilizados com o atento olhar do docente que orientará acerca do uso e intencionalidade das fontes históricas.

Objetivo:

Analisar a questão indígena no Brasil, os desafios enfrentados pelos povos indígenas na luta pela demarcação de suas terras e pela garantia de seus direitos, valorizando a cultura e o conhecimento tradicional deles.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

2. Tentativas de reparação:

✓ **Observe a fotografia, leia o texto, pesquise e reflita criticamente sobre a problemática indígena:**

➤ Sobre a temática reflita e responda as questões abaixo:

- Historicamente qual a importância da assinatura do contrato de compra e venda com força de Escritura Pública da Reserva Indígena Fulkaxó em Sergipe para o povo Fulkaxó e para a questão indígena no Brasil?
- Cite alguns dos muitos desafios enfrentados pelos povos originários no Brasil na luta pela demarcação de suas terras e pela garantia de seus direitos fundamentais?
- O ambiente hostil existente desde sempre no Brasil, quando o assunto é direito dos povos indígenas, levou à criação da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas). Qual a função desse órgão no processo de demarcação de terras e na defesa dos direitos dos povos indígenas?
- Os povos indígenas vivem em comunhão com a natureza, são guardiões das florestas. Qual a relevância da preservação do modo de vida desses povos para a manutenção da biodiversidade do planeta?
- Para você a sociedade brasileira abraça a causa indígena? Defende seus direitos? Enaltece sua arte? Justifique sua resposta.
- Quais os benefícios da criação do novo território indígena para a preservação da cultura e do modo de vida dos Fulkaxó?
- Explique qual o objetivo da Lei 9.345, de 26 de dezembro de 2023, aprovada pela Assembleia Legislativa de Sergipe?
- De acordo com o que você pesquisou, o que a criação de um novo território indígena representa para a comunidade Fulkaxó?
- A criação de uma reserva indígena traz quais benefícios para a preservação da cultura e do modo de vida dos povos originários?

- Cite duas comunidades indígenas existentes em Sergipe.

Atividade extraclasse:

Fazer uma excursão pedagógica para a aldeia Fulkaxó.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor, a partir de um relatório da viagem e das atividades propostas acima.

Questão 2

Documento 1 – Fotografia



Título: Largo da Gente Sergipana

Documento: Fotografia

Origem: <https://g1.globo.com/se/sergipe/especial-publicitario/banese/sergipanize/noticia/2020/08/21/campanha-sergipanize-se-e-inspirada-em-manif>

Crédito: G1 Sergipe

Palavras-chave: Largo da Gente Sergipana, cultura popular, manifestações culturais, monumento urbano, Sergipe, folclore.

Documento 2 – Texto acadêmico

Mediante comparativos, percebemos a relevância histórica e o legado cultural do Largo da Gente Sergipana, já que foi construído de maneira imponente, com foco na nossa

ancestralidade e formação cultural, em uma das principais avenidas da capital. Lá, encontra-se, além da ancestralidade, a história dos povos indígenas, dos colonizadores europeus, dos vários povos africanos trazidos para o Brasil na condição de escravizados, assim como suas ressignificações na formação da história, da cultura e da sociedade brasileira.

Isto posto, mais do que um espaço para Educação Patrimonial e um equipamento turístico para visitas e fotos, o Largo da Gente Sergipana traz as imbricações da terra e de seu povo, os conflitos e tentativas de harmonia, os silenciamentos e discursos contraditórios. Ensinar a história local dialoga com a própria construção simbólica de uma “identidade nacional” também cheia de exclusões e disputas; e faz com que se perceba a cultura não apenas em seu viés lúdico, mas também as culturas políticas que permeiam sua salvaguarda.

Tipodocumento: Texto acadêmico

Origem: OLIVEIRA, Eliana Dias Ferreira. Ponteiros da memória: educação patrimonial no ensino de história em Sergipe. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14453>
Acesso em: 30 de set 2024.

Crédito: Eliana Dias Ferreira Oliveira

Palavras-chave: Largo da Gente Sergipana, cultura popular, manifestações culturais, monumento urbano, Sergipe, folclore.

Com base nas fontes apresentadas, o Largo da Gente Sergipana:

- a) O Largo é um monumento urbano, feito pelo artista plástico Tati Moreno, situado no estuário do rio Sergipe, que reúne em si estátuas de todas as manifestações culturais do Estado de Sergipe. Essa coletânea é uma das várias homenagens que referencia a cultura popular em Sergipe.
- b) A estatuária, Largo da Gente Sergipana, é composta por nove manifestações culturais de Sergipe: Lambe-sujo e Caboclinhos, Bacamarteiros, Cacumbi, Parafusos, Barco de Fago, Reisado, Chegança, Taieira e São Gonçalo. São os grupos folclóricos, com suas características identitárias, seu vestuário celebrativo, em sua performance simbólica rememorada por gestos, expressões e posturas, que estão representados ali.
- c) Idealizado pelo arquiteto Ézio Déda, o Largo da Gente Sergipana foi inaugurado em 17 de março de 2018 e é uma homenagem a algumas das tradições culturais existentes em Sergipe que referenciam a formação do povo brasileiro, de sua história e religiosidade, a exemplo da Taieira, única expressão feminina presente no Largo, que está ligada à irmandade Nagô de Santa Bárbara Virgem, do município de Laranjeiras, sendo uma das mais

importantes manifestações de hibridismo religioso no Brasil.

d) O monumento, Largo da Gente Sergipana, mudou a paisagem urbana de Aracaju. Ele foi construído às margens do Rio Sergipe e foi o primeiro monumento urbano de grande impacto erguido em homenagem à cultura popular sergipana.

Nesse sentido, o Largo é um lugar de memória e de identidade de Sergipe representando as mais diversas culturas e sujeitos históricos do estado. Por isso, ele é muito pertinente no trabalho pedagógico em sala de aula, sobretudo da disciplina história, uma vez que, analisar essas representações, aproxima os estudantes das identidades regionais, em especial a sergipanidade. Além disso, o Largo da Gente Sergipana é um espaço muito fértil para educação patrimonial e para o turismo, visto que possibilita ao educando, ao turista e ao morador sergipano o seu espelho identitário. A relação do Largo da Gente Sergipana e a transposição didática para sala de aula pode ser materializada através de projetos, visitas técnicas e aulas públicas sobre esse panteão cultural de Sergipe.

Prof. Dr. Anselmo Machado
Instituto Federal de Sergipe – Campus Lagarto

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 02, no documento 01, fotografia do monumento urbano Largo da Gente Sergipana e do trecho texto acadêmico extraído da Dissertação “Ponteiros da memória: educação patrimonial no ensino de história em Sergipe”, da fase 02 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

Os monumentos urbanos são fontes históricas que podem ser utilizadas como recurso didático no ensino de história para o aluno entender a formação de sua identidade cultural, pois, com eles, os discentes podem aprender sobre eventos históricos e culturais e transformações urbanas. O uso desses monumentos com fins pedagógicos acompanha sempre uma análise crítica, além disso, o espaço permite uma reflexão sobre a história cultural, política e ambiental da cidade.

Objetivo:

Analisar o Largo da Gente Sergipana como um espaço de educação patrimonial que reflete a diversidade cultural e a formação histórica da sociedade sergipana e brasileira, com

foco na ancestralidade indígena, na colonização europeia, na diáspora africana e nas suas interrelações.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

2. Resistência entre ritmos, cores e alegria:

✓ Pensar Sergipe através do monumento urbano Largo da Gente Sergipana:

➤ **Analisa fotografia do "Largo da Gente Sergipana", o "texto acadêmico", faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Quando o Largo da Gente Sergipana foi inaugurado e qual a sua localização?
- Quantos elementos da cultura popular estão presentes no Largo da Gente Sergipana e quais são eles?
- O Largo traz algumas raízes folclóricas de Sergipe, contudo, temos muitos mais grupos que aqueles. Cite cinco grupos folclóricos existentes em Sergipe não contemplados pelo Largo.
- Pesquise e escreva a história do grupo São Gonçalo do Amarante.
- O Barco de Fogo, elemento central do Largo, tem sua origem no bairro Porto d'areia, reconhecido por lei como comunidade remanescente de quilombo, em Estância. Pesquise e produza um texto sobre o que esse reconhecimento significa.
- Quais grupos de cultura popular existem em seu município?
- O grupo Parafuso de Lagarto, presente no Largo, conta a história de resistência dos escravizados em Sergipe, conte essa história aqui.
- Em quais municípios encontramos os grupos Lambe-sujo e Caboclinho e o que cada um representa?
- Temos um boi no Largo. A qual grupo ele pertence, qual a origem desse grupo?
- Temos um grupo no Largo ligado aos festejos juninos, nele tem estouro de pólvora. Que grupo é esse e em quais municípios podemos encontrar?

- Cite aqui dois grupos folclóricos presentes no Largo que tem origem no continente europeu.
- De que forma o Largo da Gente Sergipana representa a diversidade cultural brasileira?
- De que forma as manifestações culturais representadas no Largo da Gente Sergipana refletem a influência africana na formação da identidade brasileira?
- Em Laranjeiras temos um grupo ligado ao terreiro nagô de Santa Bárbara virgem. Ele é uma prova de resistência africana e é representado no Largo por uma imagem feminina. Que grupo é esse? Fale sobre esse ele.
- Os países do continente africano são fortemente encontrados na cultura popular sergipana, a exemplo do alegre e colorido Cacumbi. Pesquise e fale sobre a história dele.
- Qual a função do Largo da Gente Sergipana para a cultura e para o turismo de Sergipe?
- Qual a importância do Largo da Gente Sergipana para a preservação da memória e da identidade cultural do povo brasileiro?

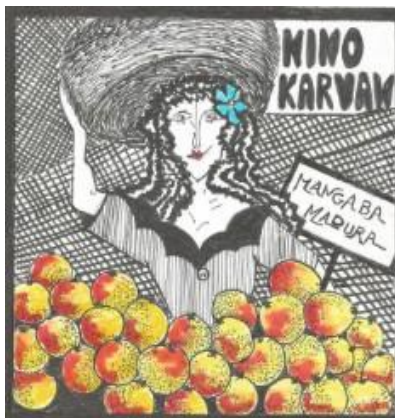
Atividade extraclasse:

A atividade extraclasse pode ser realizada em parceria com outras disciplinas, como Geografia, História e Arte. Assim, sugere-se que se faça uma visita guiada com os estudantes ao Largo e ao Museu da Gente Sergipana.

Avaliação:

Promover um debate sobre o Largo da Gente Sergipana suscitando a representação da cultura afro-brasileira no espaço público.

Questão 3**Documento 1 – Música**



<https://youtu.be/EmPa8peZ7Cw?si=LXe2XbGqUFLzCwyb>

Título: Mangaba Madura

Tipo: Música

Origem: Álbum Mangaba Madura, 2001

Compositor: Nino Karvan

Intérprete: Nino Karvan

Créditos

Compositor: Nino Karvan

Intérprete: Nino Karvan

Fonte: <https://youtu.be/EmPa8peZ7Cw?si=LXe2XbGqUFLzCwyb>

Palavras-chave: Mídias digitais. História da música. Sergipe.

Documento 2 – Artigo *on-line*

Catadoras de mangaba lutam pela demarcação de reservas extrativistas

A mangaba – fruto da mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomez), típica do cerrado, da caatinga e do litoral nordestino – é cultivada ou colhida há pelo menos dois séculos pelas populações tradicionais desses biomas, sendo parte da culinária local na forma de sucos, doces, compotas, sorvetes e licores. Outrora comuns, os mangabais são nos dias atuais cada vez mais raros e alvo de intensos conflitos entre proprietários rurais, catadoras, gestores, funcionários da administração pública e empresários de turismo e construção civil.(...)

A mangaba é fruto apreciado no litoral nordestino e faz parte da crescente demanda por frutos exóticos entre as populações de outras regiões brasileiras, o que tem aumentado o seu preço de mercado e estimulado pequenos e grandes proprietários de terra a investirem em sua produção comercial. Sergipe é atualmente o maior estado produtor de mangaba, cujo quilo

da fruta pode atingir, nos mercados da capital, preço superior ao de frutas importadas, como maçãs e uvas. (...)

As catadoras de mangaba vivem nos tabuleiros costeiros e restingas de Sergipe. São 61 comunidades distribuídas em 56 povoados de Aracaju, Barra dos Coqueiros, Brejo Grande, Estância, Indiaroba, Itaporanga D'Ajuda, Japoatã, Japaratuba, Pacatuba, Pirambu, São Cristóvão, Santa Luzia do Itanhy e Santo Amaro das Brotas. Segundo dados da EMBRAPA, em Sergipe, são 7.500 pessoas dependendo dessa atividade para sobreviver. Destas, 2.500 são mulheres extrativistas que sustentam suas famílias.

Segundo Josué Silva Júnior, Heribert Schmitz e Dalva Mota, pesquisadores da EMBRAPA, elas são em geral mulheres predominantemente negras e pobres que se dedicam ao extrativismo em terras devolutas ou de terceiros. Como não possuem posse das terras que exploram, dependem de acordos com seus proprietários para ter acesso aos mangabais nativos. Tradicionalmente, reivindicam o direito de acesso baseado em costumes locais, e hoje lutam para poder continuar a fazê-lo.

Sendo geralmente vendidos em locais próximos aos mangabais ou feiras em municípios adjacentes, esses frutos atingem, como mencionado anteriormente, preços mais elevados. Entretanto, essa prática tem sido substituída pela coleta das mangabas de vez (frutos ainda nos galhos, alguns um pouco verdes ou em processo adiantado de amadurecimento), que resistem melhor ao transporte para mercados mais distantes, mas são menos valorizados, além de causarem danos à árvore, prejudicando a produtividade dos mangabais.

Como não são proprietárias das terras em questão – originalmente pertencentes à União e, posteriormente, transferidas para a prefeitura – as catadoras sequer serão indenizadas, o que significa que repentinamente perderão parte importante de sua renda sem que possuam qualificação para serem reinseridas no mercado formal de trabalho, o que já teriam feito se não possuíssem baixa empregabilidade ou sem que lhes sejam apresentadas alternativas.

Essa situação começa a ser revertida com a recente organização das catadoras em torno de uma entidade que as representa. Criado em 2007, com o apoio de pesquisadores e técnicos da EMBRAPA, e seguindo o modelo das organizações ligadas às quebradeiras de coco babaçu do Maranhão (sujeitas a problemas semelhantes em seu estado e que acompanharam de perto a organização das catadoras de mangaba), o Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM) foi um dos resultados do I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, realizado na capital para discutir os problemas comuns das catadoras.

Título: SE – Catadoras de mangaba lutam pela demarcação de reservas extrativistas

Tipo: Artigo on-line

Fonte: Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil, Fiocruz

Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/se-catadoras-de-mangaba-lutam-pela-demarcacao-de-reservas-extrativistas/> **Acesso em:** 14 de ago de 2024.

Palavras-chave: Mangaba, reservas extrativistas, catadoras, Sergipe, demarcação de terras, conflitos ambientais.

Documento 3 – Artigo científico

No caso dos conflitos em torno dos impactos socioambientais, as mudanças a partir do espaço construído, principalmente pelo mercado imobiliário e poder público, também são significativas e as metamorfoses e a reestruturação metropolitanas são igualmente expressivas, comprometendo as condições de vida da população menos favorecida e a qualidade dos ambientes naturais e antropizados que afetam a todos, conforme defende Vilar (2022).

Um exemplo representativo do terceiro tipo de CSA é a destruição das mangabeiras, especialmente nos terraços da Barra dos Coqueiros e Aracaju. A resistência do movimento das catadoras de mangaba e as iniciativas das universidades e centros de pesquisa são insuficientes para reverter esse quadro de destruição da mata de restinga da qual as mangabas são extraídas. Além de colocar em xeque um modo de vida tipicamente local, oferece dificuldades para o uso de conhecimentos específicos no fazer cultural e em práticas gastronômicas que os sergipanos conhecem tão bem e se confundem com nossa identidade territorial.

Título: Conflitos socioambientais na região metropolitana de Aracaju

Tipodocumento: Artigo científico

Origem: FRANÇA, Sarah Lúcia Alves; VILAR, José Wellington Carvalho. Produção imobiliária, expansão urbana e conflitos socioambientais na região metropolitana de Aracaju. P. 32. Disponível em:

file:///C:/Users/Desktop/Downloads/Aracaju_OM_Eleicoes_2024.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

Créditos: Sarah Lúcia Alves França e José Wellington Carvalho Vilar

Palavras-chave: Produção imobiliária, expansão urbana, conflitos socioambientais, região metropolitana de Aracaju.

Considerando a relação entre o extrativismo, a identidade local e as expressões

culturais, bem como o impacto da possível extinção das áreas de mangabeiras para a população que vive dessa atividade:

a) A extinção das áreas de mangabeiras significaria uma perda significativa para a gastronomia sergipana, já que o fruto não seria facilmente substituído por outras frutas.

b) A perda das mangabeiras representaria o desaparecimento de um dos símbolos culturais de Sergipe, presente na gastronomia e na produção artística local, como na música “Mangaba Madura”, de Nino Karvan. Essa perda ameaçaria tanto a sobrevivência econômica das catadoras e sua relação com a identidade sergipana.

c) O impacto seria mínimo, já que o extrativismo da mangaba está restrito a pequenas comunidades e não influencia de maneira significativa a cultura ou a economia local.

d) A mangaba – fruto da mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomez) e típica do cerrado, da caatinga e do litoral nordestino – é cultivada ou colhida há pelo menos dois séculos pelas populações tradicionais desses biomas.

Comentário da questão

A questão sobre as catadoras de mangaba propõe uma reflexão sobre as comunidades tradicionais. Especialmente aquelas comunidades residentes em capitais. Em Sergipe, as comunidades das catadoras de mangaba estão presentes nos municípios de Aracaju, Japarutuba, Pirambu, Barras do Coqueiro, Estância e Indiaroba. Em sua maioria são mulheres negras que, além de catar mangabas, exercem outras atividades como a de marisqueiras, pescadoras tradicionais, artesãs e culinárias. Apesar disso, o extrativismo da mangaba é a principal atividade dessas mulheres. Em Aracaju, elas possuem uma reserva de extrativismo dessa fruta, sendo 11 áreas localizadas na zona de expansão, a única existente entre as capitais do Brasil.

Sua atividade é organizada pela associação de instrumento da defesa e da promoção a catar. A questão é pertinente também porque traz a história das catadoras de forma lúdica, por meio de canções e textos. Além disso, explica a tradição de catação, associada à alimentação e música – prática repassada de geração a geração ao longo do tempo. Essas práticas são importantes para a cultura e a culinária local, como por exemplo a produção de sucos e doces.

Vale mencionar que as catadoras desempenham atividades voltadas para a utilização sustentável por via dos recursos da biodiversidade. Além disso, a prática extrativista delas de modo tradicional é considerada um bem integrante do patrimônio cultural imaterial do

brasileiro, que é previsto no artigo 216, II, da Constituição Federal. Ademais, seus fazeres ligados aos doces, licores e cocadas, feitos da fruta sergipana, a mangaba, garantem a comercialização da dessa fruta como fonte de renda e garantia de segurança alimentar e nutricional para essas mulheres.

Profa. Maria Helena de Oliveira
Centro de Excelência Professor Paulo Freire

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 03, no documento 01, música, do trecho do texto acadêmico e do documento 03, site da fase 02 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

Objetivo:

Sensibilizar os alunos para a resistência feminina em comunidades extrativistas no Brasil, como o caso das catadoras de mangaba em Sergipe, relacionando a luta pela manutenção das comunidades tradicionais com a questão ambiental e a especulação imobiliária, enfatizando o papel das mulheres nesse processo.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

3. Sergipe tem sabor de mangaba de caída vendida na feira:

✓ Sergipe e a força das mangabeiras:

➤ **Analise a música, o artigo, o site, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- A luta das catadoras de mangaba em Sergipe pela demarcação de reservas extrativistas é uma questão social e ambiental. Explique essa situação.
- Quais são os principais desafios enfrentados pelas mulheres que trabalham com o extrativismo da mangaba em um contexto de

crescente pressão da especulação imobiliária sobre as áreas de mangabeiras, sobretudo na região da Barra dos Coqueiros?

- “Boca de alto-falante bem de longe se escuta, com cesto na cabeça na praça ou na feira anuncia a fruta: olha a mangaba!” Interprete o que o trecho da canção fala sobre a mangaba economicamente.
- “Olha é de capota, ou é de caída, é adocicada, amadurecida...”. O que significa na canção a palavra caída?
- Como a resistência feminina no Brasil se articula com a luta por direitos humanos, pela preservação do meio ambiente e pela construção de um futuro mais sustentável para todos?
- Qual a relevância da fruta mangaba para as comunidades tradicionais da região nordeste?
- Você provou mangaba? Qual o uso culinário dessa fruta?
- Pesquise notícias envolvendo conflitos entre as catadoras de mangabas e os proprietários de terra.
- Como a resistência feminina no Brasil se manifesta na luta pela justiça ambiental, pela preservação da cultura tradicional e pela construção de um futuro mais sustentável para todos?
- Quem são as catadoras de mangabas em Sergipe? Onde vivem? Qual sua fonte de renda?
- Explique o que é o movimento das catadoras de mangaba?
- Explique qual a relevância social e ambiental do movimento das catadoras de mangaba?
- Fale sobre a associação das catadoras de mangaba existente no município de Indiaroba.
- Cite quatro municípios que tem comunidade tradicional.

Atividade extraclasse:

Os alunos fazerem uma pesquisa sobre as mulheres de sua ascendência buscando as diversas formas de resistência feminina ao tempo em suas famílias.

Avaliação:

Avaliar a participação dos alunos nos debates, apresentar trabalho em grupo sobre o tema, observar a qualidade dos trabalhos apresentados, a capacidade crítica e a reflexão sobre o tema.

Questão 4**Documento 1 – Poema****NOSSA SENHORA DA GLÓRIA: a progressiva cidade do sertão sergipano**

Tudo começou a partir do século XVII, com os tropeiros e boiadeiros que, temendo a floresta, pernoitavam na “boca da mata”.

Aos poucos, surgiu o povoado chamado Boca da Mata em terras pertencentes ao município de Gararu.

O pomposo e atual nome de Nossa Senhora da Glória se deve ao Padre Francisco Gonçalves Lima, que, junto com a comunidade, providenciou a imagem da santa com o mesmo nome.

Em 26 de setembro de 1928, Nossa Senhora da Glória se emancipa de Gararu e passa a construir, com muita personalidade, sua história.

Por ser localizada em região privilegiada, de fácil acesso e dispor de várias potencialidades, a cidade é conhecida como Capital do Sertão e Capital Estadual do Leite,

o que instiga o sentimento de santo orgulho não só para seus filhos, como também para os que a visitam e a escolhem para nela residir.

Glória cresce a passos largos em todos os aspectos. Hoje, sua economia de base é bem diversificada. A bacia leiteira é o carro-chefe da indústria, por isso é chamada de Capital Estadual do Leite, seguida da fabricação de móveis, colchões e calçados, ao passo que o comércio se eleva à posição de destaque, oferecendo ambiente físico moderno e acolhedor, além de mercadorias de marcas preferidas para todos os gostos.

Com um comércio atraente, bate recorde em todos os seus produtos. Paralelamente, a feira livre atrai consumidores de todos os recantos do estado e de fora dele, deixando-os boquiabertos. O conhecimento é a riqueza intelectual de um povo. Como farol cultural e social, Glória segue com suas tradições, que são: foclore, teatro, bandas de música, quadrilhas, danças,

Festival de música, Rock Sertão, cavalgadas, Carnaforró, festa da padroeira, FLIG, Santos Reis, Rotary Fantasy e a culinária sertaneja.

Para incentivar e alavancar as vertentes literárias, culturais e artísticas, contamos com a Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS) e, sobretudo, com a Academia Gloriense de Letras (AGL), com ações grandiosas, portanto a colheita tem sido abundante.

A evolução de Nossa Senhora da Glória na área da comunicação se deve ao avanço progressivo do homem e da sociedade, aliado às novas tecnologias.

No setor educacional, as escolas públicas e privadas, cada uma com sua abrangência, caminham em busca de um ensino de qualidade.

A Universidade Federal de Sergipe, como também as demais universidades, abriram um fecundo veio para se estudar. E a cultura, com novas formas de pensar, deu uma guinada, ampliando caminhos para a melhoria do homem sertanejo como cidadão.

No tocante à saúde pública, Glória possui um Hospital Regional e várias Clínicas de Saúde da Família, que carecem, entretanto, de recursos financeiros e humanos para atender à demanda.

Uma mata foi o berço esplêndido da história do Povo a do Boca da Mata, hoje Nossa Senhora da Glória, cidade próspera, simpática, organizada e aconchegante. Nela a civilidade é prevalecente. Acada dia transforma a sua roupagem, contemplando vaidosamente o seu nome.

Aquerida Nossa Senhora da Glória espera por você.

SOUSA, Leunira Batista Santos.

Título: Nossa Senhora da Glória: a progressiva cidade do sertão sergipano

Documento: Poema (texto literário)

Origem: SOUSA, Leunira Batista Santos. Nossa Senhora da Glória: a progressiva cidade do sertão sergipano. *Revista AGL/Academia Gloriense de Letras*, vol.4,n.4, 2023. Nossa Senhora da Glória, SE: Academia Gloriense de Letras. Disponível em: <https://www.academiagloriensedeletras.org/revista-da-agl/>. Acesso em: 10out.2024.

Crédito: Leunira Batista Santos Sousa

Palavras-chave: Nossa Senhora da Glória. Sertão sergipano. Literatura local.

O Poema

- Aponta os elementos culturais existentes no município intitulado como “Capital Estadual de Leite”.
- Resgata o seu processo de origem e a expansão do seu território elencando os fatores geográficos, históricos, culturais e modernos evidenciados ao longo da sua história como município.
- Apresenta o município em narrativa de poema convidando o leitor para visitá-la principalmente nos eventos e festas realizadas na cidade.
- Remete ao processo histórico e cultural da capital estadual do leite.

Comentário da questão

A questão aborda o expansionismo do município de Nossa Senhora da Glória – SE,

que foi elevada à categoria de cidade em 26/09/1928. O povoamento da região ocorreu por volta do final do século XVIII e início do século XIX, impulsionado pela expansão da atividade agropecuária. Anteriormente mencionado Boca da Mata, uma localidade servida como ponto de parada para tropeiros, boiadeiros e viajantes.

Entre 2010 e 2022, a população do município cresceu 26,79%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ocupando a posição de segundo município de Sergipe com maior crescimento populacional. Conhecida como capital do sertão e capital estadual do leite, a cidade se transformou e, atualmente, conta com uma diversidade de atividades econômicas, que vão da agricultura, pecuária, indústrias e serviços a um comércio significativo. De cultura e tradições variadas, o município se destaca no cenário cultural brasileiro, com ênfase em seus artistas locais, na vaquejada e na realização de eventos como o Rock Sertão e as atividades promovidas pela Academia Gloriense de Letras, entre outros.

Estudar a história do desenvolvimento de Nossa Senhora da Glória permite compreender as particularidades econômicas, políticas, sociais e culturais que moldaram o município em um contexto local e regional. Vale destacar a importância do reconhecimento da identidade local, bem como do conhecimento e da preservação do patrimônio histórico e cultural, que reforçam o fortalecimento do senso de pertencimento da comunidade.

Além disso, o trabalho com fontes históricas, relatos orais e fotografias amplia as habilidades de pesquisa e interpretação histórica dos alunos, estimula a reflexão crítica sobre os processos de transformação social e os desafios contemporâneos enfrentados pela região, dando ênfase à memória coletiva e ao desenvolvimento sustentável do município.

Viviane Andrade dos Passos
Colégio Estadual Cícero Bezerra / Escola Municipal Tiradentes

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 04, no poema, da fase 02 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

Objetivo:

Apresentar a cultura, a história, a sociedade e a economia do município de Nossa Senhora da Glória, no sertão sergipano mediante uso da arte literária do local – um poema.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

4. Entre a feira e o leite:

✓ Sergipe nos versos leiteros:

➤ **Analise o poema, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Fale sobre a história de Nossa Senhora da Glória.
- Quem é a autora do poema “NOSSA SENHORA DA GLÓRIA: a progressiva cidade do sertão sergipano”?
- Cite dois títulos que são atribuídos a Nossa Senhora da Glória?
- Qual o principal pilar econômico de Nossa Senhora da Glória atualmente?
- A feira livre de Nossa Senhora da Glória é uma das mais famosas do estado, recebe muitos fregueses de outras regiões. Por qual(is) motivo(s) isso ocorre?
- Cite três tradições culturais de Nossa Senhora da Glória?
- Explique o que é a FLIG? Aproveite e conte um pouco de sua história e de sua importância no cenário cultural sergipano.
- Quais significam as siglas ALAS E AGL?
- Qual universidade pública existe em Nossa Senhora da Glória?
- Qual a mensagem o poema sobre Nossa Senhora da Glória deseja passar para o seu leitor?

Atividade extraclasse:

Os alunos pesquisarem se na comunidade deles e na escola tem um poeta e levar uma poesia dele para a aula.

Avaliação:

Em grupo, ou individualmente, os alunos devem apresentar pesquisas realizadas sobre suas localidades.

Questão 5

Documento 1 – Artigo *on-line*

Negra, migrante, nordestina e mulher, a historiadora Beatriz Nascimento(1942- 1995) foi uma das principais intelectuais do país, com contribuições fundamentais para entender a identidade negra como instrumento de autoafirmação racial, intelectual e existencial. Ela desenvolveu pesquisas sobre o que denominou de “sistemas sociais alternativos organizados por pessoas negras”, investigando dos quilombos às favelas. A partir desta quinta-feira (20), Beatriz dá nome ao “Atlânticas – Programa Beatriz Nascimento de Mulheres na Ciência“, primeiro programa do governo federal direcionado exclusivamente a mulheres cientistas negras, indígenas, quilombolas e ciganas.

Segundo a Enciclopédia de Antropologia da Universidade de São Paulo, Maria Beatriz Nascimento nasceu em Aracaju. É a oitava filha de Rubina Pereira do Nascimento e Francisco Xavier do Nascimento, que migraram para a cidade do Rio de Janeiro no final de 1949. Ela ingressou no curso de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no ano de 1968, concluindo a graduação em 1971, aos 29 anos de idade. Sob orientação do historiador José Honório Rodrigues, ela realizou estágio de pesquisa no Arquivo Nacional e trabalhou como professora de história da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro.

A historiadora se especializou em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense(UFF) quando, em 1974, participou da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças e, em 1975, do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN). Com o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira (1923-1980), a filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez (1935-1994) e o jornalista Hamilton Cardoso (1953-1999), ela partilhou pesquisas e militâncias.

Durante a Quinzena do Negro, evento ocorrido na Universidade de São Paulo (USP) em 1977, Beatriz apresentou a conferência Historiografia do quilombo, delineando os contornos do que ela desenvolveria, posteriormente, como espaços de resistência cultural negra: dos bailes blacks aos territórios de favelas, esses espaços constituiriam uma identidade negra como instrumento de autoafirmação racial, intelectual e existencial, além de território simbólico ancorado no próprio corpo negro.

Em 1979, em viagem ao continente africano, a autora conheceu territórios de antigos quilombos angolanos e reafirmou a vinculação entre as culturas negras brasileira e africana. No documentário *Ôrí*, lançado em 1989, dirigido pela cineasta e socióloga Raquel Gerber, Beatriz narra parte da trajetória dos movimentos negros no Brasil entre 1977 e 1988, ancorando-se no conceito do quilombo como ideia fundamental, que atravessa sua própria narrativa biográfica, para retratar continuidades históricas entre o quilombo e suas redefinições nos dias atuais.

Beatriz escreveu uma série de textos, poemas, roteiros, ensaios e estudos teóricos, entre os quais se destacam *Por uma história do homem negro* (1974); *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso* (1982) e *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (1985).

Em 1995, a historiadora é vítima de feminicídio, aos 52 anos de idade. Pelas suas importantes contribuições à pesquisa acadêmica, em outubro de 2021 é outorgado a ela o título póstumo de Doutora Honoris Causa in Memoriam pela UFRJ. Ao lado de Lélia Gonzalez (1935-1994), Sueli Carneiro (1950-) e Luiza Bairros (1953-2016), Beatriz figura como uma das mais importantes intelectuais negras brasileiras.

“Beatriz Nascimento é uma das intelectuais mais brilhantes que esse país já teve e que, infelizmente, teve a vida interrompida de maneira muito precoce em razão do feminicídio”, ressalta a professora de História e mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto, Luana Tolentino. De acordo com esta, a historiadora é uma grande inspiração para as pesquisadoras negras. “Beatriz Nascimento abriu portas para que a minha geração pudesse entrar. Sou da década de 1980, então sou dessa geração que tem tido a oportunidade de exercer o direito de estar na universidade também em função da política de cotas. A luta contra o racismo da Beatriz Nascimento foi fundamental para construção dessas políticas públicas de promoção da igualdade racial e também como um incentivo, um farol para nós pesquisadoras negras, mulheres negras”, diz.

As pesquisadoras negras precisam enfrentar diversos desafios, afirma Tolentino. “O primeiro desafio é justamente o racismo que orienta a sociedade brasileira, que dificulta de todas as maneiras o acesso das mulheres negras à universidade. Temos a política de cotas, que é um marco na história do país e que, sem sombra de dúvidas, tem sido fundamental para dar novos contornos, novas cores à universidade, mas ao mesmo tempo, há uma série de barreiras que dificultam o acesso das mulheres negras ao ensino básico. Entre os grupos sociais que não

tiveram oportunidade de frequentar a escola, as mulheres negras são maioria”, explica Luana Tolentino.

O outro ponto destacado pela professora é que, ao chegar na universidade, as pesquisadoras precisam enfrentar o olhar de desconfiança, também motivado pelo racismo, com o qual são vistas.

“Vivemos em um país em que ainda há uma expectativa de que, nós mulheres negras, estamos nesse mundo apenas para servir e limpar a sujeira dos outros. Estamos em um país que ainda tem dificuldade de pensar nas mulheres negras como pesquisadoras, como intelectuais, como produtoras de conhecimento. Mas, apesar de tudo isso, nós estamos em um número muito significativo na universidade, acho que como Beatriz Nascimento sonhou. Nós que já estamos [na universidade] precisamos assumir o compromisso de abrir tantas outras portas para que outras mulheres negras possam entrar e garantir o direito humano à educação e ao ensino superior”.

Título: Conheça Beatriz Nascimento, intelectual negra que inspira cientistas

Tipo: Artigo online

Origem: Geledés Instituto da Mulher Negra. Conheça Beatriz Nascimento, intelectual negra que inspira cientistas. 13 ago. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conheca-beatriz-nascimento-intelectual-negra-que-inspira-cientistas/>. Acesso em: 10 out. 2024.

Palavras-chave: Beatriz Nascimento, intelectual negra, cientistas, movimento negro, história afro-brasileira.

Crédito: Ludmilla Souza

Sobre Beatriz Nascimento:

- a) O legado de Beatriz Nascimento inspira as novas gerações a reconhecer a importância da história na construção da identidade negra e na luta por direitos. A abordagem de Beatriz em relação à autoafirmação racial e à resistência cultural não tem relevância, pois encoraja as mulheres negras a se posicionarem como intelectuais e produtoras de conhecimento, desafiando estereótipos e abrindo portas para outras mulheres.
- b) Beatriz Nascimento abordou as intersecções entre raça, gênero e classe em sua luta por direitos, reconhecendo que as mulheres negras enfrentam desafios específicos que envolvem a combinação dessas opressões. Sua trajetória e suas contribuições acadêmicas servem como um modelo de resistência e autoafirmação, essencial para a luta por igualdade.

- c) Fatores históricos e sociais, como a luta incessante de intelectuais negras, incluindo Beatriz Nascimento, foram fundamentais para a formação das políticas de cotas e a inserção de mulheres negras na academia brasileira.
- d) Por meio de suas pesquisas, Nascimento destacou a importância de espaços de resistência, como quilombos e favelas, e como esses locais contribuíram para a formação de uma identidade negra afirmativa.

Comentário da questão

A questão aborda a trajetória e o legado de Beatriz Nascimento, destacando-a como uma importante historiadora e intelectual negra que se dedica a temas como identidade, resistência cultural e os impactos das opressões de raça, gênero, classe e ao movimento negro. Suas pesquisas sobre quilombos e outros espaços de resistência cultural negra ressaltam a contribuição histórica desses locais para a formação de uma identidade afirmativa e para a luta por igualdade racial e social no Brasil. Além disso, sua obra foi fundamental na discussão sobre políticas públicas, como as cotas raciais, que abriram caminhos para novas gerações de pesquisadores negros nas academias.

Essa abordagem tem uma relação direta com o ensino de história, especialmente no cumprimento da Lei 10.639/2003, que obriga o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Beatriz Nascimento oferece uma perspectiva importante para compreender a resistência dos povos africanos no Brasil e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. Sua obra amplia o olhar para além da opressão, destacando a construção de sistemas alternativos e espaços de protagonismo negro, como os quilombos, que continuam sendo referência para debates sobre igualdade e resistência.

Na sala de aula, a história de Beatriz pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, conectando história, geografia, sociologia e literatura. A análise de textos como "O conceito de quilombo e a resistência cultural negra" pode estimular debates sobre racismo estrutural e institucional, políticas de reparação e o papel da mulher negra como produtora de conhecimento. Além disso, atividades práticas, como rodas de conversa ou produção de textos, podem estimular os estudantes a refletirem sobre os desafios e as conquistas da luta antirracista, promovendo uma educação mais inclusiva e crítica sobre as questões étnico-raciais no Brasil.

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 05, no texto de Beatriz Nascimento, da fase 02 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

Objetivo:

Entender a importância da pesquisa da sergipana Beatriz Nascimento na formação da identidade negra e do movimento negro no Brasil, destacando a relevância da história contada pelos seus e da resistência cultural como ferramentas de autoafirmação.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

5. Entre a opressão e a resistência:

✓ Os quilombos sergipanos:

➤ **Analise o texto, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Fale sobre a história da sergipana Beatriz Nascimento e qual sua importância para a história do Brasil.
- Enquanto mulher pobre e negra, quais obstáculos Beatriz Nascimento venceu para chegar à universidade?
- O que Beatriz enfrentou em sua trajetória como intelectual negra?
- Por que a morte de Beatriz pode ser considerada feminicídio?
- Faça a ligação entre a trajetória de Beatriz e o movimento negro no Brasil.
- Qual a relevância acadêmica e social do "Atlânticas - Programa Beatriz Nascimento de Mulheres na Ciência" para a valorização das mulheres negras na ciência?
- Explique o que é um quilombo.
- Qual o conceito de quilombo na obra de Beatriz Nascimento?

- Por qual motivo os estudos de Beatriz Nascimento sobre os quilombos contribuiu para a valorização da cultura e da identidade negra no Brasil?
- Pesquise sobre Ori, de Beatriz Nascimento, e fale sobre sua importância.
- De que forma a obra e vida de Beatriz Nascimento dialoga com o feminismo negro e com a luta das mulheres negras contra o racismo e o machismo?
- Como a obra de Beatriz Nascimento contribuiu para a construção de uma identidade negra positiva e fortalecida?

Atividade extraclasse:

Pesquisar sobre comunidades remanescentes quilombolas em Sergipe, identificando sua história, cultura e desafios atuais.

Avaliação:

Em um texto ou apresentação, destacar como essas comunidades representam a resistência cultural e a identidade negra.

FASE 3

Questão 1

Documento 1 – Fotografia



Título: Arthur Bispo do Rosário

Tipo: Fotografia

Origem: Praça do município de Japaratuba-SE. Acervo da OEHSE.

Crédito: Acervo OEHSE

Documento 2 – Texto literário

Trechos do conto “Manto da Apresentação” de Itamar Vieira Júnior:

“... e tuas mãos te guiarão através do mundo, tuas mãos de fogo e sangue bordarão esse mundo, como eu, a voz, bordei o mundo que te trouxe até a colônia, o mundo que te fez retirar do mundo, te trouxe até aqui, onde refundarás (...) não debes vestir o roto uniforme da colônia, nem as roupas vãs que guardam a nudez sobre a terra, deverás te apresentar com um manto divino, bordado com toda delicadeza das tuas mãos, com toda a sensibilidade da tua arte, porque o poderoso bordou o mundo com a delicadeza da arte, assim o fez e debes te cobrir com o manto, que consumirá muitos dias e noites de trabalho (...) cada coisa que vier à tua lembrança, para que sejas vigoroso no teu deve ser bordado, o manto será uma arca que te vestirá, onde as coisas do mundo embarcarão para que o dia do juízo não seja esquecido” (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 145-146).

Título: Trecho de “*Manto de Apresentação*”

Tipo: Texto literário

Origem: VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Doramarou a Odisseia*. São Paulo: Todavia, 2021. p. 145-146.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Itamar Vieira Junior, Artur Bispo do Rosário.

Crédito: Itamar Vieira Junior

Sobre o artista sergipano Arthur Bispo do Rosário

a) A produção do artista de Arthur Bispo do Rosário é tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o mundo se rendeu a arte de Bispo. Sua arte traz o cotidiano, uma colher ou um caneco de alumínio, são elementos do cotidiano, ele ainda faz um manto com o qual se apresentaria a Deus. O manto traz bordado nomes de pessoas pelas quais ele queria interceder junto a Deus. Segundo Arthur a arte por ele produzida era

uma imposição das vozes que ele ouvia. É um dos maiores artistas do século XX.

b) Sua arte foi despertada e desenvolvida na colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro durante as sessões de terapia artística com a Dr^a Nise da Silveira. Sua arte foi construída com todo tipo de material que ele encontrava de caneca, madeira, tecido, entre outros.

c) Arthur Bispo do Rosário, que carregava todos os estigmas de marginalização social ainda vigentes em nossa sociedade – negro, pobre, louco, asilado em um manicômio – consegue, na sua genialidade, subverter a lógica excludente propondo, a partir da sua obra, a ressignificação do universo, para ser reunido e apresentado no dia do juízo final.

d) Ao longo dos 50 anos mantido em um manicômio no Rio de Janeiro, Bispo do Rosário acreditava ter visto descendo do céu sete anjos, antes disso foi boxeador e passou pela escola de aprendizes de marinho em Aracaju, no ano de 1925, é oriundo de uma família de Japarutuba município de Sergipe.

Comentário da questão

Arthur Bispo do Rosário e Itamar Vieira Júnior são figuras centrais para reflexões sobre o Brasil contemporâneo, cada um com sua contribuição. O último, em obras como *Torto Arado* e *Salvar o Fogo*, expõe as profundas marcas do racismo estrutural, da desigualdade social e do legado escravocrata na sociedade brasileira. Ele revisita as experiências de comunidades quilombolas e marginalizadas, abordando a luta pela terra, a exploração de recursos naturais e as intersecções entre racismo, patriarcado e opressão social. Além disso, valoriza a espiritualidade e a cultura afro-brasileira em contextos rurais, evidenciando as memórias e resistências históricas dessas comunidades.

Por seu turno, a vida e a obra de Arthur Bispo do Rosário refletem resistência, criatividade e uma crítica às estruturas de exclusão social e racial no Brasil. Como um homem negro, nordestino e em situação de vulnerabilidade, Bispo enfrentou o racismo estrutural e a marginalização, vivendo grande parte de sua vida em um hospital psiquiátrico. Sua arte foi por muito tempo ignorada, sendo vista apenas como reflexo de sua condição mental, evidenciando preconceitos que desumanizam indivíduos negros e pobres no mundo.

Utilizando materiais simples e reciclados, Bispo transformou o descartado em arte, reinterpretando símbolos religiosos e culturais de forma única. Suas criações abordam temas de identidade, memória e espiritualidade afro-brasileira, desafiando os padrões elitistas da arte

e destacando a força cultural das comunidades negras. A resiliência de sua produção artística exemplifica uma forma de resistência que conecta a arte à luta contra a exclusão e à preservação.

Reconhecida apenas após sua morte, sua obra questiona as convenções do que é considerado arte e quem tem o direito de produzi-la. Bispo promove uma descolonização do olhar artístico ao evidenciar que a criatividade e a contribuição cultural transcendem as normas eurocêntricas. Sua trajetória levanta debates sobre o racismo na psiquiatria e na sociedade, além de inspirar reflexões sobre como histórias de exclusão podem ser ressignificadas pela arte e pela memória.

No ambiente escolar, a trajetória de Bispo é um recurso pedagógico para discutir temas como racismo, marginalização e espiritualidade afro-brasileira. Por meio de atividades práticas e interdisciplinares, é possível incentivar os estudantes a refletir em sobre conceitos de identidade, memória e pertencimento, questionando preconceitos enraizados. Assim, a proposta de criar uma “arte decolonial” nos moldes de Bispo, reforça o protagonismo das vozes marginalizadas, enquanto projetos de arte e história oferecem aos jovens uma compreensão crítica das estruturas sociais que perpetuam a exclusão, promovendo maior valorização da diversidade cultural do Brasil.

Profa. Flavia dos Santos Andrade
Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg
Japaratuba-SE

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 01, na fotografia, no texto de Itamar Vieira Júnior, da fase 02 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

A produção de um artista, os textos de um escritor e os monumentos urbanos, todos são recursos importantes para o ensino de história. As narrativas literárias expressam memórias coletivas, descrevem hábitos e constroem uma identidade cultural. Essas representações visíveis permitem aos alunos reflexões sobre temas sensíveis como a arte de Arthur Bispo do Rosário, que dialoga com exclusão social, identidade e memória. O que trabalha nos educandos um olhar mais crítico sobre a construção da história, incentivando o pensamento reflexivo e a valorização da diversidade cultural.

Objetivo:

Compreender a história e a arte de Arthur Bispo do Rosário, ligar a identidade cultural e refletir sobre arte, ancestralidade, decolonialidade, exclusão social e a história da psiquiatria no Brasil.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

6. Entre a loucura e a arte:

✓ O manto da salvação, a arte para vida:

➤ **Analise a fotografia, o texto, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Quem foi Arthur Bispo de Rosário?
- Pesquise e escreva sobre a história dele.
- Qual a ligação de Bispo de Rosário com a Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro?
- A fotografia retrata um monumento urbano que fica localizado em qual município sergipano?
- Onde estão as obras de Arthur Bispo atualmente?
- A partir da história de Arthur Bispo do Rosário, pesquise sobre a trajetória da psiquiatria no Brasil e analise como os pacientes eram tratados ao longo das cinco décadas em que Bispo viveu na Colônia Juliano Moreira.
- Como podemos ligar a história e a obra de Arthur Bispo do Rosário à exclusão e marginalização social?
- Arthur Bispo do Rosário tem uma construção artística respeitada em todo o mundo. O que caracteriza sua arte?
- Quais elementos do cotidiano estão presentes na obra de Arthur Bispo?
- No cenário cultural brasileiro, qual a importância da obra de Arthur Bispo?

- De qual livro o trecho do conto foi retirado?
- De que forma a arte de Bispo se opõe à arte tradicional?
- Como o *Manto da Apresentação*, arte icônica de Bispo do Rosário, pode ser considerado como um registro de memória e identidade?
- Pesquise sobre Arte Decolonial e explique como a arte de Bispo pode ser inserida nessa perspectiva.
- Sobre o trecho do conto o *Manto da Apresentação*, de Itamar Vieira Júnior, mencione o simbolismo do trecho do bordado com a identidade cultural de Bispo.

Atividade extraclasse:

A partir de material reciclável da sua casa, produza artes e faça uma exposição na escola. Além disso, cada aluno escreverá um pequeno texto explicando o significado da sua criação.

Avaliação:

Uma leitura coletiva e a interpretação do conto *Manto da Apresentação*, de Itamar Vieira Júnior, com cada aluno partilhando suas impressões sobre o texto.

Questão 02

Documento 1 – Texto literário

O hotel, da melhor categoria. Porteiro de libré, boys de fardeta azul e experientes no carregar a bagagem, no saguão recepcionistas mais do que atenciosos, de cortesia à la britânica; assessores ultra modernos; apartamentos espaçosos, de saleta com pequeno sofá e duas poltronas de luxo, quartos amplos com armários embutidos; no quarto fofo tapete, cortinas, que aprovaria qualquer decorador exigente. E o mocinho que abriu a porta e depositou a mala:

-Ligo o aparelho de ar condicionado? Tem regulador para aumentar ou diminuir.

Aquela televisão é pequena, mas com a imagem perfeita. É só girar o primeiro botãozinho e acende. Aqui nesta geladeira de abrir por cima, tem de tudo; mineral, refrigerante, cerveja em lata. Ainda não fechou o restaurante no terraço; mas, se preferir jantar no apartamento, use o telefone interno, é só discar o número 2; o maître vem logo com a carta; outra coisa, o número 3 é o da copa serve dia e noite, noite inteirinha...

De manhã, mal acordei, aquela dúvida: suspendo ou não suspendo a cortina, abro ou não a janela?...

Lá do décimo pavimento do hotel, em posição sobranceira, meus olhos passaram, por cima dos prédios na vizinhança e foram dar em cheio com a cena jovial do “rião”.

Título: Trecho de *Um menino sergipano*

Tipo: Texto literário

Origem: AMADO, G. Um menino sergipano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Sergipe, Hotel Palace, Vida urbana.

Crédito: Genolino Amado

Documento 2 – Print de tela: Jornal noticiando a inauguração do Hotel Palace



Documentário: ÉRAMOS PALACE.

Título: Documentário Éramos Palace

Tipo: Documentário

Origem: Costa, Pedro. Éramos Palace. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=link_do_video.29mar2019. Acesso em: 20 set. 2024.

Palavras-chave: Documentário, Hotel Palace, História.

Crédito: Pedro Costa

Acerca do patrimônio sergipano descrito na narrativa de Genolino Amado:

- a) O texto é um trecho do livro “Um Menino Sergipano” que descreve o Hotel Palace de Aracaju, e narra o reencontro do autor com a paisagem do rio Sergipe.
- b) O autor sergipano, Genolino Amado, fala sobre sua ida à Inglaterra na década de 70 do século XX e da sua saudade de Aracaju.
- c) O texto retirado do livro “Um Menino Sergipano”, descreve o Hotel Palace de Aracaju em 1973, apesar da importância arquitetônica que tem para a capital sergipana, atualmente, o edifício encontra-se em processo avançado de degradação, fato que acomete outras importantes obras arquitetônicas do centro histórico aracajuano. Uma situação que atinge diversos centros históricos no Brasil.
- d) Além de todos os elementos descritos por Genolino Amado, o Hotel Palace de Aracaju contava com intervenções artistas como o mural em arco representando a chegada da família real ao Brasil em 1808, de autoria do artista plástico aracajuano Jenner Augusto que se encontra no hall do Teatro Atheneu desde 2004.

Comentário da questão

A questão sobre o Hotel Palace, importante edifício da região central de Aracaju, representou um olhar sensível para a questão sobre o patrimônio material do nosso estado. Os dois documentos disponibilizados para análise, trouxeram a possibilidade de os alunos se transferirem para um momento histórico distinto – período em que as edificações aracajuanas ainda eram modestas e sem muitas distinções. Ou seja, a discussão com os estudantes chegou a um questionamento comum e de grande urgência: “Qual o motivo do abandono do prédio?”.

Em primeira análise, os discentes acolheram bem a ideia de debater sobre tal edificação. Logo, surgiram questionamentos como: “Quantos personagens históricos já se hospedaram nele?”, “Será quem não tem como encontrar fotos de pessoas da nossa cultura ou até mesmo de fora de Sergipe?”. De todo modo, a angústia foi descobrir a importância do Hotel Palace e saber do seu estado atual.

O debate sobre patrimônio foi algo que cercou o imaginário das equipes que orientei, tanto que, em uma das tarefas, debateu-se acerca do prédio da Estação Ferroviária de Aracaju.

Com isso, as análises se voltaram para a ideia: “Eu conheço minha cidade?”. Os alunos se sentiram na obrigação de buscar foto se entender algumas regiões como, por exemplo, as remanescentes edificações das fábricas do Bairro Industrial. Assim, buscando responder o questionamento da Olimpíada, eles se direcionaram para as alternativas com a ideia de um patrimônio extremamente importante, que conta muito da modernização em Sergipe, mas que não recebe o devido valor.

Portanto, os estudantes puderam refletir sobre edificações outrora significantes e seu estado de abandono atual. Situação essa que atinge outros monumentos sergipanos, fato compatível com as colocações que os estudantes propuseram no debate. Representando, desse modo, uma excelente forma de abordagem sobre patrimônio material no estado, possibilitando a reflexão de um pertencimento e a necessidade do zelo das instituições competentes, para que, dessa forma, esse patrimônio não caia no esquecimento e preserve a sua estrutura e memória.

Prof. Lucas Cariri da Silva Santana
Colégio CEME

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 02, no documento 01, texto literário, documento 2, recorte de jornais e documento 3, documentário, da fase 03 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

A literatura, as produções audiovisuais e o patrimônio histórico são ferramentas preciosas para o ensino de história, pois através delas os alunos entendem o passado de forma mais viva, sensível e significativa, o que possibilita o fortalecimento da identidade cultural de um povo. Por seu turno, o patrimônio arquitetônico, monumentos, edifícios são vestígios do passado de uma sociedade que trazem reflexões sobre memória, identidade e pertencimento e pode-se pensar sobre as mudanças dos espaços de seus municípios. A literatura, por exemplo, fala de épocas históricas, reproduz vivências de momentos e espaços distintos, a história dos personagens envolve os educandos de forma sensível, o que possibilita uma aproximação emocional com o contexto histórico narrado.

Objetivo:

Compreender a importância da literatura local, das produções audiovisuais e do patrimônio histórico para a sociedade, como fonte de conhecimento histórico e social, incentivar o pensamento crítico e a valorização da cultura local nos alunos.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

A prosa e prédios em uma Aracaju de outrora:

✓ Pensando Sergipe entre a literatura saudosista e os edifícios que contam história:

➤ **Analise o texto literário, o documentário, a matéria do jornal, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Quem é o autor do livro *Um Menino Sergipano*?
- Leia o trecho do livro *Um Menino Sergipano* e cite os elementos indicam sofisticação.
- Como o Hotel Palace é caracterizado pelo autor?
- Você sergipano, qual a sensação ao ler o trecho onde o autor fala com a paisagem do “rião”? A qual rio ele se refere? E qual o rio mais importante do seu município?
- Qual é o sentimento do narrador ao falar do rio?
- O texto tem uma narrativa de memória afetiva, cite uma memória afetiva sua.
- Leia o texto, a notícia do jornal, assista o documentário e fale sobre a atual situação do Hotel Palace.
- Pesquise a situação da preservação dos patrimônios arquitetônicos do centro de Aracaju.
- Cite três edifícios históricos de Aracaju que enfrentam um processo de degradação semelhante ao do Hotel Palace?
- Qual a relação entre Hotel Palace, o artista Jenner Augusto e o teatro Atheneu?

- O que a degradação do Hotel Palace revela sobre a relação do poder público com o patrimônio histórico?
- Como a narração emotiva do autor do livro *Um Menino Sergipano* nos ensina sobre a importância a valorização do patrimônio material?
- Como o estudo e a preservação do patrimônio podem contribuir para a identidade cultural da população?

Atividade extraclasse:

Os alunos irão catalogar o patrimônio arquitetônico local em estado precário de conservação.

Avaliação:

Em equipe, os alunos irão apresentar uma obra literária ou um audiovisual de temática de autor local.

Questão 03**Documento1 – Jornal**



Brasil, democracia e a violência política

Na relação entre o Estado e a sociedade, garantir a segurança individual e coletiva é um princípio fundamental. Mas, quando ocorre a extrapolação dos agentes de segurança, o Estado é questionado. Neste sentido, acontecimentos como os que ocorreram durante o período da ditadura civil-militar, dentre os quais o caso do sindicalista Milton Coelho que perdeu a visão em sessões de tortura, são assustadores – pois os direitos humanos são desconhecidos, esquecidos e a confiança da população no Estado e em seu poder de promover a segurança pública é abalada.

Recentemente, uma manifestação democrática e ordeira contra posturas, atos e medidas do governo federal também foi duramente reprimida pelo Estado, através de seus órgãos de segurança. As duas ações, embora ocorridas em momentos históricos diferentes e distintos, tiveram resultados semelhantes: a perda da visão de cidadãos indefesos e a afronta aos direitos humanos e à sociedade. O primeiro caso, Milton Coelho de Carvalho ficou cego, no segundo, um cidadão perdeu a visão do olho direito e o outro, a do esquerdo. Diante destes fatos, o que esperar, na atualidade, de um governo democrático?

A não identificação, responsabilização e punição de atos de violência política é um risco para a democracia. Em torno desta reflexão, não bastassem a tragédia das centenas de milhares de mortes provocadas pela pandemia do Covid-19, temos assistido

ataques às instituições democráticas, repressão política baseada no espectro da Lei da Segurança Nacional e, como consequência, ameaças às liberdades coletivas e à banalização da vida. Frente a esta dura constatação apresentamos uma reflexão acerca dos dois acontecimentos acima citados, pois possuem profundos significados.

O primeiro deles foi extraído do memorando nº 667/1985, enviado pelo Gabinete do Ministro do Sistema Nacional de Informação (SNI) para o Centro de Informações do Exército (CIE), mais conhecido como CiEx, em 17 maio de 1985. O assunto mencionado foi o processo movido por Milton Coelho de Carvalho – funcionário da Petróbras, sindicalista, comunista, “ex-preso” político e classificado pelos órgãos da segurança e informações como “subversivo”.

Na petição inicial, Carvalho requereu do Estado Brasileiro indenização pela cegueira permanente da qual foi acometido em decorrência do seu sequestro, prisão e tortura sofridas por ele durante a denominada Operação Cajueiro, realizada em Aracaju, Sergipe, no dia 20 fevereiro de 1976, sob as determinações do General Adir Fluzza de Castro, Comandante da 6ª Região Militar do Exército Brasileiro, no contexto da ditadura civil-militar.

O referido processo, movido junto à 5ª Vara da Justiça Federal na Bahia, foi apresentado pela advogada Romilda Noblat, conhecida por desempenhar um papel fundamental na defesa dos direitos dos presos políticos.

As testemunhas, neste processo, foram o deputado federal Jackson Barreto de Lima – no então Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB/SE) –, o advogado e presidente do Clube Esportivo Cotinguiba Wellington Dantas Manguiera Marques e o candidato a governador do Estado Marcelo Bonfim Rocha – na época no Partido dos Trabalhadores (PT/SE). Eles, identificaram por unanimidade, conforme o memorando, o Coronel “Oscar” e o Major “Ribeiro”, que no período em que a ação foi movida, estavam destacando no 1 Exército, no Rio de Janeiro/RJ, como responsáveis pelas lesões físicas e emocionais deferidas contra Carvalho. No memorando, a autoridade do SNI registra a afirmação das testemunhas quanto aos nomes do mencionado Coronel e do Major como “factícios (sic)” responsáveis pelos atos de tortura, lesão e mutilação.

O memorando, disponível no acervo do Arquivo Nacional, também destaca o comentário atribuído pela imprensa ao Procurador da República, João Oliveira Maia, que após examinar os autos do processo teria dito: “Não havia o que defender”, após a audiência transcorrida em 15 de abril de 1985. Uma avaliação em si bastante reveladora do significado do caso.

A evocação desse ato bárbaro, de triste memória, ajuda a compreender a gravidade da repressão policial imposta, em outro acontecimento, a dois cidadãos brasileiros, no sábado, 29 de maio de 2021, em Recife, Pernambuco, por ocasião das manifesta-

ções pacíficas em prol de mais vagas, para auxílio emergencial de R\$ 600,00 e contra a política negacionista do atual governo federal.

No episódio ocorrido em Pernambuco, em flagrante cena de abuso de autoridade uma vereadora ficou inconsciente – após ser atingida com espere de pimenta – e dois cidadãos que transitavam pelo local foram atingidos no rosto e sofreram mutilações nos olhos. Eles foram atingidos sem justificativa, a queima roupa e a curta distância por balas de borracha disparadas por agentes das forças de segurança pública que reprimiam as manifestações.

Nos dois lamentáveis acontecimentos – na operação de repressão militar denominada de “Cajueiro” e nas recentes manifestações contra o negacionismo, à pandemia e à atual crise econômica-social –, além da mutilação física e da, consequente, necessidade de assistência e de indenização às vítimas, observa-se, em ambos, a persistência da sensação de impunidade dos responsáveis que agem ancorados em um falso, distorcido e equivocado entendimento das leis, da ordem social e do Estado Democrático.

No primeiro acontecimento, a operação militar de caráter secreto, baseado na Lei de Segurança Nacional, sequestrou, prendeu e torturou, conforme registros, cerca de 29 pessoas. Posteriormente, estes presos políticos foram salvos graças às denúncias realizadas pela imprensa que vazou informações dos sequestros promovidos pela

referida operação. Anos depois, alguns dos responsáveis pela operação foram “identificados”, mas não foram punidos.

Já no segundo acontecimento, recentemente transcorrido sob as lentes dos meios convencionais de comunicação e das redes sociais, as autoridades da segurança pública de Pernambuco ainda não anunciaram os agentes responsáveis e, sobretudo, não identificaram de quem partiu a ordem para reprimir, atirar e mutilar transeuntes e participantes da manifestação democrática, ordeira e pacífica.

Diante disso, cabem aqui alguns questionamentos. Teria sido, então, os disparos do espere de pimenta e das balas de borracha um ato de insubordinação? Houve omissão do comando e das demais autoridades? Quem assumirá a responsabilidade pelo cerceamento da liberdade de manifestação e pelas mutilações?

Seja qual for a razão – indisciplina, comando ou insensatez –, os graves atos mencionados atentam contra cidadãos indefesos, contra os direitos humanos e contra o Estado Democrático de Direito. E, como sabemos, não é preciso colocar a mão no fogo e nem dobrar a aposta, para avaliar as consequências de práticas de violência política impunes a partir de ações de alguns agentes de segurança. Não há defesa para atos desta natureza, bem como, de nenhuma outra forma de violência. Portanto, precisamos ficar atentos, solidários e dispostos a criticar, rejeitar e se opor a todo tipo de barbárie contra cidadãos, a sociedade e a democracia.

Roberto Moraes * Engenheiro

Título: Brasil, democracia e a violência política

Tipo: Jornal O Dia Alagoas

Origem: Jornal o Dia Alagoas. Cruz, José Vieira da. Brasil, democracia e violência política. Disponível em: [Brasil, democracia e violência política \(1\).pdf](#) Acesso em 13 out 2024.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Violência Política. Sergipe.

Crédito: José Vieira da Cruz

Documento2 – Jornal

Coluna do Castelo

Faltam agora os projetos

BRASILIA (AIB) - Entre definições e redefinições as diretrizes do Presidente Figueiredo, com as prioridades do combate à inflação e da expansão da agropecuária. Politicamente, seguem-se as intenções de ampliar as aberturas. Socialmente, advertir-se contra reivindicações inconstitucionais com a primeira prioridade e acionar os grupos de oposição qualificados de promoverem reivindicações éticas as quais não tenham o Governo a concordar com a transgressão da legislação em vigor. Sob esse aspecto o novo discurso presidencial foi mitigado pelo elogio do Ministro da Fazenda ao líder sindicalista Luiz Inácio, de cuja atuação repete o desenvolvimento de uma autêntica visão sindical e o êxito de negociações ágeis entre patrões e empregados.

As duas prioridades não afastam outros compromissos do Governo com o país, exclusivamente enumerados, conforme se lê na sua fala. Faltam agora os projetos que não façam crônicas oportunistas ou sistematizadas, podendo resumir-se pelo senador Paulo Bonfatti, que defende a sistematização das estratégias políticas e pelo senador Sarney, que nega a existência de críticas oportunistas.

Definições as diretrizes com suas prioridades capitais, está na hora de começarmos a ler projetos, que qualifiquem os programas e possam ser examinados como expressão "a posteriori" da vontade governamental. As parcerias sociais estão no momento não apenas entusiasmadas e solidárias entre si, mas, principalmente no caso dos sindicalistas, os quais devem ser identificados como os grupos oprimidos de entre a que abala o Presidente da República. Todas as questões parecem, contudo, relacionadas às duas prioridades, incluindo as questões políticas que não devem servir de embalo à marcha de uma ditadura, que não atenda a qualificação de prioridade. No entanto, englobe-se na política geral do Governo.

Houve no entanto, à margem do discurso do Presidente e da ressignificação da independência do poder judiciário, expressa pelo novo Presidente do Superior Tribunal Militar, que demonstrou a expectativa de nova conquista na efetivação do Estado de direito, indicio de uma possível compreensão da oposição com o Governo em caso posto à deliberagem imediata do Congresso.

Refletindo-se da declaração do Sr. Milton Guimarães de que um entendimento é possível no caso da criação do Senado Federal, cuja aprovação poderá estar à vista, a partir do pressuposto de que o direito da oposição de promover eleições diretas coincide com as intenções do Governo. O MDB propôs de novo o termo para uma constituinte, na medida em que a direção regional de São Paulo desaconselhou a criação municipal e pleitear por via judicial o preenchimento da prefeitura da capital paulista. Não é propósito do partido, conforme afirma o Sr. Milton Guimarães, conquistar a prefeitura por via judicial mas pelo voto. Essa colocação abre os termos em que estava colocado o problema.

Falando na hipótese de aprovação da emenda Beneditina, o Sr. Milton Guimarães, como Presidente do partido, parece estar sugerindo a conveniência de um texto alçado da emenda, um texto que, adotando a eleição direta, dê a ela uma dimensão de maior importância de administração municipal em todo o país, 1980, conforme a lei em vigor, ou 1982, conforme as aplicações prerrogativas de parte da ARENA. O essencial é que se reforme a legislação para salvar o princípio da eleição direta dos prefeitos das capitais dos Estados. Com isso se terá dado o passo decisivo para alterar o quadro atual e para abrir ao MDB a esperança de conquistar pelo voto, na época própria, o Governo da cidade que lhe dá mais de 80 por cento dos votos de um eleitorado.

Essas declarações não escondem informações específicas nas representações do conselho técnico de negociação aberta com a suspensão sendo a retirada do último do MDB paulista ao Congresso. Há obviamente expectativa de uma formulação que, dando vitória ao princípio, resguarde os interesses imediatos do Governo. A formulação é a que estabelecerá pela primeira vez em termos efetivos de compromisso e alternância de poder.

Quando à transição da emenda Beneditina, o Governo apresenta a mesma como teste de avaliação da profundidade da distância da benevolência anistia no campo, se o governo. A emenda é votada separadamente pela Câmara e, como não há norma regional estabelecendo como prioridade, o Presidente do Congresso pode tomar, a seu critério, em primeiro lugar o voto do Senado. A medida, anterior à destituição do regime burocrático que agora ressurca, era o reduto na preferência do Congresso Legislativo a votar. Sendo o projeto Beneditina originário do Senado, seria normal a expectativa de que por ali se iniciasse o debate. Como se sabe, o governo diligente não perdeu qualquer votação no Senado, caso na qual a Montanha lhe dá a transição de que necessita segundo as pretensões do pacto de steel.

CARLOS CASTELLO BRANCO

POVO QUE LÊ,
É POVO CULTO...
LEIA!



Heráclito: mortalidade infantil em Aracaju é a maior do país



"A mortalidade da comunidade é fator de ordem democrática, como a própria integração do todo urbano populacional que ainda não existe, face ao fragor fugaz de um convívio alguns anos decorrido. Basta fazer brasileira de valorização de exercício e de prática democrática o diálogo e, o debate, a busca, das soluções em conjunto, marcar uma relação estreita entre quem dirige e quem espera os frutos de sua conduta".

Afirmou, ontem, na Assembleia do futuro prefeito Heráclito Guimarães Rolimberg, ao prestar homenagem a uma comissão de deputados sobre aspectos que são pontos em prática na sua administração. Heráclito - Rolimberg, ao falar para os deputados, prometeu que "a comunidade associada vai participar, vai discutir, vai ajudar nas decisões, vai participar do trabalho que será desenvolvido em sua benefício, para proporcionar, em conjunto, melhores condições que se reflitam e que se reflitam, finalmente sobre todos".

As condições das condições do futuro prefeito de Aracaju foi informado a uma "sexta-feira". Respondendo a uma indagação do vice-líder do MDB, deputado Jomar Amador, Rolimberg mencionou que encontrara uma prefeitura cheia de dificuldades, mas, que, tanto, "não significou que não apenas um governo da municipalidade, que ficasse de braços cruzados".

O futuro Prefeito, no entanto, não mencionou apenas o problema financeiro do Município. Para ele, existem outros problemas principalmente o da mortalidade infantil que em 1978 teve um registro de 149,7 mortes por mil crianças nascidas. É para reduzir de toda a maior taxa de todo o país, afirmou.

Aracaju, para Heráclito Rolimberg encontra-se numa situação das piores em todo o Nordeste em termos de saúde, em todo o Brasil. Ele citou ainda que esta capital tem déficit em água, luz, instalação sanitária, leitos hospitalares e vagas escolares.

Ex-preso pede indenização

SALVADOR (AIB) - A advogada Rutila Nobre Nóbrega, afirma que irá ingressar na Justiça Federal com uma ação indenizatória contra a União, em favor do ex-preso político Milton Coelho Cordeiro, funcionário aposentado da Petrobras, que perdeu a vista em decorrência de torturas. Na Justiça Militar ele dará entrada a uma ação para responsabilizar criminalmente os responsáveis pelas violências contra o preso.

Esta é a primeira vez que a Justiça Militar após 1964 vai julgar uma ação de responsabilidade criminal por torturas a preso político: os quais foram reconhecidos no processo julgado em primeira instância na 6ª circunscrição judicial militar, em Salvador. O reconhecimento, no entanto, inclusive, de sentença do juiz-advogado Arnaldo Pereira Lima, que absolveu Milton Coelho e outros 18 acusados de responsabilidade por torturas.

A advogada Rutila Nobre, de 37 anos, é há 11 de defendendo presos políticos na Bahia, explicou que as decisões foram facilitadas pelo serventão do superior Tribunal Militar, que confirmou a sentença de primeira instância. O relato do processo foi o ministro Ruy Pires e o acordo do STM deverá ser publicado dentro de 5 dias.

O julgamento do Superior Tribunal Militar foi realizado, recentemente, na interpretação da advogada Rutila Nobre, o STM ao confirmar o julgamento realizado na 6ª CJM, cuja sentença foi arquivada pelo juiz auditor.

e quanto fazes Militares, mudamos o reconhecimento de torturas.

Ao tempo em que após dar entrada na Justiça Militar, disse a advogada, o impeditivo deverá ser examinado. Os acusados no processo e Milton Coelho afirmam que foram encarcerados e torturados na prisão do fundo do 28 Batalhão de Capitães de Armas. Acusam como torturadores o agente de Polícia Federal Arnaldo de Andrade Pereira, um capitão médico, um sargento e um cabo do Batalhão de Capitães.

O funcionário da Petrobras, de 37 anos e dois filhos, foi preso com outros 22 presos em 20 de fevereiro de 1976 no dia 10 de abril após por decisão de autoridade militar já sem a vista. "Se não fosse a vista não teria ficado nos militares porque tive medo que poderiam fazer coisas piores como simular um acidente por estar preso", disse Milton Coelho, na época do julgamento do seu processo em Salvador.

Os presos, acusados de reorganização do comitê estadual do PCB e de infiltração no MDB, passaram cinco dias encarcerados e com fome de horrores nas alas. Dos 23 presos inicialmente, 13 foram indiciados e que nos dois dias foram no Tribunal Militar que não foram torturados. Os demais, inclusive Milton Coelho, dizem não se lembrar, no dia 9 de abril de 76 que sofreram choques elétricos nos órgãos genitais e foram perdendo os dentes no pau-de-arara.

Alberto Silva defende eleições diretas para prefeitos

BRASILIA (AIB) Logo após tomar posse no Senado, em substituição ao senador Diogenes Américo, que morreu sexta-feira última, o senador Alberto Silva (ARENA-PI) afirmou que no Congresso Nacional continuará sua oposição contra a oligarquia chefiada pelo atual ministro da Justiça, Petrólio Portella, cujo irmão, Lauro Portella, é o governador de Piauí.

Embora tenha defendido as eleições diretas para prefeitos consideradas inoportunas pela Arena, e classificação de "refeitor" a "oligarquia Portella", o senador Alberto Silva afirmou sua oposição pessoal ao general Figueiredo, presidente da república, cujo governo apoiou. "As notícias em contrário foram espalhadas pelos meus inimigos", observou.

No seu entender, as eleições para prefeitos e vice-prefeitos das capitais devem ser diretas, em conformidade com as promessas do presidente Figueiredo que tem afirmado sua disposição de implantar uma democracia plena. As eleições diretas foram com que o povo participe mais ativamente das soluções dos problemas, não permanecendo alheio.

Da mesma forma e totalmente a favor de que os governadores dos Estados sejam eleitos diretamente e não que seja somente os deputados de 1982. Tem motivos, porém, para acreditar que o presidente da república continuará sendo eleito de forma indireta e acredita que este sistema ainda seja o melhor, pelo menos no momento. Apesar de manter sua disposição de combater o que chama de "a nefasta oligarquia,

Título: Ex-preso pede indenização

Tipo:Jornal

Origem: Jornal da Cidade. Ano VIII, ed. 1950. 21 mar 1979. Disponível em: [Jornal da Cidade 1979 Mar 21 \(1\).pdf](#). Acesso em: 20 set. 2024.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Operação Cajueiro. Ex-preso político.

Crédito: Jornal da Cidade

Documento 3 – Vídeoreportagem

<https://globoplay.globo.com/v/12527194/>

Título: Corpo de ex-combatente da Ditadura Militar Milton Coelho é velado em Aracaju

Tipo: Vídeo reportagem

Origem: G1 Sergipe. Disponível em: SE TV 2ª Edição | Corpo de ex-combatente da Ditadura Militar Milton Coelho é velado em Aracaju | Globoplay

Palavras-chave: Milton Coelho, Ditadura Militar, violência militar, ex-combatente, Aracaju

Crédito: G1 Sergipe

Considere o contexto histórico de Sergipe durante a Ditadura Militar

- a) A atuação de Milton Coelho foi marcada pela isenção política, com foco em temas culturais e esportivos, sem envolvimento em questões de repressão política ou violência militar.
- b) Durante a Ditadura Militar, a violência política em Sergipe se manifestou através da censura à imprensa, prisões arbitrárias e perseguição de opositores ao regime. Milton Coelho foi uma figura pública que viveu nesse contexto, testemunhando essas transformações políticas.
- c) A violência política durante o regime militar em Sergipe refletiu as tensões nacionais, com perseguições a jornalistas e políticos locais. Milton Coelho, como membro ativo do Partido Comunista Brasileiro (PCB), teve sua trajetória impactada por esse cenário, tendo que atuar sob censura e controle militar.
- d) A trajetória de Milton Coelho revela a complexa interação entre a resistência e a repressão militar em Sergipe, onde a violência política buscou silenciar vozes dissidentes e moldou a atuação de figuras públicas que, como ele, tiveram de atuar em um ambiente de censura e coerção.

Comentário da questão

Em relação aos elementos abordados por essa questão, os consideramos de vital importância para a compreensão do período sombrio que foi a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Através dessa questão, um tema da História Nacional pode ser estudado de uma forma mais aprofundada e com a inclusão de uma perspectiva local dos acontecimentos, análise de fontes históricas e reflexão da repressão, censura e resistência que ocorreram no período.

A abordagem é fundamental para conhecermos a participação sergipana no processo de luta contra o Regime autoritário e perceber que Sergipe não passou em branco, não aceitou calado as ações que nos foram impostas pelos militares e seus apoiadores, sendo imprescindível (re)conhecer nossa participação no movimento pelo retorno da Democracia.

Prof. Luciano Santana
Prof. Horácio Lima dos Santos Filho
Centro de Excelência Deputado Jonas Amaral

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 03, no documentos disponibilizados da fase 03 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

O uso de jornais no ensino de história oportuniza benefícios pedagógicos aos alunos. Eles são fontes primárias que possibilitam o contato com fatos históricos interpretados pelos olhos que os vivenciaram e oferece diferentes perspectivas sobre um mesmo acontecimento e uma visão multifacetada da sociedade.

Eles são recursos didáticos versáteis e podem ter diversas utilizações no ensino de história permitindo melhor entendimento do passado. Além disso, por meio deles, pode-se analisar propagandas, artigos, fotografias, modos de vida, culturas, bem como o desenvolvimento de habilidades importantes para a vida em sociedade, como a leitura crítica e a interpretação de diferentes pontos de vista.

Objetivo:

Estimular a reflexão crítica sobre o tema da violência política no Brasil, utilizando o contexto histórico de Sergipe durante a Ditadura Militar como estudo de caso. Aprofundar a pesquisa e a compreensão sobre o assunto através de fontes como jornais e sites.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Sergipe entre as opressões e a censura:

✓ As notícias dos jornais contam a história:

➤ **Análise os documentos disponibilizados na questão, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Qual o impacto da ditadura militar no Brasil?
- Quem governou Sergipe entre os 1964 e 1985?
- Pesquise se Sergipe teve governador deposto pelo militares e explique o motivo do que aconteceu com ele e quem o sucedeu.
- Você ou sua família conhece alguma família em Sergipe que sofreu perseguição pelos militares nos anos de chumbo?
- Na história da ditadura em Sergipe, Milton Coelho exerce importante papel. Explique essa afirmativa.
- Cite casos de violência física, tortura exercida por agentes da Ditadura Civil Militar em Sergipe.
- Qual o papel da censura na repressão política durante a Ditadura Civil Militar em Sergipe?
- Qual a importância de preservar a memória das vítimas da violência política em Sergipe?
- Que tipo de fontes históricas podem ser utilizadas para estudar a violência política em Sergipe durante a Ditadura Civil Militar?
- Explique o que foi a Operação Cajueiro no contexto da violência

política em Sergipe?

- Qual a importância de discutir a violência política ocorrida na Ditadura Civil Militar no Brasil contemporâneo?
- Cite duas músicas contextualizadas na Ditadura Civil Militar
- Cite dois filmes contextualizados na Ditadura Civil Militar

Atividade extraclasse:

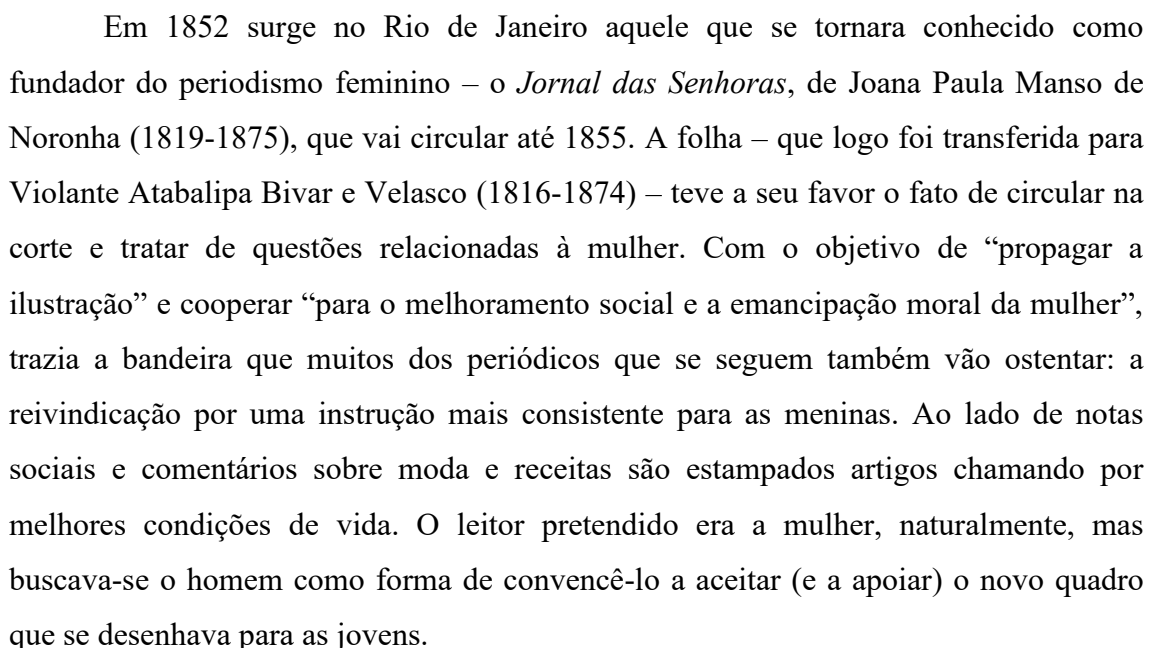
Pesquise a história do seu município entre 1964-1985, quem foram os prefeitos, se existiu algum caso conhecido de opressão dos militares nesse período na região.

Avaliação:

Assistir a um filme sobre a ditadura militar (a escolha do professor) e responder um roteiro de perguntas (desenvolvido pelo professor).

Questão 4

Documento 1– Jornal



Título: Imprensa feminina e feminista no Brasil. Século XIX: Dicionário ilustrado.

Tipo: Texto acadêmico

Origem: Duarte, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil. Século XIX: Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Crédito: Constância Lima Duarte

Sobre a participação feminina na imprensa do século XIX

- a) A participação das mulheres na imprensa do século XIX foi quase inexistente, e as poucas que se aventuraram no meio jornalístico limitaram-se a escrever sobre temas domésticos, sem influenciar debates sociais ou políticos.
- b) A atuação das mulheres na imprensa do século XIX representou uma forma de resistência às estruturas de poder vigentes, ao questionarem o papel tradicional que lhes era imposto e ao utilizarem a palavra escrita para construir um novo imaginário sobre a mulher na sociedade brasileira. Em Sergipe, apesar das dificuldades enfrentadas, Anna de Oliveira desempenhou esse papel.
- c) No século XIX, várias mulheres começaram a se destacar na imprensa, escrevendo sobre temas como educação e direitos civis, apesar de enfrentarem preconceitos por atuarem em um espaço dominado por homens.
- d) A presença feminina na imprensa do século XIX foi marcada pela luta por maior visibilidade e pela tentativa de influenciar a opinião pública. Autoras como Nísia Floresta e a sergipana Anna de Oliveira usaram o jornal como ferramenta de defesa dos direitos das mulheres, mesmo diante da forte resistência patriarcal.

Comentário da questão

A questão relativa à participação feminina na imprensa do século XIX provoca um debate de extrema pertinência para a compreensão da história das mulheres no Brasil e em Sergipe. Esse tema pode ser trabalhado nas turmas do oitavo ano do Ensino Fundamental e da segunda série do Ensino Médio junto aos objetos de conhecimento referentes à história do Brasil Império ou em disciplina eletiva ou de aprofundamento da parte diversificada do currículo, para discutir a temática da participação feminina na sociedade, a luta das mulheres por educação e por maior visibilidade e direitos civis,

mesmo diante da forte resistência patriarcal.

É uma questão possível de ser replicada em sala de aula explorando os documentos históricos listados, a exemplo do jornal enquanto fonte histórica. Aprender a analisar esse tipo de fonte, a realizar pesquisas nas bases de dados da Biblioteca Nacional e em arquivos são procedimentos importantes para a interpretação histórica dos documentos, além do próprio tema.

Assim, a proposta contribui para a aprendizagem de professores e estudantes e é relevante por variados motivos, um deles por não constar nos livros didáticos e no currículo a presença dessas mulheres reivindicando direitos através da imprensa. Segundo, porque põe em evidência o protagonismo dessas mulheres que no século XIX tinham a definição do papel social restrita ao lar, submissa ao marido e desempenhando a função de mãe dedicada no cuidado de seus filhos em uma época em que o modelo familiar era ditado pela burguesia que valorizava a esfera privada.

A presença pública servia para conceder prestígio social ao marido. Foi a presença nos salões a necessidade de acompanhar o marido para os eventos públicos que induziu essas mulheres ao despertar para a escrita que, inicialmente, se deu nos periódicos. Muitos desses jornais reproduziam os padrões de mulher da sociedade vigente e outros eram feministas, com críticas aos modelos e reivindicações por participação da mulher na esfera educacional e depois na política.

Sendo assim, a atuação das mulheres na imprensa do século XIX representou uma forma de resistência às estruturas de poder vigentes, ao questionarem o papel tradicional que lhes era imposto e ao utilizarem a palavra escrita para construir um novo imaginário sobre a mulher na sociedade brasileira. Em Sergipe, apesar das dificuldades enfrentadas, Anna de Oliveira desempenhou esse papel.

Profa. Maria José Lima Santos
Centro de Excelência Governador Djenal Tavares Queiroz
Profa. Josevânia Souza de Jesus Fonseca
Centro de Excelência John Kennedy

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 04, no documento disponibilizado, da fase 03 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

Objetivo:

Estimular a reflexão crítica sobre a participação feminina na imprensa sergipana do século XIX, já que as revistas literárias do século XIX são fontes e ferramentas importantes para aprofundar a pesquisa e a compreensão da sociedade daquela época.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Sergipe entre as linhas de uma revista literária:

✓ Mulheres sergipanas com pena e tinteiro:

➤ **Analise o documento disponibilizado na questão, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Por quais motivos a atuação das mulheres na imprensa do século XIX pode ser considerada uma forma de resistência?
- Quais as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que atuavam na imprensa no século XIX?
- Relacione os conflitos e as demandas do século XIX com os desafios enfrentados pela sociedade brasileira contemporânea, como a luta contra o machismo e a violência de gênero.
- Como a presença feminina na imprensa do século XIX desafiou o papel tradicional imposto às mulheres na sociedade?
- Qual a relevância de estudar a participação feminina na imprensa do século XIX para a compreensão da história das mulheres no Brasil?
- Qual o principal objetivo do "Jornal das Senhoras", fundado por Joana Paula Manso de Noronha em 1852?
- Que tipo de temas eram abordados no "Jornal das Senhoras" e qual era o público-alvo da publicação?
- Cite o nome das mulheres que escreviam na revista sergipana.

Atividade extraclasse:

Converse com as mulheres de sua família e pesquise se alguma delas gosta de escrever. Comente a experiência na sala de aula.

Avaliação:

Com a sala dividida em quatro equipes, cada uma vai criar uma revista literária.

Questão 5**Documento 1– Texto acadêmico**

Conta-nos o português José Pinto de Carvalho, morador de Maruim, em suas memórias em 1864, que o brigadeiro Carlos Burlamaqui, ao chegar a Sergipe, já sabia que a Constituição havia sido proclamada na Bahia, ao contrário da sua tão divulgada alegação de desconhecimento desses eventos, e teria sido esse o motivo de sua pressa para assumir o cargo de governador. Sua posse contou com a presença dos comandantes dos vários corpos que compunham a força militar da capitania, que foram convencidos da urgência desta medida, ato que aconteceu com toda a formalidade, em 20 de fevereiro de 1821. Terminada a cerimônia, o novo governador iniciava sua estratégia para combater a força das ideias constitucionais na capitania, pois fez publicar, “a toque de corneta”, em todas as ruas de São Cristóvão, uma ordem determinando a proibição de falar em constituição, o que seria tratado como um crime, passível de processo e prisão. José Pinto de Carvalho descreveu que a divulgação dessa medida na vila provocou pânico nas pessoas que passaram a falar na “palavra proibida” apenas “secretamente”.

Adaptado de Antônio, Edna Maria M. (2011), *Apontamentos sobre alguns atos da vida pública do cidadão brasileiro José Pinto de Carvalho* In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, v.1, n.3, 1914.

Título: Apontamentos sobre alguns atos da vida pública do cidadão brasileiro José Pinto de Carvalho

Tipo: Artigo de periódico

Origem: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, v.1, n.3, 1914.

Palavras-chave: José Pinto de Carvalho, Constituição, Carlos Burlamaqui, Sergipe, ideias constitucionais

Crédito: Edna Maria Matos Antônio

Documento 2 – Texto acadêmico

Em 1823, uma Junta provisória governava Sergipe e trataram de documentar e obter os papéis oficiais que asseguravam a condição de província autônoma e demais decisões administrativas. Por isso, Vicente José Mascarenhas, procurador da província de Sergipe na Corte no Rio de Janeiro, solicitou em junho de 1823 certidões ao governo, “alegando não ter aquela província os títulos originais da sua categoria e independência, pede que se lhe seja passado segundas vias do decreto de 8 de julho [de 1820] e da carta imperial de 5 de dezembro de 1822 e de outro qualquer diploma relativo aquele objeto para a todo o tempo constar naquela província”.

Requerimento de Vicente José Mascarenhas. 29/06/1823.
Biblioteca Nacional. Coleção Sergipe. 33-14, 36.

Título:Requerimento de Vicente José Mascarenhas solicitando certidões para assegurar a condição de província autônoma de Sergipe

Tipo:Documento oficial

Origem:Biblioteca Nacional, Coleção Sergipe, 33-14,36. Requerimento de Vicente José Mascarenhas, 29 de junho de 1823.

Palavras-chave:Vicente José Mascarenhas, autonomia de Sergipe, província, certidões, documentação, 1823

Crédito: Biblioteca Nacional

Sobre as tensões políticas e a administração de Sergipe no início do século XIX

- a) A repressão às ideias constitucionais em 1821, seguida pelo esforço de Vicente José Mascarenhas em 1823 para assegurar os documentos oficiais de autonomia, evidencia a preocupação da elite local com a consolidação legal e política de Sergipe como província, em meio às pressões externas e internas por reconhecimento.
- b) A imposição de ordens repressivas, como a proibição de discutir a Constituição, resultou em completa submissão da população sergipana ao governo de Carlos Burlamaqui, sem qualquer resistência ou questionamento.

c) O cenário político descrito nos textos reflete como o controle sobre os discursos constitucionais e a busca pela documentação oficial de autonomia eram partes de uma mesma estratégia da elite sergipana para garantir a sua posição de poder, mesmo diante das tentativas de repressão e centralização vindas da coroa e de outras províncias.

d) A chegada do governador Carlos Burlamaqui e sua tentativa de conter as ideias constitucionais mostram o conflito entre as correntes absolutistas e liberais em Sergipe, refletindo o embate presente em várias regiões do Brasil no processo de transição do colonialismo para a autonomia provincial.

Comentário da questão

O contexto político em Sergipe no início do século XIX era marcado por uma luta entre a repressão das ideias liberais e o desejo local de autonomia. De um lado, temos o governador Carlos Burlamaqui, que tenta impedir a disseminação das ideias constitucionais ao proibir qualquer menção à constituição, uma medida claramente destinada a conter o avanço de ideias que ameaçavam seu controle.

Essa ação repressiva causou um clima de medo entre a população, que passou a discutir secretamente, ao se tornarem "palavras proibidas". Fato atestado na ocorrência de pânico da população de São Cristóvão, que passou a falar sobre o assunto "secretamente", o que expõe a tensão e o recebimento que a repressão gerou.

Por outro lado, figuras locais como Vicente José Mascarenhas estavam engajadas em formalizar a condição autônoma de Sergipe. Ao solicitar ao governo imperial os documentos que comprovassem a autonomia da província, ele não apenas buscava legitimar o *status* de Sergipe, mas também, protegia os interesses locais contra uma possível intervenção de outras províncias ou do governo central.

Esses documentos mostram, portanto, que enquanto o governo tentava sufocar os ideais de liberdade, a elite sergipana segue uma estratégia para garantir sua posição e a autonomia da região. Essa combinação de resistência e busca por legitimidade ajudou Sergipe a fortalecer sua identidade política e sua luta por mais autonomia no cenário nacional, mesmo em um contexto de centralização.

Assunto e pertinência:

O texto aborda as propostas políticas em Sergipe no início do século XIX, quando as ideias constitucionais entraram em choque com a autoridade local. Esse cenário mostra a repressão do governador Carlos Burlamaqui às ideias liberais e a resposta da elite sergipana em busca de autonomia e reconhecimento formal.

Possibilidades de trabalho em sala de aula:

Esse tema pode ser explorado em sala para celebrar o Dia da Sergipanidade, organizando uma simulação em sala acerca da chegada da carta de autonomia provincial, assinada em 8 de julho, mas recebida apenas em 24 de outubro. Nesse contexto, o professor, de modo sugestivo, pode dividir os alunos em grupos representando as autoridades e os cidadãos de Sergipe. Cada grupo vai discutir o significado da autonomia para a província, enquanto alguns discentes representam interesses contrários à independência. Essa atividade reforça a conexão histórica e o orgulho local.

Contribuições para a aprendizagem:

Estudar esses episódios auxilia na compreensão dos conflitos políticos e sociais do Brasil Imperial. Ao entender as respostas contra a centralização do poder e as ações da elite local, os educandos podem contextualizar a formação da identidade política local e nacional.

Profª. Elaine Santos Andrade
Centro de Educação Profissional Governador Seixas Dória

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 05, no documento disponibilizado, da fase 03 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

O uso de fontes como documentos oficiais e artigos de periódicos do século XIX estimulam a reflexão crítica sobre o tema das tensões políticas e da administração de Sergipe no início do século XIX, podendo-se, ainda, utilizar os documentos e o comentário da questão como base para a discussão. Essas fontes documentais são

ferramentas importantes para aprofundar a pesquisa e a compreensão acerca de Sergipe no século XIX.

Objetivo:

Compreender como os conflitos do passado moldaram as estruturas de poder e as relações sociais no Brasil, tanto em nível local quanto nacional.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

As tensões históricas nos documentos oficiais:

- ✓ A história no pó do arquivo:
 - **Analise os documentos disponibilizados na questão, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**
- Qual a principal informação contida nas memórias de José Pinto de Carvalho sobre a chegada do brigadeiro Carlos Burlamaqui a Sergipe?
- Por que a divulgação da proibição de falar em constituição causou pânico na população de São Cristóvão?
- Qual a relação entre a repressão às ideias constitucionais e a busca por autonomia de Sergipe?
- Qual o objetivo do requerimento de Vicente José Mascarenhas ao governo em 1823?
- Que tipo de documentos Vicente José Mascarenhas solicitou ao governo e por quê?
- Qual a importância da documentação oficial para a autonomia de uma província?
- Como a atuação de Carlos Burlamaqui e Vicente José Mascarenhas reflete as tensões políticas do início do século XIX em Sergipe?
- Qual a relação entre o contexto político de Sergipe e o processo de transição do colonialismo para a autonomia provincial no Brasil?
- Como os conflitos políticos e sociais do Brasil Imperial contribuíram para a formação da identidade política local e nacional?

- Qual a importância de estudar os episódios abordados nos textos para a compreensão da história de Sergipe e do Brasil?
- Qual a relevância de conhecer a história da luta pela autonomia de Sergipe para a celebração do Dia da Sergipanidade.

Atividade extraclasse:

Uma visitação a um arquivo público.

Avaliação:

Observação da realização das atividades propostas.

Referências

A Emancipação Científica da Mulher. Revista Literária do Gabinete de Leitura de Maruim, Maruim, n. 26-27, 1890. Disponível no acervo da Biblioteca Estadual Epifânio Dórea. Acesso em: 20 maio 2021.

ACERVO OEHSE. Arthur Bispo do Rosário [fotografia]. Praça do município de Japaratuba-SE: OEHSE, [s.d.].

AMADO, G. *Um menino sergipano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ARAÚJO, Adriano Morais. *Baixo São Francisco: navegação, pesca e seus (des)dobramentos*. 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/17175>. Acesso em: 01 ago. 2024.

ARAÚJO, Adriano Morais. *Canoa de tolda sergipana* [fotografia]. Dez. 2018. Acervo pessoal do autor.

ARAÚJO, Adriano Morais. *Mestre Cornélio* [fotografia]. Dez. 2018. Acervo pessoal do autor.

AUGUSTO, Jenner. *Os primeiros habitantes de Sergipe* [mural]. 1961. Aracaju, SE: Energisa, Rua Ministro Apolônio, 81, Inácio Barbosa.

BIBLIOTECA Nacional. Coleção Sergipe, 33-14, 36. Requerimento de Vicente José Mascarenhas, 29 de junho de 1823.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de

dezembro de 1996, modificando o currículo oficial da Rede de Ensino para incluir a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 140, n. 7, p. 1, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 145, n. 48, p. 1, 11 mar. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

COSTA, Pedro. *Éramos Palace* [documentário]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=link_do_video. Publicado em: 29 mar. 2019. Acesso em: 20 set. 2024.

DANTAS, Jennifer Daiane Marques Melo Dantas. *Percepção dos moradores da cidade de São Cristóvão/SE sobre a elevação da Praça São Francisco a patrimônio cultural da humanidade*. 2014. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Departamento de Arqueologia, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014. p. 49-51. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/7434>. Acesso em: 12 jan. 2024.

DANTAS, José Ibarê Costa. *O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1924 à Revolução de 1930*. 3. ed. Aracaju: Editora SEDUC, 2022. p. 101.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX – Dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

EDNA Maria M. Apontamentos sobre alguns atos da vida pública do cidadão brasileiro José Pinto de Carvalho. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, v. 1, n. 3, 1914.

FONTINELE, Luiz. *Sergipe, o meu lugar*. Intérprete: Luiz Fontinele. In: *Coletânea de Forró*. [S.l.]: [s.n.], 2021. 1 faixa sonora. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/luiz-fontineli/sergipe-o-meu-lugar/>. Acesso em: 20 maio 2024.

FRANÇA, Sarah Lúcia Alves; VILAR, José Wellington Carvalho. Produção imobiliária, expansão urbana e conflitos socioambientais na região metropolitana de Aracaju. [S.l.], p. 32. Disponível em: file:///C:/Users/Desktop/Downloads/Aracaju_OM_Eleicoes_2024.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

FUNAI. *Assinatura do contrato de compra e venda com força de Escritura Pública da Reserva Indígena Fulkaxó* [fotografia]. Foto: Divulgação/Funai. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-acquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo>. Acesso em: 30 set. 2024.

FUNAI. *Funai adquire imóvel em Sergipe para a constituição de reserva indígena do povo Fulkaxó*. Brasília, DF: Fundação Nacional dos Povos Indígenas, 11 jul. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-acquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo>. Acesso em: 30 set. 2024.

G1 SERGIPE. *Largo da Gente Sergipana* [fotografia]. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/especial-publicitario/banese/sergipanize/noticia/2020/08/21/campanha-sergipanize-se-e-inspirada-em-manif>. Acesso em: 21 abr. 2024.

GELEDÉS Instituto da Mulher Negra. *Conheça Beatriz Nascimento, intelectual negra que inspira cientistas*. 13 ago. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conheca-beatriz-nascimento-intelectual-negra-que-inspira-cientistas/>. Acesso em: 10 out. 2024.

IPHAN. *Praça São Francisco* [fotografia]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/43>. Acesso em: 21 abr. 2024.

JORNAL da Cidade. Ano VIII, ed. 1950. 21 mar. 1979. Disponível em: *Jornal da Cidade 1979 Mar 21 (1).pdf*. Acesso em: 20 set. 2024.

JORNAL O Dia Alagoas. CRUZ, José Vieira da. *Brasil, democracia e violência política*. Disponível em: *Brasil, democracia e violência política (1).pdf*. Acesso em: 13 out. 2024.

KARVAN, Nino. *Mangaba madura*. Intérprete: Nino Karvan. In: *Mangaba Madura*. [S.l.]: [s.n.], 2001. 1 faixa sonora. Disponível em: <https://youtu.be/EmPa8peZ7Cw?si=LXe2XbGqUFLzCwyb>. Acesso em: 13 maio 2024.

LAMPARINA (Prod.). *Povos originários* [vídeo]. Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa, 2023. 1 vídeo (3 min), color. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1rTelbn_PY0XILEYgEiJjxp-IJKC40v8i/view?usp=gmail. Acesso em: 29 maio 2025.

MANGUEIRA, Igor. *Sergipe não cabe em si*. Intérpretes: Igor Mangueira e Nino Karvan. In: *Uma Odisseia no Meu Espaço*. [S.l.]: [s.n.], 2010. 1 faixa sonora. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/igor-mangueira/1127788/>. Acesso em: 20 maio 2024.

MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. *SE – Catadoras de mangaba lutam pela demarcação de reservas extrativistas*. Rio de Janeiro: Fiocruz. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/se-catadoras-de-mangaba-lutam-pela-demarcacao-de-reservas-extrativistas/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. *A caserna em polvorosa: a revolta de 1924 em Sergipe*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p. 13.

O GLOBO. *Defesas costeiras dos revoltosos* [fotografia]. In: Blog Educação, História e Política. Disponível em: <https://educacaohistoriaepolitica.blogspot.com/2024/07/a-revolta-de-13-de-julho-os-seus.html?m=1>. Acesso em: 7 set. 2024.

OLIVEIRA, Eliana Dias Ferreira. *Ponteiros da memória: educação patrimonial no ensino de história em Sergipe*. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14453>. Acesso em: 30 set. 2024. p. 145-146.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA (SEDUC/SE). *Currículo de Sergipe: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Aracaju: SEDUC/SE, 2023. Disponível em: <https://seduc.se.gov.br/download/curriculo-de-sergipe/>. Acesso em: 10 maio 2024.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA (SEDUC/SE). *Currículo de Sergipe: Ensino Médio*. Aracaju: SEDUC/SE, 2023. Disponível em: <https://seduc.se.gov.br/download/curriculo-de-sergipe-ensino-medio/>. Acesso em: 10 maio 2024.

SERGIPANO, José Augusto. *Aquarela de Sergipe*. Intérprete: José Augusto Sergipano. In: *Aliança Devolvida*. [S.l.]: [s.n.], 1978. 1 faixa sonora. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jose-augusto-sergipano/album:82943:12/#album:alianca-devolvida-1978>. Acesso em: 20 maio 2024.

SOUSA, Leunira Batista Santos. *Nossa Senhora da Glória: a progressiva cidade do sertão sergipano*. *Revista AGL / Academia Gloriense de Letras*, vol. 4, n. 4, 2023. *Nossa Senhora da Glória, SE: Academia Gloriense de Letras*. Disponível em: <https://www.academiagloriensedeletras.org/revista-da-agl/>. Acesso em: 10 out. 2024.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Doramar ou a Odisseia*. São Paulo: Todavia, 2021.